

UM ALTO PREÇO A SER PAGO POR QUEBRAR UM TABU!

O romantismo de Catherine Bennington a impedia de aceitar os fatos. Com a visão nublada pelos sentimentos, imaginava possível apenas amar Evan O'Connell, não importando sua origem, posição social ou dinheiro.

“Não podemos sonhar com amor! Pobres e ricos só se dão bem quando cada um fica em seu lugar!” As ríspidas palavras de Evan magoavam Catherine, feriam sua alma... mas expressavam a realidade que ele conhecia.

A duras penas Evan O'Connell havia aprendido a reconhecer o abismo que o separava dos ricos. Sempre sentira na pele o desprezo dos poderosos. Para ele, conseguir dinheiro e uma linda mulher só seria possível se sobrevivesse à oposição implacável de uma elite prepotente.

Uma história de paixão, orgulho é resistência aos poderosos!

NOVA CULTURAL

Título em português: Catherine

Copyright © 1988 by Maura Seger

Publicado originalmente em 1988 pela

Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos,

são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Catherine

Tradução: Dulce de Andrade

Copyright para a língua portuguesa: 1992

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346

CEP 01410 — São Paulo — SP — Brasil

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Telefone: (011) 881-8266

Cartas para “Central de Atendimento”

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 — 4º andar

CEP 01410 — São Paulo

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.



Primeira Parte

Capítulo I

Boston, 31 de dezembro de 1899.

— Você não está falando sério, Catherine! — Olívia Sherman exclamou. Seu rosto sem graça refletia espanto e uma pontinha de inveja ao fitar a prima.

As duas encontravam-se no saguão superior da casa dos Bennington, na praça Louisburg. Lá embaixo, um baile estava em pleno andamento. Catherine marcava o ritmo da música com os pés, balançando o corpo levemente. Seu vestido branco, de seda, tinha as linhas modestas consideradas apropriadas para uma garota de dezessete anos, ainda não oficialmente apresentada à sociedade. A luz das recém-instaladas lâmpadas elétricas fazia brilhar seus cabelos dourados, arrumados em cachos suaves.

— Por que não? — ela perguntou, um rubor de excitação colorindo seu rosto de malares salientes. — Dancei duas vezes com papai, e duas com Jimmy. É o suficiente, já que não vão me deixar dançar com mais ninguém. Se andarmos depressa, podemos voltar em tempo para o champanhe da meia— noite.

— Nem você teria o atrevimento de ir ao Carmody's — Olívia afirmou. — Você pode dizer que tem, mas não tem.

— Claro que tenho. — Com os olhos cinzentos brilhantes de excitação, Catherine lançou um olhar para o relógio carrilhão, colocado junto à escadaria de mármore branco. — Mais algumas horas, e já será meia-noite. Um século novinho em folha vai começar! Não quero que minha única lembrança desta noite seja de tomar limonada e conversar educadamente com garotos que coram e gaguejam, cada vez que olho para eles.

Olívia quase mordeu a língua para não dizer que daria tudo para ter o mesmo problema. Perto dela, os garotos não reagiam assim. Na verdade, pareciam nem notar sua existência. Seu consolo era saber que tinham a mesma atitude em relação a todas as outras garotas, menos Catherine.

Mas Catherine era linda. Linda, mesmo. Todos reconheciam. As damas mais idosas da sociedade de Boston falavam dela aos mulheres da geração da mãe de Olívia eram mais discretas. Se tinham filhas, mantinham uma atitude alerta e desconfiada. Se não tinham, eram bastante tolerantes.

As garotas alguns anos mais velhas, que já haviam sido apresentadas à sociedade, fingiam não dar importância a Catherine, dizendo que ela era muito nova para contar. Mas todas estavam bem mais ansiosas que o normal, para arranjar maridos. Ninguém admitia abertamente, mas segundo os rumores, vários rapazes, que já deveriam estar casados, tinham decidido esperar mais um pouco, depois de ver Catherine.

No próximo ano, Catherine Bennington seria oficialmente apresentada à sociedade. Ninguém tinha motivos para acreditar que ela não seria tão linda, dentro de um ano, quanto era no momento. E todos sabiam que seria muito rica.

Às vezes, Olívia até chegava a achar que odiava a prima.

— Pois vá, então — ela disse. — Se você é tão corajosa, vá ao Carmody's. Eu não vou. Seu pai pode achar que você não faz nada de errado, mas o meu vai me dar uma surra de cinta, se souber que isso me passou pela cabeça.

O sorriso desaparecendo, Catherine fitou a prima com simpatia. Olívia não exagerava ao falar da raiva do pai e suas conseqüências. Surras de cinta eram comuns entre suas conhecidas. Mesmo num ambiente de alta classe, a maioria ainda acreditava que “poupar a vara era estragar a criança”.

Ela e o irmão faziam parte de um grupo bastante raro, por jamais terem sido castigados dessa forma. Não que nunca tivessem dito a eles o que era e o que não era um comportamento aceitável.

Drake e Elizabeth Bennington haviam criado os filhos com amor e firmeza. Em algumas ocasiões, uma boa palmada no traseiro tinha ajudado a manter cinco dedinhos longe do fogo ou de situações igualmente perigosas. Na maioria das vezes, no entanto, eles haviam recorrido à paciência, explicações e muitas expressões de afeto. Preferiam estimular o desenvolvimento da personalidade de seus filhos, em vez de arrasar a iniciativa dos dois. Naturalmente, corriam um certo risco com isso.

— O Caimody's não tem nada de horrível — explicou Catherine, com a segurança característica dos que são muito jovens e ricos. — É só um lugar para encontrar os amigos e passar algumas horas divertidas. Nós duas já passamos por lá e não vimos nada com cara de sinistro.

— As mulheres vão para lá sem acompanhantes. É um escândalo!

As sobranceiras de Catherine se ergueram. Eram um pouco mais escuras que seus cabelos dourados. Os que a conheciam bem diziam que se movimentavam, de acordo com suas emoções.

— Por quê?

— Porque... porque é, oras! Andar desacompanhada não é certo.

— Não era — corrigiu Catherine. — Esse tipo de idéia pertence ao passado. Os tempos mudaram. Pense nisso, Olívia! Um século novinho, com cem anos de coisas maravilhosas! Meu pai diz que é o começo de uma nova era, que as pessoas vão ter um estilo de vida nunca sonhado antes. Você só tem que olhar em volta, para ver que ele está certo.

Olívia apertou os lábios. Por um instante, ficou parecidíssima com a avó materna, que ela e Catherine tinham em comum. O retrato de Abigail Bennington, muito séria e rígida, ocupava um lugar de honra lá embaixo, ao lado do retrato do marido. Era difícil imaginar um casal que combinasse menos.

O avô de Catherine tinha sido um rapaz audacioso e bonito, que vivera a vida plenamente, para grande irritação de sua puritana esposa. Morrera muito antes de Catherine nascer, por isso ela não tinha lembranças dele, mas sempre achara que teria gostado muito de conhecê-lo.

Sua avó era outro caso. Abigail vivera até pouco depois do oitavo aniversário de Catherine. Devido a um derrame, passara os últimos meses incapacitada. Catherine ainda se lembrava da culpa que havia sentido, por se alegrar quando a avó não pudera mais falar. Naturalmente, Abigail nunca havia feito outra coisa a não ser se queixar de tudo e de todos.

Elizabeth tinha o costume de visitar a sogra todas as semanas, levando Catherine junto uma vez por mês, pois não achava que a criança pudesse agüentar mais do que isso. Uma enfermeira com cara de sofredora cuidava da velha senhora. No fim, haviam contado também com a presença de um médico. O possível e o impossível fora feito para dar conforto a Abigail Bennington, embora ela jamais tivesse reconhecido o esforço de todos.

De súbito, Catherine foi tomada pelo inquietante pensamento de que a prima poderia ficar igualzinha à avó. Mas afastou logo essa idéia da cabeça. Aos dezessete anos, nunca pensava por muito tempo em coisas desagradáveis. Afinal, tinha alternativas bem mais felizes a considerar.

— Você não quer mesmo ir, Olívia? — insistiu. — Ninguém vai perceber que saímos. Além disso, Jimmy vai conosco.

Olívia vacilou. Tinha um fraco tão grande pelo primo, que quase deixou de lado a cautela para ir com ele. Mas ficou no quase. Resolutamente, respondeu:

— Para ele, não há problema. É homem e todos esperam que faça coisas desse tipo. Mas você não devia nem tentar!

Catherine deu de ombros. Não via motivos para tanta agitação. Eles iriam ao Carmody's, tomariam uma salsaparrilha, dariam uma volta pelo salão e estariam de volta antes da meia-noite. Nada poderia ser mais seguro.

Depois que Olívia voltou para o andar inferior, Catherine rumou apressada para seu quarto, no terceiro andar. Sua criada não esperava que subisse naquela hora e na certa estava lá embaixo, na companhia dos outros criados da casa.

No fundo da gaveta de roupas íntimas, encontrou a bolsinha cheia de moedas e algumas notas dobradas. Eram todo dinheiro que possuía. O resto não contava, porque nunca via um centavo. Se tinha aquela quantia em mãos, era porque fora catando em segredo um pouquinho aqui, outro ali, ao longo dos anos.

Suas únicas oportunidades de pegar em dinheiro surgiam quando a mãe lhe pedia para fazer alguma coisa, no lugar dela. Os Bennington tinham contas em todo lugar, mas Elizabeth queria que a filha adquirisse alguma experiência em lidar com dinheiro real. Assim, ela saberia pelo menos distinguir as notas e moedas.

Elizabeth também costumava dizer a Catherine para ficar com o troco. Daí a pequena quantia que a garota tinha intenção de gastar no Carmody's.

Com um sorriso, ela imaginou se algum dos outros espíritos audaciosos, que haviam concordado em participar da excursão, tinha pensado em dinheiro.

Os garotos recebiam mesadas em seus colégios internos, mas tudo ficava em contas em seus nomes. O dinheiro não ia para suas mãos. Com as garotas, não havia nem essa mesada controlada. Ninguém esperava que elas precisassem de dinheiro e portanto não recebiam nenhum.

Catherine sacudiu suas economias, sentindo o peso das notas e moedas, antes de colocar tudo no bolso. Se tivesse que gastar até o último centavo, ainda assim valeria a pena.

Excitada, ela saiu do quarto e correu para a escada dos fundos. Desceu silenciosamente, encontrando o irmão a sua espera.

— Onde é que você andava? — quis saber Jimmy. — Eu já estava até pensando que tinha mudado de idéia.

Catherine lançou um olhar afetuoso ao irmão gêmeo. Os dois haviam nascido com diferença de minutos e se separado pouquíssimas vezes, até Jimmy ir para o Internato St. Albans, aos catorze anos de idade. A mágoa dessa separação ainda existia e dava um sabor especial a suas reuniões, por mais breves que fossem.

— Você sabe muito bem que eu não faria isso — ela disse. — Só queria pegar uma coisa. Onde estão os outros?

— Dando um jeito de pegar os casacos. Nós não pensamos nisso. O Smithers é que está no vestiário.

Catherine fez uma careta. Não desgostava do velho criado, que recebia tarefas cada vez mais fáceis, devido a sua idade avançada. Mas ele tomava suas responsabilidades a sério e na certa perguntaria aos rapazes para que queriam os casacos, se os pais deles ainda não estavam de saída. Quando não recebesse uma resposta satisfatória, sem dúvida os mandaria embora.

— Charles vai pensar em alguma coisa — ela murmurou cheia de esperança. — Ele sempre pensa.

Foi a vez de Jimmy fazer uma careta, o que lhe deu a aparência de um anjo de cara amarrada. Ele era mais claro que a irmã, com cabelos de um loiro quase branco. Seus olhos tinham um tom quente, castanho. Suas feições não chegavam a ser idênticas às de Catherine, sendo mais quadradas e apropriadas para um rosto masculino. Mas uma garota abençoada com elas seria considerada muito bonita.

Dentro de alguns anos, com mais experiência e maturidade, Jimmy seria tão atraente quanto seu pai. Por enquanto, sofria do desajeitamento característico da adolescência e procurava sempre se apoiar na irmã, bem mais segura de si. O que não significava, porém, que sempre concordasse com ela.

— Charles é uma mula — ele comentou. — Pensa que sabe tudo.

— Os Van Rhys sempre foram assim. Acham que são donos do mundo, e a verdade é que são donos de uma boa parte.

— Ele já está dizendo que a idéia de ir ao Carmody's é dele.

— Deixe. Eu não me importo, desde que o passeio dê certo. Impaciente, Catherine correu os olhos pelo saguão, procurando os companheiros de aventura.

Jimmy já havia tirado seus casacos do armário dos fundos, onde estavam escondidos. Ele também trouxera um par de botas para a irmã, alegando que ela não poderia cruzar as ruas cobertas de neve de Boston, usando sapatos de baile.

Agradecendo-lhe com um sorriso, Catherine sentou-se para calçar as botas. Tarefa que levou vários minutos, envolvendo mais de duas dúzias de botões, que tinham que ser presos a pequenos ganchos de metal. Jimmy ajudou, e quando um trio de rapazes entrou no saguão, ela já estava pronta.

— Conseguimos! — o mais alto dos três exclamou.

Charles van Rhys era um rapaz grande, de cabelos castanho claros, olhos cor de âmbar

e o tipo de feições muito vistas em retratos da aristocracia. Seu nariz era romano, e quando ele assumia um ar arrogante, chegava a impressionar. Pálpebras pesadas, de cílios claros, davam-lhe uma aparência sonolenta, que ele cultivava com cuidado. Em quase todas as situações, fingia estar cheio de tédio. Como naquele momento, apesar de seu evidente entusiasmo.

Charles brandia no ar seu casaco de gola de pele de castor, como se fosse um troféu arrancado de um inimigo.

— O velho Smithers estava sentado lá, bem na frente da porta. Nunca teríamos passado por ele, se eu não mandasse o John e o Peter arranjar uma distração. Eles fizeram o Smithers dar um pulo e tanto da cadeira.

Ao lado dele, um rapazinho pálido, de cabelos ruivos, corou. Encantados, ele e o irmão não tiravam os olhos de Catherine. Se ela tivesse sugerido um passeio ao fim do mundo, os dois teriam concordado.

— Nós-nós fingimos que está-távamos brigando, um pouco longe do Smithers. Co-cómo não havia nin-ninguém por perto, ele foi nos separar. Enquanto i-isso, Charles entrou sorrateiramente no vestiário e pegou no-nossos casacos. Um plano in-inteligente, não acha?

Antes que Catherine pudesse responder, Charles corrigiu:

— Eu não entrei sorrateiramente coisa nenhuma, seu tonto. Entrei naturalmente. Um cavalheiro não usa de subterfúgios.

— O que foi a briga deles, então? — Jimmy quis saber.

Ele e Charles não se odiavam, mas havia entre os dois uma antipatia que se manifestava de tempos em tempos, de várias maneiras.

— Aquilo foi estratégia — Charles informou, com altivez. — Você reconheceria a diferença, se prestasse atenção nos que sabem mais.

Charles também tinha sido aluno do St. Albans. Mas havia se diplomado na primavera anterior, para grande alívio de Jimmy.

— Eu presto atenção em classe, meu caro. Para ver se não vou para Harvard um completo ignorante, como muita gente que conheço.

Charles havia assumido a tarefa de ajudar Catherine a terminar de se vestir, por pouco não arrancando o casaco da garota das mãos de Jimmy. Agora, ele fitava o rapazinho com altivez.

— Você está se tornando maçante, Bennington. Continue assim e será expulso de todos os grupos que contam.

Jimmy retribuiu o olhar, sem se alterar.

— Se está se referindo ao grupo formado por você e aqueles idiotas que estão sempre a sua volta, não vou perder grande coisa.

Charles fechou a cara e deu um passo na direção de Jimmy. Mas estacou, quando Catherine colocou a mão em seu braço.

— Se vocês dois não se importam... — ela murmurou, em tom de censura.

Apoiava sempre o irmão, apesar de não entender por que ele provocava tanto o outro. Naquele momento, porém, não desejava ver sua aventura estragada por uma briga de mau gosto. Foi o que disse aos dois, que tiveram pelo menos a decência de parecer envergonhados. Logo em seguida, Charles assumiu um ar de galanteria, enquanto Jimmy erguia os olhos para o teto.

Peter e John haviam seguido toda a cena em silêncio, cheios de alívio por não participarem da discussão.

— O que aconteceu com o Davis? — Jimmy perguntou, quando já haviam escapado pela porta dos fundos e seguiam por um caminho estreito, de cascalho.

Charles deu de ombros e respondeu, sem olhar para ele:

— Descobriu que tinha outro compromisso.

Catherine riu, baixinho. Ainda estavam muito perto da casa, para correrem o risco de chamar a atenção de alguém. O barulho da festa espalhava-se pelo jardim, apesar das janelas francesas estarem fechadas, por causa do frio.

Estremecendo ligeiramente, ela ergueu a gola de seu casaco de noite, feito em veludo negro, com botões dourados. Num dos bolsos, encontrou um par de luvas de couro, forradas de pele, e calçou-as.

Ainda não haviam jogado areia sobre o caminho, que estava muito escorregadio, devido à neve. Catherine apoiou-se no braço do irmão, apressando o passo. O espartilho impedia que

se movimentasse com a agilidade de costume, mas pelo menos estava folgado o suficiente para permitir que acompanhasse o ritmo dos rapazes.

Eles haviam pensado em tomar uma carruagem de aluguel, mas poucas apareciam no bairro de Beacon Hill, já que seus residentes tinham meios próprios de locomoção. Charles havia defendido a idéia de convencer um dos cocheiros dos convidados a levá-los, mas Catherine tinha sido contra.

Ela não gostava da idéia de tirar alguém da cozinha quentinha, simplesmente para satisfazer um capricho deles. Principalmente se esse alguém podia perder o emprego, por se envolver num plano daqueles. Smithers estava seguro, pois nunca passaria pela cabeça dos Bennington dispensar um criado que trabalhava há tanto tempo em sua casa. Muitos patrões, porém, não pensavam assim.

Com um pouco de sorte, tudo acabaria bem. Apesar de suas muitas divisões sociais, Boston era uma cidade pequena. O Carmody's ficava a menos de um quilômetro de distância. Mesmo naquele frio, poderiam estar lá, em poucos minutos.

Pensando nisso, Catherine apertou com mais força o braço do irmão. Sem muito sucesso, ela lutava para conter a excitação e a ansiedade.

Capítulo II

As ruas calçadas de pedra estavam praticamente vazias. Em seu caminho, eles passaram por muitas casas onde outras festas estavam em andamento, mas fora isso não viram sinal de vida. Um vento frio soprava da baía, carregando flocos de neve e gotículas de umidade.

— Esta cidade é tão desanimada — Jimmy comentou com a irmã. — Aposto que quase todo mundo já está dormindo, e o Ano-Novo que se dane.

— Mas nós não estamos, maninho, e é isso que conta.

A caminhada até o Carmody's demorou mais do que Catherine esperava. De carruagem, a distância era pequena, mas a pé, mudava muito. Seus dedos dos pés começavam a perder a sensibilidade, quando avistaram as fileiras de luzes coloridas e ouviram o vozerio alegre da multidão.

— Olhem! — ela gritou. — Não é maravilhoso?

Pela porta aberta, eles viram casais reunidos junto a um longo balcão de madeira ou agrupados em volta do enorme ringue central, cuja instalação tinha dado ao Carmody's fama instantânea. Uma banda tocava músicas alegres do *ragtime*, enquanto várias pessoas calçavam apressadas seus patins de aluguel, para poderem se juntar às que já circulavam pela pista.

— Nós devíamos estar patinando no gelo, nesta época do ano

— disse Charles, olhando em torno. — Não sei se esses... patins de roda valem a pena. .

— Você está é com medo de não conseguir se equilibrar neles

— Catherine retrucou, alegremente. E em sua ansiedade, entrou puxando Jimmy atrás de si. — Venham! Já está ficando lotado!

A chegada de quatro rapazes e uma linda garota despertou pouco interesse. Mas isso mudou drasticamente, quando eles entregaram seus casacos ao encarregado do vestiário.

Nem Catherine nem os outros tinham desconfiado que se destacariam tanto, em suas roupas de noite. Só quando ela viu as pessoas olhando em sua direção, percebeu o quanto seus trajes eram diferentes daqueles dos outros frequentadores.

Apesar do salão ficar bem perto de Beacon Hill, a maior parte da clientela do Carmody's pertencia à classe operária. Os rapazes e garotas ali presentes trabalhavam em escritórios e lojas da vizinhança. Estavam todos bem vestidos, mas de forma simples.

Em suas roupas de noite, finalmente confeccionadas, os quatro rapazes de Beacon Hill pareciam esbeltas aves de rapina, pousando no meio de um grupo de pombos feiosos. Com Catherine, a impressão era ainda mais forte. Seus cabelos dourados, o vestido de um branco radiante e a graciosidade de seu rosto e de seu corpo colocavam-na totalmente à parte. Ela parecia uma estátua de marfim e pedras preciosas, que havia adquirido vida por obra de um

verdadeiro milagre.

Instintivamente, Jimmy aproximou-se da irmã. Tinha plena consciência do modo como eram examinados e não estava gostando. Passava o braço protetoramente pelos ombros dela, quando notou um rapaz em pé a uma pequena distância, com um grupo de amigos. No instante em que seus olhos se encontraram com os dele, o rapaz franziu o rosto largo e sardento numa careta de desgosto.

— Bem o que precisávamos, companheiros. Um bando de mocinhos bonitos, com vontade de experimentar a vida dos miseráveis — ele disse, exibindo um forte sotaque irlandês. Seu olhar voltou-se para Catherine e um sorriso atrevido e desafiador, quase ultrajante, surgiu em seus lábios.

Jimmy enrijeceu e já ia retrucar, quando ela murmurou:

— Não. Eles não fizeram nada. Além disso, têm o direito de não gostar da nossa presença aqui.

Ela mesma se surpreendeu com essas palavras. Não havia pensado que sua presença podia não ser bem-vinda no Carmody's. Ou em qualquer outro lugar.

A idéia de que gente de seu nível social podia despertar ressentimento em outras pessoas era uma novidade tão grande, que Catherine levou alguns momentos para aceitar a realidade. Sempre soubera que sua família e as de seus amigos tinham mais dinheiro que a maioria dos habitantes da cidade, mas nunca havia parado para pensar no que isso significava para os que estavam do outro lado. Agora, pensava nisso pela primeira vez... e não se sentia bem com o resultado.

O mesmo acontecia com Jimmy. Ele havia concordado em acompanhar a irmã ao Carmody's pura e simplesmente porque estava acostumado a fazer o que ela queria. No momento, porém, começava a achar que pelo menos daquela vez deveria ter quebrado o hábito, que vinha da infância.

Ele não viu nada de mais nos acontecimentos, até surpreender a expressão nos olhos do rapazinho irlandês e descobrir a mistura de paixão e inveja que Catherine era capaz de despertar. Pensou em insistir para que saíssem dali imediatamente, mas foi impedido pelo próprio orgulho e a vontade de não desapontar a irmã. Franzindo a testa, virou-se para o outro lado, levando Catherine para uma mesa junto ao gradil que cercava o ringue.

Os outros foram atrás, menos Charles. Ele ainda estava ressentido com os comentários que Jimmy havia feito, antes de saírem, e sua zanga exigia uma válvula de escape. Altivo, fitou o rapaz irlandês.

— Alguém deveria lhe dizer como se comportar diante de gente que é melhor que você, seu vagabundo.

O rapaz enrijeceu o corpo como se tivesse levado uma bofetada. Por um instante, seus amigos ficaram sem reação. Depois viraram-se para ele, esperando o que ia fazer.

Devagar e com toda clareza, sem tirar os olhos de Charles, ele declarou:

— Não vejo ninguém melhor do que eu. Só quatro idiotas e uma fulaninha bonita.

Charles apertou os punhos ao lado do corpo.

— Como é?! “

Zombeteiro, o rapaz ergueu a voz, como se achasse que o outro era surdo.

— Eu disse que ela é uma fulaninha bonita. — Olhou para os amigos que ouviam avidamente, instigando-o a continuar. — Acho que vou até lá, me apresentar. Nunca se sabe, a fulaninha pode ter um fraco pelos filhos da Irlanda. Se é com esse pessoal que ela anda, posso até dar sorte.

Ele sorriu, enquanto os amigos riam e gritavam encorajamentos.

— Seu bando de animais! — Charles exclamou. — Mas eu ensino vocês a se comportarem melhor!

Sem dar ao rapaz a mínima chance de se preparar, jogou-se sobre ele, os punhos socando firme.

O rapaz, acostumado a brigas de rua, respondeu à altura. Ambos foram ao chão com estrondo, rolando pelas tábuas de madeira, enquanto uma audiência espantada pulava para os lados, saindo de seu caminho.

— Maldito! — berrou Charles, prendendo o rapaz sob o corpo e usando os punhos com mais fúria. O sangue espirrou do nariz do irlandês, o que aumentou sua raiva. — Maldito traste irlandês! Mas eu ensino você!

Catherine só percebeu a briga quando ouviu o barulho. Girou nos calcanhares, tão branca quanto o vestido que usava. Seu único pensamento era que alguém precisava separar os dois.

Jimmy agarrou seu braço, fazendo com que recuasse.

— Você, não! Fique aqui. Não saia daqui!

Vagamente, ela concordou. E logo em seguida viu, horrorizada, o irmão envolver-se na bagunça.

Jimmy pretendia apenas separar os dois brigões, mas os amigos do rapaz irlandês acharam que tinha outra coisa em mente. Como se fossem um só, jogaram-se sobre ele.

Catherine gritou quando Jimmy caiu, vítima de vários punhos. Peter e John hesitaram um momento, depois, lealmente, entraram na briga. Do outro lado, mais alguns rapazes juntaram-se a eles.

Mesas e cadeiras foram viradas e empurradas de um lado para o outro. No ringue, os patinadores pararam onde estavam, admirando a confusão. Alguns chegaram até o gradil, para ver melhor.

— Parem essa briga! — Catherine gritou, mas ninguém lhe deu ouvidos.

Já apavorada, ela vislumbrou Jimmy preso ao chão por dois rapazes atarracados, enquanto um terceiro o socava sem piedade. Logo em seguida, ouviu o barulho doentio de ossos se quebrando e sentiu o mundo rodar.

Mas em vez de ceder ao mal estar, fez a única coisa que podia: correu para lá e agarrou o atacante do irmão, puxando-o com toda força. Ele reagiu com um xingamento e um empurrão que a jogou na parede oposta.

Catherine ficou onde caiu, atordoada. Sua visão começava a clarear quando percebeu o silêncio repentino. Não se ouviam mais gritos e pancadas, e uma tensão abrupta havia dominado o ambiente.

— Mas que droga vocês pensam que estão fazendo? — uma voz grave e autoritária perguntou.

Onde momentos atrás uma massa de corpos se agitava, havia agora apenas um homem. Seus cabelos escuros exibiam um brilho prateado à luz artificial, e seus olhos, de um azul cristalino, corriam o salão com uma expressão firme.

Ele tinha quase um metro e noventa de altura, ombros largos que faziam um bonito contraste com os quadris estreitos, e pernas longas e musculosas. Usava calças escuras de lã e ursa camisa sem colarinho, aberta no pescoço e com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Mantendo os braços cruzados sobre o peito, voltou o olhar para os briguentos.

— Bela maneira de receber o Ano-Novo, agindo como um bando de arruaceiros cheios de uísque. Vocês sabem muito bem que o Carmody's não aprova esse tipo de comportamento.

Um dos garotos que seguravam Jimmy levantou-se e limpou as mãos, uma na outra. Olhando para o chão, disse:

— Desculpe, Evan. Foi sem querer.

— Estou vendo — retrucou o homem alto, com evidente menosprezo.

Catherine examinou as feições duras do rosto bronzeado pelo sol, que irradiava um poder extraordinário. Depois, apelando para toda sua força de vontade, desviou os olhos e deu com Jimmy caído no chão. Soltando um grito baixo e estrangulado, correu para ele.

— Mas que...? — Evan começou. Mas se calou ao ver a garota loira e esbelta, num vestido branco, passar a toda velocidade por ele.

O Carmody's recebia muitas garotas bonitas, mas aquela era diferente. Ele não precisou de mais que um segundo para perceber duas coisas: além de ser incrivelmente linda, ela pertencia à alta sociedade, uma combinação que sempre trazia problemas.

Enquanto ela se ajoelhava no chão e apoiava a cabeça do rapazinho inconsciente em seu colo, Evan xingou várias vezes, baixinho. Ele era o segundo homem no comando do Carmody's, encarregado de acabar com qualquer tipo de encrenca, e era bom no que fazia. Mas nunca lhe passara pela cabeça que pudesse ter de enfrentar um problema daqueles. O garoto e os outros três que provavelmente estavam com ele, eram ruins, mas a garota era um desastre ambulante.

— Muito bem! — falou afinal, no tom rápido e decidido que despertava tanto respeito quanto seu tamanho e sua força. — O show acabou.

A um sinal para o chefe da banda, e uma música alegre espalhou-se imediatamente no

ar. Logo casais circulavam pelo ringue, murmurando sobre o que tinham visto, mas já começando a se esquecer de tudo.

— Com licença, senhorita. Inclinando-se, Evan ergueu Jimmy nos braços.

— Ele está ferido! Oh, meu Deus, ele está ferido!

Aos tropeções, muito pálida e com os lábios trêmulos, Catherine levantou-se e fitou o irmão. Fazendo o possível para não olhar para ela, Evan observou o garoto.

— Ele está bem — declarou com uma firmeza que estava longe de sentir. — Há um cômodo nos fundos do salão. Vamos para lá. Catherine obedeceu em silêncio, aliviada por ter a seu lado alguém que sabia o que fazer. Quando Jimmy foi cuidadosamente colocado sobre um sofá gasto, ajoelhou-se junto dele, segurando-lhe as mãos e rezando para que voltasse a si. Não 'demorou muito e ele abriu os olhos, fitando o local com ar incerto e atordoado.

— O... o que foi que aconteceu?

— A briga — ela explicou. — Você foi ferido. Mas já está bem.

Morta de medo de suas palavras não serem verdadeiras, voltou-se para o homem que tinha ido até a porta pegar a bacia de água e as toalhas trazidas pelo encarregado do bar.

Evan aproximou-se do sofá e olhou para o rapaz deitado. Ele estava com uma cor ruim e parecia não saber onde se encontrava, mas seu nariz havia parado de sangrar e sua respiração podia ser considerada normal.

Deixando a água e as toalhas em cima do sofá, Evan puxou um lampião a gás para perto deles. Com ajuda da luz fraca e amarelada, examinou Jimmy cuidadosamente.

— Você teve sorte — disse, pronunciando as palavras com uma cadência leve e melodiosa. — Com o bando que tinha em cima, não pensei que fosse sair em tão boa forma.

Jimmy tentou sorrir, mas desistiu logo. O movimento era demais para seus lábios machucados.

— Eu dei o que recebi.

Evan suspirou. Era sempre assim. Tanto fazia estar nas lindas colinas selvagens da Connemara, sua terra natal, ou nas ruas traiçoeiras e cheias de vida da América, onde lutava para construir uma nova vida. Os rapazes sempre brigariam, e todos, no fim, contariam vantagens de suas proezas. Até mesmo os perdedores.

O garoto estendido no sofá era apenas alguns anos mais novo do que ele, mas cada um desses anos pesava como uma década.

— Claro, e você ensinou a eles uma ou duas coisinhas — murmurou, umedecendo a toalha e começando a limpar o rosto ensangüentado do rapaz.

Jimmy estremeceu, arrancando um gemido baixo e agoniado da irmã.

— O nariz dele está quebrado — Evan declarou, sem rodeios. — Mas nunca vi um homem morrer disso.

— Não achei que... — Catherine interrompeu-se, dividida entre a vontade de defender seus sentimentos e a determinação de não explicar nada.

— Você pode chamar um médico para dar uma olhada — Evan disse a Jimmy. — Mas não há nada que ele possa fazer. Seu nariz vai cicatrizar do jeito que bem entender. — Um leve sorriso apareceu nos lábios masculinos. — É claro que de agora em diante você não vai ter um rosto tão bonito e inocente quanto antes.

— Por mim, está ótimo. Não me importo de ter cara de quem já andou por aí um bocado.

Examinando a aparência do homem a sua frente, Jimmy refletiu que estava diante de alguém assim. O sujeito já havia quebrado o nariz pelo menos uma vez, e tinha uma cicatriz branca e fina na testa, indo da sobrancelha esquerda até a raiz dos cabelos. Se o que havia causado aquela cicatriz tivesse descido um pouco mais, o homem teria perdido o olho. Obviamente, já tinha participado de muitas brigas.

E se saído bem melhor do que ele, Jimmy refletiu com sinceridade.

— Qual é o seu nome? — perguntou, quando o homem passava um líquido ardido em seu rosto. Teve de apertar os dentes para não recuar. Mas estava decidido a não exibir mais nenhum sinal de fraqueza.

Por um momento, Evan hesitou. Ainda tinha a esperança de conseguir se livrar do parzinho, sem revelar nada a seu respeito.

Há vários anos, havia adquirido o hábito de tomar muito cuidado com os ricos e poderosos. Aqueles dois, ainda que indiretamente, possuíam poder e riqueza, com pais prontos

a clamar por vingança quando descobrissem o que tinha acontecido.

No entanto, não podia se recusar a dar um nome ao garoto, e o orgulho o impedia de dar um nome falso.

— O'Connell. Evan O'Connell — disse, afinal.

O garoto continuou com os olhos fixos em seu rosto, e ele acrescentou, de má vontade:

— Trabalho para o Carmody, mantendo a paz neste lugar. — Um riso baixo escapou de sua garganta. — Só que não me saí bem, esta noite.

Por cima do ombro ele fitou Catherine, que continuava sentada, muito pálida e quieta, na beirada do sofá. Num tom de voz bem mais áspero, concluiu:

— Também nunca esperei que uma encrenca desse tamanho cruzasse a porta do Carmody's.

Ela baixou os olhos por um momento, depois encarou-o de frente.

— O senhor acha que erramos vindo para cá, não é? Erguendo as sobrancelhas, ele se virou novamente para Jimmy.

— Alguém duvida? E só acender uma fogueira debaixo de um burro que ele vai pular, por mais manso que seja. Vai até escoicear. E quem pode culpar o bichinho?

— Então, você acha que o que aqueles... aqueles bandidos fizeram estava certo?! — perguntou Catherine indignada.

Com uma calma capaz de enfurecer qualquer um, Evan deu de ombros.

— Não posso dizer se estava ou não estava, porque não vi o começo da briga. Mas sei que aqueles garotos não são maus.

Os olhos cinzentos de Catherine escureceram. Apertando as mãos no colo, ela se inclinou para ele.

— Não são maus?! Olhe o que eles fizeram com o meu irmão! Eles deviam estar trancados em uma cadeia! Gente desse tipo não...

— Chega, Cat — Jimmy interferiu com uma firmeza a que ela não estava acostumada. E dirigindo-se a Evan: — Minha irmã está nervosa. Acho melhor voltarmos logo para casa. — Com um olhar para suas roupas sujas e rasgadas, terminou: — Do jeito que as coisas estão, vamos ter que dar muitas explicações.

Evan assentiu, distraído. A situação do rapazinho não o preocupava. Não conseguia acreditar que os muito ricos pudessem ter problemas verdadeiros.

— E os outros? — Catherine murmurou.

Evan havia se levantado e estava limpando as toalhas sujas de sangue. Ela se aproximou para ajudar, mas teve o cuidado de não olhar para o sangue.

— Se está falando dos outros três cavalheiros — ele não escondeu um pontinha de sarcasmo —, mandei o encarregado do bar botá-los na rua. Um deles não queria ir, mas Sean fez com que mudasse de idéia.

— Só pode ser o Charles — disse Jimmy. — Ele é muito esquentado.

Evan não respondeu. O garoto desconhecido não o interessava, mas aqueles dois, sim. Um deles, até demais. Dirigindo-se de propósito a Jimmy, falou:

— Eu já disse quem sou, mas vocês não retribuíram o favor.

— Desculpe.

Jimmy estava realmente embaraçado; Vinha recebendo aulas de boas maneiras desde criança e era, por natureza, um rapaz cheio de consideração pelos outros. Sentando-se com evidente esforço, conseguiu colocar os pés no chão e estender a mão para Evan.

— Sou James Bennington, e esta é a minha irmã, Catherine. Somos muito gratos pela sua ajuda.

Evan resistiu ao impulso de limpar a própria mão no traseiro das calças, antes de apertar a do garoto. Por dentro, maldizia a própria sorte. Mistura-se com gente da alta sociedade era ruim, mas com os Bennington só podia ser muito pior.

O nome era bem conhecido, não só dele como de todos que estavam em Boston, há mais que algumas horas. Os Bennington faziam parte daquele punhado de famílias que viviam completamente separadas do resto dos mortais, devido a sua imensa fortuna e poder.

Habitavam um mundo tão diferente do seu, que nem conseguia imaginá-lo. Só uma coisa era certa: quanto mais depressa visse aqueles dois pelas costas, melhor.

Sem trair sua preocupação, disse:

— Vamos dar jeito de você ir para casa então, James. A senhorita também. Venham

comigo.

Passando um braço em volta do peito de Jimmy, ajudou-o a se levantar. O garoto era de bom tamanho, mas nem sentiu o peso dele. Sua atenção estava em Catherine, que tinha corrido para o outro lado do irmão.

— Pode se apoiar em mim também, Jimmy. É melhor você não fazer nada que possa piorar o seu estado.

— Não exagere, Cat — o garoto retrucou, gentil mas com mesma nota de firmeza que Evan tinha percebido em sua voz antes.

A garota tornou a manifestar surpresa. Provavelmente porque poucas pessoas falavam assim com ela.

Devagar, eles saíram daquele cômodo. Sean, o encarregado do bar, viu e foi buscar seus casacos. Evan colocou o de Jimmy sobre os ombros dele, enquanto Catherine vestia o dela.

Nesse meio tempo, Sean foi atrás de uma carruagem de aluguel. Quando ela parou na frente do Carmody's, Evan ajudou Jimmy a embarcar, depois virou-se para ajudar Catherine.

Ele já ia fechar a porta, quando ela se inclinou para a frente, chamando sua atenção.

— Sr. O'Connell, muito obrigada por tudo que fez. Reconheço que foi uma tolice vir até aqui, principalmente por causa do trabalho que demos ao senhor.

Evan fitou-a por um instante, admirando os lábios úmidos e macios, o nariz ligeiramente arrebitado e os olhos grandes e brilhantes, emoldurados por cílios longos.

Ela estava com o casaco desabotoado. Por entre as lapelas, ele vislumbrou a pele cor de alabastro, erguendo-se acima das rendas e seda que cobriam, mas não escondiam por inteiro, os seios altos e bem feitos.

Seu corpo enrijeceu, mostrando — se é que ele precisava de mais provas — que sua virilidade não conhecia razões nem restrições. Ela simplesmente existia, e manifestava-se com maior eloquência, a cada instante que passava.

Zangado com essa reação, causada por uma garota que esperava nunca mais ver e que nem podia sonhar em possuir, ele respondeu, num tom mais áspero do que pretendia:

— Então é bom pensar melhor, antes de fazer outra coisa tão estúpida. Pobres e ricos só se dão bem, quando cada um fica em seu lugar. Pense nisso e não entre mais em lugares que não lhe servem.

Antes que ela pudesse retrucar, fechou a porta da carruagem e mandou o cocheiro seguir. As rodas começavam a girar, quando seu olhar encontrou o dela.

Os olhos femininos tinham uma expressão magoada, mas não era só isso. Havia neles um traço de melancolia, como se ela também lamentasse a realidade da vida. Uma realidade dura, que os mantinha presos em mundos separados.

Capítulo III

Evan esfregou a nuca, cansado. Já eram quase quatro horas da tarde e começava a escurecer. Estava levando mais tempo do que tinha previsto para conferir as contas e ainda não havia chegado a uma conclusão.

Suspirando, levantou-se e foi até o armário onde Carmody guardava seu estoque particular de bebidas. O patrão não acharia ruim que tomasse uma dose de uísque depois de tanto esforço mental. E se alguém achasse, que fosse para o inferno.

Era idéia de Carmody que ele aprendesse a cuidar dos livros de contabilidade. Tudo fazia parte de um grande plano para educá-lo.

— Suba na vida, meu rapaz! — Carmody tinha lhe dito, pouco depois de se conhecerem. — Nenhum homem conhece os próprios limites. Por que achar que os seus são menores do que podem ser?

Evan não achava nada disso. Era ambicioso, o que tinha sido uma das razões pelas quais Carmody havia se interessado por ele. Também era esperto, duro e sem muitos escrúpulos.

Sua mãe — que Deus a tivesse — havia criado o filho para temer a Deus e respeitar a lei dos homens. E ele teria continuado assim, se a situação na Irlanda não tivesse enchido seu

coração de raiva contra aquela divindade indiferente. Daí viera a determinação de escapar da vida brutal a que parecia destinado.

Um sorriso sem alegria curvou seus lábios quando lançou um olhar ao livro de contabilidade. Não seria derrotado por aquelas contas. Elas não eram nada, comparadas com alguns desafios que já havia enfrentado durante seus vinte e dois anos de vida. Naturalmente, o maior desafio era continuar vivo.

Mas as colunas certinhas de números não iam sucumbir a umas costas largas ou a um punho certo. Cederiam apenas ao poder de sua mente, que no momento parecia estar falhando feio.

Pegando o copo de uísque, Evan voltou para a escrivaninha e sentou-se. Carmody estava no outro escritório. Só de vez em quando aparecia no salão de danças que levava seu nome.

— Isto é para os outros, garoto — ele havia explicado. — Eles vêm ao Carmody's, passam algumas horas divertidas e vão embora pensando bem de mim. Depois que me convenceram a instalar aquele maldito rинque, também sou considerado moderno. O que não significa que quero desperdiçar meu tempo naquele lugar.

— Os tempos estão mudando, garoto — Carmody costumava dizer. — Mas não é por conta própria. Entrar em um novo século não tem nada de mágico. É o que nós fazemos que conta. — Nesse ponto, suas feições sempre se abriam num sorriso que mais parecia uma careta. — E nós vamos fazer muita coisa, garotão. Disso, pode estar certo!

Evan meneou a cabeça, lembrando-se. Carmody tinha grandes planos. Os seus eram mais modestos. Durante a viagem interminável na banheira cheia de vazamentos que o trouxera para a América, havia prometido duas coisas a si mesmo. Em primeiro lugar, nunca mais passaria fome. Em segundo, nunca mais seria humilhado por outro homem.

— Nós éramos escravos, na Irlanda — tinha dito a Carmody, logo depois de se encontrarem. — Os ingleses tratam seus cavalos e cachorros melhor do que tratam os irlandeses.

Embaraçado e cheio de amargura, ele havia acrescentado:

— Mas ainda vai chegar o dia em que a vergonha da Irlanda será lavada com sangue.

Carmody tinha fungado de imediato, o rosto expressando uma mistura de tristeza e menosprezo.

— Nós somos uma raça de mártires, garoto. Se você tem alguma inteligência nessa cabeça, não pense em virar mais um. É o poder que conta, e o dinheiro traz o poder. Os dois são como um homem e uma mulher abraçados. Você não sabe onde um termina e o outro começa.

Pensando nessa imagem, Evan mexeu-se, inquieto. Desde seu rápido encontro com Catherine Bennington, dois dias atrás, não parava de pensar nela.

Para seu grande desgosto e irritação, nem apelando para toda sua força de vontade havia conseguido afastar a moça da mente. Se já era um tolo por se lembrar dela, chegava às raias da idiotice pensando na perfeição do rosto e do corpo femininos.

Com uma exclamação de impaciência, ele fechou o livro e ergueu-se. Havia um excelente remédio para o seu problema. Bastava ir à casa de Molly Burke, escolher uma garota bonita e passar a noite com ela. No entanto, esse plano não lhe parecia tão atraente quanto deveria ser.

Afundando as mãos nos bolsos da calça, Evan caminhou até a única janela do cômodo. Não tinha cortinas e dava para um terreno de fundos, cheio de garrafas quebradas e outros objetos, não identificados. O ar acinzentado do inverno estava em toda parte.

Ele fechou os olhos por um instante, vendo na imaginação a beleza verde e luxuriante da Irlanda. Uma beleza trágica, que acompanhava seus filhos por onde eles fossem, mantendo em seus corações uma saudade que não diminuía nunca.

Evan ainda olhava o anoitecer, quando a porta atrás dele abriu-se repentinamente. Girando o corpo depressa, viu um homem alto e loiro entrar.

O estranho usava um terno jaquetão de flanela cinza, muitíssimo bem confeccionado. Sua camisa branca, perfeitamente engomada, não apresentava uma única ruga. O nó da gravata listrada, bastante conservadora, fora dado com precisão, no exato local onde o colarinho da camisa se fechava. O rosto forte, de queixo quadrado, tinha sido barbeado com habilidade. Os cabelos loiros e espessos, entremeados com fios prateados e jogados para trás,

descobriam uma testa alta e aristocrática. Os olhos que enfrentaram os de Evan eram castanhos, e as linhas finas, em volta deles, aprofundaram-se quando o homem sorriu.

— Você deve ser Evan O'Connell.

A expressão do estranho, alerta e cheia de dignidade, traía uma inteligência viva e muita força de vontade. Suas feições eram vagamente familiares.

Evan inclinou a cabeça, num gesto cortês.

— O senhor por acaso é Drake Bennington?

O visitante assentiu, surpreso por ter sido reconhecido.

— Vim lhe agradecer pela ajuda que prestou aos meus filhos. Pelo que entendi, você tirou os dois de uma situação difícil.

— Mais ou menos isso — Evan concordou.

Sua mente trabalhava a toda velocidade, analisando as implicações daquela visita. Homens como Drake Bennington não tinham o costume de ir atrás de pessoas que não pertenciam a seu círculo social. Se queriam ver alguém, marcavam uma entrevista num determinado lugar, à hora mais conveniente para eles.

No entanto, Drake Bennington parecia não ver nada de estranho no fato de estar ali, no Carmody's. Ao contrário, olhava em volta com interesse, notando os livros de contabilidade e o copo de uísque em cima da escrivaninha.

— Interrompi o seu trabalho.

— Não tem importância. — Evan indicou a cadeira em frente à escrivaninha. — Não quer se sentar?

Drake aceitou.

Depois de um momento, Evan reassumiu seu lugar atrás da escrivaninha. Achou estranha e ao mesmo tempo gostosa a sua posição, pois lhe dava a ilusão de estar no comando.

— O que posso fazer pelo senhor? Drake sorriu.

— Em primeiro lugar, pode aceitar meus agradecimentos. Catherine e James têm o costume de se protegerem, quando fazem o que não devem. São assim, desde pequenos. Desta vez, porém, perceberam que foram longe demais e prometeram ser mais sensatos, no futuro.

Evan espantou-se com o tom agradável de seu visitante. Drake Bennington dava a impressão de estar contente pelos filhos terem escapado relativamente ilesos, na noite de Ano-Novo, e parecia não se importar com o fato de terem vivido aquela experiência. Confirmando sua idéia, Drake disse: — Meus filhos sempre foram muito protegidos. Até demais, eu penso às vezes. Foi bom eles aprenderem alguma coisa sobre a realidade e as pessoas.

Evan manteve-se em silêncio. Não confiava na intuição que lhe dizia que podia se desconstrair e até gostar de Drake Bennington. Nada em sua experiência de vida indicava que os ricos e poderosos eram dignos de confiança, quanto mais de afeto.

No entanto, Drake Bennington parecia ser diferente. Ouvindo e observando o homem diante de si, Evan foi tomado pela sensação de que ele não era do tipo que só fazia o que os outros esperavam dele. Ao contrário, dava a nítida impressão de ser um homem que enfrentava o mundo em seus próprios termos, só respeitando os que faziam a mesma coisa.

— Pelo que entendi — comentou, afinal —, seus filhos lhe contaram tudo.

— Nem tudo. Catherine admitiu que a idéia foi dela, mas acho que havia mais gente envolvida, além dos dois.

Drake esperou, dando a Evan a oportunidade de confirmar ou negar sua suspeita. Quando o rapaz não se manifestou, prosseguiu:

— De qualquer maneira, sei muito bem o que poderia ter acontecido, se você não tivesse interferido. Por isso, gostaria de manifestar minha gratidão de um modo mais concreto.

Evan ficou tenso. Se o homem lhe oferecesse uma gorjeta, ia jogar todas as notas na cara dele, por mais que precisasse do dinheiro.

Mas Drake sabia que um gesto dessa natureza não seria bem recebido. Depois de fitar Evan por mais um momento, disse:

— Gostaria que você pensasse na possibilidade de trabalhar para mim.

Evan ergueu os olhos para ele, sem saber ao certo se tinha ou não ouvido aquela proposta.

— Trabalhar...?

— Eu dirijo uma companhia muito grande. Na verdade, trata-se de um grupo de companhias. Não seria difícil arranjar lugar para um homem do seu tipo.

Drake permaneceu em silêncio por um instante, depois levantou-se e enfiou a mão num dos bolsos do casaco. O cartão que colocou sobre a escrivaninha era da melhor qualidade. Nele estava impresso um endereço da área financeira de Boston. No canto superior direito, havia duas iniciais, em tinta negra: D.B.

— Venha me ver, quando decidir o que quer. Vagarosamente, Evan pegou o cartão. Sentiu o papel entre os dedos, macio e de cor creme. Como o homem que representava, era discreto mas extremamente caro. Em seu íntimo, um anseio forte e agonizante manifestou-se.

— Vou pensar — murmurou, guardando o cartão no bolso. Drake assentiu com um gesto. Em seguida, voltou-se e saiu em silêncio, como havia entrado.

Por um longo tempo, Evan continuou com os olhos fixos na porta. Em sua mente, não via o homem que tinha acabado de sair, mas a filha dele. Ela era a imagem viva de tudo que nunca permitira a si mesmo nem sequer pensar em possuir.

Até aquele momento.

Acomodando-se na carruagem, Drake olhou pela janela. A julgar pelo céu, teriam mais neve, aquela noite. Seria bom chegar em casa cedo. Havia deixado o escritório antes da hora de costume, para fazer aquela visita a Evan O'Connell.

O homem tinha sido um surpresa. Além de possuir um tremendo autocontrole, era bem mais jovem do que esperava.

Sorrindo, percebeu que instintivamente havia rotulado a descrição dos filhos de exagerada. Agora já não estava tão certo.

O sorriso foi desaparecendo de seus lábios enquanto analisava se havia ou não cometido um erro, oferecendo um emprego a Evan. Não tinha sido uma decisão precipitada. Há muitos anos não fazia nada impulsivamente. Mas ainda não havia decidido o que fazer, até encontrar o sujeito.

Não tinha a menor dúvida de que Evan abrigava em seu íntimo uma grande revolta. O que não lhe causava espanto, considerando o lugar de onde vinha.

Na Irlanda, a situação era realmente terrível. A maioria das pessoas vivia numa pobreza brutal, sem os mínimos rudimentos de educação e esperança. Todas as suas tentativas de liberdade política eram comprometidas ou totalmente sufocadas pelos ingleses.

Drake tinha ouvido dizer que os irlandeses eram a escória do Império Britânico. Nada poderia expressar melhor o status de uma gente que muitos achavam que ainda nem havia chegado à condição humana.

De qualquer maneira, isso não explicava sua vontade de incluir Evan em sua organização. Naturalmente, estaria privando Carmody dos serviços dele.

O velho danado não ia gostar nem um pouco disso. Drake não tinha nada em particular contra Carmody, pois entendia que ele realizava uma importante função na sociedade. Mesmo assim, não se importaria de irritar o irlandês um pouco.

Ele ainda pensava nessa divertida possibilidade quando a carruagem parou diante de sua casa. Saltando para a calçada, correu os olhos pela propriedade que havia comprado, cerca de dezoito anos atrás.

Era uma mansão de três andares, feita em pedra, com pé direito alto e batentes grossos para as portas de folha dupla. Havia decidido comprá-la porque queria levar a noiva para um casa que fosse sua. Sua, não deles. Naquele tempo, tinha muitas idéias erradas sobre o casamento.

Com um brilho tolerante no olhar, Drake pensou no rapaz que tinha sido.

Deus do céu, como havia sido tolo naquela época! Nem sabia como Elizabeth havia agüentado, sem abandoná-lo. Ela, contudo, agüentara, felizmente, e ele achava que não tinha se arrependido disso.

Sem dúvida, não havia sinal de arrependimento na mulher que o recebeu à porta. Ela era alta e esbelta como a filha, com cabelos loiros e olhos de um azul profundo.

Estava na casa dos trinta e poucos anos e a idade havia traçado algumas linhas finas em volta de seus olhos e da boca. Mas isso não diminuía em nada sua beleza.

Como sempre que olhava para ela, Drake esqueceu-se do mundo ao redor. Inclinando-se, beijou-a com ternura.

— Está tudo bem?

— Tudo — ela garantiu, pousando a mão no braço dele. — Jimmy atendeu meu pedido e ficou na cama, apesar de insistir que se sente bem. Catherine está estudando música;

Ele tomou consciência das notas hesitantes, vindas de uma sala no lado mais distante do saguão. Riu baixinho.

— Esse é o castigo dela?

Fazendo um gesto indicando indiferença, Elizabeth puxou o marido para dentro. De braços dados, os dois se encaminharam para a sala de estar, onde um fogo agradável queimava.

Ela usava um vestido cinza claro de veludo e brocado, com uma gola de renda prateada, que enfeitava à perfeição seu rosto oval. Tinha os cabelos dourados arranjados num coque alto, presos com *clips* de brilhantes. Quando se voltou para o marido, ele sentiu seu perfume, uma mistura de jasmim, sândalo e jácinto.

Drake seguiu a esposa com o olhar, quando ela atravessou graciosamente o cômodo, abriu um armário chinês, que escondia um pequeno bar, e despejou uma dose de conhaque no copo apropriado.

Ao se virar e sentir-se observada, Elizabeth ergueu levemente as sobrancelhas.

— Como foi o seu dia, querido? — perguntou, em seu tom de voz macio e baixo. Mesmo depois de todos aqueles anos no Norte, ainda conservava um ligeiro sotaque da Virgínia.

Ele aceitou a bebida e tomou um gole, antes de responder.

— Um dia como todos. Lucrativo.

Rindo, ela segurou o braço dele e puxou-o para o sofá, na frente da lareira.

— Mas que bom! Hoje mesmo eu estava pensando no *debut* de Catherine, no fim do ano. Preciso começar a fazer os planos para o guarda-roupa dela.

Um sorriso irônico surgiu nos lábios masculinos.

— Esse é o seu jeito de me avisar que as despesas domésticas vão aumentar?

— Hum... Podemos dizer que sim. Eu ainda me lembro do quanto custou o meu guarda-roupa, dezoito anos atrás. Verdade que eu também estava comprando meu enxoval de casamento, apesar de não saber disso.

— De vez em quando eu ainda acho que seu pai se ressentia de mim, por ter precipitado nosso casamento. Você era tão nova!

Inclinando a cabeça para o lado, Elizabeth fitou o marido.

— Ele nunca culpou você de nada, apesar de ter muitas reservas a seu respeito. Mas isso tudo ficou para trás, há muito tempo.

Seus olhares se encontraram, cheios de compreensão. Tinham sido muitas as dificuldades entre eles, no início de seu casamento. Mas só importava o fato de haverem sobrevivido, de saborearem uma união cada vez mais forte com o passar dos anos.

— Você não está pensando em fazer uma economia desse tipo com Catherine, está? — Drake brincou.

— Combinar um guarda-roupa de apresentação à sociedade com um de casamento? Claro que não. Além disso, ela não está interessada em ninguém.

Ele hesitou um instante, mas acabou perguntando:

— Tem certeza? Elizabeth espantou-se.

— Tenho. Você sabe que somos muito unidas. Se ela estivesse interessada em alguém, teria dito qualquer coisa. Por que essa pergunta?

— Por nada. Eu só estava exercendo o direito de um pai de se preocupar com a filha.

Ela riu, meneando a cabeça.

— É melhor você se preocupar com a tendência que sua filha tem de se meter em encrencas. Por falar nisso, você esteve com o tal irlandês?

— Estive. E ofereci a ele um emprego. Ele ficou de pensar.

— Pensar?! A maioria agarraria com as duas mãos a oportunidade de trabalhar para você.

— Você me vê com outros olhos, amor. Tenho fama de ser um patrão muito exigente. Mas não acredito que isso assuste Evan O'Connell. No momento, ele desconfia da minha oferta inesperada e quer testar o chão para ver se é sólido e agüenta bem, antes de pular.

— Uma ótima precaução. Não me importaria, se nossos filhos adotassem a mesma atitude.

— Por enquanto, desse susto você não morre.

Soltando a gravata, Drake passou um braço pelas costas do sofá. Elizabeth chegou mais perto e encostou a cabeça em seu ombro.

Durante vários minutos, os dois fitaram o fogo. Depois, ele disse baixinho: '

— Às vezes eu paro para pensar e me espanto com a rapidez que o tempo passa. Parece que foi ontem mesmo que eles nasceram.

— Você se lembra de como eram vermelhos? E como berravam? Pareciam indignados de entrar no mundo. Graças a Deus minha mãe sabia o que fazer, porque eu não tinha a menor idéia!

— Eles se adaptaram logo. E você também. — Virando-se para olhar a esposa, Drake acrescentou: — Não acredito que existam mães melhores que você. As crianças têm sorte.

Elizabeth corou de leve, como sempre acontecia, quando era elogiada pelo marido.

— Que coisa deliciosa de ouvir, Drake! Mas você sabe que eles não seriam a metade do que são, se não tivessem um pai tão amoroso.

Beijando-a na ponta do nariz, ele sorriu.

— Vamos deixar de modéstia! Somos os melhores pais do mundo. Só falta nossos filhos reconhecerem.

Ela pousou o indicador na testa do marido, descendo até a boca.

— Tivemos muito sorte. Com eles e conosco.

Drake assentiu. Deixando o copo de conhaque de lado, puxou-a para si.

Algum tempo depois, o mordomo veio avisar que o jantar estava pronto. Enfiou a cabeça pela porta, mas recuou logo, ao ver os patrões unidos num abraço que, obviamente, ainda ia durar muito.

Aquela cena não era incomum. Todos sabiam que Drake e Elizabeth Bennington eram muito apaixonados um pelo outro, e expressavam seu amor das formas mais românticas possíveis. O cozinheiro teria que atrasar o jantar. Não seria a primeira vez, nem a última.

Capítulo IV

Catherine bateu de leve na porta do quarto do irmão, esperou até ouvir um murmúrio e entrou.

Jimmy estava apoiado na cabeceira da cama. Tinha o camisolão de dormir amarrado no peito e um acolchoado sobre as pernas. Seu nariz exibia uma bandagem imaculadamente limpa, e sua mão direita estava imobilizada. Várias machucaduras e abrasões marcavam seu rosto.

Quando ele viu a irmã, tentou se sentar melhor, mas parou logo, com uma careta.

— Devagar! — ela disse, aproximando-se rapidamente. — Smithers ainda não anunciou o jantar, por isso pensei em vir até aqui, ver como você está se sentindo.

— Envergonhado. Pensei que já estivesse bom para outra, nessa altura dos acontecimentos.

— Faz só dois dias! E o dr. Haley disse que você ia se sentir pior, antes de começar a melhorar.

Ao contrário de Evan, que duvidava da utilidade dos médicos, Drake e Elizabeth haviam insistido em chamar um, assim que viram o estado do filho. O dr. Haley tinha concordado que não era necessário mexer no nariz de Jimmy, mas havia afirmado que ele deveria ficar na cama, até que os outros machucados comesçassem a cicatrizar.

— Você tem tudo de que precisa? — Catherine perguntou, olhando a pilha de livros, jornais e revistas espalhados pela cama.

Sobre a mesinha de cabeceira havia uma jarra de prata com água, uma xícara de chá vazia e um pratinho com migalhas dos biscoitos favoritos do rapaz. ' Seguindo a direção do olhar da irmã, Jimmy riu.

— Meu único problema vai ser jantar. O cozinheiro me manda quatro ou cinco lanchinhos por dia, e Smithers aparece de hora em hora com tudo que ele acha que vai me distrair. ,

— Todos estão preocupados com você. Fitando o rosto tenso de Catherine, ele suspirou.

Na lista das

pessoas preocupadas com seu estado de saúde, Cat ocupava o primeiro lugar. Ela se culpava pelo que havia acontecido e, aparentemente, sentia-se pior a cada minuto que passava. Meneando a cabeça, ele tomou a mão dela entre as suas.

— Você não tem que se culpar de nada, Cat. A situação escapou do controle, só isso.

— A culpa foi minha — Catherine confessou, baixinho. Não queria impor o peso de sua culpa ao irmão, mas não tinha mais ninguém com quem pudesse se abrir. — Mamãe e papai também acham.

— Eles não disseram nada disso. E nunca diriam. Papai só comentou que devíamos ter pensado melhor, antes de ir até lá. Nós dois. — Jimmy sorriu. — Se quer a minha opinião, papai só está esperando eu melhorar, para me passar um sermão. Garanto que ele acha um absurdo eu ter deixado você entrar num lugar daqueles.

— De jeito nenhum! — ela exclamou, indignada. Pelo irmão, era capaz de desafiar até mesmo o pai adorado. — A idéia foi minha. E é o que vou repetir até ele se convencer, se tentar pôr a culpa de tudo em você.

— Acho que ele não está interessado em culpar ninguém. Só quer ter certeza de que não vamos fazer outras loucuras, de hoje em diante.

— Provavelmente... — Catherine ficou em silêncio por um momento, depois comentou: — Recebi um bilhete de Charles.

Jimmy ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— A respeito do quê?

— Ele foi muito formal. Disse que lamentava profundamente o acontecido e esperava que estivéssemos bem. Também disse que não contou a ninguém que estava lá. Na certa não quer que ninguém saiba.

— Aposto que o sem-vergonha está mais preocupado com isso do que com qualquer outra coisa. Ele nem quis saber como eu estava, lá no Carmody's.

— Pelo que entendi, O'Connell mandou o encarregado do bar jogar Charles na rua.

Ouvindo a referência a Evan, Jimmy se entusiasmou

— Ele é um homem e tanto, hein? Assim que ele apareceu, ninguém mais se mexeu. Acho que todos estavam com medo dele.

Com estudada indiferença, Catherine fitou as mãos.

— Homens desse tipo vêem muita violência. O'Connell deve estar acostumado com isso.

— Homens desse tipo? Como assim?

Ela deu de ombros, torcendo para ele não notar o quanto falar de Evan a afetava. Durante duas noites não tinha conseguido dormir direito, passando horas olhando para teto e vendo o rosto de Evan O'Connell. Nem sabia mais quantas vezes havia lembrado e relembrado os acontecimentos da noite de Ano-Novo.

Tinha ficado muito impressionada com a força, a calma e a capacidade de Evan em dominar a situação e decidir o que precisava ser feito. Mas o que mais havia admirado tinha sido a maneira gentil, competente e cheia de bondade que ele usara para cuidar de Jimmy.

Com ela, Evan não tinha sido tão bom. Na verdade, havia mostrado claramente que só sentia desprezo por mulheres tão tolas a ponto de provocar um incidente daqueles. E o desprezo dele a tinha abalado muito, quase tanto quanto o remorso que a corroía.

— Tomara que papai lhe agradeça de acordo — Jimmy acrescentou. — Foi só por isso que dei a ele o nome de Evan. Papai não me disse claramente, mas deu a entender que era isso que ia fazer.

— Claro.

Catherine não queria falar de Evan O'Connell. Quanto mais cedo esquecesse que ele existia, melhor.

— Você quer alguma coisa lá de baixo? — perguntou ao irmão.

— Não. Mas volte depois do jantar, se puder. Para jogar cartas, comigo. Estou ficando louco, preso neste quarto.

— Combinado.

Logo, eles ouviram o barulho do gongo, anunciando o jantar. Quase ao mesmo tempo, alguém bateu à porta. Catherine levantou-se, ajeitou a saia do vestido de seda amarela e foi atender.

Uma criada estava parada no corredor, carregada com uma bandeja de onde vinham os

aromas mais deliciosos. Ela sorriu para Catherine, depois olhou timidamente para Jimmy.

— Trouxe seu jantar, senhor. Onde quer que eu ponha? Retribuindo o sorriso, o rapaz indicou a mesinha de cabeceira, a seu lado.

— Se conseguir encontrar um lugar, pode pôr aqui, Mary.

— Ah, eu dou um jeito, senhor!

Entrando, ela deixou a bandeja temporariamente sobre a cômoda e começou a arrumar a mesinha. Tinha o rosto muito corado enquanto trabalhava, e a todo momento olhava Jimmy pelo canto dos olhos.

Catherine disfarçou um sorriso. »

— Agora que você está em boas mãos, vou descer, maninho.

— Não se esqueça de voltar, hein?

— Não vou me esquecer.

Catherine fitou a jovem criada, que havia colocado a bandeja sobre a mesinha de cabeceira e retirado a toalha que a cobria, revelando pelo menos meia dúzia de pratos diferentes.

— O cozinheiro disse para o senhor comer tudo. Senão, não vai se recuperar tão depressa quanto deve.

Jimmy gemeu baixinho. Mas sua aparência era de quem poderia ser convencido a comer tudo. Mais uma vez, olhou para a bonita criada.

— Não sei se vou conseguir, sozinho...

— Ah, senhor! Se quiser, eu posso ficar e ajudar...

— Não é preciso, Mary — Catherine interferiu, depressa. — É melhor você descer. O cozinheiro é que deve estar precisando da sua ajuda.

Muito corada, a mocinha obedeceu. Mas antes de sair, ainda lançou um olhar na direção do rapaz. Jimmy, por sua vez, lançou um olhar desapontado para a irmã, que saiu rindo do quarto.

Seus pais entravam na sala de jantar, de braços dados, quando Catherine apareceu. Sentou-se na cadeira que Smithers puxou para ela, enquanto seu pai ajudava sua mãe. Quando estavam todos sentados, Drake perguntou:

— Como vai Jimmy?

— Bem. Estava começando a jantar quando saí do quarto dele. O cozinheiro mandou uma bandeja com meia dúzia de pratos, no mínimo.

— Ótimo.

Drake deixou o assunto morrer. Ele também já havia notado o quanto Catherine se culpava pelo incidente no Carmody's. Depois de alguns momentos, pensando em desviar os pensamentos dela para outras coisas, comentou:

— Sua mãe recebeu uma carta de Calvert Oaks, agora à tarde. Elizabeth percebeu o que ele queria. Também estava preocupada com a filha, que andava muito deprimida. Por isso, disse:

— Sua avó e seu avô vão bem. Mas estão com saudades e gostariam de ver você.

O rosto de Catherine iluminou-se. Não via os avós há quase um ano, desde a última visita de sua família à fazenda na Virgínia, onde sua mãe havia nascido. Calvert Oaks era seu segundo lar. Gostava muito de lá e de Quail Run, a fazenda vizinha, onde seu tio e sua tia viviam com os filhos.

— Eu gostaria tanto que eles viessem para a minha festa de debutante! Acho que é a única coisa capaz de fazer essa festa valer a pena. Se bem que eu sei que eles não podem sair da fazenda, na época da festa...

Drake e Elizabeth trocaram um olhar espantado. Catherine nunca havia dito nada contra a costumeira festa de apresentação à sociedade, que os pais de todas as moças de sua posição davam às filhas. Ao contrário, ela sempre tinha mostrado muito entusiasmo em relação a essa comemoração.

— Pensei que você quisesse a festa — Drake comentou. Catherine fez um gesto de indiferença. Em silêncio, observou o segundo mordomo, cuidadosamente vigiado por Smithers, colocar um pedaço de lagosta no prato de porcelana de Limoges, a sua frente. Quando ele se adiantou para servir seu pai, disse:

— A festa perdeu a graça.

— Por quê? O que aconteceu? — Elizabeth perguntou. Pegando o talher, levou um pedaço de lagosta à boca. Mas não sentiu o menor gosto. Sua atenção estava toda na filha.

— Nada...

Catherine não podia dizer que havia ficado muito perturbada com o incidente no Carmody's. E de um modo que não era capaz de explicar.

Seu encontro com Evan tinha feito com que se sentisse vagamente envergonhada de si mesma e de sua classe social. Em consequência, havia começado a pensar mais em sua situação de moça pronta para casar, que seria declarada publicamente com sua festa de apresentação à sociedade.

— Deve ser cansaço — a mãe diagnosticou. — O que aconteceu foi um grande choque para você.

— Foi, sim. O maior choque da minha vida. Mais uma vez, seus pais se entreolharam.

— É um erro dar tanta importância ao que aconteceu, Cat — disse Drake. — Jimmy vai ficar bom, e você aprendeu uma ótima lição. Acabou, e pronto! De agora em diante, é melhor pensar em coisas mais agradáveis.

Catherine ergueu a cabeça e seu olhar encontrou o do pai. Ele havia participado de sua infância de forma tão ativa quanto sua mãe. Não só envolvendo-a numa atmosfera de amor e carinho, como também acalmando suas mágoas, pondo fim a seus medos e ouvindo suas confidências. Agora, não podia impedi-la de crescer. E na certa nem tentaria.

— Que lição acha que eu aprendi? A ter mais cuidado com o que faço? Na minha opinião, foi muito mais que isso.

— Como assim? — Drake perguntou.

Ela respirou fundo e falou, depressa:

— Aprendi que aquela gente nos odeia. Vi como olhavam para nós, quando entramos, e depois, quando batiam em Jimmy. Qualquer um diria que éramos inimigos da pior espécie! Nunca vi nada igual, em toda a minha vida. Nem pensei que existisse. — Inconscientemente, Catherine estremeceu. — Foi horrível, mas também foi... não sei... compreensível, eu acho. Andei imaginando o que eu sentiria se fosse pobre, sem nenhuma chance real de melhorar de vida. Provavelmente também ia ficar muito zangada.

— Espere aí! — exclamou Drake. — As pessoas que estavam no Carmody's não são pobres. Se fossem, não poderiam frequentar um lugar daqueles. Se quer saber o que é pobreza, eu lhe mostro. E você vai notar a diferença, garanto!

— O problema não é esse. Em comparação conosco, quase todo mundo é pobre, papai. Nós tomamos como certas, coisas que a maioria das pessoas nem sonha em ter!

Ela correu os olhos pela sala de jantar, mobiliada com antigüidades finíssimas, de origem francesa e inglesa. A mesa estava posta com talheres pesados de prata, cristais e porcelana com frisos de ouro. Um lustre magnífico pendia do teto, e sua luz era refletida milhares de vezes pelos brilhantes nos cabelos e nos dedos de sua mãe.

— De certa maneira, isso não me parece certo — murmurou. Drake já ia replicar, quando Elizabeth lançou-lhe um olhar de aviso. Entendendo, ele deixou que ela falasse.

— Querida, o que você imagina que aconteceria, se vendêssemos tudo que temos, pegássemos o dinheiro e dêssemos aos pobres?

Catherine hesitou. Nunca havia tocado nesse assunto com os pais. Na verdade, nem tinha pensado nisso, antes. Daí a sua impressão de que estava completamente alheia ao problema.

— Acho que os pobres ficariam contentes em receber esse dinheiro — murmurou, afinal.

— Sem dúvida. Mas eu lhe garanto que eles também ficariam ressentidos conosco, por sermos a fonte desse dinheiro.

Normalmente, as pessoas não gostam de ser alvo de caridade. É por isso que é sempre melhor dar, anonimamente.

Catherine assentiu. Sabia que era esse o costume de seus pais. Boston e as cidades vizinhas estavam cheias de escolas, hospitais e casas de repouso para pessoas idosas, fundadas pelos Bennington. Mas seu nome não aparecia em nenhuma dessas instituições, e seu envolvimento era mantido no mais rigoroso segredo.

— Além disso — sua mãe continuou —, por quanto tempo você acha que esse dinheiro inesperado faria diferença para essa gente?

Eles gastariam tudo bem depressa. Alguns, de forma sensata, outros, nem tanto. No fim, acabariam na mesma situação que antes.

— O que sua mãe está dizendo — Drake interferiu — é que não basta dar dinheiro aos pobres. É preciso criar empregos e construir casas, dar estudo e oportunidade de melhorar de vida, a essas pessoas. Para isso, o dinheiro precisa ser acumulado e colocado em giro. Não pode ser dado, simplesmente.

— Existem muitas oportunidades? — Catherine quis saber. — Os irlandeses não são aceitos em muitos empregos. Normalmente, são mais discriminados que os italianos e os outros imigrantes. O que eles podem fazer, então?

— Trabalhar mais e melhor. As pessoas que fazem isso vão em frente, não importa de onde venham. Pode não ser um fato muito agradável, mas a verdade é que este país foi feito pelos mais duros e determinados. Naturalmente, eles querem guardar para si o fruto desse trabalho. O que não quer dizer que outras pessoas não possam plantar suas próprias árvores e, com o tempo, colher seus próprios frutos.

— Com o tempo... — Catherine repetiu, baixinho.

Ela não tinha o costume de discordar do pai. Ao contrário, estava sempre disposta a acreditar em tudo que ele dizia.

Naquele momento, no entanto, teve uma súbita visão de Evan O'Connell e sentiu novamente a energia intensa que ele armazenava em seu íntimo. Evan não era homem de esperar, de ver o tempo passar, cheio de paciência, na esperança de que o amanhã fosse melhor que o hoje. Ao contrário, parecia muito mais inclinado a lutar pelo que queria agora, sem ligar para as consequências.

Mas não disse nada e a conversa prosseguiu, abordando outros assuntos. Sua mãe descreveu uma confusão que tinha acontecido na reunião da Assistência das Senhoras, na semana anterior, e logo todos eles estavam rindo.

Fitando os pais, Catherine pensou no quanto os dois se davam bem. Desde que se lembrava por gente, eles viviam felizes e apaixonados.

Uma estranha ansiedade dominou-a quando se perguntou se algum dia teria uma experiência tão maravilhosa. Com certeza não, se seu destino era sentir atração por um irlandês totalmente fora de seu mundo, que não sentia nada além de desprezo por ela e tudo que sua classe social representava.

Capítulo V

Esticando as longas pernas debaixo da mesa, Evan recostou-se na cadeira. Tinha os olhos fixos no homem a sua frente, tentando adivinhar o que ele pensava.

Nunca era fácil interpretar as expressões do rosto de Fitz Carmody. A primeira vista ele era igual a centenas de outros irlandeses de queixo quadrado e nariz quebrado, que haviam participado de muitas brigas de bar. Tinha olhos azuis grandes, que podiam assumir uma expressão inocente ou cruel, dependendo da disposição de seu dono. Os cabelos, antes negros, exibiam agora um tom cinza e começavam a rarear no alto da cabeça, o que ele tentava em vão esconder, penteando-os para o lado.

— Nunca pensei que você fosse a favor de fazer negócios com gente como Drake Bennington — Evan comentou.

Carmody riu. Depois, tomou um gole longo e barulhento de sua cerveja e colocou a caneca sobre a mesa, com estrondo.

— Garoto, os humildes ainda podem herdar a Terra, como diz o livro sagrado. Mas por enquanto são os ricos e poderosos que mandam aqui. Por isso, fazemos negócios com eles. Drake Bennington está longe de ser o pior do bando. Na verdade, ele é melhor que a maioria.

Evan levantou os ombros largos e em seguida relaxou-os. Seus olhos percorreram o salão, aparentemente distraídos. Há muito tempo tinha aprendido a sempre prestar atenção ao que acontecia em volta.

Uma garota bonita, usando uma blusa bastante justa e uma saia rodada, que terminava logo abaixo dos joelhos, percebeu seu olhar e sorriu. Em outra situação, ele teria retribuído o

sorriso. Naquele momento, no entanto, preferiu olhar para o outro lado.

— Não tenho certeza do que ele quer comigo.

— Ele falou num emprego. Isso pode significar muitas coisas.

— Ou nada.

Carmody meneou a cabeça.

— Não, em se tratando do Bennington. Se ele falou em contratar você, já tem alguma coisa definida em mente. Ele não chegou ao ponto em que está, menosprezando talentos.

— Como assim? Pensei que ele tivesse nascido rico.

— E nasceu — Carmody confirmou. — Mas existem ricos e ricos. Bennington tem muito mais dinheiro agora do que quando começou. Você pode não ouvir falar dele tanto quanto ouve falar dos Lodge e dos Cabot, mas ele não perde para ninguém. Só é mais quieto que os outros, gosta de fazer tudo na surdina.

— De onde vem o dinheiro dele?

Carmody deu de ombros. Terminando a cerveja, ergueu a mão para pedir outra, antes de responder.

— Da navegação, para começar.” Ele controla uma boa parte do comércio com a China, para não falar do comércio com a Europa. Além disso, tem estradas de ferro, bancos, interesses em petróleo, aço e ouro, uma mina de diamantes na África do Sul e inúmeros negócios mais. Nem querendo você consegue achar um campo em que Drake Bennington não tenha uma aplicação, por menor que seja. Ele é duro e esperto como o diabo, mas dizem que também é justo. Talvez seja esse seu ponto fraco.

— É isso que você quer? — Evan perguntou. — Achar um jeito de atingir o homem?

Carmody tomou outro gole da bebida e inclinou-se para a frente. Sua voz assumiu um tom baixo e ríspido.

— Não só ele, todos eles. Eu já disse antes e repito agora: nossa vez está chegando!

Evan suspirou.

— Gostaria de acreditar em você, mas já ouvi isso tantas vezes, que não dá. “Nós, sozinhos”, dizemos na Irlanda, como se só o fato de repetir essas palavras fizesse de nós homens livres. Mas não faz. Nem aqui, nem lá. Nenhum homem partilha ou desiste do poder espontaneamente. O que nós queremos, temos que tomar.

— E vamos tomar, garoto. Mas na hora certa e do modo certo. Aqui temos a oportunidade que nunca tivemos na Irlanda. Através da urna eleitoral, podemos conseguir o que nunca sonhamos em obter usando a força.

— Você tem mais fé no sistema dessa gente do que eu. Pelo que tenho visto, homens como o Bennington vão fazer o possível e o impossível para nos manter em nosso lugar.

— Pode ser — Carmody concordou. — Nesse caso, temos mais um motivo para querer alguém lá dentro, de olho nas coisas.

Um riso breve e duro escapou dos lábios de Evan.

— Bennington nunca deixaria um sujeito como eu ter acesso a qualquer coisa importante.

— Talvez não, de início. Mas você pode convencer o homem a abrir uma exceção, no seu caso. — Sorrindo, Carmody levou a caneca de cerveja à boca, para mais um gole. — Use a sua imaginação, garoto. Foi para isso que o bom Deus lhe deu inteligência.

Evan foi pensando nisso quando deixou Carmody, algum tempo depois, e voltou para o lugar onde morava. Tinha um quarto num prédio velho, no bairro de North End. Pagava vinte dólares por mês pelo privilégio de morar lá. Uma quantia exorbitante comparada ao que teria de pagar, se dividisse o quarto com alguém, como faziam quase todos os homens solteiros.

Seu quarto estava longe de ser luxuoso, mas a privacidade que lhe dava valia o preço. Pela primeira vez na vida, tinha um lugar só seu. Entre aquelas quatro paredes, descascadas e rachadas como estavam, seu espírito podia voar.

Deitado na cama estreita de ferro, Evan olhava para o teto, pensando no que o amigo tinha lhe dito. Algum tempo depois, seus pensamentos passaram do irlandês para Drake Bennington.

A aparência dele correspondia ao que Carmody tinha dito: era um homem duro. Não tinha nada de fraco, nem física nem intelectualmente. Uma qualidade que Evan respeitava, apesar de saber que, por causa disso, teria de ser muito mais cuidadoso.

Os outros homens que tinha visto, pertencentes à mesma classe social de Bennington, eram diferentes. Além de cruéis, possuíam uma arrogância que traía claramente suas

pretensões e seus medos.

Achavam que eram melhores que os outros homens. Ao mesmo tempo, tinham medo de que sua superioridade fosse uma coisa imposta, não natural, capaz de um dia ser anulada.

Na opinião de Evan, eles tinham razão em temer. Drake Bennington, porém, não sentia esse medo. O que o tornava mais forte e mais perigoso que os outros.

A testa larga de Evan exibía uma enorme ruga de preocupação, quando ele jogou as longas pernas para fora da cama e caminhou até a cômoda. Em cima dela, havia uma jarra e uma bacia de louça, com a beirada quebrada. A água da jarra estava muito fria, mas isso não o impediu de lavar com vigor as mãos e o rosto.

Depois de se enxugar, ele tirou seu único terno do cabide de parede, onde estava dependurado, colocou-o sobre a cama e começou a se despir. Em seguida, vestiu o terno, preocupado com os próprios pensamentos.

Quando ficou pronto, saiu, fechou a porta do quarto e colocou a chave no bolso, dirigindo-se à escadaria estreita, que levava à rua.

Um bando de crianças sujas brincava na calçada. Todas se voltaram para vê-lo, quando ele passou. Mas nenhuma lhe pediu dinheiro, como faziam normalmente. Mudanças, limitaram-se a seguir com os olhos o homem alto, num terno de confecção desleal, que se afastava com passos firmes e decididos, rua abaixo.

O escritório de Drake Bennington ficava na esquina das ruas do Congresso e do Estado, no coração da área financeira da cidade. Evan aproximou-se devagar do edifício com fachada de mármore, dominado pela sensação de estar completamente fora de seu lugar.

A sua volta, as calçadas estreitas estavam cheias de homens em ternos escuros, que iam apressados de um edifício para outro, carregando caixas que podiam conter de tudo, desde um simples documento até grandes quantias de dinheiro.

Outros homens, vestidos com igual formalidade, mas de maneira bem mais elegante, desciam de carruagens luxuosas, parando aqui e ali para conversar com conhecidos, antes de irem cuidar de seus negócios.

Evan não avistou uma única mulher. Sabia que elas podiam ser encontradas a uma pequena distância dali, onde ficavam as lojas de maior luxo da cidade. No entanto, no coração do centro financeiro, os homens reinavam absolutamente sozinhos.

Dentro de algumas horas, quando os escritórios fechassem, as mulheres começariam a chegar. Mas só para limpar o chão e esvaziar as cestas de papel. Iriam embora bem antes do sol nascer e um novo dia de transações financeiras ter início.

Antes disso, Evan pretendia ver Drake Bennington e descobrir que tipo de emprego o homem tinha em mente para ele. Assim pensando, entrou no edifício cujo endereço estava no cartão que havia recebido. Não tinha dado dois passos além da porta, quando um guarda uniformizado cortou seu caminho.

— Posso ajudar em alguma coisa... senhor?

A demora em usar o “senhor” e o olhar do guarda mostraram claramente o que ele pensava do recém-chegado.

Evan zangou-se com o menosprezo do homem, mas teve o cuidado de não demonstrar nada. Sorrindo ligeiramente, explicou:

— Estou aqui para ver o sr. Bennington. O guarda ergueu as sobrancelhas.

— E vai me dizer que ele está a sua espera?

— Quanto a isso, não sei. Só sei que ele me disse para passar por aqui, e eu vim. — Enfiando a mão no bolso, Evan tirou o cartão que Drake havia lhe dado. — É este o endereço, não é?

O guarda examinou o cartão, notando as iniciais D.B. rabiscadas no canto superior direito. De imediato, seu modo mudou. Quando devolveu o cartão a Evan, tinha o rosto absolutamente inexpressivo.

— O escritório do sr. Bennington fica no segundo andar. Pode usar aquela escada..

Evan assentiu. Cruzando o saguão de mármore, subiu pela escada indicada e foi dar num corredor largo e comprido. Numa das pontas, viu uma porta de folha dupla, aberta. Mais além, vislumbrou uma sala de recepção elegantemente mobiliada, com um rapaz sentado a uma escrivaninha de tampo de couro.

O rapaz ergueu os olhos, quando ele entrou.

— Sei... — murmurou, fitando o cartão. Em seguida, levantou-se devagar, examinando

Evan com cautela. — Não quer se sentar, senhor...?

— O'Connell.

Evan acomodou-se numa das poltronas estofadas, relaxando um pouco da tensão nervosa em que estava. O cartão mágico tinha feito com que chegasse até ali. Agora, era só esperar para ver o que mais podia fazer.

Um homem mais velho surgiu na poria entre a sala de recepção e os escritórios internos. Tinha mais de cinquenta anos e era ligeiramente encurvado, com um rosto de expressão inteligente e bondosa.

— Sr. O'Connell, sou Jacob Stein, assistente do sr. Bennington. No momento ele está ocupado, numa reunião muito importante. Mas estará livre dentro de mais ou menos quinze minutos. Nesse meio tempo, se fizer a gentileza de me acompanhar...

Evan levantou-se, assentindo. Disfarçadamente examinou Jacob Stein, enquanto passavam para a área interna dos escritórios de Bennington. A primeira sala era grande e espaçosa, cheia de escrivaninhas de tampo rolante, onde dezenas de rapazes trabalhavam, com as mangas arregaçadas e viseiras sombreando os olhos. O barulho de um teleimpressor espalhava-se pelo ambiente. Havia telefones em várias escrivaninhas.

Além de Carmody, que mantinha um telefone em seu escritório particular, mais para exibir do que para qualquer outra função, Evan não conhecia ninguém que tivesse os modernos aparelhos de comunicação. Por isso, quando um deles tocou, com um som agudo e tilintante, olhou desconfiado em volta de si.

— Por aqui, sr. O'Connell — Jacob Stein disse, ficando de lado para que o visitante pudesse entrar em outra sala.

O barulho externo desapareceu, assim que a pesada porta de mogno foi fechada.

— Sente-se, por favor. Fique à vontade. ,

Stein indicou o sofá estofado, junto a uma das paredes.

Mais uma vez, Evan se sentou.

Dirigindo-se a uma escrivaninha espaçosa, Stein também se sentou. Em seguida, em silêncio e com tremenda eficiência, começou a ler uma pilha de papéis, anotando qualquer coisa nas margens, de vez em quando.

Evan fitou-o, tentando aceitar o fato de que o primeiro assistente de Drake Bennington era um judeu. Ele não tinha nada contra essa raça, mas sabia que a atitude de Bennington era pouco comum.

O preconceito contra os irlandeses era ruim, mas contra os judeus muito pior. Muitos haviam até chegado a mudar de nome, mas Jacob Stein exibia o dele sobre a escrivaninha, gravado numa placa de latão.

Evan lembrou-se do que Carmody tinha dito sobre Bennington não ser homem de menosprezar talentos. Seu amigo estava certo.

De repente, uma porta junto da escrivaninha de Jacob Stein foi aberta e um grupo de homens saiu, conversando em voz baixa. Um ou dois olharam na direção de Evan com curiosidade, mas todos continuaram seu caminho sem parar. Vários falaram com Jacob, murmurando frases rápidas e assentindo, ao ouvir as respostas. Quando eles se foram, Jacob sorriu.

— Só mais um minuto, sr. O'Connell. — Ele passou para o outro escritório e voltou logo em seguida. — Pode entrar. O sr. Bennington vai receber o senhor agora.

Evan levantou-se, respirou fundo e entrou no escritório ao lado.

Drake Bennington estava sentado a uma escrivaninha de madeira negra, brilhante, feita no estilo chinês. Do outro lado da sala havia uma mesa redonda, grande, rodeada por cadeiras que haviam sido empurradas para trás. Diante dela ficava um sofá. Acima dele, diretamente na linha de visão de quem se encontrava na escrivaninha, estava pendurado o retrato de uma linda mulher, de cabelos loiros e olhos cinzentos. ,

A mulher tinha sido pintada num vestido de noite. Brilhantes envolviam seu pescoço e enfeitavam seus cabelos, espalhados em meio aos fios sedosos. Ela olhava para a frente, os olhos alegres expressando a mais pura felicidade.

Evan levou um momento para adivinhar quem devia ser. Por um instante, chegou a pensar que estava olhando para a garota que havia ajudado no Carmody's: a filha de Bennington. Mas as feições não eram exatamente as mesmas, apesar da beleza e da determinação das feições. A mulher retratada só podia ser a mãe de Catherine Bennington.

Com esforço, ele tirou os olhos do retrato e voltou a atenção para o homem que tinha vindo ver.

Drake Bennington havia se levantado de trás da escrivaninha. Evan não esperava tanta cortesia. Correspondeu instintivamente, avançando um passo e estendendo a mão.

— Espero não ter vindo numa hora inconveniente, sr. Bennington.

— De jeito nenhum — Drake garantiu, enquanto trocavam um aperto de mão.

Com um olhar direto e firme, estudou a expressão de Evan. Não estava surpreso em ver o irlandês. Ao contrário, sempre tivera certeza de que ele viria. E estava contente com a rapidez do rapaz em atender o seu convite. Isso mostrava que ele era ambicioso e seguro de si, duas qualidades bastante úteis.

— Sente-se, por favor, sr. O'Connell.

Evan sentou-se no sofá e Drake juntou-se a ele, tirando do bolso do casaco uma caixinha de prata.

— Aceita um charuto?

— Com prazer.

Evan serviu-se de um dos charutos cubanos, finos e longos. Em silêncio, os dois homens cumpriram o ritual de acender os charutos e tirar as primeiras baforadas.

Afinal, Drake comentou:

— Pelo que vejo, está interessado na minha oferta de trabalho.

— Estou, sim. Mas gostaria de saber o que o senhor tem em mente.

Em meio a uma nuvem de fumaça, Drake fitou-o, pensativo. Depois, disse:

— Em vez de ouvir uma sugestão minha, o que acha de me falar do que gostaria de fazer?

Evan foi pego totalmente de surpresa. Nunca alguém tinha perguntado pela sua preferência em qualquer coisa, a não ser as garotas de Molly Burke.

Principalmente no campo profissional, jamais havia pensado no que gostaria ou não de fazer. Sempre agarrava o que podia.

Drake, no entanto, estava lhe dando sua primeira chance de melhorar, nesse sentido. Depois de uma ligeira hesitação, confessou:

— Gostaria de ganhar dinheiro, sr. Bennington. De preferência, uma grande quantia.

Drake olhou-o surpreso por um instante, depois riu.

— Uma ambição de valor, sr. O'Connell. Que muita gente tem, mas que poucos têm a coragem de confessar com tanta franqueza. Muito bem, o senhor quer fazer dinheiro. Nesse caso, acho que podemos ser úteis um ao outro.

Fazendo uma ligeira pausa para apoiar um dos pés no joelho oposto, Drake prosseguiu:

— Não sei se sabe, mas sou dono de uma linha de navegação. Movimentamos muita carga, para dentro e para fora do porto de Boston. Sempre existe o problema de roubo, mas isso já é esperado e não me importo, desde que não passe de certos limites. O problema é que tem passado. Nos últimos seis meses, perdi muito dinheiro. As mercadorias desaparecem das docas e dos depósitos. Até agora, não consegui descobrir o responsável por essas perdas.

— O que o senhor fez, para descobrir?

— Mandei dois homens investigarem. Primeiro, um dos meus, depois, um da agência Pinkerton. O homem que trabalhava para mim desapareceu. Talvez tenha fugido, talvez não. O da Pinkerton foi tocado numa rua escura e surrado até quase a morte. Vai se recuperar, mas ainda está no hospital.

Antes que Evan pudesse perguntar, Drake esclareceu:

— Ele não viu os atacantes. Estavam todos mascarados. — Sei... E agora? O senhor quer que eu tente de novo? Drake assentiu.

— Isso, mesmo. Se estiver interessado, pode trabalhar para mim, secretamente.

Pensativo, Evan tirou outra baforada do charuto.

— E se eu descobrir alguma coisa? O que ganho com isso?

— Tenho perdido uma média de cinco mil dólares por mês, sr. O'Connell. Se descobrir o responsável por essa perda, é o que vai receber: cinco mil dólares.

Evan teve de se esforçar para não deixar o queixo cair. Cinco mil dólares era uma grande soma. Dinheiro suficiente para uma família viver com todo conforto, durante um ano ou mais.

Ele nunca tinha visto tanto dinheiro em sua vida. Uma estranha sensação espalhou-se por seu corpo. Lutando para se dominar, encarou Drake de frente.

— Vamos ver se entendi bem o que disse, sr. Bennington. Eu lhe trago um nome e o dinheiro é meu. É isso?

— Exato.

— É uma grande soma.

— O que eu lhe propus é difícil e perigoso.

Evan mudou de posição no sofá. Seus olhos estavam fixos na ponta em brasa do charuto. Afinal, disse baixinho:

— Não quero que pense que vai receber mais do que posso lhe dar. Eu descubro quem é esse ladrão, mas não vou matar ninguém. — Sorrindo, acrescentou: — Por mais que eu queira ter dinheiro, existem alguns limites que não pretendo ultrapassar.

— Fico contente em saber. Assassinos pagos são baratos, sr. O'Connell. Mandar matar alguém não custa mais que cem dólares. Alguns homens seriam capazes de matar até a própria mãe, por essa quantia.

— É verdade, sr. Bennington. Mas cem dólares ou cinco mil, para mim não faz diferença. É isso que eu quero que o senhor entenda.

— Eu entendo. Então? Aceita a minha oferta?

— Aceito, sim.

— Vou mandar Jacob arrumar alguma coisa para você, nas docas. Também precisamos de um meio de estar sempre em contato.

Evan meneou a cabeça.

— Não tenho nada contra o sr. Stein. Mas quanto menos gente souber disso, melhor. Eu mesmo arrumo um trabalho nas docas. Quando eu tiver alguma coisa para lhe contar, entro em contato com o senhor. Até lá, não temos nada para nos dizer.

Drake concordou. Quando Evan se levantou, fez o mesmo e foi até a escrivaninha. Ao voltar, tinha na mão um maço de notas graúdas.

— Considere esta quantia um adiantamento, sr. O'Connell. O restante lhe será entregue quando completar o trabalho.

Evan pegou o maço de notas e guardou no bolso, sem contar. Com um gesto de cabeça, despediu-se de Drake.

— Eu procuro o senhor, quando tiver uma notícia positiva. Andando depressa, saiu para a outra sala, passou pelos rapazes

em suas escrivaninhas e atravessou a área de recepção. Só quando estava na rua parou, deixando a satisfação fluir por todo seu corpo. Tinha um emprego com Drake Bennington. E não era só um emprego. Era um emprego com possibilidades!

Evan podia ser inexperiente em relação a grandes negócios, mas sabia que alguém como ele jamais chegaria ao topo, pelos meios comuns. No entanto, um homem inteligente e decidido tinha todas as chances de chegar até onde sua ambição o levasse, desde que estivesse disposto a assumir alguns riscos, ao longo do caminho.

Ele ia arriscar a própria vida. Por um instante, esse pensamento diminuiu um pouco seu entusiasmo. Mas logo o descartou, refletindo que o perigo era algo que conhecia bem.

Sua vida tinha sido ameaçada inúmeras vezes, na Irlanda. Lá, cada dia representava um risco. Desta vez, pelo menos, estaria se arriscando por sua vontade e em seu próprio benefício.

Enfiando a mão no bolso, tocou as notas e sorriu. Um novo mundo estava surgindo a sua frente. Só precisava continuar vivo o tempo suficiente para aproveitar esse mundo.

Evan começava a descer a rua, de volta para seu bairro, quando uma carruagem parou diante do edifício onde estavam os escritórios de Bennington. Pela janela, ele avistou um rosto oval, emoldurado por cabelos loiros e pelo capuz forrado de pele, de uma capa de noite.

Catherine retribuiu seu olhar, os olhos cheios de surpresa. Instintivamente, ele deu um passo na direção dela. Mas logo percebeu o que fazia e estacou. Ela entreabriu os lábios, sem tirar os olhos dele, e Evan sentiu seu corpo reagir.

Catherine era ainda mais linda do que se lembrava. Possuía uma beleza e uma feminilidade incomuns. Tudo que sempre havia imaginado numa mulher, além de qualidades que nunca sonhara que pudessem existir.

Também era absolutamente proibida, para alguém do seu tipo. Ele não precisava conhecer Drake Bennington melhor para saber como o sujeito reagiria, se desconfiasse que sentia atração pela filha dele. Quanto ao fato de Catherine retribuir seu interesse, nem era bom pensar.

Seria um rapaz de sorte, se fosse punido apenas com o fim abrupto de todas as suas aspirações. O mais provável era que acabasse muito pior, dependendo da forma que a fúria de Drake se expressasse.

“Ah, não, minha linda!”, pensou, dando as costas a ela, deliberadamente. “Você é um encanto e em outra situação... Mas ainda tenho minha vida para construir e você não se encaixa nela. Tive muitos sonhos sem esperança, na Irlanda, e não pretendo arranjar mais um aqui.”

Evan apressou o passo, consciente da escuridão precoce do inverno e do frio que atravessava seu casaco. Queria uma refeição e um copo de bebida. E falar com Carmody. Precisava ouvir os conselhos do amigo, antes começar seu trabalho para Bennington.

Tinha de pensar em muita coisa. Não podia desperdiçar tempo e energia admirando a srta. Catherine Bennington, por mais bonita que ela fosse.

Irônico, Evan sorriu de si mesmo.

Era um grande tolo, se achava que podia manter Catherine longe de seus pensamentos. Ela estava dentro de sua mente, firme como ele gostaria de estar no corpo dela.

O que era uma coisa bem rude para se pensar a respeito de uma moça tão inocente. Mas ele era um homem rude, moldado por uma vida cheia de dificuldades.

Catherine Bennington estava destinada a se casar com um cavalheiro, um daqueles rapazes que ele via andando pela cidade. Talvez até um dos que tinham ido ao Carmody's, com ela.

A idéia de Catherine com um desses homens — com qualquer homem que não fosse ele mesmo — foi tão irritante que Evan apertou o punho, no bolso. Sentiu o dinheiro entre os dedos e segurou as notas com mais força, dizendo-se que era aquilo que importava.

Mas sabia, no fundo, que só queria se enganar.

Capítulo VI

— Você está linda, meu anjo — Elizabeth exclamou e recuou um passo, para melhor admirar a filha diante do espelho.

Seus olhos se encontraram. Os de Elizabeth, cheios de admiração e amor; os de Catherine, cautelosos.

— Não tenho saída, não é, mamãe? Tenho de ir até o fim com isso.

Elizabeth riu. . — A não ser que você queira desapontar os mais de cem convidados que esperamos esta noite.

— Deus me livre!

Catherine olhou-se de novo no espelho, pensando que a garota refletida era uma estranha.

Nunca tinha se visto tão bonita e elegante, nem tão... mulher! Mas também nunca havia completado dezoito anos antes, nem estivera prestes a ser apresentada à sociedade.

Seu vestido era branco, como a tradição mandava. Era a primeira compra que realizava na Casa de Worth, o famoso costureiro inglês. Seu espartilho estava mais apertado que de costume, tornando sua cintura mínima e enfatizando os seios e os quadris. O modelo, confeccionado em cambraia e rendas valencianas, tinha a saia rodada e caía em pregas graciosas, terminando numa pequena cauda, na parte de trás. Deixava os ombros descobertos, revelando uma grande parte da pele acetinada.

Seus cabelos loiros estavam presos num elaborado coque retorcido, no estilo francês. Em volta do pescoço esbelto exibia um colar de pérolas, preso por um fecho cravejado de brilhantes.

Uma leve camada de pó de arroz cobria seu nariz e a testa, mas, fora isso, não usava maquiagem. O colorido em suas faces era totalmente natural, assim como eram naturais o rosado de seus lábios e o tom escuro de seus cílios, longos e espessos.

— Acho que estou pronta — murmurou.

— Venha, então, querida — Elizabeth disse, sorrindo e piscando para conter as lágrimas. De repente sua filha lhe parecia tão adulta!

O coração transbordando de amor e orgulho, trocou um olhar com a criada, Tilly, que estava com ela desde o início de seu casamento. Sorrindo, Tilly abriu a porta para mãe e filha passarem.

— Boa festa, srta. Catherine — desejou. — Esta é uma noite que deve guardar na lembrança para sempre.

Catherine riu, meio nervosa. Depois, juntou as saias nas mãos trêmulas, reuniu toda sua coragem e seguiu a mãe.

Drake esperava por elas, ao pé da escada. Muito solene, observou a filha e a esposa descerem. Nem por um momento seu olhar desviou-se delas. Quando as duas chegaram ao último degrau, passou o braço pela cintura da esposa e beijou-a gentilmente.

— Você está linda, doçura. Linda, como sempre. Elizabeth corou, cheia de felicidade.

Catherine seguia a cena com um olhar meio divertido, meio ansioso. Adorava os dois, mas o amor que sentiam um pelo outro era uma lembrança constante de que seu próprio futuro ainda não estava definido.

“Pode ser que eu encontre o homem de minha vida esta noite”, pensou, olhando os pais.

Logo em seguida, foi forçada a sorrir. Ao contrário da maioria das garotas de sua idade, não era dada a sonhos românticos. Tinha uma personalidade muito prática, qualidade na certa herdada de sua avó ianque, que na juventude havia mantido uma fazenda em funcionamento, apesar da guerra civil.

No entanto, assim como sua filha, Elizabeth, Sarah Calvert conhecia muito bem o amor. Catherine tinha duas mulheres indomáveis para tomar como exemplo e tentar se igualar.

Seus pensamentos foram interrompidos, quando o pai colocou as mãos em seus ombros e sorriu, dizendo:

— Estou muito orgulhoso de você, Catherine. Desde o seu nascimento, sua mãe e eu sempre tivemos muita esperança em você. Agora posso dizer com certeza que você realizou tudo que esperávamos.

Catherine engoliu em seco, emocionada com a intensidade do amor e a aprovação do pai. E sua mãe sentia o mesmo.

De qualquer ponto de vista, era uma pessoa feliz. Sentia-se grata por isso, apesar de às vezes ser sacudida por um medo quase supersticioso, imaginando o preço que ainda teria de pagar por tantas bênçãos.

— Você não está com medo, está, Cat? — seu irmão gêmeo perguntou.

Jimmy havia se reunido a eles, ao pé da escada. Estava muito bonito em suas roupas de noite, e ela lhe disse isso.

— Obrigado, maninha. Você é que está linda. E esta é a sua noite.

— Não acho justo eu ter uma festa de apresentação à sociedade, e você, não — Catherine comentou, rindo.

De braços dados, os dois caminharam para o saguão de entrada da casa, onde receberiam os convidados. Smithers já os esperava, segurando uma bandeja de prata com quatro taças de cristal, em forma de tulipa, cheias de champanhe.

Drake pegou uma delas e entregou a Cat. Deu outra a Elizabeth, e a terceira a Jimmy, ficando com a última.

— A todos os começos — brindou, erguendo sua taça no ar. — Este é um começo especial para Cat, mas eu espero que ela tenha muitos outros, todos felizes.

Os quatro beberam, Catherine franzindo o nariz de leve, ao sentir as bolhinhas. Já havia bebido vinho antes, inclusive champanhe, mas a sensação ainda era nova e perturbadora. Ela se via dividida entre o orgulho, por sua maturidade recém-adquirida, e o medo de não estar à altura de sua nova vida.

Mas não teve tempo para pensar nisso. Mal tinham acabado o brinde, quando a primeira carruagem parou diante dos portões da casa.

Catherine avançou ao lado dos pais e do irmão, preparando-se para receber os convidados. Sorriu, assentiu e trocou comentários leves, agradecendo a cada convidado por estar ali, até ficar com os músculos do rosto rígidos e doloridos.

Quando, afinal, entrou no salão de baile conduzida pelo braço do pai, seguida por sua mãe e Jimmy, já estava cansada. Sua vontade era fugir para a tranquilidade de seu quarto, mas sabia que não podia.

Sentia-se tão mole, que chegou a se assustar. Não costumava ser assim. No entanto, o

significado da ocasião pesava sobre ela, sufocando seu entusiasmo e transformando tudo que fazia num esforço.

Tinha sido um direito seu escolher a música para a primeira dança. Sem hesitar, havia indicado uma valsa de Strauss, a sua favorita. Quando os primeiros acordes soaram, seu pai a conduziu para o meio da pista vazia, e um pouco de seu ânimo voltou.

Olhando as pessoas sorridentes e elegantemente vestidas a sua volta, ela disse a si mesma que não tinha motivos para estar tão ansiosa. Aquele era o seu mundo. Ali estava entre pessoas que conhecia e retribuía seu afeto.

Como seu pai havia dito, aquela noite era um novo começo em sua vida. Se tivesse juízo, faria o possível para se sair bem.

Depois que Catherine e Drake dançaram sozinhos, por alguns minutos, Jimmy levou Elizabeth para a pista. Logo, outros casais se juntaram a eles e a festa tomou impulso.

Não demorou muito para Catherine esquecer sua insegurança e se entregar ao prazer da noite. Educadamente, ela conversou com as senhoras sentadas em cadeiras de palhinha, à margem da pista de dança, agradecendo pelos elogios que recebia, aparentemente sem notar o modo atento como era observada.

Várias garotas de sua idade ou um pouco mais velhas foram lhe dar os parabéns pela apresentação à sociedade. Catherine também agradeceu a todas, dançou com os irmãos delas e tomou outra taça de champanhe. Quando o jantar foi servido, podia dizer, com toda sinceridade, que sua incerteza a respeito daquela noite havia desaparecido. Estava se divertindo muito.

Até descobrir que Charles van Rhys tinha dado um jeito de se sentar ao seu lado. Sua mãe havia distribuído os lugares à mesa, depois de conversar com ela. Pelo que se lembrava, um de seus primos devia estar sentado a sua direita.

— Não consegui resistir — Charles murmurou, quando viu o quanto ela estava surpresa. — Diga que não se importa.

Catherine se importava, mas a boa educação impedia que fosse sincera. Assim, sorriu polidamente.

— Para mim, não faz diferença onde você se senta, Charles. Nenhuma diferença!

O rosto masculino, longo e anguloso, assumiu uma expressão sombria. Os dois haviam se encontrado em várias ocasiões, desde o incidente no Carmody's, mas Catherine tinha feito o possível para ficar longe dele.

Ela estava certa de que Charles havia sido o responsável pelo início da violência, naquela noite. Ele era arrogante e mimado, com um temperamento instável, que o tornava um perigo. Também era muito teimoso.

— Você não devia fazer assim, Catherine — ele disse baixinho, quando já estavam todos sentados. E sorriu, inclinando-se para ela, como se estivessem tendo a conversa mais agradável do mundo. — Nosso relacionamento pode mudar, ficar muito mais importante. Sabe disso.

Catherine apertou os lábios. Que atrevimento! Cavalheiros não faziam declarações desse tipo, principalmente a uma dama. Mas Charles não ligava para o que era ou não correto. Seus olhos frios estavam fixos nela, desafiando-a a discordar do que tinha dito.

— Não faço idéia do que você quer dizer — ela respondeu afinal, virando o rosto para o outro lado.

Ele riu. Um som baixo e estranho que fez Catherine se arrepiar. O olhar dele também brilhava de um modo estranho, que nunca tinha visto antes.

— Faz, sim. Na verdade, você entendeu muito bem o que eu disse. Só não quer admitir. Mas não tem importância. Você pode seguir todos os passos do jogo. Estou disposto a ser paciente... até certo ponto.

— Você é presunçoso demais, isto sim! — ela murmurou, por entre os dentes cerrados.

Os garçons começavam a circular com o primeiro prato. Em volta deles, os convidados riam e conversavam.

Duas longas mesas tinham sido juntadas e cobertas com uma enorme toalha de linho branco, depois arrumadas com as mais finas peças de cristal, prata e porcelana. Atrás de cada duas cadeiras, criados de libré antecipavam os desejos dos convidados, antes mesmo deles perceberem o que queriam.

Um quarteto de cordas tocava, a um canto. As janelas francesas estavam abertas,

permitindo a entrada dos aromas do jardim. O cheiro de rosas e madressilva misturava-se com o perfume das flores de estufa, espalhadas pelo salão.

Na cabeceira da mesa, Drake estava entretido, conversando com um banqueiro amigo. Na outra ponta, Elizabeth dava atenção a um cavalheiro, que tinha voltado há pouco tempo do Oriente. Jimmy havia sido colocado do outro lado da mesa, à direita de Elizabeth. Catherine podia vê-lo rindo com uma moreninha muito bonita, obviamente encantada com ele. Seus olhares se encontraram por cima da cabeça da garota, e Jimmy sorriu.

Catherine sufocou um suspiro. Ia ficar muito estranho, se se recusasse a falar com Charles. Ainda assim, pensou nas alternativas. A mesa era muito larga, para conversar com a pessoa do outro lado, e o senhor idoso, a sua esquerda, era praticamente surdo.

Sobrava Charles, que sabia muito bem qual era a sua situação. Sem ter outra escolha, virou-se para ele, que a fitou, com ar complacente.

— Não achou o tempo ótimo, esta semana? — perguntou, escolhendo de propósito o assunto mais impessoal e aborrecido que conhecia.

Por um instante, ele continuou com os olhos fixos em seu rosto. Depois, riu alto, atraindo alguns olhares espantados.

— Vou sentir saudades de você, quando voltar para Harvard, Catherine. Mas vou ter muitas folgas e poderemos nos ver com bastante frequência.

— Se eu fosse você, não contava muito com isso. Charles colocou o garfo sobre a mesa, examinando-a com atenção.

— Por que não?

— É evidente, não acha? Afinal, o objetivo disso tudo é arrumar um marido para mim.

Naturalmente, Catherine sabia que não era assim. Seus pais haviam deixado claro que não estavam ansiosos para vê-la deixar o ninho. Ao contrário, queriam que ela pensasse muito bem, antes de tomar essa decisão. Mas Charles não precisava saber disso.

— Posso escolher alguém que não seja de Boston — continuou, como se essa possibilidade não lhe causasse a menor preocupação.

— Não! — Erguendo o copo de vinho, ele tomou tudo de um só gole. — Séria um erro tremendo.

— Francamente, Charles, você está exagerando! — Catherine procurou dar a sua voz um tom leve. — Vou me casar com quem eu quiser, quando eu quiser. Você não tem nada a ver com isso.

— Pode ser que não, mas você acha mesmo que tem tanta liberdade de escolha? Seu pai jamais permitirá que se case com alguém que não sirva.

— Meu pai tem uma mentalidade muito avançada. Irônico, Charles riu.

— Não tente se enganar. Quando chegar a hora de escolher um marido para você, ele não vai pensar em alguém que não faça parte de nosso círculo social. Além do fato do seu pai não confiar em pessoas de fora, ele com certeza não vai querer você muito longe de casa.

— Minha mãe mudou para uma parte completamente diferente do país, quando se casou. Ela nasceu e foi criada na Virgínia, mas vive aqui há quase vinte anos. E perfeitamente feliz.

— Não foi bem assim, no começo. Mas isso não interessa. O que interessa é que seus pais jamais permitirão que você...

Catherine não tinha o costume de interromper os outros, mas daquela vez não agüentou.

— Como não foi bem assim, no começo?! Meus pais sempre foram extremamente felizes, juntos. O casamento deles foi por amor!

Charles olhou-a por entre as pálpebras semicerradas.

— Se você é assim tão inocente, Catherine, não sou eu que vou acabar com as suas ilusões.

Ela respirou fundo. Queria fazer mais algumas perguntas, mas era muito orgulhosa para isso.

— É bom saber que você volta para a escola dentro de alguns dias, Charles. Sua companhia está ficando muito desagradável.

Ele corou, obviamente aborrecido. O resto do jantar, porém, transcorreu sem incidentes.

No final da refeição, os garçons trouxeram uma mesa de rodinhas, ocupada inteiramente por um enorme bolo enfeitado com rosas açucaradas. Quando os músicos deram início a uma canção alegre, Jimmy levantou-se, deu a volta à mesa e foi até onde a irmã estava. Tomando-a pela mão, conduziu-a até o centro do salão, onde o bolo esperava.

— Senhoras e senhores, eu gostaria de ter a sua atenção por um instante — disse, com um sorriso. — Nosso pai deveria cuidar desta parte da celebração, mas eu lhe pedi para tomar seu lugar, e ele concordou. Exatamente dezoito anos atrás, minha irmã e eu chegamos ao mundo. Desde então, ela tem sido o horror da minha existência. Começamos a brigar no berço e nunca mais paramos. Mas esta noite...

Jimmy virou-se para Catherine, o olhar de repente cheio de ternura.

— Esta noite, eu vejo minha irmã sob uma nova luz. Catherine se tornou uma linda mulher, e eu muito me orgulho dela.

Lágrimas inundaram os olhos de Catherine. Lutando para se controlar, ela estendeu os braços para o irmão. Jimmy abraçou-a com carinho, enquanto os convidados aplaudiam.

Nesse momento, por cima do ombro do irmão, Catherine viu os pais. Estavam juntos, abraçados, fitando-se com olhos repletos de amor.

Algum tempo depois, quando o bolo já tinha sido servido e mais champanhe consumido, as danças recomeçaram. Charles teve o bom senso de não tirar Catherine, embora fosse evidente que estava com vontade. De qualquer maneira, ela não lhe deu chance, aceitando sempre o convite de outros, antes que ele pudesse se aproximar.

Catherine estava começando a achar que nunca tinha dançado tanto em sua vida, e provavelmente nunca mais dançaria, quando seu olhar foi atraído para a entrada do salão de bailes.

Evan O'Connell estava lá!

Usando um terno preto de boa qualidade, que não escondia a largura de seus ombros, ele tinha as pernas ligeiramente separadas e os pés firmes no chão. Seus olhos percorriam os convidados reunidos, e um leve sorriso marcava sua boca, como se achasse divertida a cena que presenciava.

Catherine quase perdeu o fôlego. Ela o tinha visto algumas vezes, desde que fora trabalhar para seu pai. Mas haviam sido encontros breves, e sempre fizera o possível para não deixar que a afetassem. Agora, no entanto, olhando para ele, sentiu o coração bater mais depressa. Ao mesmo tempo, uma onda de calor dominou seu corpo.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — o rapaz com quem dançava perguntou.

Nesse momento, a música acabou, e os casais começaram a voltar para junto da mesa de doces.

— Claro que não. Mas acabo de ver uma pessoa com quem preciso muito falar. Se me der licença...

Antes que ele pudesse replicar, Catherine se afastou em direção a Evan.

No fundo, ela sabia que estava sendo tola. Garotas de boa família não chegavam perto de homens como Evan O'Connell. Ele era um desordeiro, um rebelde, um poço de encrencas. Seu pai o considerava útil, mas isso não queria dizer que devia lhe dar atenção.

O único problema era que não conseguia resistir à força que a jogava para ele!

Sem nem mesmo saber como, Catherine se viu diante de Evan, sorrindo com mais segurança do que na realidade sentia.

— Ora, sr. O'Connell, mas que surpresa! Eu não sabia que o senhor vinha a minha festa.

Os olhos de um azul cristalino brilharam zombeteiros.

— Ora, srta. Bennington, eu nem sabia que estava dando uma festa. Posso lhe oferecer meus parabéns?

Ferida pela zombaria, ela fez um gesto de indiferença.

— Se quiser... Mas posso saber o que o trouxe até aqui?

A expressão masculina sugeria que não era da conta dela. Ainda assim, ele respondeu:

— Vim ver o seu pai. Espero que me desculpe por me intrometer num acontecimento tão importante, mas preciso falar com ele.

Por cima da cabeça de Catherine, Evan examinou o salão, à procura de Drake, como se ela não lhe despertasse o menor interesse.

— Acho que meus pais estão no jardim.

A vontade de Catherine era desaparecer no meio dos convidados e nunca mais chegar perto daquele homem. Alguns minutos na companhia dele haviam lhe mostrado, sem sombra de dúvida, o quanto era errada a estranha ansiedade que ele despertava. Tinha sido uma tola em esquecer a distância que havia entre ambos. Isso não aconteceria de novo, nem mesmo por um breve instante.

— Eles voltam logo? — Evan perguntou.

— Creio que sim — respondeu Catherine, com toda frieza que conseguiu. — Mas enquanto eles não voltam, fique à vontade.

Ele a fitou, surpreso, e ela acrescentou:

— Tenho certeza que é isso que meu pai gostaria que fizesse.

Evan não tinha tanta certeza assim. Na sua opinião, havia entre ele e aquela família uma distância que Drake Bennington não gostaria de vê-lo cruzar. No entanto, deixando-se levar pela rebeldia que existia em seu íntimo, falou impulsivamente:

— Obrigado. Vou aceitar seu convite e me divertir um pouco. Catherine assentiu, mas não saiu do lugar. Continuou ao lado dele por alguns instantes, torcendo e ao mesmo tempo com medo de que ele a tirasse para dançar. Quando ele não se manifestou, achou estranho que não estivesse contente com isso.

Charles viu-a e correu para o seu lado, tirando vantagem de sua preocupação. Catherine nem notou quando começaram a dançar, tão concentrada estava no homem alto, de rosto bronzeado, que de tempos em tempos olhava em sua direção e franzia a testa.

Capítulo VII

Quando Drake voltou do jardim, ficou surpreso ao encontrar Evan O'Connell junto à mesa de comidas, com um copo na mão, observando a festa. Apesar das roupas relativamente informais, que faziam com que se destacasse entre os convidados elegantemente vestidos, Evan parecia totalmente à vontade.

Drake gostou do que viu, embora não tivesse intenção de convidar o rapaz para ficar.

— Você me desculpa por um instante, meu anjo? — perguntou a Elizabeth. — Parece que surgiu um problema que precisa da minha atenção.

— Esta noite?

Normalmente, Drake tinha o cuidado de não misturar negócios e família. O problema devia ser muito grande, para ele aceitar aquela intromissão na festa de Catherine.

— É sério, meu bem?

— Claro que não — ele garantiu. — Não vou levar mais que alguns minutos.

Elizabeth observou o marido cruzar o salão, para falar com um rapaz alto, de cabelos negros. Já tinha visto aquele rapaz antes. Uma vez, quando passara pelo escritório para pegar Drake, a caminho de um jantar; outra, na rua, quando ele e Drake haviam parado, para trocar um cumprimento.

Achava que ele era apenas um dos empregados do escritório, apesar de não ser como os outros. Havia nele uma aura de força e decisão, que o tornava diferente dos demais.

Suspirando, Elizabeth foi se juntar a um grupo de convidados. Por pior que fosse o problema que tinha trazido o rapaz a sua casa, Drake sem dúvida encontraria uma solução.

Ninguém podia acusar Drake de ser um livro aberto. Diziam que ele confiava na esposa, mas ninguém sabia ao certo, pois ela não confirmava nem desmentia. Em relação aos outros, porém, ele era um homem bastante fechado.

— Vamos para a biblioteca — Drake sugeriu.

Ele nada comentou sobre a súbita chegada de Evan, no meio da festa, limitando-se a conduzir o rapaz pelo saguão, em direção a seu refúgio particular. Uma vez lá, fechou a porta e indicou o sofá, junto a uma das paredes.

Abrindo uma caixa de prata que estava sobre sua escrivaninha, Drake serviu-se de um charuto. Mas não convidou Evan a fazer o mesmo. Assim, mostrou ao rapaz, sem palavras, que não deveria ficar muito à vontade, na residência dos Bennington.

Desde que tinha contratado Evan O'Connell, alguns meses atrás, Drake havia aprendido a respeitar e a gostar do irlandês. Não tinha ilusões a respeito das ambições do rapaz, mas também não via nada de errado nelas.

Depois de descobrir o responsável pelo roubo nas docas, Evan vinha realizando inúmeras investigações importantes para as empresas da família Bennington, todas com sucesso. A última tinha sido feita fora de Boston.

— Roscoe está mesmo sendo desonesto nos relatórios que lhe manda — Evan disse. — Não quer desencorajar o senhor completamente, porque isso faria com que retirasse seu apoio financeiro. Ao mesmo tempo, não quer que o senhor saiba que a possibilidade de encontrar petróleo no Texas é muito grande.

— Realmente, não foi essa a impressão que ele me deu. Segundo os relatórios, a possibilidade existe mas é duvidosa.

— Apesar de lhe dizer isso, ele anda comprando toda terra que pode. E nem faz segredo. Na verdade, até se gaba de estar ficando rico, porque o senhor não é esperto o bastante para perceber o que se passa bem debaixo do seu nariz.

Em vez de se mostrar ofendido pelo comentário, Drake riu.

— Quem não percebe nada é o Roscoe. Evan assentiu, os olhos fixos no patrão.

— O que o senhor quer que eu faça?

Drake deu de ombros, como se a resposta fosse evidente.

— Nada. Vou telegrafar a Roscoe e dizer a ele para vir a Boston. Vou insinuar que estou pensando em aumentar meu investimento e preciso do conselho dele. Roscoe gosta tanto de dinheiro que vai morder a isca. Quando ele estiver aqui, vou lhe dar a oportunidade de passar para o meu nome as terras que comprou para mim. Depois, ele estará livre para arranjar outro emprego.

Evan não perguntou o que aconteceria, se Roscoe recusasse a oportunidade. O homem não faria isso. Depois do choque inicial de saber que tinha sido descoberto, ele na certa ficaria contente em escapar só com a perda de seus ganhos ilícitos.

Drake nem teria de recorrer a ameaças. Roscoe com certeza pensaria que teria um destino terrível, se não concordasse, e acabaria assinando.

Tinha sido assim com Latimer, o homem responsável pelos roubos nas docas. Ao entregar o nome dele a Drake, Evan havia imaginado se não estava condenando o homem à morte.

Tinha ido em frente, porque não devia nada a Latimer, um sujeito repulsivo, que encontrava grande prazer em maltratar os homens que trabalhavam sob suas ordens. Isso e cinco mil dólares haviam feito com que continuasse.

Latimer tinha sumido das docas, um dia depois de sua denúncia. Nos bares do porto, diziam que ele havia sido assassinado e seu corpo jogado no mar, preso a uma pedra. Mas também corriam rumores de que ele tinha desenvolvido um desejo súbito de viajar e fora visto tomando um navio para o Oeste, em direção à Califórnia.

Evan achava que a verdade era essa. Drake não se importava com o que acontecia aos que tentavam prejudicá-lo, desde que nunca mais fizessem isso.

— Você fez um bom trabalho, no Texas — Drake declarou.

Indo até o cofre localizado num canto da biblioteca, escondido por um painel de laca chinesa, ele tirou um envelope, que entregou a Evan.

— Logo mais, terei outro trabalho para lhe dar.

Evan assentiu, guardando o envelope no bolso do casaco. Dentro, sabia que encontraria alguns milhares de dólares, o preço combinado para o trabalho no Texas.

No dia seguinte, iria ao banco onde havia aberto uma conta. Já tinha um boa quantia guardada e depositaria ainda mais. Existia uma propriedade na Prince Street, que andava pensando em comprar. E um armazém, perto do rio. Carmody era o seu conselheiro. Logo, estaria fazendo seus primeiros investimentos.

— Vou indo, então, senhor. Evan voltou-se para sair.

Drake foi com ele até a porta da biblioteca. Lá, comentou:

— Hoje é o aniversário dos meus filhos. Fizemos uma festa em família para os dois, mas esta é a apresentação oficial de Catherine. — Um riso breve escapou de seus lábios. — Os rapazes estão correndo para ela como abelhas atrás de mel. Mas ela tem juízo. Não vai fazer nenhuma tolice.

— Claro que não, senhor.

Evan estranhou o fato de Drake falar da família com ele, mas concluiu que o patrão estava num momento expansivo. E tinha todo direito de estar.

— Se não há mais nada que o senhor deseje... — Estava ansioso para sair dali. Depois de uma ausência de várias semanas, muitos assuntos exigiam sua atenção. Assuntos que Drake Bennington desconhecia por completo.

A urgência maior, no entanto, era pôr uma boa distância entre ele e Catherine Bennington. Sem a menor sombra de dúvida, ela não fazia parte de seus cálculos cuidadosos. Ao contrário, era algo que não podia se dar ao luxo de incluir em seus planos.

— Pode ir — Drake permitiu, com um sorriso. — Mas fique em contato comigo. Como eu já disse, vou precisar logo dos seus serviços.

Assentindo, Evan despediu-se. Lá fora, depois que o mordomo fechou a porta, ainda se voltou por um instante, ouvindo a música vinda do salão e revendo, em sua mente, a linda garota que havia encontrado lá.

Quando percebeu o que fazia, soltou uma exclamação abafada de aborrecimento e dirigiu-se rapidamente à rua.

Era mesmo tolo por estar pensando nela. Carmody seria o primeiro a lhe dizer isso.

Carmody tinha muitas coisas na cabeça, mas nenhuma delas estava relacionada com a srta. Catherine Bennington.

— Foi bom você ter voltado — disse, quando Evan entrou no pequeno escritório onde trabalhava, nos fundos da mercearia que possuía há trinta anos.

Era lá que Carmody havia começado e onde preferia ficar, em contato com as próprias raízes. Durante o dia inteiro, recebia a visita de uma legião de pessoas. Viúvas vinham lhe pedir ajuda para alimentar crianças. Homens com filhos promissores apareciam atrás de auxílio para colocá-los em universidades, o meio mais certo de sair do North End. Vinham também os que precisavam de casas para morar, os doentes, os velhos e os novos imigrantes que tinham acabado de desembarcar, desesperados para ter um ponto de apoio em sua nova terra.

Para aqueles que não podiam ir ao escritório de Carmody pessoalmente, havia o pessoal de campo, que percorria a vizinhança, descobrindo quem precisava do que e providenciando para que recebessem.

O sistema era simples e direto: assistência em troca de votos.

Por esse método, homens como Carmody haviam se eleito para cargos públicos e adquirido muito poder. Alguns se vangloriavam disso, mas os mais espertos nunca diziam uma palavra a respeito. Com as mangas arregaçadas até os cotovelos, os cabelos despenteados e os olhos injetados de sangue, Carmody tinha mesmo a aparência de um dono de mercearia esforçado, profissão que havia exercido pela maior parte de sua vida adulta. Naquele momento, empurrando para trás a viseira que usava para conferir suas contas, apontou para uma garrafa de uísque, numa das prateleiras mais próximas.

— Sirva uma dose para cada um de nós e sente-se. Temos muita coisa a conversar.

Evan serviu ao amigo uma dose bem mais generosa que a sua. A viagem do Texas a Boston, muito longa, tinha sido cansativa. Queria um banho quente e uma noite decente de sono, mas isso ainda teria de esperar um pouco.

Tomando um bom gole de seu uísque, Carmody fechou os olhos, para melhor saborear o gosto da bebida. Em seguida, apertando os lábios apreciativamente, depositou o copo sobre a escrivaninha.

— Agora, sim! — Recostou-se na cadeira, estudando Evan com satisfação. — Sua aparência é boa, garoto. As roupas que está usando são perfeitas, na minha opinião: elegantes, caras e discretas. Se continuar assim, os Brahman vão acabar pensando que você pertence ao meio deles.

Evan riu; os Brahman eram uma das famílias mais antigas e ricas de Boston.

— Esse perigo eu não corro. Basta eu abrir a boca para dizer a eles que nunca fui a “Harvard”, que todos vão saber de onde eu vim.

De propósito, ele pronunciou a palavra Harvard com o sotaque carregado da Nova Inglaterra, tão diferente do seu jeito de falar, bem mais suave.

Carmody sorriu. Terminando o uísque, enxugou a boca com as costas da mão e passou aos negócios.

— Muito bem! Você se lembra daquela propriedade em que estava interessado, perto do rio?

Evan assentiu.

— Não me diga que alguém já comprou!

— Claro que não. Eu lhe disse que ia ficar de olho nela para você, não disse? Mas tem mais gente interessada. Um grupo chamado Consórcio Porcellian anda dando sinais de que vai

fazer uma oferta. Não só pelo pedaço que você quer, como também por toda a faixa ao longo daquela margem.

Evan assobiou baixinho.

— Então o negócio envolve muito dinheiro. Quem é essa gente, por falar nisso?

— Achei mesmo que você ia querer saber, por isso andei perguntando. Parece que por trás desse lindo nome há um bando de garotos de Beacon Hill e da avenida Commonwealth. Eles resolveram entrar no mundo dos negócios e formaram um grupo com o nome de um clube de Harvard, ao qual a maioria deles pertence. Provavelmente uma espécie de ensaio para quando terminarem os estudos.

— Você tem os nomes?

Carmody remexeu numa pilha de papéis a sua frente. Puxou um deles, apertando os olhos para ler.

— Tem um Lodge, um Cabot, um Van Rhys e mais três. Tome, veja você mesmo.

Passou a lista para Evan, que estudou os nomes cuidadosamente. Quando terminou, ficou pensativo.

— Eles pretendem se movimentar logo?

— Dentro de um semana, eu diria. E lembre-se, eles querem comprar o trecho inteiro. Uma oferta difícil de recusar.

— Não, se eu fizer uma oferta melhor antes. Você sabe quanto eles estão pensando em pagar?

Carmody citou uma quantia que fez Evan estremecer.

— Deus do céu! Onde é que eu vou arranjar esse dinheiro e mais um pouco?

Apesar de sua conta no banco ter crescido muito, ainda estava bem abaixo da soma necessária. Por um instante, ele viu suas esperanças irem por água abaixo.

— Você não precisa de tudo isso — falou Carmody. — Só precisa chegar lá, antes deles.

Evan meneou a cabeça.

— Não tenha ilusões, meu amigo. Entre vender para mim e vender para um bando de grã-finos, sei muito bem quem vai ser escolhido. A menos que eu possa oferecer mais dinheiro do que eles. O que é impossível, no momento. Não tenho nem a mesma quantia, que dirá mais!

Suspirando, Carmody esfregou os olhos vermelhos e fitou o teto.

— Eu estou sem recursos, agora, garoto. Senão, eu lhe emprestaria o que falta. Vai ser uma pena você perder este negócio. Muitos anos vão se passar, antes que outra propriedade como esta entre no mercado.

— Tenho que conseguir! Não sei como, mas tenho que arrumar um jeito!

Carmody hesitou. Depois, acabou dizendo:

— Tem o Bennington.

As sobancelhas espessas de Evan se ergueram.

— Está sugerindo que eu peça a ele para ser meu sócio?

— Por que não? Ele tem dinheiro para isso.

Evan quase cedeu à tentação. Seria a solução do seu problema. Mas depois de pensar um pouco, desistiu da idéia.

— Não dá. Bennington está acostumado a controlar todas as situações. Quando tem sócios num negócio, sempre fica com a maior parte, e é isso exatamente o que eu quero. Além do mais, prefiro que ele não saiba da minha vida.

— Acha mesmo que pode esconder isso dele?

— Para sempre, não. Mas quanto mais ele demorar para saber, melhor. Trabalhando para ele tenho acesso a informações que me ajudam muito, na hora de investir em alguma coisa. Não quero perder esta vantagem tão cedo.

Carmody deu de ombros.

— A decisão final é sua. Só digo e repito que vai ser uma pena você perder este negócio.

Evan concordava com ele, mas no momento não tinha a menor idéia do que fazer para impedir que isso acontecesse. Ficou com Carmody mais algum tempo, conversando sobre a política local. Havia uma eleição programada para aquele mesmo ano, para o conselho da cidade. Ninguém sabia ao certo quem seria o vencedor, mas algumas previsões já podiam ser arriscadas.

Eles já tinham feito descer um pouco mais o nível da garrafa de uísque e começavam a

se tornar filosóficos, quando uma garota esbelta e ruiva enfiou a cabeça pela porta.

— Eu devia ter adivinhado! — ela declarou, com um olhar severo. — Na companhia de quem mais o meu pai podia estar sentado, bebendo, se não na sua? Você não tem casa, Evan O’Connell? Ou está tão ocupado trabalhando para aquele ricoço, que não tem tempo para se preocupar com essas coisas?

— Também estou contente em ver você, Maude — Evan respondeu brincando.

Ele havia se levantado, ao ver a filha de Carmody entrar. Como sempre, ela estava muito bem. Usava uma saia azul marinho, de sarja, e uma blusa branca bastante simples. Seus cabelos ruivos estavam puxados para trás num penteado severo, que revelava seu rosto de linhas clássicas e pele cor de mel.

Aos dezesseis anos, Maude Carmody era considerada bonita por todos que a viam. Também era bastante amadurecida, uma qualidade pouco comum em garotas de sua idade. Essa maturidade vinha do fato de ter perdido a mãe aos oito anos, assumindo daí em diante a criação dos cinco irmãos, todos mais novos que ela. Além disso, com a morte da mãe, também havia passado a cuidar do pai, que achava muito mais difícil de manejar que as crianças. Impulsivamente, Evan declarou:

— Não sei se sabe, Maude, mas você está cada vez mais bonita! Muito corada, ela assumiu uma pose de fingida indiferença.

— O que é isso? Não sou nenhuma tonta! Não pense que vai virar minha cabeça, com esse tipo de conversa.

Carmody riu. Em seguida, olhando o par com ar indulgente, levantou-se e saiu de trás da escrivaninha.

— É melhor você ir andando, Evan. Está precisando de descanso, e eu também. Minha cabeça parece que vai explodir.

Caminhando até a filha, deixou que ela se apoiasse em seu braço.

— Pense no que eu lhe disse — falou ainda, antes de se dirigir à porta. — Há de haver um jeito de fazer o que você quer dar certo.

Evan concordou. Desejando ao amigo boa noite, despediu-se de Maude e saiu. Apesar do dia ter sido quente, o pôr do sol havia trazido um vento frio e nuvens baixas, sopradas do oeste. Gotas grandes de chuva começavam a cair, quando ele parou por um instante na calçada, diante da mercearia.

O bom senso lhe dizia para voltar para seu quarto. Em vez disso, no entanto, tomou a direção do rio.

A propriedade que queria comprar incluía três depósitos, um bar e uma pensão em péssimo estado, usada por marinheiros à espera dos navios onde pretendiam se engajar. Não ficava num lugar bom para alguém se aventurar sozinho à noite. Mas ele era um homem grande, que transmitia uma impressão de força e determinação difícil de ser ignorada. Em consequência, os ladrões logo desistiam da idéia de fazer dele uma vítima.

Essa impressão, porém, não afastava as prostitutas que haviam decidido ir para a rua, mesmo com um tempo tão ruim. Sem ligar para os convites que recebia, ele se deteve para olhar os edifícios a sua frente. Não tinha interesse pelo bar e pelo salão. Quanto aos depósitos, queria ser dono de um deles. No máximo, de dois.

Mas os proprietários iam ser procurados para vender tudo junto, num pacote. Sem dúvida um negócio bem mais fácil e atraente para eles.

Evan apertou os punhos ao lado do corpo, tomado por uma intensa sensação de impotência. O consórcio formado por aquele bando de garotos ricos tinha recursos que estavam completamente fora de suas posses. A venda da propriedade seria mais um daqueles casos clássicos dos que tinham muito conseguindo ainda mais, com toda facilidade, enquanto os que tinham pouco, ou nada, eram passados para trás.

O único problema era que, daquela vez, o que tinha pouco estava decidido a lutar contra o destino. Por mais difícil que fosse, encontraria um jeito de fazer o que queria.

Com essa idéia firme na mente, ele deu as costas à propriedade que desejava e caminhou para seu quarto. Lá, passou a noite estendido na cama, elaborando melhor sua estratégia e procurando se convencer de que tudo daria certo.

Capítulo VIII

— Também acho uma pena, Olívia — Catherine disse, ao telefone. — Esses resfriados de primavera são terríveis. Mas você logo vai melhorar.

Ela ouviu a prima dizer mais alguma coisa numa voz enrouquecida, tornou a manifestar sua simpatia e, afinal, cheia de alívio, desligou. Não andava com vontade de ver Olívia e não se sentiu culpada por ficar alegre com o cancelamento dos planos que tinham feito para aquela tarde. Obrigações de família eram muito aborrecidas, quando os parentes eram tão azedos quanto sua prima.

Ter a tarde inteira completamente livre não era ruim. Ao contrário, podia ser bem agradável. Seu pai estava no escritório; sua mãe, numa reunião com um grupo de senhoras da igreja a que pertenciam, e Jimmy, na casa de amigos. Ninguém iria atrás dela, até a hora de se vestirem para o jantar.

Sorrindo, Catherine pensou em todas as coisas que podia fazer, durante aquele tempo.

— Eu vou sair, Tilly — declarou, descendo a escada que levava à área de serviços, onde a criada de sua mãe estava ocupada, passando algumas roupas a ferro. — Mas não demoro.

Tilly ergueu os olhos, sorrindo para ela.

— Divirta-se com a sua prima.

Catherine foi tomada por uma pontinha de remorso por não dizer que Olívia não ia junto. Mas, se contasse, Tilly na certa faria um escândalo para impedir que saísse sozinha.

E estavam em 1900, ora! Muito tempo havia se passado, desde a época em que moças precisavam de acompanhantes para sair à rua.

Catherine se sentia plenamente confiante em sua capacidade de enfrentar qualquer situação, quando saiu e fechou a porta de casa atrás de si. Passou algum tempo olhando vitrines ao longo da Newbury Street, sem vontade de entrar nas lojas onde sua família mantinha contas abertas e poderia comprar o que quisesse. Comprar por comprar não era mais do seu gosto. Andava muito consciente do quanto já tinha.

Olívia, no entanto, era bem diferente. Não podia passar por uma loja sem entrar. E raramente saía de mãos vazias. Suas compras costumavam ser tão numerosas, que Catherine se cansava de esperar.

Satisfeita por estar sozinha, Catherine passou direto pelas lojas, rumando para o Jardim Público. A primavera, mais quente naquele ano que nos outros, já tinha feito as rosas desabrocharem, perfumando o ar. Cheia de prazer, ela respirou fundo, tomando um dos caminhos de cascalho que corriam por entre os canteiros de flores.

Catherine usava um conjunto de duas peças, feito em linho azul violeta, no mesmo tom dos jacintos agrupados junto à margem do caminho. Sob o casaco, tinha uma blusa de seda marfim de colarinho alto, enfeitada com medalhões de renda.

Um chapéu de abas largas protegia seu rosto do sol. Seus sapatos de couro tinham cano alto, totalmente escondido pelo comprimento da saia pregueada.

Sua roupa não era muito diferente da roupa usada pela maioria das mulheres que encontrava. Mas sua beleza se sobressaía. Para o homem que a observava, seu rosto dava a impressão de ser quase etéreo.

Evan ia ver Carmody e havia decidido cortar caminho pelo Jardim Público. Ao acordar, naquela manhã, tinha descoberto que a primavera havia chegado e se estabelecido na cidade. Não querendo perder o início maravilhoso da nova estação, resolvera passar pelo jardim e aproveitar o que pudesse. Se tudo corresse como havia planejado, teria pouco tempo para fazer isso, nos próximos meses.

Encontrar Catherine Bennington no caminho tinha sido um prêmio inesperado. Um prêmio que hesitava em aceitar. A prudência mandava que virasse as costas e fosse embora. Mas não era um homem prudente, por natureza. A audácia marcava sua personalidade.

Sorrindo, cruzou a distância entre eles e cumprimentou Catherine.

— Srta. Bennington, mas que prazer!

— Sr. O'Connell...

Ela apertou os lábios, torcendo para ele não perceber o quanto estava perturbada. Como o sol batesse de frente em seu rosto, ergueu a mão, sombreando os olhos e se escondendo um pouco.

Evan estava ainda mais bonito e atraente do que em seu último encontro, se é que isso era possível. Havia aparado os cabelos e barbeado o rosto como seu pai e seu irmão, sem as costeletas que outros homens apreciavam tanto.

O terno que usava era bem feito e de boa qualidade. Ele estava sem chapéu e tinha a pele bastante bronzeada. Lembrando-se de ter ouvido o pai falar qualquer coisa sobre o Texas, Catherine sentiu vontade de saber se era para lá que ele havia ido.

— Como vai o senhor? — ela perguntou, delicadamente.

— Muito bem, obrigado. E a senhorita?

Ela garantiu que estava em excelente saúde e os dois se puseram a caminhar, lado a lado.

— O dia está lindo, não acha? — Evan comentou.

— Maravilhoso.

De baixo da aba larga de seu chapéu, Catherine examinou-o disfarçadamente. Ele sorria de leve, os olhos iluminados pela própria autoconfiança e força interior.

Uma estranha e deliciosa sensação percorreu-a, acabando com sua cautela. O que mais queria no mundo era conhecê-lo melhor e saber o que se passava por trás daquelas feições atraentes.

— O que acha de trabalhar para o meu pai? Está feliz? — perguntou.

Evan ergueu uma das sobrancelhas escuras.

— Feliz? Creio que sim. É um trabalho que exige muito e é bem pago.

— Isso é importante? — Não querendo que ele pensasse mal de sua curiosidade, acrescentou depressa, depois de uma ligeira pausa: — Só estou perguntando porque a maioria dos rapazes parece mais interessada em segurança e estabilidade.

Um riso baixo escapou dos lábios masculinos.

— Como eu nunca tive segurança e estabilidade, não sinto falta de nada. Além do mais, eu não me sentiria bem preso a uma escrivaninha o dia inteiro, fazendo contas e coisas assim.

— Provavelmente não — Catherine concordou, lançando-lhe um rápido olhar.

O corpo viril, alto e rijo, irradiava energia e uma certa inquietude. Sem dúvida Evan detestaria se sentir preso, de qualquer maneira que fosse. Não pela primeira vez, imaginou o que ele fazia para seu pai. Que trabalho era esse, que lhe dava a oportunidade de liberar tanta energia? Nunca havia perguntado, por medo de revelar um interesse muito grande e despertar suspeitas em sua família.

Ela não queria que seus pais pensassem que tinha em mente a idéia de formar laços indesejados. Isso não só lhe traria problemas como seria injusto para com Evan, que nunca tinha feito nada para encorajar seus sentimentos.

A frequência com que ela precisava se lembrar disso zombava de seus esforços. Evan tomava conta de seus pensamentos nas horas mais inapropriadas, geralmente quando estava no banho e depois de ter ido para a cama.

Sua imaginação, nessas ocasiões, criava cenas tremendamente embaraçosas. Era um alívio saber que ele não tinha a menor noção delas.

Evan olhou para a garota a seu lado como olharia para um objeto raro e lindo que surgisse inesperadamente em sua linha de visão. Para ele, mulheres como Catherine Bennington eram feitas para nunca entrarem em contato com o lado mais rude e sórdido da vida.

Ela não era como Maude, que conhecia os negócios do pai tão bem quanto o próprio Carmody e não se surpreendia mais com nenhuma aberração do comportamento humano. Ao contrário, Catherine era ingênua, tinha sido protegida a vida inteira e continuava pura e inocente. Do modo que ele gostaria muito que ela continuasse a ser.

Se Catherine pudesse ler os pensamentos de Evan naquele instante, na certa ficaria ofendidíssima. Afinal, ela se considerava um ótimo exemplo da nova mulher: independente, auto-suficiente e de mentalidade aberta.

O fato de viver num casulo de luxo não mudava nada disso, em sua opinião. Se algum dia se visse às voltas com a fria realidade, teria condições mais do que suficientes para se sair bem.

Eles estavam chegando a uma bifurcação, no caminho que haviam tomado. De um lado ficava a saída do jardim; do outro, um lago cheio de barcos.

Evan não queria se separar de Catherine. Sem ligar para a sensatez de seu gesto, sorriu

e indicou a água.

— É um dia perfeito para um passeio de barco. Quer ir comigo? Catherine hesitou. Ainda que só um pouco, era mais prudente do que ele. O bom senso lhe dizia para recusar o convite polidamente, despedir-se e ir para casa. Mas a água azul era atraente demais. Como Evan...

— Quero, sim.

À sombra gostosa da velha casa de barcos, feita de madeira, Evan concluiu as negociações. O senhor que tomava conta do local, velho e cheio de reumatismo, entregou-lhe dois toletes e fez um gesto vago na direção dos barcos.

— Sirva-se, senhor. A freguesia não é grande, no momento. Afinal, estamos no meio do dia.

Evan assentiu. Pegando o barco que julgou melhor, puxou-o para a margem do lago. Depois de colocar os toletes no local apropriado, tirou o casaco e depositou-o em um dos bancos.

Ajudando Catherine a entrar, empurrou o barco para a água. Em seguida, subiu rapidamente, evitando molhar até mesmo a barra da calça. Pegou os remos no fundo da embarcação e passou-os pelos toletes. Usando os joelhos para impedir que escorregassem para a água, arregaçou as mangas da camisa e sorriu para sua convidada.

— Faz muito tempo que não remo.

Ela não conseguiu deixar de retribuir o sorriso.

— Quer dizer que vou ter que ajudar a remar, se formos muito longe?

Evan fingiu estar horrorizado com essa possibilidade.

— Não me diga que você é capaz de remar! Ela confirmou.

— E nadar, andar a cavalo, jogar tênis e esqui.

— Esqui? O que é isso?

— Um esporte que se pratica na Europa, no inverno. A pessoa desce a encosta das montanhas com os pés presos a... a uma espécie de trenós estreitos e compridos. É uma delícia! Aprendi a esqui alguns anos atrás, durante umas férias que passei na Suíça.

— Parece cansativo. Sem falar no frio. Não gosto muito de neve. Tínhamos pouca, na Irlanda. Só vi mesmo o que era uma nevasca, quando vim para cá.

— Quando foi isso?

Catherine estava louca para descobrir mais coisas a respeito de Evan, mas não queria manifestar exageradamente sua curiosidade. Além disso, sabia que ele podia considerar o passado um ponto sensível e não estar disposto a lhe contar nada.

Realmente, Evan não gostava de falar do passado. Mas deixou sua relutância de lado, ao fitar a linda garota sentada a sua frente. Estar ali com ela, sozinho e numa situação que podia ser descrita como amigável, era algo tão fora do comum que o levou a se esquecer de toda e qualquer cautela. Fascinado, acabou se abrindo sem nem sentir direito o que fazia.

— Três anos — murmurou, enfiando os remos na água e impulsionando o barco em direção ao centro do lago. — Se bem que às vezes tenho a impressão de estar aqui há mais tempo.

Catherine colocou a mão para fora do barco, deixando a água brilhante escorrer por entre os dedos.

— E por que resolveu vir?

— Por causa da fome.

Ela ergueu os olhos assustados para ele, que acrescentou:

— E não estou falando só da fome física. Verdade que as coisas não estavam tão ruins quanto durante os anos da Grande Fome, quando milhares de pessoas morreram ou fugiram de lá. Mas um homem não pode alimentar sua alma só com batatas. Ou sonhos...

Catherine assentiu, certa de que entendia.

— O senhor veio para cá, pensando em melhorar de vida.

Disfarçadamente, Evan examinou-a. Seria cômodo e fácil deixar que ela acreditasse nisso. Com certeza era a explicação em que as pessoas mais gostavam de acreditar, e às vezes até exprimia a verdade. Não era o seu caso, no entanto.

— Eu vim embora — esclareceu lentamente —, porque estava passando fome e sabia que, se ficasse, minha zanga ainda ia me levar a tomar uma atitude que me custaria a vida. Além disso, descobri que os homens contra os quais estava lutando, os homens que sugavam a riqueza e o orgulho da Irlanda, entendiam tudo melhor do que eu. Só estavam esperando

outra geração se jogar contra eles, para esmagar a todos.

A amargura na voz de Evan a chocou. Catherine não tinha idéia do que dizer. Afinal, embaraçada, acabou admitindo:

— Não conheço quase nada da situação na Irlanda. A única coisa que sei é que muita gente acha que os ingleses não deviam estar lá.

— A Irlanda precisa ser libertada. A Inglaterra deve sair de lá para sempre. O problema é que os ingleses controlam a minha terra há quase oitocentos anos e não vão sair assim, sem mais nem menos.

— Pelo seu modo de falar, até parece que é a favor da violência. Evan fitou-a com um sorriso que fez o coração dela bater mais depressa.

— Isso choca a sua fina sensibilidade, srta. Bennington? Não sei se sabe, mas nós vivemos num mundo violento. Agora mesmo, os ingleses estão lutando para tomar a África do Sul dos Boers, e os chineses estão lutando por sua liberdade, contra os europeus e os americanos. Só Deus sabe quantas outras guerras estão em andamento, pelo mundo afora. A Irlanda é só uma pequenina parte deste planeta.

— Só porque a violência é comum, não é motivo para ser considerada certa. Deve haver um jeito melhor de conseguir o que se quer.

— Que jeito? Negociando? Assinando tratados? Tudo isso foi tentado e só acabou em traições. Se a Inglaterra conseguiu se apossar de uma parte tão grande do mundo, foi porque usou a força, depois mais força e por último mais força ainda. É isso que os ingleses entendem e respeitam. Se não lutarmos contra eles em pé de igualdade, jamais conseguiremos vencer.

Erguendo a cabeça, Catherine encarou-o, os olhos cinzentos cheios de franqueza.

— Se é nisso que acredita, então por que está aqui?

Evan estremeceu. Sabendo ou não o que fazia, ela havia tocado num ponto fraco. Durante alguns momentos, ele tinha se esquecido de que estava falando com a filha de Drake Bennington. Agora, só lhe restava xingar-se por ter feito isso.

— Encontrei aqui oportunidades que não existem na Irlanda — disse, afinal. — Foi por esse motivo que vim.

— Claro. E ninguém pode censurar um homem por isso. No fundo, ela estava um pouco desapontada. Ele havia falado com muito ardor da necessidade que seu povo tinha de ser livre, mas parecia bem feliz em deixar a Irlanda para trás e se dedicar à própria vida.

Fitando o rosto másculo, ela sentiu vontade de saber o que um homem tão pragmático podia querer da vida. Sem dúvida, Evan considerava o trabalho que realizava para seu pai importante. No entanto, ela sentia que não estava satisfeito em ser apenas um empregado, por mais bem pago que fosse. Ele não havia dito nada nesse sentido, mas estava tão certa disso, quanto estava de seus mais secretos anseios.

Evan queria mais, muito mais! O único problema era saber como pretendia conseguir o que almejava.

Naturalmente, não podia lhe perguntar, por mais que quisesse saber. Más observando a suavidade com que os braços fortes trabalhavam, remando em direção ao centro do lago, ela teve a certeza de que por mais que ele quisesse do destino, na certa acabaria conseguindo.

O que muito invejava nele. Sua própria existência lhe parecia bem mais complexa e desorganizada. Não tinha metas definidas nem ideais brilhantes a que pudesse se dedicar.

Não se sentia atraída nem mesmo pelos objetivos considerados apropriados a toda garota de sua classe social: o casamento e a maternidade. Como tudo em sua vida, isso terminaria simplesmente acontecendo.

Catherine era grata aos pais amorosos, que a protegiam e guiavam em tudo. Mas estava começando a se rebelar contra o domínio que exerciam sobre ela, mesmo sabendo que eram bem-intencionados. E agora, vendo Evan, foi invadida por uma vontade imensa de tomar nas mãos as rédeas de seu próprio destino, fosse ele qual fosse.

Capítulo IX

Evan deixou Catherine na saída do parque. Educadamente, ela não aceitou quando ele

se ofereceu para acompanhá-la até em casa. Afinal, ambos sabiam que isso não seria conveniente.

O rapaz seguiu-a com os olhos enquanto se afastava, mantendo o queixo erguido e movendo os quadris de forma atraente. Um sorriso surgiu em seus lábios, embora sentisse uma forte frustração. Desejava Catherine, desde o primeiro momento em que havia pousado os olhos nela. Até aquele instante, consolara-se com o pensamento de que, se Catherine Bennington estava fora de seu alcance, o tipo de mulher que ela representava não.

Se ele conseguisse progredir como esperava, teria muitas mulheres como Catherine a sua disposição. O único problema era que, aparentemente, já tinha feito sua escolha.

Decidido, ele afastou os pensamentos de Catherine e se pôs a caminhar, tomando a direção oposta. Poderia ter entrado numa das carruagens de aluguel, estacionadas junto ao parque, mas preferiu fazer um pouco de exercício.

Quando chegou a North End, começou a prestar mais atenção ao ambiente em volta de si. Apesar da taxa de criminalidade ter diminuído bastante naquela parte da cidade, graças aos esforços de líderes como Carmody, era sempre bom estar alerta. Ali, as ruas eram muito mais estreitas do que na área junto ao parque. As novas lojas, que aos poucos iam expulsando do bairro os vendedores ambulantes com seus carrinhos, exibiam vitrines enfeitadas e cheias de mercadorias. Muitas mulheres, levando cestas no braço, estavam na rua fazendo compras para o jantar. Crianças corriam entre elas, as mais ousadas surrupiando maçãs de uma lata, depois fugindo a toda velocidade do quitandeiro, que as perseguia de punho erguido.

Evan afrouxou a gravata, sem parar de andar. Apesar dos muitos perigos que corria ali, sentia-se mais à vontade em North End. Ao contrário de Beacon Hill e do centro da cidade, aquele era um lugar que conhecia e onde começava a ser conhecido.

Várias pessoas o cumprimentaram respeitosamente quando passou. Ele retribuiu os cumprimentos, mas continuou andando. Não gostava de parar pelo caminho, quando tinha trabalho a sua espera.

Ainda assim, não lamentava as horas que havia tirado de folga, aquela manhã. Elas haviam ajudado a clarear sua mente e suas idéias. Além disso, o encontro com Catherine tinha afastado todas as dúvidas que ainda o atormentavam. Agora sabia melhor do que nunca o que desejava da vida e o que teria de fazer para alcançar seus objetivos.

Evan assobiava baixinho ao entrar na mercearia. Maude estava atrás do balcão. Tinha os cabelos ruivos presos no alto da cabeça, com alguns cachinhos emoldurando-lhe o rosto, num estilo que ele achava que lhe ficava muito bem. Como de costume, estava simplesmente vestida, com uma blusa listrada e saia azul-marinho.

Ela ergueu os olhos e suspirou, ao ver o recém-chegado.

— Você, de novo! Logo agora, quando eu estava achando que ia convencer papai a subir e descansar um pouco! Caso tenha algum interesse em saber, o dia dele foi ocupadíssimo, com gente entrando e saindo o tempo inteiro. Existe um limite para o que um homem dessa idade é capaz de agüentar!

— Não deixe seu pai ouvir você dizendo uma coisa dessas — Evan preveniu, com um sorriso. — De qualquer maneira, eu tenho boas notícias para ele.

A garota fitou-o com ar de dúvida.

— Que notícias?

— Venha comigo, que vai saber. Eu até gostaria de ouvir a sua opinião.

Maude fingiu hesitar, mas Evan percebeu que estava contente com suas palavras. Era uma garota inteligente, com uma mente viva e prática. Se houvesse uma aresta em seu plano, ela descobriria tão depressa quanto ele e Carmody. Talvez até mais depressa.

Mas quando ele explicou a Carmody e Maude o que pretendia fazer, nenhum dos dois conseguiu pensar em nada, além dos problemas mais óbvios.

. — Não vai ser fácil de arranjar — disse Carmody. — Principalmente em tão pouco tempo.

— Foi por isso que vim atrás de você — Evan retrucou. — Ninguém conhece North End melhor. Preciso de meia dúzia de homens do meu tipo, com meios para adquirir um pequeno negócio. Separados, não teríamos a menor chance contra o grupo de Beacon Hill, mas juntos poderemos fazer o jogo deles e ganhar.

— Você quer formar um consórcio, como eles fizeram? — perguntou Maude.

Evan assentiu.

— Isso mesmo. E daremos ao nosso consórcio um belo nome, I também. O que vocês acham de Associação de Investimentos Nova Inglaterra?

Carmody riu.

— Um belo nome, sem dúvida. Sabe, garoto, quanto mais penso a respeito, mais acho que você pode estar no caminho certo. É verdade que os irlandeses sempre foram um bando de bríguintos, pouco dispostos a cooperar uns com os outros, mas tudo pode mudar. — O olhar dele brilhou, cheio de ironia. — Principalmente neste grande Mundo Novo onde estamos.

— Precisamos ser realistas, Carmody. Apesar de já haver alguns rapazes irlandeses fazendo faculdade em Harvard, e um ou dois de nós estarem morando em Beacon Hill, ainda existe uma elite nesta cidade que continua tão fechada para nós quanto cinquenta anos atrás. Trabalhando para Drake Bennington, tive oportunidade de ver como essa gente age. É ótimo fazer negócio em grupo, se esse grupo tem os mesmos objetivos e pontos de vista. Os interesses são iguais.

— Por aqui, um grupo desses é taxado de gangue — comentou Maude.

Evan deu de ombros.

— Em Charles Street, é chamado de consórcio. Não acredito que sejam muito diferentes.

Maude não disse mais nada contrário à idéia de Evan. Ouviu atentamente o pai relacionar os homens que poderiam se juntar ao rapaz e sugeriu alguns, ela mesma. No início da noite, já tinham uma lista de doze pessoas de toda confiança.

Carmody sorriu, satisfeito.

— Não sei como eu mesmo não pensei nisso. Todos os homens desta lista são honestos, trabalhadores e estão loucos por uma oportunidade para melhorar de vida. O'Riley, por exemplo, dirige um salão há quase dez anos. Conhece o negócio melhor do que ninguém e há muito tempo quer ter um lugar seu.

Ele estudou a lista por mais alguns segundos e apontou outro nome.

— Donnelly vai se aposentar da Força Policial, em um mês. Com o que economizou e a pensão, tem o suficiente para viver bem, mas é do tipo que não consegue ficar à toa.

— Vou ter de falar com todos, amanhã ou depois, no máximo. Não tenho tempo a perder.

Carmody assentiu, pensativo. Depois, franziu a testa.

— Outra coisa, garoto... Quando estiver com o dinheiro na mão, como vai se aproximar dos proprietários sem revelar seu papel nesse negócio? Você não disse que não queria que ficassem sabendo da sua participação?

— Disse e repito. Mas isso não é problema. — Evan sorriu do espanto de Carmody. — Se há uma coisa que Boston tem mais do que banqueiro, é advogado. Vou arranjar um deles, com a cara mais honesta possível, para representar a Associação de Investimentos Nova Inglaterra. Ele vai fazer o trabalho de frente, enquanto eu fico nos bastidores. Com um pouquinho de sorte, fecharemos o negócio sem que ninguém saiba de nada.

— Muito bem, garoto! Você aprendeu bastante trabalhando para o Bennington. Mas se fosse eu fechando esse negócio, faria questão de que o mundo inteiro soubesse.

— O mundo vai saber. Na hora certa. — Evan levantou-se para sair. — Eu volto amanhã de manhã, bem cedo. Dá para você chamar o primeiro da lista para falar comigo?

Carmody concordou. Depois, fitando o rapaz com ar pensativo, murmurou:

— É uma pena você se sentir tão atraído pelo mundo dos negócios, Evan. Tem todo o jeito de um ótimo político. Talvez fosse melhor você mudar de rumo e concorrer a um cargo político pelo nosso bairro.

Rindo, Evan meneou a cabeça.

— Esse campo é seu, não o meu. Além disso, se existe uma coisa que Boston tem mais do que advogado, é político irlandês. Prefiro tentar a vida em uma área nova.

— É exatamente o que vai fazer, enfrentando essa turma de Beacon Hill. Se eles acharem que está dando um passo maior que as pernas, não vão perdoar. Vão cair em cima de você.

— Deixe que eu me preocupo com isso — o rapaz retrucou, mesmo sabendo que não se preocuparia. Sua confiança era tanta, que acabava com todos seus temores.

Desde seu nascimento, Evan vivia ultrapassando os limites que o destino parecia lhe impor. Agora, afinal, a recompensa estava a seu alcance. Não tinha dúvidas de que conseguiria o que desejava, embora já começasse a achar que aquilo não seria o suficiente.

A imagem de Catherine Bennington brilhou em seus pensamentos: linda, inocente e

inatingível.

Por enquanto.

— O que é a Associação de Investimentos Nova Inglaterra? — Drake perguntou.

Estava em pé na porta do escritório, pronto para sair. Pelas janelas altas, que davam para a rua, entrava a luz suave do entardecer.

Tinha sido um dia típico de fim de primavera, quente e agradável. Ele estava louco para ir para casa. Ao contrário do que sempre acontecia, aquela noite ele e a esposa não tinham nenhum compromisso social.

Seus filhos iriam a uma festa de gente jovem, onde estariam muito bem cuidados, e ele encarava com alegria a perspectiva de uma noite a sós com Elizabeth. Comparado a isso, o assunto que Jacob Stein acabava de mencionar não tinha a menor importância, mas sua curiosidade havia sido aguçada.

— Não sei — Jacob respondeu. — Ouvi dizer que é um grupo novo, formado alguns dias atrás, para adquirir uns terrenos que ficam diante do cais. Parece que foi um negócio feito às pressas, um passo adiante dos rapazes do Consórcio Porcellian.

— Eles devem ter ficado bem desapontados — Drake murmurou, distraído.

Rapidamente, fez uma revisão mental das pessoas que poderiam estar interessadas naquela propriedade, mas não chegou a uma conclusão. A maioria dos candidatos já possuía terrenos por lá. A compra na certa havia sido realizada por um grupo de rapazes, tentando seus primeiros investimentos.

— De qualquer maneira, logo vamos saber quem são — concluiu.

— Sem dúvida, senhor. — Jacob hesitou um instante. — Mais alguma coisa, senhor?

— Não, obrigado. A menos, naturalmente, que você tenha mudado de idéia.

O empregado sorriu, contrafeito.

— De maneira alguma, senhor. Se eu mudasse, minha mulher jamais me perdoaria.

— E ela teria toda razão. Depois de tantos anos de trabalho duro, vocês dois merecem uma vida mais fácil.

— Não sei se vou me dar bem com a vida de aposentado, mas a idéia de passar mais tempo com a minha família, principalmente com meus netos, é muito atraente.

— Sei disso. Mesmo assim, sou obrigado a reconhecer que não estou gostando do fato de ter de procurar outro secretário. Seu trabalho sempre foi extraordinário, Jacob. Não tenho a menor dúvida de que não poderá ser substituído.

— É muita gentileza de sua parte, senhor. Eu também devo dizer que não poderia ter encontrado um patrão melhor. Mas nós dois sabemos que ninguém é insubstituível.

— Pode ser que não, — mas você chega perto. Se tem alguma recomendação a fazer quanto a um sucessor, terei muito prazer em ouvir.

— Vou pensar nisso com todo cuidado — Jacob prometeu. — Ainda temos tempo. Afinal, eu não vou embora amanhã.

— Não — Drake concordou. — Foi muito decente da sua parte, me avisar com tanto tempo de antecedência. Mas o tempo corre e janeiro chega logo. Se for possível, eu gostaria de contratar alguém antes disso. Para que você possa lhe dar todas as instruções necessárias.

Jacob inclinou a cabeça, assentindo.

— Será um prazer, senhor.

Drake sorria ao deixar o escritório. Nos doze anos em que Jacob havia trabalhado para ele, tinham mantido uma formalidade que em nada diminuía a força de seu afeto e respeito mútuos.

Há algum tempo sabia que o velho empregado estava pensando em se aposentar, mesmo assim tinha sido um choque descobrir que ele havia decidido sair. Jacob Stein deixaria muitas saudades.

— Precisamos fazer alguma coisa para ele — Elizabeth comentou, quando Drake lhe contou a novidade. — Além do costumeiro jantar de despedida.

— Jacob sempre teve uma paixão secreta por cavalos de corrida. Pensei em lhe dar um potro de presente.

— Que idéia maravilhosa! Com um cavalo para prender seu interesse, ele não vai se aborrecer.

— Acho que não vai, de qualquer jeito. Nos últimos anos ele adquiriu uma boa quantidade de ações em firmas, e isso vai servir para mantê-lo ocupado.

Usando os conhecimentos adquiridos a serviço de Drake, Jacob havia se tornado um homem rico. Mesmo sem a generosa pensão a que tinha direito, estaria muito bem de vida.

— Você vai ter de procurar muito para encontrar alguém à altura dele — Elizabeth comentou.

Os dois estavam jantando à luz de velas na saleta que ela costumava ocupar, em vez de na sala de jantar, embaixo. Elizabeth usava um vestido simples de gaze branca, com peônias bordadas na barra e um decote bastante generoso. Tinha os cabelos presos no alto da cabeça com um enfeite de brilhantes. Olhando-a, Drake achou que nunca a vira tão jovem e cheia de encanto.

— As crianças deviam sair mais vezes — murmurou, erguendo a taça num brinde a ela.

Elizabeth corou, mas sustentou o olhar do marido com a ousadia de sempre.

— Agora que eles estão mais velhos, vão sair. E nós, provavelmente, teremos dificuldade em ver os dois.

— Espero que não — disse Drake.

E estava sendo sincero. Apesar de adorar ficar a sós com a esposa, amava os filhos e gostava de estar com eles. Um brilho triste surgiu no olhar de Elizabeth.

— Jimmy está fora a maior parte do tempo, na escola. Cat também estaria, se tivesse decidido ir para a faculdade.

— Pode ser que ela ainda vá. É cada vez maior o número de mulheres que resolvem estudar.

Elizabeth sorriu.

— Ela diz que é muito frívola para uma coisa tão séria. Só que de frívola ela não tem nada.

— É impressão minha, ou Cat anda preocupada com alguma coisa? — perguntou Drake.

— Também pensei nisso, mas todas as vezes que perguntei, ela me garantiu que não há nada, que vai tudo bem.

— Provavelmente vai. Afinal de contas, que preocupação pode ter uma moça como ela?

Elizabeth lançou um olhar de censura ao marido.

— Ela está numa idade difícil, não é criança nem adulta. Quando se casar, as coisas ficarão mais fáceis.

— Casar?! Ainda é muito cedo para pensarmos nisso, Elizabeth!

Elizabeth tomou um gole de seu vinho.

— Eu não teria tanta certeza. Cat é uma moça muito bonita, com vários admiradores.

— Mas isso não quer dizer que ela deva se envolver seriamente com um deles. Ainda é muito cedo!

— Claro que é — Elizabeth tranqüilizou o marido. Mas depois de uma pequena pausa, não resistiu e acrescentou: — Se bem que me lembro de outra moça, recém-apresentada à sociedade, e que acabou se casando repentinamente...

— Isso foi diferente. Havia uma... atração muito intensa entre nós.

— E verdade — ela reconheceu, corando de leve ao se lembrar da paixão que Drake havia lhe inspirado. E desde o começo, muito antes de haver amor entre eles. — Mas isso também pode acontecer com Cat. Falando com toda sinceridade, eu espero que aconteça. Não consigo imaginar nossa filha num casamento polido, tipo água morna. Ela precisa de alguém de gênio forte, que represente um desafio em todos os sentidos.

— Ela precisa amadurecer um pouco, antes de pensar em casar — Drake insistiu. — Você teve uma criação diferente, sem muitos dos privilégios que Cat encara como seus por direito. Sei que as condições foram melhorando em Calvert Oaks, à medida que seu pai se recuperava dos estragos da guerra, mas as experiências que você viveu, na infância, fizeram com que amadurecesse mais depressa do que Cat.

— Mesmo assim, ela é bem mais amadurecida que as outras meninas de sua idade. E olhe que não estou dizendo isso só por ser mãe dela. Cat tem uma inteligência e uma vitalidade que me dão muito orgulho.

Inclinando-se por cima da mesa, Drake segurou a mão da esposa.

— Também me orgulho dela. — Fez uma ligeira pausa, depois continuou, acariciando a mão da esposa com o polegar: — Você já percebeu que quando temos a rara oportunidade de ficar sozinhos, passamos o tempo todo falando nas crianças?

— Isso é muito ruim?

— Na verdade, não. Um dia, eles vão tomar o próprio caminho, mas sempre serão a prova viva do amor que nos une. O que me faz lembrar...

Levantando a mão de Elizabeth, ele pousou os lábios na pele sensível e delicada da palma. Ela retribuiu acariciando-lhe o rosto com a outra mão. O queixo de Drake exibia uma leve aspereza, resultado de um dia inteiro sem fazer a barba.

— Devo me barbear? — ele perguntou, erguendo as sobrancelhas com ar malicioso.

— De jeito nenhum! Você sabe que eu adoro sentir você assim. Já esquecidos do resto do jantar, os dois passaram para o quarto vizinho. Drake despiu-a com uma lentidão incrível.

Incapaz de se conter, Elizabeth gemeu baixinho, sentindo os lábios masculinos pousarem em suas pálpebras e descerem, devagarinho, em direção a sua orelha. Quando, afinal, os dentes do marido se fecharam em torno do lóbulo rosado, agarrou-o com força pelos ombros.

— Drake, esta noite eu não quero esperar. Ele sorriu.

— E eu, que estava pensando que ia ter a chance de realizar uma sedução lenta e sensual!

— Depois — ela prometeu, segurando-lhe as abas da camisa e puxando com força. Botões voaram, indo pousar na cama.

O peito levemente coberto por pêlos escuros não havia perdido a rigidez da juventude. Enterrando o rosto nele, Elizabeth gemeu de puro prazer.

Drake riu, adorando a agressividade da esposa. Seu ato de amor não havia se tornado rotineiro, apesar de todos aqueles anos juntos. Ainda tinha o gosto especial de tudo que era novo e atraente, além da familiaridade própria de velhos amantes, que sabiam muito bem como se dar prazer.

No último momento, antes de se perder em Elizabeth, ele pensou na sorte maravilhosa que tivera, casando-se com ela. Sem ela, não teria conhecido o amor. Com ela, vagava pelos vastos e variados domínios do mais forte dos sentimentos, seguro como um explorador que já passou pelo mesmo caminho inúmeras vezes, mas sempre descobre algo de novo.

Drake acariciou o corpo de Elizabeth com o seu, encontrando nela a realização de seus sonhos mais queridos. Quando, afinal, os dois adormeceram, foi nos braços um do outro, aconchegados num paraíso todo seu, que mantinha o mundo exterior completamente a distância.

Capítulo X

— O sr. Bennington quer vê-lo — Jacob disse a Evan. — Mas ele não está aqui, no escritório. Está no iate, o *Elizabeth*. Deixou recado para você ir até lá.

Evan disfarçou o aborrecimento. Tinha feito planos de se encontrar, aquela tarde, com um comerciante interessado em alugar parte de sua nova propriedade, junto ao cais. Agora, o encontro teria de ser adiado.

— Você sabe o que ele quer comigo? Jacob deu de ombros.

— Mais uma daquelas investigações, imagino. Por falar nisso, já que você vai até lá, pode levar estes relatórios? Estão todos revistos. Só falta o sr. Bennington dar uma olhada nas mudanças que fiz.

Evan ajeitou o grosso envelope debaixo do braço.

— *Elizabeth*, não é? É esse o nome do iate dele?

— Isso, mesmo. Está na marina reservada a iates. Você vai ver logo.

Pouco depois, Evan entendeu o que Jacob queria dizer com essas palavras. A marina, localizada na Back Bay e servindo tanto a Beacon Hill quanto a Cambridge, exibia alguns dos mais belos iates do mundo.

Mas nenhum deles se comparava ao *Elizabeth*. Finamente construído, ostentava mais de noventa metros de pura beleza. Diziam que havia custado acima de duzentos mil dólares. Mesmo olhando de longe, era fácil acreditar nisso.

Evan chegou ao iate de lancha. A bordo, foi levado para a proa. Os Bennington estavam reunidos sob um largo toldo, que os protegia do sol.

Catherine e Jimmy jogavam gamão. Ele usava calça de linho branco, camisa branca e

casaco listrado de azul-marinho e branco. Ela, um vestido de fustão branco, justo na cintura, com mangas até o cotovelo e gola de marinheiro.

Ambos ergueram o rosto, quando Evan se aproximou. Catherine, que acabava de fazer uma ótima jogada, estava sorrindo. Mas o sorriso desapareceu, assim que ela o viu.

Não porque estivesse aborrecida com a presença dele. Ao contrário, quando seus olhares se encontraram, uma onda do mais intenso prazer percorreu-a. Mas era sensata, e fez o possível para esconder o que sentia.

Jimmy, por sua vez, gostou muito de ver o recém-chegado e não fez segredo disso.

— Que bom ter o senhor conosco, sr. O’Connell!

— Só vim trazer estes papéis — Evan replicou. E entregou o envelope a Drake, fazendo o possível para não olhar na direção de Catherine.

A luz do sol transformava seus cabelos em puro ouro. Os olhos eram grandes e luminosos, e a boca, cheia e macia. Com o menor dos encorajamentos, ele seria capaz de esquecer da prudência e dar vazão ao desejo que sentia por ela.

O que seria a maior das tolices. Drake Bennington era, sem dúvida, um homem cordial e de fácil convivência. Recebeu Evan muito bem, chegando ao ponto de convidá-lo para um aperitivo. Mas essa atitude hospitaleira mudaria num piscar de olhos, se percebesse algum interesse em relação à filha.

Aceitando a cadeira que lhe foi oferecida, Evan refletiu que se Drake tivesse a mais leve noção de seus pensamentos, na certa o colocaria pessoalmente para fora do iate, e sem a ajuda de um passadiço.

— Só vamos zarpar daqui a uma hora — Drake disse. — Quero ver se examino todos os papéis antes disso, para não ter de levar nada comigo. — E estendendo metade dos papéis a Evan: — Tome. Dê uma olhada nisso e me diga o que pensa das recomendações de Jacob.

Contendo um suspiro, Evan obedeceu. Para sua surpresa, porém, logo estava imerso nos relatórios. Tanto que até se esqueceu do aperitivo trazido por um dos camaroteiros.

Mesmo assim, ele não perdeu a consciência da proximidade de Catherine. Ela havia voltado, com alguma relutância, ao jogo de gamão.

Os papéis mandados por Jacob consistiam numa série de relatórios sobre possíveis investimentos. Havia balanços financeiros de várias firmas e descrições de cada uma delas, além das opiniões pessoais de Jacob. ,

Essas opiniões eram sempre claras e sem dúvida confiáveis, mas em um ou dois casos Evan achou que Jacob estava sendo desnecessariamente cauteloso.

Quando manifestou seus pensamentos, Drake assentiu e fez algumas anotações a lápis, mas nada comentou. Evan já tinha visto os últimos relatórios, quando a lancha surgiu. A bordo, trazia um homem loiro, de meia idade e com o colarinho de um integrante da igreja, e uma senhora.

— Tomara que Mari esteja bem — Elizabeth murmurou, ansiosa, deslocando-se em direção à amurada.

Uma cadeira de vime tinha sido baixada do iate para a lancha, que subia e descia, ao sabor das ondas. A senhora foi ajudada a se sentar na cadeira, depois puxada para cima. O cavalheiro usou a escada de cordas.

— Minha nossa! — Mari exclamou, saindo da cadeira para o abraço carinhoso de Elizabeth. — Foi uma experiência e tanto!

Os olhos brilhando por trás das lentes dos óculos de aro de metal, ela se ergueu na ponta dos pés para abraçar Drake.

— Eu me senti uma garotinha de novo!

— Estou tão contente por você ter podido vir! — Tomando a senhora pelo braço, Elizabeth foi com ela até uma espreguiçadeira debaixo do toldo, onde Catherine e Jimmy esperavam para abraçá-la.

Ouvindo a conversa, Evan deduziu que a mulher era tia da sra. Bennington. Mas foi só quando juntou o rosto e o nome, que percebeu quem estava ali.

Mari Mackenzie era uma espécie de mito em Boston. Havia começado trabalhando numa tecelagem, em Lowell, tinha se casado com Josiah Mackenzie e, depois, ao enviuvar, ficado com quase todos os milhões dele. Há anos vinha travando uma batalha amarga com o enteado mais velho, Gideon, que apesar de já estar com mais de sessenta anos, não perdia a esperança de conseguir o que considerava seu, por direito.

O cavalheiro com ela era Nathan Mackenzie, tio de Elizabeth e irmão mais novo de Gideon. Um homem completamente diferente do irmão, Nathan era pastor há mais de vinte anos. Vivia com simplicidade, doando quase todo seu dinheiro para obras de caridade, e aparentava ser feliz. Ele sorriu para Evan, ao serem apresentados.

— O sr. O'Connell trabalha no meu escritório — Drake explicou.

— Ouvi falar nisso — disse Mari. Apesar de ter as costas encurvadas e o rosto coberto de rugas, ela parecia extremamente astuta ao examinar Evan. — Você trabalhava para o Carmody, não é?

Evan ficou tenso. Era uma surpresa descobrir que ela sabia da existência de Carmody. Se bem que, pensando melhor, não tinha motivos para se espantar. Pelo que ouvira contar de Mari Mackenzie, ela possuía interesses em muitos negócios, naquela região.

— Trabalhava, sim — respondeu, cauteloso. — Ele me deu emprego, logo que eu cheguei.

— Assim que você desembarcou?

— De certo modo, foi isso mesmo. Percebendo a reticência do rapaz, ela declarou:

— Não há nada de errado com isso. Nós todos chegamos aqui da mesma maneira. Não é verdade, Drake?

Para surpresa de Evan, Drake riu.

— Mari, você sabe muito bem que meus antepassados eram um bando voraz, que chegou a esta terra com o carrasco nos calcanhares. E não foram os únicos. Isso obviamente explica a preocupação dos americanos com a respeitabilidade. Quase todos nós temos segredos de família, que não gostaríamos de revelar.

— O novo-rico de hoje é o aristocrata de amanhã. É isso que você quer dizer, não é, Drake? — Nathan perguntou, sorrindo.

— Uma explicação tão boa quanto qualquer outra. Agora, se me dão licença, vou acompanhar Evan até a lancha.

Caminhando em direção a lancha, Drake passou o braço pelos ombros do rapaz.

— Diga a Jacob para ele agir o mais rápido possível. Nos pontos em que você discordou dele, vou acatar a sua opinião, Jacob pode querer discutir esses pontos com você, mas não se preocupe. A intenção dele é a melhor.

Evan não teve chance de perguntar que intenção era essa, pois logo em seguida Drake acrescentou:

— Vou estar em Newport durante um ou dois meses, mas é importante que eu tenha meios de me comunicar com o escritório. Quero que você entre em contato com Jacob todas as semanas, pegue os papéis que ele tiver separado e traga para mim. Vamos verificar tudo, juntos, mesmo que isso leve alguns dias. Você vai ter que passar algum tempo longe de Boston, mas creio que vai achar interessante.

Evan não tinha tanta certeza. Não gostava da idéia de ser garoto de recados de Drake, mas reconhecia que poderia aprender muito participando das decisões.

No entanto, mesmo pensando nisso, não conseguiu ficar contente com o encargo. Em primeiro lugar, sair de Boston ia interferir com seus planos. Em segundo, faria com que entrasse em contato com Catherine.

Sua intuição o avisava para ter cuidado com ela. Catherine exercia sobre ele um efeito intenso, perigoso.

Ela era a última mulher que deveria desejar, mas não conseguia se conter. Bastava colocar os olhos nela, para se lembrar do quanto a desejava.

De pé no cais, Evan observou o *Elizabeth* zarpar. O iate saiu do porto movido a motor, mas ao alcançar mar aberto, abriu as grandes asas de lona para aproveitar o vento.

O rapaz prendeu a respiração. Havia crescido junto ao mar e amava as lindas embarcações. Mas nunca tinha visto uma tão linda. Só quando o casco veloz e de linhas aerodinâmicas sumiu na distância, conseguiu sair de onde estava.

O escritório pegado ao de Drake estava vazio, mas Jacob tinha deixado um bilhete pedindo a ele para passar na segunda-feira. Evan colocou os relatórios sobre a escrivaninha e saiu.

Uma hora depois, estava em sua propriedade junto ao cais, mostrando o depósito a um comerciante. William Chisom havia sido capitão do mar e tinha quase quarenta anos de

experiência, fazendo a rota entre a América e a Europa. Recentemente, havia feito seu primeiro negócio independente e estava à espera de uma carga de sedas e bebidas francesas.

— Vou ser honesto com o senhor, sr. O’Connell, porque descobri que isso poupa tempo — disse Chisom. Era um homem alto, de costas retas e queixo quadrado. — Nunca estive tão sem dinheiro. Pus até o último centavo nessa carga, e agora não tenho nada para lhe dar.

Absolutamente imóvel, Evan esperou que ele continuasse. Depois de alguns momentos, Chisom riu.

— Por Deus, se o senhor não me jogou daqui para fora, acho que podemos conversar! Este é o terceiro depósito que visito, e o senhor é o primeiro proprietário que continua me ouvindo, depois de saber que estou quebrado.

— O senhor não está quebrado, sr. Chisom — Evan replicou, com calma. No íntimo, estava desanimado pois contava com o depósito do aluguel para saldar suas próprias dívidas, nos meses seguintes.

No entanto, não era assim que ia ser. Tinha duas escolhas: botar Chisom na rua, como os outros haviam feito, torcendo para um novo pretendente aparecer logo, ou tirar o melhor proveito da situação.

— Acontece — disse — que o senhor tem investimentos em lugar de dinheiro. Correto?

Chisom sorriu.

— É, pode ser. O senhor pode falar assim. Soa bem melhor que o meu modo de dizer.

Foi a vez de Evan sorrir. Levando o homem para seu escritório, nos fundos do depósito, tirou uma garrafa de uma das gavetas da velha escrivaninha, comprada de segunda mão. Além dela, os únicos móveis ali eram duas cadeiras e um arquivo. Pouco elegante, mas o lugar era seu, e Evan gostava dele.

— Um drinque, sr. Chisom?

O homem hesitou um segundo, meio ansioso.

— Minha mulher não aprova, não quer nem ver bebida lá em casa. Mas não vou recusar um gole.

Os dois tomaram bem mais que isso, antes de Evan apresentar sua proposta.

— Essa bebida e a seda que o senhor está trazendo da França... Pelo que entendi, espera obter um bom lucro no mercado...

Chisom confirmou.

— Três vezes o que paguei, descontando os impostos.

— E se eu lhe disser que pode conseguir cinco vezes o que pagou?

— Impossível! Em Boston e Nova York, jamais. Muito menos em Chicago. Conheço o mercado de artigos de luxo e lhe garanto que cinco vezes é impossível.

— No Texas não é.

Chisom fitou-o por um instante, sem entender.

— No Texas?

Divertido, Evan recostou-se na cadeira.

— O senhor já esteve lá?

Foi a mesma coisa que perguntar a Chisom se já havia visitado a lua.

— Claro que não! O que existe no Texas?

— Dinheiro. E mais dinheiro entrando. Está havendo uma explosão de investimentos por lá. Gente muito esperta acha que eles vão descobrir petróleo logo. Por isso o Texas tem recebido tanto dinheiro. Dinheiro que criou um mercado para artigos de luxo, e que poucas pessoas estão tentando suprir.

O capitão esfregou o queixo, pensativo.

— O senhor tem contatos por lá? Evan assentiu.

— Ótimos contatos. E vou lhe fazer uma proposta: o senhor traz a carga, guarda aqui sem pagar nada, e nós fazemos negócio com os meus amigos do Texas. Se eu conseguir cinco vezes o que o senhor pagou, fico com um quarto do seu lucro. Se não, não fico com nada.

Chisom inclinou-se para a frente, examinando Evan com atenção.

— Vamos ver se entendi direito: eu alugo o depósito por nada e o senhor fica com um quarto do meu lucro, se conseguir vender a carga por cinco vezes o que eu paguei. Se não conseguir, não fica com nada.

— Isso mesmo.

— Deve estar muito certo de que vai conseguir, para me fazer uma proposta dessas.

— Então, concorda?

Chisom ficou em pé e estendeu a mão.

— Eu seria um tolo, se não concordasse. O risco é todo seu, sr. O’Connell. Como já deve saber.

— Sei. Mas, como o senhor, sou de opinião que dinheiro... muito dinheiro... só pode ser ganho correndo riscos.

— Uma grande verdade. — Chisom riu. — Tenho passado noites em claro, me lembrando disso.

— Vou mandar um telegrama a meus amigos do Texas. Há também uma ou duas pessoas com quem preciso falar, nas estradas de ferro. As bebidas, principalmente, vão ter que ser manejadas com muito cuidado.

Já de saída, o capitão disse a seu novo sócio:

— Gostei do modo como faz negócios, sr. O’Connell. Se isso der certo, o senhor pode contar com muitas cargas, além desta.

O que seria excelente, Evan pensou, trancando o depósito. Desde que conseguisse viver o suficiente para aproveitar o lucro.

Disposto a celebrar, ele saiu atrás de Carmody. Mas quando chegou à mercearia, só encontrou Maude, que já estava fechando as portas.

— Papai foi a uma reunião — ela explicou, recolhendo o toldo. — E vai demorar para voltar.

Num impulso, Evan convidou:

— O que acha de jantar comigo, então?

Maude hesitou. Depois, dando um último empurrão no toldo, ergueu os olhos para ele.

— Para quê?

O rapaz não resistiu, caindo na gargalhada.

— Olhe, se você continuar falando assim, vou acabar ficando convencido!

— Você sabe muito bem o que eu quis dizer, Evan O’Connell.

Sou uma garota de família e não posso sair andando por aí, sem despertar falatório.

— Deixe de história, Maude! Não estou lhe pedindo para fugir comigo. Só para jantar.

Era evidente que ela queria ir, mas estava com receio.

— Tenho de voltar para casa em tempo de colocar meus irmãos na cama.

— E vai. Com a minha ajuda. Prometo até ler uma história para eles.

Maude sorriu, imaginando a cena.

— Nunca pensei que você soubesse alguma coisa a respeito de crianças — disse, entrando para pegar o chapéu e as luvas.

— Não? O que foi que pensou, então? Que eu nasci adulto?

— Não pensei nada. — Ela fungou. — Não sei se sabe, mas não passo meus dias pensando em você, Evan O’Connell. Uma garota tem coisas melhores a fazer.

Eles foram a um restaurante na área comercial da cidade. Evan já havia passado por lá várias vezes, a caminho do escritório de Drake, mas nunca tinha entrado. Maude teve um pouco de medo de se aventurar em território desconhecido, mas Evan insistiu.

— Nosso dinheiro é tão bom quanto o dos outros. E eles deviam se sentir honrados em ter como cliente uma moça tão bonita.

— Sei disso... — ela murmurou. Mas corou com o elogio. Aparentemente, o *maître* não viu nada de errado no rapaz bem vestido, de terno, nem na garota bonita que o acompanhava. Levou o casal para uma mesa nos fundos, certo de que eles desejavam privacidade, e deixou-os a sós para escolher o que queriam. Com os olhos, Maude seguiu o progresso do *maître* por entre as mesas.

— Ele acha que sou sua garota de programa — disse baixinho. Evan quase engasgou.

— Que coisa para você dizer! Pensei que fosse uma garota de família.

— E sou. Mas isso não significa que eu seja boba.

Evan hesitou. Maude tinha razão. O homem devia estar pensando exatamente aquilo.

Gentilmente, perguntou:

— Você quer ir embora?

— Claro que não! Não ligo a mínima para o que ele pensa. Ele não é um de nós.

— Então, ele não existe — Evan concluiu, aliviado.

Em silêncio, os dois examinaram o cardápio. Depois que um garçom veio anotar o pedido e se foi, Maude comentou:

— Não sei se vai gostar do que vou dizer, mas você parece muito à vontade aqui.

— Por que não gostaria? Não há nada de errado nisso.

— Um ano atrás, você não teria essa aparência.

— Então eu mudei. Isso acontece com as pessoas.

— Mudou, mesmo. Você está... mais duro do que costumava ser. Foi uma surpresa. Evan pensava que havia se tornado mais suave.

De vez em quando, a expressão dele dizia tudo. Maude percebeu o que lhe ia pela cabeça e riu.

— Não se irrite, Evan O'Connell. O que eu disse não foi uma ofensa. O mundo em que vivemos é muito duro, e um homem precisa ser duro para conseguir o que quer. — Ela fez um ligeira pausa, depois acrescentou: — É isso que você quer, não é? Ir em frente, não importa o preço?

— Existe outra coisa para alguém querer?

— Claro que existe! Vamos falar de mim, por exemplo. Não sou ambiciosa como você. Só quero uma vida decente.

— Você já tem isso.

— Tenho, mas eu gostaria que fosse um pouco mais fácil para meus irmãos e para os filhos que Deus me der, um dia. Não muito mais fácil, só um pouquinho. Não quero que as coisas mudem demais.

— Mas acha que eu quero? Maude encarou-o com firmeza.

— Eu sei que quer. Posso sentir a ambição remoendo em seu íntimo. Essa ambição sempre existiu, mas tem uma direção agora. Tem um objetivo em mente, e sou capaz de apostar que vai além do simples dinheiro.

O rapaz riu, embaraçado com a percepção dela. Como a maioria dos homens, não era avesso a falar de si mesmo com uma bela garota. Mas não esperava que ela tivesse tanta visão.

— “Simples” e “dinheiro” são duas palavras que não combinam.

— Ah, já sei! Você só precisa ser rico como Midas para ser feliz. É isso?

— Não. Isso não basta. — E acrescentou, sorrindo: — Mas é um bom começo. A garota riu.

— Quando você tiver uma fortuna, em que vai gastar?

— Em jantares com lindas mulheres, é claro. Você vai sair comigo quando eu for rico, Maude? Vai trilhar comigo o caminho fantástico do divertimento?

— Duvido. Sou do tipo caseiro. Para mim, o que vale é o lar, não as grandes aventuras que você tem em mente.

— Você deveria se soltar e abrir as asas um pouco mais. Pode ser que se divirta.

— Pode ser, mas também pode ser que me cortem as asas. Não, eu fico com o que conheço, e muito contente. Já você... Você é um rapaz que eu admiro, Evan. De verdade! Acho até que tenho um pouco de inveja de você. Gostaria que nossa amizade continuasse para sempre.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— E que não passe de amizade?

Maude assentiu, os pensamentos tão claros quanto os dele.

— Você é homem de quebrar o coração de uma mulher, Evan. Prefiro manter o meu intato.

Embaraçado, ele correu os olhos pelo ambiente.

— Você me dá mais crédito do que eu mereço.

— Dou? Duvido. Vai ser preciso uma mulher corajosa para se apaixonar por você. Ou uma tola. Talvez até uma combinação das duas.

Evan sorriu.

— Acha, então, que devo procurar uma mulher atrevida e ao mesmo tempo frágil?

Maude concordou.

— E bonita também, é claro. Não do tipo cara de boneca, mas uma mulher com beleza de verdade. Deve ter estilo e elegância. Além de dinheiro.

— Só falta uma coisa: onde é que você vai descobrir essa perfeição para mim, Maude?

Porque ela é sua criação, e quem deve me apresentar a ela é você.

— Se eu descobrir, aviso logo. Mas tenho a impressão de que não vai ser necessário.

— Por quê? Você tem o dom da visão, Maude? É capaz de ver o futuro? — Evan perguntou, rindo.

Maude respondeu com toda seriedade:

— Minha avó tinha. Ela sabia de tudo, antes de as coisas acontecerem. Segundo ela, todos nós conhecemos o nosso destino, mas a maioria tem medo de admitir.

Evan silenciou. Olhava para ela, mas não via o rosto suave de Maude Carmody. Em sua mente, via as feições luminosas de outra mulher. Uma mulher que o prendia cada vez mais, a cada dia que passava, apesar de fazer o possível para que isso não acontecesse.

Em pensamento, ele amaldiçoou o destino que lhe negava a segurança e a serenidade representadas por Maude. Sena muito melhor desejar Maude Carmody em vez da inatingível Catherine Bennington.

Capítulo XI

Catherine mandou a bola de tênis por cima da rede, com a maior lentidão e gentileza possíveis. Do outro lado, Olívia estendeu a raquete, sem se mover do lugar. A bola passou voando por ela.

— Você errou de novo — Olívia se queixou. — Não dá para ser melhor?

— Eu não errei. Nesse jogo, você tem que se mexer, procurar rebater a bola.

Olívia abaixou a raquete e franziu a testa.

— Francamente, Catherine, você não pode querer que eu saia correndo por toda a quadra, como uma louca! Se eu fizer isso, vou... Você sabe... vou ficar molhada.

Suada, Catherine pensou. Nós duas podemos ficar suadas, e Deus nos livre disso!

— O que acha de tomarmos um refresco na varanda? — sugeriu, forçando um sorriso.

— É melhor — Olívia respondeu com petulância, virando-se para tomar o caminho que levava à casa, — Jimmy está aqui?

— Não. Ele saiu para cavalgar com uns amigos.

— Ah! Eu não sabia...

— Mas ele disse que volta para o almoço.

O rosto de Olívia perdeu o ar desanimado. Examinando a saia, bateu a mão em alguns pontos para tirar a poeira.

— Que bom!

Um gramado verdejante estendia-se entre a casa e a água. As garotas passaram por ele e subiram a escada de degraus largos de mármore, que levava à varanda. Não havia ninguém ali àquela hora, pois a família e os convidados preferiam o interior da casa, onde os ventiladores de teto trabalhavam preguiçosamente.

A casa alugada por Drake e Elizabeth para o verão ficava a uma pequena distância do Breakers, o palácio colossal em estilo renascentista, construído por Cornelius Vanderbilt. Era bem mais modesta que o famoso palácio, com apenas quarenta cômodos em vez de setenta, e pertencia a um magnata das ferrovias, que ultimamente havia errado em seus investimentos.

Há vários anos, Elizabeth vinha insinuando que gostaria de passar um verão em Newport. Drake tinha adiado o projeto o máximo possível, mas com a possibilidade de alugar aquela casa, acabara cedendo.

— No mínimo, vai ser divertido — ele dizia quando Catherine e Olívia entraram na sala de estar por uma das janelas francesas.

— Pelo que ouvi contar, os divertimentos das próximas semanas são tão bons quanto os dos circos romanos.

— Um deles parece até que envolve mesmo um circo — Elizabeth comentou. — E eu ouvi dizer que a sra. Vanderbilt pretende trazer o elenco inteiro de um musical da Broadway para atuar em seu próprio gramado.

— A sra. Vanderbilt devia pensar melhor antes de gastar tanto tempo e dinheiro — Catherine murmurou, jogando-se numa poltrona de vime branco e fitando os pais de cara

fechada. — Nessa hora, nós podíamos estar na Europa,

Olívia lançou-lhe um olhar impaciente. — Como é que você pode preferir aquela Europa velha e embolorada a Newport? Francamente, Catherine, você devia estar agradecendo a seus pais por terem vindo para cá. — Ela sorriu melosamente para os tios. — Eu estou muito contente por ter sido convidada para vir junto.

As irmãs de Drake — todas horríveis, na opinião de Catherine — tinham agarrado com unhas e dentes a oportunidade de exibir em Newport os filhos em idade casadoura.

Geralmente, Drake se negava a participar desse tipo de plano. Mas estava com uma disposição mais generosa que de costume e não vira problemas em fazer a vontade das irmãs, já que a casa era tão grande. Ainda assim, tinha insistido num limite de duas semanas para as visitas.

— Eu gostaria tanto de ficar mais... — arriscou Olívia. Drake e Elizabeth fingiram não ouvir a sobrinha, coisa em que ambos eram muito bons.

— Você vai à festa dos van Rhys, esta noite? — Elizabeth perguntou a Catherine.

— Acho que vou.

A atitude de Catherine mostrava claramente que não estava animada com a perspectiva.

— Charles tem aparecido bastante por aqui, não tem? — Drake comentou distraído, pois tinha aberto o jornal e passava os olhos pelas manchetes.

— Não sei, papai. Não notei.

Olívia enrugou o nariz, num gesto que imaginava extremamente feminino.

— Você não acha que ele é muitíssimo atraente? Catherine arregalou os olhos.

— Charles?!

— Ele, sim. É tão alto, tão seguro de si, tão...

— Rico? Olívia corou.

— Francamente, Catherine, que coisa para uma moça dizer! Como se o dinheiro que um homem tem fosse de alguma importância.

— E não é? Você se casaria com um homem pobre? Olívia hesitou. Queria se apresentar da melhor forma possível, mas duvidava que os parentes fossem capazes de engolir suas mentiras.

— Não sei — respondeu, afinal. — Nunca conheci um homem pobre.

— Nem vai conhecer — Catherine garantiu. E sabendo que seus pais ouviam, acrescentou: — Garotas como nós são protegidas até da simples possibilidade de uma atração imprópria. Somos dirigidas para homens de nossa classe social, com o único fim de propagar nossa bela e exclusiva espécie. Em resumo, minha querida prima, somos verdadeiros animais de reprodução. De raça, é claro, mas nem por isso deixamos de ser reprodutoras.

Enquanto Olívia empalidecia, horrorizada com tanta franqueza, Drake ergueu os olhos para a filha, levantando uma das sobrancelhas.

— Posso saber como foi que chegou a esta conclusão?

— Não é evidente?

— Para mim, não. Pelo que sei, você cresceu rodeada de amor e conforto, foi encorajada a desenvolver seus interesses e talentos e totalmente protegida dos fatos menos agradáveis da vida. Não entendo como pôde chegar à conclusão de que seu único propósito na vida é se casar e ter filhos com alguém de sua própria espécie.

— Desculpe, papai — Catherine murmurou envergonhada. — Eu não quis dizer que não aprecio tudo que o senhor e a mamãe fizeram por mim. Claro que aprecio. Mas no fim, tudo parece se resumir na mesma coisa. Por mais inteligente que uma garota seja, por mais planos que tenha a respeito de seu futuro, acaba sempre como esposa e mãe.

— O mesmo pode ser dito dos homens — Elizabeth lembrou. — A maioria termina como marido e pai.

— É diferente. O casamento e a família não são as únicas coisas para um homem. Ele pode ter interesses fora de casa.

— As mulheres também — afirmou Drake. — Não sei se lembra, mas nós lhe demos a oportunidade de continuar seus estudos. Se quisesse, neste outono você poderia ir para uma das melhores faculdades femininas do país.

— Eu pensei nisso, mas não gostei da idéia de passar mais quatro anos fechada numa sala de aulas, discutindo feitos e pensamentos de outras pessoas.

— Eu também não gostaria — disse Olívia, estremeando ante a idéia. — As mulheres

não foram feitas para esse tipo de coisa. Muito estudo esgota a mente e acaba dando indisposição nervosa.

Elizabeth ergueu os olhos para o teto. Mas logo percebeu o que fazia e era muito bem-educada para não ficar envergonhada.

— Eu conheço bem a opinião de sua mãe a esse respeito. Mas como Catherine decidiu não ir para a faculdade, não vejo sentido em discutir esse assunto. — Com uma expressão indulgente, Elizabeth se virou para a filha. — O único problema é que ela não está feliz sem fazer nada.

— Eu tenho que fazer alguma coisa — Catherine concordou, suspirando. — Só não sei o quê.

Olívia não era capaz de entender o problema.

— Não sei como você pode se queixar de não ter nada para fazer. Eu não tenho quinze minutos livres por dia. A costureira me manteve tão ocupada, antes de eu vir para cá, que fui obrigada a dizer a minha mãe que eu tinha que passar pelo menos uma manhã na cama, descansando.

— Eu detesto passar a manhã na cama — exclamou Catherine. — E detesto ainda mais provar vestidos na costureira. — Ficando em pé, ela fitou os pais. — Mas chega disso. Já estou ficando inconveniente. Vou pegar a bicicleta e dar um passeio, está bem?

Drake assentiu.

— Cuidado, hein? Não vá prender a saia nos aros da roda.

— Eu posso levantar minha saia e a anágua até os joelhos e escandalizar os vizinhos — ela sugeriu, por cima do ombro. — O que acha disso?

— Previsível — foi a resposta que ouviu do pai, num tom de voz extremamente tolerante.

Pedalandos a bicicleta para longe de casa, Catherine refletia sobre seu comportamento. Tinha muitos defeitos, talvez mais do que devia, mas não era uma característica sua ser egoísta e petulante. Amava de verdade os pais e raramente se esquecia de tudo que eles haviam feito por ela.

O problema era que estava com dezoito anos de idade e sua vida parecia não ter o menor propósito ou direção. Pior ainda, toda vez que tentava pensar seriamente em como adquirir um objetivo, a imagem de Evan O'Connell surgia em sua mente.

Uma enorme loucura. Ele era a última pessoa que deveria ocupar seus pensamentos. Talvez fosse melhor começar a fazer planos para ir para a universidade ou percorrer a Europa, numa longa viagem de passeio. Não podia era continuar daquele jeito. Precisava de alguma coisa que a tirasse do ambiente em que vivia e a forcesse a encarar o futuro com realismo.

Uma das saídas era fazer o que estava em moda entre as herdeiras americanas e casar-se com um aristocrata empobrecido. Um inglês, por exemplo. Ou, se preferisse uma alternativa mais exótica, um francês.

Se isso não desse certo, poderia se tornar uma aventureira e viajar por lugares distantes. A África havia se tornado bastante popular entre um grupo de pessoas intrépidas. O Oriente também. Ou podia se dedicar a trabalhos de caridade, talvez até estudar enfermagem e se transformar num modelo de abnegação.

Mas nenhuma dessas possibilidades lhe parecia atraente. Esse era o problema. Nada era atraente, a não ser Evan.

O barulho estridente de uma buzina, bem às suas costas, fez Catherine dar um pulo de susto. O coração batendo forte, ela parou a bicicleta junto ao mato na beira da estrada, enquanto um veículo barulhento passava com os ocupantes acenando energicamente.

Os automóveis estavam virando moda, em Newport. Diziam que para estar realmente por cima, uma pessoa tinha de ter pelo menos quatro. Felizmente, a nova invenção possuía mais admiradores do que candidatos a assumir sua direção.

Catherine tossiu, enquanto o carro desaparecia na distância, soltando uma fumaça escura, de cheiro ruim, contaminando o ar fresco. Só quando ele estava bem longe, subiu na bicicleta e recomeçou a pedalar.

Quando viu, estava na periferia da cidade. Resolveu ir até o centro. No mínimo, serviria para fazer um pouco mais de exercício.

Estava encostada a um poste, numa pose deliberadamente despreocupada e que atraía olhares de censura de várias pessoas, quando o trem da tarde chegou. Com um olhar indiferente, observou os passageiros desembarcarem. Até avistar um homem alto, de cabelos

cor de ébano.

Evan, ali?!

Endireitou o corpo. Sua primeira reação foi de sair correndo. A segunda foi de agüentar firme as emoções e encarar o recém-chegado com toda calma. Mais fácil de dizer do que fazer. Enquanto ele caminhava em sua direção, sem notar sua presença, aproveitou para absorver todos os detalhes da aparência dele.

Evan estava formalmente vestido com um terno de linho, de três peças. Tinha os cabelos espessos muito bem cortados e penteados para trás. Carregava uma pasta de couro em uma das mãos e uma maleta na outra. Movia-se com passos firmes por entre a multidão de viajantes em férias. Quando viu Catherine, estacou.

— Srta. Bennington... Mas que prazer!

— Sr. O'Connell... Mas que surpresa! O que foi que tirou o senhor de Boston?

— Negócios. — Evan indicou a pasta de couro. — Trouxe alguns papéis para o seu pai.

— Ele vai gostar. Está num tédio só, aqui em Newport.

O rapaz riu. Tinha sido pego de surpresa pelo encontro inesperado, mas já estava se recuperando.

Ela usava um vestido branco, parecido com o que exibia no dia em que tinha ido ao iate. No entanto, ao contrário das outras mulheres por ali, não havia se preocupado em pegar um chapéu. Vários cachos de cabelo tinham se soltado e emolduravam o rosto delicado, que já apresentava algumas sardas;

Catherine percebeu que ele olhava para elas e sorriu, meio sem jeito.

— Ando sendo descuidada com o sol. Mamãe já prescreveu loção de pepino e sumo de limão.

— A sua aparência não é de quem está preocupada com as sardas.

— E não estou mesmo. Acho uma tolice vir até aqui para aproveitar o sol e o mar, depois se enrolar em véus.

— A senhorita está aproveitando o sol e o mar?

Os dois caminhavam em direção às carruagens de aluguel, enfileiradas do lado de fora da estação.

— Acredito que sim. Boston deve estar insuportável.

Evan pensou no calor sufocante que o mantinha acordado a noite inteira, ouvindo os gritos irritados das crianças e as vozes baixas e cansadas dos pais, aglomerados nos telhados e nos degraus da frente das casas. Ou em qualquer outro lugar que oferecesse a mais leve esperança de soprar uma brisa.

Como sempre acontecia no verão, a taxa de doenças era alta nas casas superlotadas de North End. Uma criança que ele conhecia vagamente do bando que vivia na frente do seu prédio, tinha morrido de febre, no dia anterior. Todos receavam que outras morressem também.

— Não creio que exista uma cidade que seja agradável no verão — respondeu baixinho.

— O senhor vai ficar muito tempo por aqui?

— Não sei. Depende de quanto tempo seu pai levar para examinar estes papéis.

— Eles são muito importantes?

Evan sorriu.

— Não sei.

— O senhor não leu nenhum deles?

Na verdade, ele tinha lido todos. Com muita atenção. E havia feito várias anotações. Algumas para os debates que sabia que teria com Drake; outras, para seu uso particular.

— Dei uma rápida olhada em alguns — admitiu.

— Ainda bem. Porque é esse o objetivo do senhor trazer os papéis para papai.

Evan estacou, olhando para ela. .

— Como assim?

Catherine retribuiu o olhar, certa de estar falando de uma coisa que ele já sabia.

— Papai podia arranjar um mensageiro comum para trazer e levar os papéis. Ele sempre fez isso, nas outras férias. Uma vez, mandou um homem ir de Boston a Paris, só para levar uma carta. Mas nunca discuti o conteúdo de nada com os mensageiros.

— Eu não teria concordado com isso, se fosse só para levar e trazer papéis — Evan explicou, recomeçando a andar.

— Então já sabe que papai está pensando no senhor para o cargo de assistente dele.

O silêncio do rapaz levou Catherine a perguntar, preocupada:

— O senhor já sabia disso, não sabia? Eu não dei com a língua nos dentes, dei?

Ele lhe lançou um sorriso enviesado.

— Ah, eu devia ter desconfiado! Papai é um homem muito fechado em relação a negócios, mas pensei que ele tivesse lhe dito alguma coisa. Ou que o sr. Stein tivesse.

— Sobre o sr. Stein...

— Ele vai se aposentar no fim do ano. Pelo que sei, recomendou o senhor para cargo.

— Interessante, se levarmos em consideração que ninguém me disse nada.

— Então, não quer o cargo?

— Não, necessariamente.

Na verdade, não tinha a menor idéia se queria ou não. A possibilidade era tão espantosa que ainda não havia conseguido aceitá-la.

— Por que razão seu pai ia pensar em alguém como eu para esse cargo?

— Alguém como o senhor? Como assim?

— Um “mick”. Um irlandês recém saído de um brejo cheio de turfa, sem estudo e sem...

— Classe? — ela sugeriu, solícita. Os olhos cristalinos flamejaram.

— Espere aí...!

— Era isso que queria dizer, não era? — Catherine o desafiou. Tinham parado novamente. Ela ignorava as pessoas que passavam por eles, a atenção fixa no homem a sua frente.

— Acha mesmo que não vale tanto quanto os homens que nasceram aqui, que cresceram com todas as vantagens, que nunca tiveram de se esforçar para conseguir o que queriam na vida? Acha que porque fala diferente e não é tão refinado, eles são melhores que o senhor?

— Não — ele admitiu, sorrindo enquanto fitava o rosto corado e os olhos brilhantes. — Não acho nada disso. Mas conheço muita gente que acha. Se o seu pai está pensando em mim para o cargo de assistente, tem alguma razão que a senhorita desconhece. E eu também.

Não acrescentou que tinha toda intenção de descobrir qual era essa razão. E logo.

Eles haviam chegado à fila de carruagens. Evan escolheu uma e jogou a maleta para o cocheiro, ficando com a pasta. Virou-se para Catherine.

— A senhorita vai comigo?

Ela baixou os olhos para a bicicleta.

— Não posso deixar isto aqui.

Ainda não tinha terminado de falar quando ele pegou a bicicleta, sem o menor esforço, e colocou-a de cabeça para baixo no banco da frente. As duas rodas ficaram no ar, mas não havia perigo de cair.

Sorrindo, Evan estendeu a mão para ajudar Catherine a subir.

— Tome cuidado. Ficou um pouco apertado.

Tão apertado que os dois foram obrigados a se sentar bem juntos no banco de trás. O cocheiro estalou as rédeas e a carruagem saiu pela mesma estrada que Catherine tinha usado para chegar à cidade. Recostando o corpo, ela deixou que a brisa suave refrescasse sua pele quente.

— Por favor — murmurou, depois de alguns segundos —, não diga ao papai o que lhe contei. Não quero que ele pense que não sou capaz de segurar a minha língua.

— Não vou dizer nada — Evan prometeu.

Não sabia se estava certo, mas desconfiava que ela havia lhe contado tudo de propósito. Elizabeth Bennington tinha a fama de ser uma mulher muito discreta quando o assunto envolvia os negócios do marido. Catherine, pelo jeito, não herdara essa qualidade.

Catherine.

Quando tinha começado a pensar nela pelo nome que a família usava? Não devia pensar nela de jeito nenhum. Se pensasse, devia ser apenas como srta. Bennington.

Só que isso era impossível quando tinha tanta consciência do corpo esbelto tão perto do seu!

Sua perna roçou a dela através das camadas e camadas de roupa que usavam. O cheiro feminino, realçado pelo calor do sol, era uma mistura de violetas, seda e o aroma próprio de uma mulher jovem e saudável. Por um instante, seus sentidos se exaltaram. Foi tomado por uma compreensão súbita e profunda do motivo por que os homens e as mulheres eram

conservados separados, em certas culturas.

Ele e Catherine estavam quebrando as regras. E os dois sabiam disso. A única dúvida era até que ponto podiam ir.

Capítulo XII

Lanternas chinesas iluminavam os jardins, atrás da mansão van Rhys. Os convidados ocupavam o gramado, ouvindo a orquestra de cordas e conversando entre si. A sra. van Rhys, uma mulher de rosto corado e grande, andava de um lado para o outro, abanando um enorme leque de penas e resmungando sobre todas as coisas que os criados estavam esquecendo de fazer.

— Para que dar essa maldita festa, se era para você ter tanto aborrecimento? — quis saber o marido, um homem um palmo mais baixo que ela, mas igualmente gordo.

— Você não entende! E nem tenta! Tudo tem de sair perfeito, senão vou ser motivo de riso para todos. Ah, não! — ela exclamou, vendo um garçom, vestido de preto, aparecer com uma bandeja de canapés. — Os folhados não podem vir em bandejas de prata. Para eles, temos as bandejas de laca. Ficam com uma aparência muito melhor. Tenho que falar com *monsieur* Renaud de novo. Esse homem é impossível! Milhares de dólares para contratar um *chef*, e agora ele finge não entender uma palavra de inglês.

Murmurando e exclamando, ela saiu apressada na direção da cozinha. Catherine e Jimmy trocaram um sorriso.

— Eu também fingiria — Jimmy declarou. — Ela é um terror. Mesmo assim, sinto que esteja tão aborrecida.

— Não seja tolo, meu irmão. Ela está em um de seus dias de glória. A semana inteira, não vai falar de nada além do que deu errado na sua festa. Naturalmente, isso vai obrigar todo mundo a repetir inúmeras vezes que a festa estava maravilhosa.

— E depois disso, o que acontece? Catherine deu de ombros.

— Outra festa e mais queixas. O que mais acontece por aqui?

— Nada, que eu saiba — Jimmy concordou, sorrindo com afeto para a irmã. — Mas isso não é motivo para não nos divertirmos. Quer que eu continue afastando os tubarões ou que desapareça?

— Tubarões? Que tubarões?

— Ora, vamos, Cat! Dê uma olhada em volta. Estamos no meio de uma multidão de cavalheiros ansiosos, todos prontos para se aproximar, assim que o sinal for dado. Neste exato momento, eu sou uma barreira, fazendo meu papel de irmão devotado. Mas se você preferir...

Catherine abaixou os longos cílios e lançou um olhar rápido e sorrateiro pelo ambiente. Para sua surpresa, viu que Jimmy não tinha exagerado.

Vários rapazes olhavam para eles, mostrando um interesse que estava longe de ser casual. Sufocando um suspiro, ela refletiu que não era difícil imaginar como os animais se sentiam num zoológico.

— Você também deve ter algumas presas para perseguir — disse ao irmão, resignada.

— Tenho, mas se você quiser, eu fico.

Uma lealdade tocante, mas da qual ela não foi capaz de tirar vantagem. Principalmente porque sabia que estava sendo tola. Para a juventude, o objetivo dessas festas era conhecer outras pessoas de sua idade. Já era hora de lado sua reserva e juntar-se à multidão.

— Não é preciso — murmurou. — Me apresente a alguns de seus amigos menos detestáveis e pode ir.

Jimmy sorriu.

— Não sei se tenho esse tipo de amigos. Afinal, todos vão para Harvard, freqüentam as mesmas classes e pertencem aos mesmos clubes. A verdade é que nem sempre é fácil distinguir um do outro.

— Não deixe papai ouvir você dizer uma coisa dessas! Ele vai pensar que foi contagiado pela minha doença.

— Uma total incapacidade de levar a vida a sério?

— Exatamente! Nós dois temos a horrível tendência de criar problemas.

— Existem crimes piores.

Seus olhares se encontraram, em perfeita compreensão. Os dois sorriram.

— Venha comigo, então — Jimmy convidou. — Tenho um amigo da Carolina do Norte que não é tão mau assim. O pai dele está no negócio de móveis, mas ele quer ser poeta. E muito tímido, principalmente com as garotas do Norte. Diz que elas são muito agressivas.

— E você vai me impor a ele? — perguntou Catherine, fingindo horror.

— Conte que mamãe é da Virgínia. Isso vai facilitar as coisas. Talvez facilitasse, mas Catherine não teve a oportunidade de descobrir. Dois segundos depois do irmão lhe apresentar o rapaz loiro e sair, Charles já estava a seu lado. Sem a menor cerimônia, ele dispensou o infeliz sulista, que se perdeu entre a multidão. Em seguida, sorrindo com arrogância, Charles virou-se para Catherine. Sob os cabelos castanhos, cuidadosamente penteados, seu rosto fino exibía uma expressão quase feroz. E os olhos, examinando o corpo feminino, tinham um brilho que ela conhecia muito bem.

— Gosto do seu vestido — ele comentou. — É tão cansativo ver as moças sempre de branco. Você fica muito bem de amarelo.

Na verdade, o vestido puxava mais para o âmbar. Realçava às mil maravilhas os cabelos e a pele dourada de Catherine. Também era mais sofisticado que os vestidos usados pela maioria das moças de sua idade. O modelo, com um ombro de fora e o corpete bordado e justo, enfatizava a perfeição da figura feminina.

Catherine gostava do vestido. Sentia-se segura com ele. Tanto que aquela noite, ao ver o pai fitá-la com uma das sobranceiras erguidas, havia se limitado a rir. Mas a expressão no rosto de Charles fazia com que se sentisse mal.

Olhando em torno, procurou Jimmy. Avistou-o do outro lado do gramado, conversando animadamente não com uma, mas com duas moças. Resignada, decidiu lidar sozinha com Charles.

— Você não pode ser monopolizado por mim — murmurou, toda meiga. — Afinal, a festa é sua.

Ele ergueu uma das mãos, impedindo-a de continuar.

— Não ponha a culpa em mim. Esta festa foi idéia de minha mãe. Mas já que tenho de estar aqui — segurou o braço de Cat, caminhando para a pista de dança —, o melhor é aproveitar.

Cat não resistiu porque não queria causar uma cena, mas por dentro estava fumegando de raiva. Mal pronunciou uma palavra enquanto dançavam, deixando Charles encarregado da conversa. Logo ele se cansou de suas respostas curtas e fitou-a, de testa franzida.

— Você podia ser mais agradável, Cat.

— Não me chame assim.

— Por que não?

— É um apelido para ser usado pela minha família, não por estranhos.

— Você se ofende com muita facilidade. A maioria das garotas procura ser mais agradável.

Ele falou de um jeito tão choroso que ela não agüentou e riu.

— Não duvido. Você é considerado um partidão.

— Não por você.

Catherine suspirou. Já estava arrependida de ter entrado nesse assunto com ele, mas não via jeito de sair sem ser grosseira.

— Que importância tem o que eu penso? Charles apertou-lhe mais a cintura.

— Muita. Você sabe que é linda.

— E é só isso que lhe importa?

— Claro que não!

— Eu ser uma Bennington também ajuda, não é?

— Sem dúvida — ele admitiu. — Eu não posso me casar com uma qualquer. Um homem precisa ser muito tolo para escolher uma esposa que não é do seu nível.

— Não estou interessada em me casar.

Surpreso, Charles fitou-a com mais atenção. Mas logo decidiu que ela estava brincando e riu.

— Essa é muito boa, Cat!

— É sério, Charles! O casamento não me atrai. Ele riu de novo, uma risada irritante.

— Quando foi que decidiu isso?

Ela não disse que era uma disposição de momento, principalmente porque estaria mentindo. Há alguns meses a idéia de dar outro rumo a sua vida vinha tomando forma em sua mente. E a impossibilidade de seus sentimentos por Evan não tinha nada a ver com aquilo. Nada!

— Sempre achei que não ia me casar — declarou. — O casamento de meus pais é perfeito, e eu não quero um relacionamento que não seja como o deles. Como isso é muito difícil...

— Você continua a ver os dois como personagens de um romance perfeito, não é?

O tom irônico de Charles era ofensivo, mas Catherine ignorou-o.

— Não tem cabimento eu discutir o relacionamento de meus pais com você. De qualquer maneira, cresci como testemunha de um grande amor e isso me deixou intolerante. Se não for para ter um relacionamento igual, prefiro não me casar.

O rapaz silenciou por um momento, pensativo. Depois, disse:

— Você sabe que a sua mãe fugiu de seu pai, logo depois que eles se casaram? Ela foi para a Virgínia e ameaçou não voltar mais. Na época estava grávida de você e do seu irmão. Seu pai teve de ir até lá e trazê-la de volta. Foi um escândalo e tanto.

Catherine estava boquiaberta. Mas logo se controlou e retrucou, zangada:

— Como é que você tem a coragem de inventar uma história dessas?

Parou no meio do salão, desafiando o atrevido a dar outro passo.

— Eu não inventei nada. — Charles puxou o corpo rígido de encontro ao dele. — Todos sabiam, na época. Ouvi minha mãe falando nisso e pensei que você soubesse.

— Isso foi há muito tempo — Catherine arriscou, mal percebendo o que dizia.

No íntimo, lutava para aceitar a imagem dos pais como oponentes, em vez do casal amoroso e unido de sempre. A idéia lhe causou tanta mágoa que automaticamente voltou para a realidade reconfortante de toda sua infância e adolescência.

— O importante é que... no fim tudo deu certo — murmurou.

— Exatamente, Cat! O amor, pelo menos do modo como as garotas de um nível inferior imaginam, não existe. O que conta é o respeito mútuo, valores partilhados e semelhança de objetivos. Esse tipo de coisa.

— O que me diz...

Catherine parou de falar abruptamente. Quase fazia uma tolice e entrava num assunto que não desejava discutir com Charles. Paixão era a última coisa em que desejava que ele pensasse.

Mas ele adivinhou seus pensamentos e entreabriu os lábios num sorriso lento e malicioso.

— Você não precisa se preocupar com esses problemas, Cat. Seu marido vai saber o que fazer.

Olhando para o outro lado, ela fingiu não entender o significado daquelas palavras. Mais alguns minutos se passaram, e, afinal, a música terminou. Apesar dos esforços de Charles para que continuasse dançando, Catherine recusou com firmeza.

Sorrateiramente, aliviada por estar livre da companhia dele, ela foi para a varanda. A brisa marinha acalmou um pouco sua dor de cabeça, que havia começado durante a dança. Gostaria de descer correndo pelo gramado, jogar longe os sapatos e caminhar pela praia, molhando os pés na água do mar.

Mas isso era impossível. Com um suspiro resignado, virou-se na direção da festa. No entanto, não fez o menor gesto para se juntar aos outros convidados. Ficou ali, observando pelas portas abertas, os pares que dançavam.

Todos pareciam tão felizes e despreocupados! Por que não se sentia da mesma forma? Por que não conseguia aproveitar sua vida, uma vida invejada praticamente por todas as pessoas que conhecia?

Impaciente com sua atitude mas incapaz de fazer algo a respeito, Catherine continuou na varanda até vários casais aparecerem para aproveitar a brisa. Só então, relutante, voltou para a festa.

Vendo a irmã sozinha, Jimmy se aproximou, preocupado.

— Você está bem?

— Ótima. Saí um pouco porque a minha cabeça estava começando a doer.
 — Se quiser, podemos ir embora.
 Catherine sentiu vontade de aceitar a sugestão, mas a boa educação não permitiu,
 — Seria muita grosseria, Jimmy. A ceia vai ser servida.
 — Não tem importância. Podemos ir para casa e atacar a geladeira. Deve ter sobrado alguma coisa do jantar. Ela sorriu.
 — Você se lembra de quantas vezes fizemos isso, quando éramos pequenos?
 — Pequenos? Nós fizemos isso na semana passada! — Cheio de ternura, Jimmy pousou a mão no braço da irmã. — É evidente que você não está se divertindo, Caí. Vamos para casa.
 — Eu gostaria, mas não seria justo fazer uma coisa dessas corri você. Além do mais — continuou, antes que ele pudesse protestar —, isso não passa de tolice da minha parte. Um momento de mau humor.
 — Você não tem mau humor. Pelo menos, nunca teve.
 — Vai ver que é próprio dos dezoito anos. Estou achando meio difícil passar de criança a mulher.
 Jimmy sorriu.
 — Não é só você. A minha vantagem é que é mais fácil para um homem. Ninguém espera que um rapaz fique sentado por aí, todo enfeitado, esperando casamento.
 — O que é uma pena! Eu gostaria muito de ver vocês nessa situação.
 — Você fala como uma Pankhursts.
 — Pois eu concordo plenamente com o que elas dizem. Há muito tempo as mulheres já deviam ter direitos neste país.
 — Diga isso a Charles — Jimmy sugeriu, olhando por cima do ombro. — Ele está vindo para cá.
 — Ai, meu Deus! — Catherine olhou em volta, procurando uma rota de fuga. — Ele vai querer me levar para cear.
 — Sinto muito, meu caro — Jimmy disse, quando Charles tentou exatamente isso. — Cat prometeu sentar-se comigo. Não tivemos muita chance de conservar ultimamente, e eu não quero perder o contato com a minha irmãzinha.
 — Vocês dois vivem agarrados um no outro — Charles resmungou.
 — Existe uma ligação especial entre gêmeos. Só isso.
 O que Charles pensava da idéia, os dois não ficaram para saber. Com passos rápidos, Jimmy levou a irmã até a mesa, ajudou-a a fazer o prato-e arranhou lugar para eles entre um grupo de seus amigos de Harvard. Depois de uma certa surpresa ao descobrir Catherine entre eles, os rapazes assumiram uma atitude alegre e despreocupada.
 Cat terminou a noite de bom humor, rindo das histórias que contavam. Quando foi para casa, não se sentia tão deprimida quanto antes.

Uma sensação que não durou muito.
 Quando desceu, no dia seguinte, Catherine encontrou Evan à mesa do café da manhã, conversando com seu pai. Abruptamente, foi dominada pelos sentimentos estranhos e perturbadores que costumava experimentar, toda vez que o via. O sorriso desapareceu de seus lábios, e ela voltou à incômoda realidade.
 — Bom dia — disse, forçando-se a agir com naturalidade.
 — Bom dia, minha querida — sua mãe cumprimentou. — Dormiu bem?
 — Muito bem.
 Recusando o café que o mordomo lhe oferecia, ela colocou o guardanapo no colo e aceitou uma torrada.
 — Como foi a festa? — seu pai perguntou.
 Ela ergueu os olhos para Jimmy, do outro lado da mesa.
 — O que esperávamos — o rapaz respondeu. — O senhor e mamãe não perderam nada.
 Drake e Elizabeth trocaram um olhar cheio de significados. Obviamente, também achavam que não haviam perdido nada.
 — O que vocês acham de sairmos de barco, hoje? — Drake sugeriu, ainda olhando para a esposa.
 — Olívia? — Elizabeth dirigiu-se à sobrinha, polidamente. — Você quer ir?
 A moça fitou o primo.

— Você vai, Jimmy?

Catherine disfarçou um sorriso, ao ver a expressão do irmão.

— Tenho outros planos.

Olívia esperou que ele descrevesse esses planos, mas Jimmy fingiu não notar. Não queria correr o risco de ter de levar a prima. Vendo que não ia conseguir nada, a moça disse:

— Se ninguém se importa, prefiro ficar aqui e descansar. Estas férias estão mais cansativas do que eu esperava.

Drake não conteve um sorriso.

— Cat não levou você para a quadra de tênis hoje, levou? Olívia meneou a cabeça.

— Eu não me importo de adotar o que está na moda, mas esse jogo eu simplesmente não consigo entender. — Generosamente, ela acrescentou: — É claro que para você é bom, Cat. Você gosta desse tipo de coisa.

Catherine continuou a tomar seu café, em silêncio. Estava adorando a idéia de passar o dia com Evan. Mas logo lhe ocorreu que ele podia não ser convidado. Um medo tolo como verificou pouco depois.

— Você vai conosco, não vai, Evan? — disse Drake. — Podemos discutir esses papéis no barco.

— Você também pode descansar e deixar o sr. O'Connell fazer o mesmo — Elizabeth interrompeu o marido, com uma certa severidade. — Ele não teve um momento de paz, desde que chegou aqui.

— Não faz mal — Evan murmurou, surpreso com a consideração dela.

Elizabeth Bennington era muito diferente do que esperava. Tinha toda a beleza que o quadro no escritório do marido retratava, mas também possuía uma franqueza e um calor humano que ele não costumava associar a mulheres ricas e mimadas.

Olhando para ela, Evan começou a desconfiar que o caráter forte de Catherine não vinha só do pai. A mãe também havia contribuído muito para isso.

— De qualquer maneira — Elizabeth continuou —, o senhor tem que vir conosco. Nada como um dia no mar, para clarear a mente de uma pessoa. Tudo fica muito melhor depois.

Evan deduziu que ela se referia aos negócios complicados que Drake esperava que ele resolvesse. Mas aquelas palavras também se aplicavam aos pensamentos que tinha sobre Catherine. Duidava muito que algo conseguisse clarear o quadro sombrio que se delineava em sua mente, no entanto, estava disposto a tentar.

Capítulo XIII

— Eu sempre tive vontade de saber mais sobre a Irlanda — Elizabeth comentou.

Estava sentada numa espreguiçadeira, debaixo do toldo de lona que sombreava uma das pontas do convés. A brisa agitava seu vestido branco, quando o camaroteiro se aproximou para colocar uma jarra de refresco sobre a mesinha de ferro.

O iate se encontrava a mais ou menos quatro quilômetros de Newport. O ar estava leve e fresco, e o céu completamente limpo, a não ser por umas poucas nuvens se juntando no horizonte. O resto do almoço havia sido retirado e não tinham mais nada a fazer, a não ser aproveitar o dia.

— A maior parte dos parentes de minha mãe veio da Escócia e da Escandinávia — Elizabeth prosseguiu —, mas alguns são irlandeses. Acho que temos irlandeses do lado de meu pai, também.

Evan sorriu. No começo, tinha se sentido mal no meio daquela reunião de família dos Bennington. A conversa de Elizabeth, no entanto, havia mudado tudo.

Era evidente que sua anfitriã estava fazendo o possível para que ficasse à vontade. Evan sentia-se grato, embora não soubesse por que ela se preocupava com isso. Aos poucos, foi chegando à conclusão de que era o jeito de Elizabeth. Ele era um convidado, e ela fazia tudo para que se divertisse. O fato de também ser um empregado de seu marido não tinha a menor importância.

A espontaneidade de Elizabeth acabou fazendo com que se abrisse mais do que de

costume.

— Os irlandeses vêm fugindo da Irlanda há séculos. Já deve haver irlandeses em todas as partes do mundo.

— Com toda certeza...

Elizabeth correu os olhos pelo convés. Debruçada na amura-da, Catherine conversava com o irmão. A alguns passos, Drake cochilava, estendido numa espreguiçadeira. O iate avançava por entre as ondas. Não havia som algum, a não ser o barulho do vento no toldo de lona e os gritos distantes dos pássaros marinhos.

— O senhor ainda tem família na Irlanda?. Evan assentiu.

— Duas irmãs, casadas e com filhos. Meu pai, minha mãe, outra irmã e um irmão já estavam mortos, quando saí de lá.

— Isso é comum? Perder os pais e dois irmãos, na sua idade?

— Acontece. Maeve morreu tentando dar a luz ao terceiro filho. Tinha vinte anos. Sean era o mais velho de todos nós. Foi morto em 93.

— Morto por quem? — Catherine quis saber.

Apesar de fingir o contrário, há algum tempo ela vinha prestando atenção à conversa. No fim, vencida pela curiosidade, desistiu do fingimento e foi para junto deles, sentando-se ao lado de Evan.

— É difícil dizer. Ele foi a Dublin procurar trabalho e voltava para casa, à noite, quando o barulho começou. O projeto de Gladstone com novas leis para a Irlanda tinha sido derrotado na Câmara dos Lordes e os ânimos estavam exaltados. Em resumo, algumas pedras foram jogadas, as autoridades reagiram com exagero e várias pessoas morreram, inclusive Sean.

— Foi a polícia que matou o seu irmão? — perguntou Catherine.

— Provavelmente.

Ela se espantou com a calma da resposta. Lançando um olhar para Jimmy, que continuava junto à amurada mas ouvia tudo, declarou:

— Se eu achasse que a polícia tinha matado meu irmão, estaria louca de raiva.

Evan fitou-a, muito sério.

— Para um irlandês, não vale a pena se deixar dominar pelas emoções, srta. Bennington. A única coisa que pode conseguir é acabar morto também.

Catherine silenciou, analisando essas palavras. Depois, disse:

— O senhor não é um idealista.

Um riso amargo e breve escapou dos lábios de Evan.

— Não sou, mesmo. Houve um tempo em que eu poderia ter sido, mas, de lá para cá, cheguei à conclusão de que os ideais não tem a menor serventia. O que vale é a riqueza. E o poder.

Foi a vez de Elizabeth se manifestar.

— Espero que não esteja falando sério. Sem os ideais, a riqueza e o poder sempre levam aos piores excessos*

— É verdade — ele concordou. — Mas isso não muda o fato de que só os ricos podem se dar ao luxo de acreditar em alguma coisa, além do dinheiro. Eles já têm o dinheiro, por isso estão seguros. Para o resto de nós, é a luta pela sobrevivência que vem em primeiro lugar.

— O senhor pinta um quadro negro, sr. O'Connell — murmurou Elizabeth.

— Mas verdadeiro — disse Drake, sentando-se e passando uma das mãos pelos cabelos despenteados. — Por menos que vocês queiram, este mundo é um lugar duro. O dinheiro faz uma enorme diferença.

— Nem tanto — Catherine discordou. Sem pensar, Evan lhe perguntou, divertido:

— Isso quer dizer que a senhorita poderia desistir dele?

— Eu poderia passar muito bem sem todo o luxo a que estou acostumada.

Jimmy riu.

— Está aí uma coisa que eu gostaria de ver você tentar, Cat.

— Eu poderia — ela insistiu. Quando ninguém disse nada, corou. — Que dificuldade pode existir nisso? Olhem para a quantidade de gente que vive sem o menor luxo!

— Pare com isso, Cat — Jimmy murmurou, suspirando. — O que você disse já foi tolice para mais de um ano.

— Jimmy, você não está sendo justo — interferiu Elizabeth. — Sua irmã não falou por mal.

— Por que a senhorita iria viver de outro modo? — Evan perguntou.

A família virou-se para ele, mas era Catherine que recebia toda sua atenção. Ela estava, como sempre, extraordinariamente linda. Mas espantava-o o modo perfeito como ela expressava seus sonhos.

— Eu sei como o resto do mundo vive — falou, dirigindo-se apenas a ela. — A senhorita não deve nem pensar em mudar de vida. Este é o seu ambiente. Deve aproveitar o que tem, sem sentir vergonha disso.

— Não é bem vergonha que eu sinto.

— É uma espécie de desconforto, não é? Catherine assentiu e ele continuou:

— Pois não deveria se sentir assim. O mundo precisa de pessoas como a senhorita.

— Para quê?

— Para servir de exemplo do que existe de melhor. Para mostrar o quanto podemos ser bons.

— Que coisa adorável o senhor disse, sr. O'Connell! — exclamou Elizabeth.

— Adorável — Drake repetiu.

Com um olhar perspicaz para Evan, ele mudou de assunto. Durante o resto do passeio, eles conversaram sobre coisas absolutamente impessoais.

Para Evan, foi um alívio. Ele entendia muito bem que havia se colocado numa corda bamba, falando daquela maneira com Catherine. Mas também estava contente por ter falado. Fazia com que se sentisse mais próximo dela, ainda que essa ligação entre ambos fosse quase inexistente, de tão frágil.

Quando eles voltaram à praia, no fim da tarde, o céu começava a se encher de nuvens escuras. O vento tinha mudado e soprava forte, do sudoeste.

— Vem por aí um mau tempo — Evan comentou, quando caminhavam do ancoradouro para a casa.

— Ah, não! — Catherine protestou. — O tempo está ótimo.

— O vento mudou.

— O vento muda toda hora — ela garantiu. — Não quer dizer nada.

Evan não concordava, mas preferiu calar. Ao entrarem na casa, Drake chamou-o para discutir alguns papéis na biblioteca, antes que a família saísse para uma festa.

Evan trabalhou até tarde. Seu jantar foi levado à biblioteca, numa bandeja. Quando subiu para dormir, os Bennington ainda não tinham voltado. Mas ele acordou no momento em que ouviu um murmúrio de vozes passando por sua porta.

Durante algum tempo continuou como estava, deitado de costas, com as mãos debaixo da cabeça, pensando em Catherine. Até perceber que imaginava a moça fazendo todos os preparativos para se deitar. Desgostoso com a própria fraqueza, soltou uma exclamação abafada e virou-se de lado, decidido a dormir.

Afinal conseguiu, mas foi um sono inquieto. Entrou e saiu de sonhos inquietantes, nos quais uma garota de cabelos dourados estendia os braços para ele, só para se afastar depressa, cada vez que tentava tocá-la.

De manhã, o sol brilhava como nunca. Havia uma leve linha de nuvens no horizonte, mas nada que causasse preocupação.

— Quais são seus planos para hoje? — Elizabeth perguntou aos filhos.

Os Bennington, com Olívia e Evan, estavam reunidos à mesa do café.

— Pensei em sair no *Caramujo* — disse Jimmy. — Fazer um passeio ao longo da costa. O iate é ótimo, mas às vezes eu gosto da sensação de estar num barco menor.

— Se você for, tome cuidado — Drake preveniu, abaixando o jornal que folheava. — O vento está forte.

— Tanto melhor — disse Catherine. — Posso ir também, Jimmy?

— Claro. — Captando o olhar de sua mãe, ele suspirou e estendeu o convite à prima: — Quer ir também, Olívia?

A garota hesitou. A idéia de passar o dia com Jimmy era tentadora, mas não velejando num barquinho sem o menor conforto. Com pena da sobrinha, Elizabeth interferiu:

— A não ser que você prefira ir fazer compras comigo, Olívia. Uma ótima costureira se estabeleceu na cidade e eu pensei em dar uma olhada no que ela tem.

— Eu prefiro sim, tia — Olívia concordou, sem esconder o alívio.

Jimmy lançou à mãe um olhar de pura gratidão, antes de se dirigir à irmã.

— Você fica encarregada do lanche, Cat. Isso é trabalho de mulher.

— E você fica encarregado de remar, se o vento diminuir. Está bem assim, irmãozinho?

— O vento não vai diminuir — o rapaz declarou, confiante. — Vai ser um grande dia.

Evan passou o dia trabalhando na biblioteca, na companhia de Drake. Havia uma complicação envolvendo um negócio imobiliário que eles levaram horas para resolver.

Os dois fizeram um intervalo para o almoço, depois voltaram ao trabalho. Foram interrompidos no meio da tarde por uma batida na porta.

Elizabeth entrou e viu os dois em mangas de camisa, a escrivainha coberta de papéis. Meneou a cabeça em desaprovação.

— Vocês não acham que já está na hora de pararem com isso?

— Que horas são? — Drake perguntou. Antes que ela pudesse responder, olhou para a janela. — É mais tarde do que pensei. Já está escuro.

— São quatro horas — disse ela. — A tempestade está ameaçando cair há um bom tempo, mas ainda não começou a chover.

— Tempestade? — Evan levantou-se e foi até a janela.

Fora o céu tinha uma cor escura, com nuvens enormes tão baixas que pareciam tocar o topo das árvores. Abrindo a janela francesa, ele foi engolfado pelo ar úmido e frio.

— Cat e Jimmy já voltaram, não é? — perguntou a Elizabeth, sem se importar que notassem a familiaridade com que se referia aos dois irmãos.

— Claro! Eles devem estar...

A voz de Elizabeth foi diminuindo, assumindo um tom de dúvida. Ela e Drake trocaram um olhar e saíram correndo da biblioteca. Cat e Jimmy ainda não tinham voltado. Isso foi descoberto rapidamente, dando uma olhada nos quartos deles e perguntando aos criados. Ninguém vira os gêmeos desde a hora do café da manhã, quando haviam se dirigido ao ancoradouro onde estava o *Caramujo*, com uma cesta de piquenique nas mãos.

— Vou dar uma olhada lá fora. — Drake correu para fora, sem se incomodar em colocar uma capa de chuva.

Evan foi atrás.

— Vou com o senhor.

— Tenham cuidado! — Elizabeth gritou da varanda.

Com as mãos apertadas de encontro ao peito, ela lutava para não perder a calma. Seu medo, no entanto, era cada vez maior.

Os dois homens voltaram dentro de minutos, entrando exatamente quando o céu despencava. A chuva começou a chicotear a varanda, e um relâmpago monstruoso iluminou o cenário por um instante, seguido por um — enorme trovão.

— Não há sinal deles — Drake comunicou. — Vou chamar a patrulha salva-vidas.

— Você acha mesmo que é necessário?

— Eles devem ter se refugiado em algum lugar e estão bem — disse Evan, olhando para seus anfitriões. O medo no rosto deles era um reflexo do seu. — De qualquer maneira, é melhor tomar todas as precauções.

Drake assentiu. Rapidamente, foi para os fundos da casa, onde ficava o telefone. Enquanto fazia a ligação, Evan tomou Elizabeth pelo braço e levou-a para a biblioteca.

Ela foi sem resistir. Não era capaz de pensar em nada, a não ser nos filhos. Quando Evan colocou um copo de conhaque em suas mãos, fitou-o, assustada.

— Beba — ele disse gentilmente. — Vai lhe fazer bem. Ela tomou um longo gole, antes de tentar falar.

— Você deve estar certo. Eles encontraram abrigo em algum lugar. Jimmy é ótimo marinheiro, Cat também. Eles não fariam uma tolice.

— Claro que não — Evan garantiu, fingindo uma confiança que não sentia.

Drake voltou, pálido.

— A patrulha disse que recebeu vários chamados sobre outros barcos, mas que vai fazer o possível.

— Eles disseram alguma coisa sobre o local onde os dois podem estar? — perguntou Elizabeth, num tom de voz baixo e agoniado.

— Eles acham melhor presumir que Cat e Jimmy ainda estão no mar e agir de acordo.

— Oh, Deus! — Ela abaixou a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Sentando-se ao lado da esposa, Drake passou o braço pelos ombros dela. Não disse nada, mas sua atitude expressava claramente seu amor e seu medo.

Evan sabia que devia olhar para o outro lado, evitando aquele momento íntimo do casal, mas não conseguiu. Quase como se estivessem no mesmo cômodo, podia visualizar os filhos por quem eles tanto temiam: Jimmy, inteligente e corajoso, e Catherine, tão linda e perfeita.

— Sr. Bennington, o senhor tem outro barco? Um que seja pequeno e rápido?

Drake fitou-o por um momento, sem entender.

— Outro barco? Temos vários, mas... Antes que ele terminasse, Evan prosseguiu:

— Na costa oeste da Irlanda, onde eu cresci, um garoto aprende a navegar ao mesmo tempo em que aprende a andar. Eu não me esqueci de nada. Se o senhor me der um desses barcos, posso ir atrás deles.

— Arriscando sua vida?

— De jeito nenhum. Na Irlanda, este tempo é considerado perfeito para navegar. Vou matar a saudade e ainda por cima achar os dois.

Elizabeth sorriu, os cílios molhados de lágrimas.

— Sr. O'Connell, nós dois sabemos que isso tudo é história.

— Pode ser, mas é melhor do que ficar aqui parado, esperando a patrulha dar notícias.

— Isso é. — Cheio de ternura, Drake tocou o rosto da esposa e levantou-se, fitando Evan. — Tenho dois barcos pequenos, mas muito velozes, no ancoradouro. Você leva um, que eu levo o outro.

— Drake... — Elizabeth protestou. Ele olhou para ela, determinado.

— Você não espera que eu fique aqui, espera?

Por um instante, seus olhos se encontraram. Os dela, molhados e suplicantes, mas expressando a certeza de que ele tinha razão. Por mais que sofresse, pensando que o marido e os filhos estavam em perigo, não podia impedi-lo de ir.

Só que isso era mais fácil de dizer do que fazer.

Mal Drake e Evan deixaram a casa, a ventania piorou. Abaixados, com as cabeças inclinadas, eles atravessaram correndo o gramado, em direção ao ancoradouro.

— Tem certeza que quer fazer isso? — Drake gritou, acima do barulho do vento.

Eles haviam parado para colocar capas, calças à prova d'água e botas de borracha, bem como pegar estojos de primeiros socorros.

Amarraram os estojos ao peito, debaixo da capa, onde a chance de não se molharem era maior. Tudo que não tinha proteção contra a chuva já estava ensopado. Seus cabelos grudavam à cabeça, enquanto fios de água escorriam por seus rostos.

No fim do ancoradouro, os barcos balançavam violentamente no mar, os cascos castigados pela força da tempestade. Mais além, o *Elizabeth* estava ancorado, perto o bastante para ter a proteção da costa, mas não tanto a ponto de poder soçobrar.

Em mar aberto, para onde iam, o iate não teria a menor utilidade. Mesmo com o motor funcionando, era pesado demais para desenvolver velocidade. Além disso, as ondas eram altas o suficiente para fazê-lo virar.

— Não vamos perder tempo — Evan gritou.

Pulando para um dos barcos, ele o soltou rapidamente. Dentro de minutos, tinha a vela erguida e respirava aliviado. O mastro agüentaria, apesar da força do vento. Depressa, foi para seu lugar e tomou o leme nas mãos.

Drake tinha feito o mesmo. Acenando para Evan, ele virou o barco em direção ao mar alto. Quase de imediato, desapareceu em meio à chuva.

Evan esperou um pouco mais, imóvel e alerta. Deliberadamente, como tinha aprendido, abriu a mente e absorveu os sinais que a natureza lhe mandava. Sentiu o poder e a direção do vento, bem como o ritmo de sua fúria. Captou o movimento da água e deixou que penetrasse em seu cérebro, dizendo-lhe quando as ondas iam subir e quando desceriam.

Naturalmente, nada disso lhe ocorreu ao nível consciente, e sim num nível bem mais profundo, onde o instinto e os reflexos imperavam. Quando absorveu todas informações, considerou-se pronto.

Mesmo assim, quase virou quando deixou a pequena baía. Foi obrigado a lutar desesperadamente para conservar o barco de pé. Não havia ninguém à vista, e só podia torcer para que Drake estivesse bem. Mas não tinha tempo para preocupações. Voltando à proa do barco para o sul, foi de encontro ao centro da tempestade.

Durante uma hora, talvez mais, lutou contra a fúria do vento e a violência da água. Seu corpo retesava-se para suportar a força primitiva da natureza que o tornava extremamente frágil.

Mesmo assim, continuou. Em vão, seus olhos percorreram a água inúmeras vezes, de um lado para o outro, procurando um sinal do barco perdido.

Recusou-se a desistir ou a permitir que a mais leve dúvida se infiltrasse em sua mente, embora soubesse das poucas chances de alguém sobreviver numa tempestade tão feia.

Sua própria vida estava por um fio naquela luta insana. Vários centímetros de água já enchiam o fundo do barco. Mas não podia fazer nada, a não ser agarrar o leme e tentar manter o barco firme, enquanto cavalgavam uma onda, e mais outra, e outra ainda...

O tempo perdeu o significado, a tempestade não tinha fim. Parecia que sempre estivera naquele barco, naquele mar, arriscando a própria vida. A outra face da realidade... Terra, calor e segurança não passava de uma ilusão.

Estava completamente absorto na luta pela sobrevivência. No momento, porém, em que avistou a forma amontoada ao longe, no ponto exato para o qual se dirigia, teve consciência imediata do que se tratava.

No fim, foi impossível levar o barco até a praia. O pequeno veleiro, de tanto valor durante aquela viagem quase impossível, não conseguiu corresponder à última exigência. Mesmo ainda apontando sua proa em direção à areia, Evan já sabia que não ia dar.

No último instante, ele se jogou na água, brigando contra a correnteza que ameaçava levá-lo para o fundo do mar. Apelando para todas as forças que ainda lhe restavam, arrastou-se até a praia, enquanto a pequena embarcação atingia as rochas e era totalmente destruída pela fúria do impacto.

Capítulo XIV

Catherine gemeu baixinho. Seus olhos estavam fechados e tinha certeza de que sonhava. Ou melhor, que estava nas garras de um pesadelo.

Todo seu corpo latejava de dor. Não havia um ponto sequer que não doesse. Seus pulmões e a garganta estavam inchados e queimavam, e sua cabeça parecia a ponto de explodir. Quando tentou abrir os olhos, achou que suas pálpebras estavam coladas.

Foi essa sensação que mais a amedrontou. Agoniada, lançou ao ar um grito de pavor.

— Calma — ouviu uma voz grave e baixa dizer. Ao mesmo tempo, algo frio e úmido tocou seu rosto, retirando a substância que impedia seus olhos de se abrirem. — Tente agora.

Ela obedeceu e de imediato se arrependeu. A luz que entrou pela pequena abertura entre suas pálpebras era tão brilhante que chegava a cegar. Mais que depressa, fechou os olhos e virou a cabeça para o lado.

— Está tudo bem — a pessoa murmurou de novo. — Não queira fazer tudo de uma vez. Está tudo bem, agora.

Evan!

Saber que ele estava ali com ela afastou todos os outros pensamentos de sua mente. Sem ligar para o desconforto, abriu os olhos e fitou-o.

— Você...

Não podia ser sua voz! Aquele som fraco e rouco que lhe custava tanto esforço para emitir não podia ser sua voz!

Chocada, levou a mão à garganta dolorida.

O rosto de Evan flutuou acima do seu, os olhos ternos mas atentos.

— Você engoliu muita água salgada. Não é de admirar que esteja doendo.

Foi quando ela se lembrou. Da tempestade, de seus esforços insanos para alcançar a praia, do momento em que a onda gigantesca atingiu o barco e o levantou como se não passasse de uma pena.

Jimmy!

O terror assolou-a. Sentando-se abruptamente, deixou escapar um grito agoniado.

De imediato, Evan abraçou-a, apertando-a com firmeza de encontro ao peito, partilhando

os tremores que a sacudiam da cabeça aos pés. Ela tremia incontrolavelmente ao reviver os horrores das últimas horas.

Ele alisou seus cabelos gentilmente, murmurando palavras de conforto e carinho, lamentando o tempo todo não poder transferir para si mesmo o medo e a dor que a torturavam.

Era terrível ver uma mulher tão linda e delicada sofrer daquele modo. Mas não podia fazer nada, a não ser segurá-la nos braços, enquanto ela enfrentava lembranças agoniantes.

— Jimmy...?

O rosto de Evan tornou-se sombrio. Tinha torcido tanto para que ela não pensasse no irmão... Pelo menos por mais alguns instantes, para ter a chance de se ajustar melhor ao que havia acontecido.

Relutante, ele se afastou um pouco, examinando os olhos dela, assustados e apreensivos.

— Não consegui encontrar Jimmy. Nem o barco. Você estava na praia. Não sei como foi parar lá.

Catherine fechou os olhos, apertando as pálpebras com força. Sabia que ia chorar e detestava a idéia, mas estava muito fraca para se controlar.

Evan continuou a segurá-la com ternura enquanto se entregava ao pranto.

— Por quê? — perguntou no fim, quando conseguiu recuperar um pouco do autocontrole.

— Em nome de Deus, como é que isso foi acontecer?

Evan não soube responder. Já havia visto o destino desferir muitos golpes para se surpreender, mas nem por isso achava mais fácil aceitar. Podia, no entanto, oferecer algumas palavras de conforto.

Erguendo o queixo feminino, disse com firmeza:

— Nós não sabemos o que aconteceu. Jimmy pode ter chegado a uma praia.

Não tocou no nome de Drake nem no perigo a que ele havia se exposto. Ela já tinha preocupações demais.

Não era próprio da natureza de Catherine se desesperar. Por isso, reconheceu a esperança oferecida pelo rapaz e se agarrou a ela com a mesma força com que se agarrava a ele.

Os dois continuaram abraçados durante muito tempo. Afinal, Catherine começou a tomar consciência do ambiente em torno e levantou a cabeça.

— Onde estamos? — perguntou baixinho. Aliviado com essa reação, Evan sorriu.

— Numa cabana, a alguns metros da praia. Tivemos sorte.

Catherine olhou em volta, concordando de imediato. A cabana era pequena e precariamente mobiliada, mas oferecia abrigo da tempestade que ainda castigava a natureza, lá fora.

Uma pequena lamparina fornecia a luz que havia achado tão forte antes, mas que agora lhe parecia fraca e pálida. Ela estava sentada num chão de tábuas largas, enrolada num cobertor e sem...

Chocada, ergueu os olhos para Evan. Ele adivinhou seus pensamentos e corou.

— Você estava ensopada. Tive de tirar as suas roupas.

Pelo mesmo motivo, ele também havia tirado quase toda a própria roupa, conservando apenas a calça. Seu peito nu brilhava como bronze, à luz da lamparina.

Fascinada, ela observou o movimento dos músculos até perceber a direção de seus pensamentos. Envergonhada, desviou os olhos depressa.

— Está frio — murmurou, apertando mais o cobertor de encontro ao corpo.

— A cabana tem uma lareira. Vou ver se funciona.

Evan se levantou, dominado por uma enorme sensação de alívio. Catherine ia ficar boa. Melhor ainda, estava enfrentando a situação com sensatez. O que era mais do que podia dizer de si mesmo. Só apelando para toda sua força de vontade conseguiu se afastar dela.

Com os cabelos loiros caindo pelos ombros nus, os olhos grandes e luminosos, os lábios cheios e macios, ela exercia sobre ele uma atração muito difícil de ser ignorada.

Além disso, seu desejo por Catherine ultrapassava o plano físico. Sua vontade de protegê-la era um sentimento novo, que nunca havia experimentado antes. Queria dar-lhe carinho tanto quanto desejava fazer amor com ela.

Dois desejos que totalmente contraditórios. O lado cavalheiro de sua natureza exigia que se portasse de maneira impecável, não fazendo nada que pudesse sugerir que tirava vantagem

da situação.

Mas havia outro lado, mais primitivo e bem menos limitado por preocupações tão elevadas. Esse incitava-o a tirar toda vantagem que pudesse, a comprometê-la de todas as maneiras possíveis com o único objetivo de torná-la sua. Com certeza, jamais teria outra chance.

Lutando contra as emoções, Evan verificou o estado da lareira, antes de preparar tudo e aproximar um fósforo da madeira. Velhas e secas, as achas de lenha pegaram fogo de imediato. Minutos depois, um calor gostoso começou a se espalhar pela cabana.

— Está melhor assim? — ele perguntou, voltando para junto dela.

Catherine assentiu, de cabeça baixa. Não tinha tirado os olhos dele enquanto acendia o fogo. Já estava quente, mas seu calor não tinha nada a ver com as chamas bruxuleantes da lareira.

— Evan...

Ele se sentou ao lado dela, examinando-a com preocupação.

— O que é?

— Obrigada por me salvar.

Um sorriso triste desenhou-se nos lábios dele.

— Não tem de quê.

— Você saiu a nossa procura, não foi? Quando ele assentiu, ela acrescentou:

— Foi muita coragem.

Evan mudou de posição, embaraçado. Não sabia por quê, mas achava a gratidão de Catherine enervante. Talvez pelo fato de não querer que ela se sentisse em débito com ele. Preferia que nenhum senso de obrigação influenciasse seu relacionamento.

— Foi uma estupidez, isso sim — murmurou asperamente. — O barco em que eu estava acabou totalmente destruído.

Catherine fitou-o, os olhos azuis assustados.

— Como é que nós vamos voltar?

— Vamos esperar amanhecer e pedir carona a alguém. Deve haver patrulhas de busca por aí. Com um pouco de sorte, encontraremos alguém para nos levar.

Ela suspirou, pouco entusiasmada com a idéia. Voltar ao mundo significava receber notícias que podiam ser trágicas. Seria bom se pudessem adiar ao máximo a volta à realidade. Mas isso seria muita covardia.

— Eu gostaria... — começou, hesitante.

— De quê?

Catherine levantou a cabeça, encarando Evan. Seu medo de que alguma coisa tivesse acontecido a Jimmy era tão grande que desejava desesperadamente negar até a idéia de morte.

— Eu gostaria que não houvesse nada no mundo, a não ser este lugar... e nós. Não é bobagem?

Evan olhou-a por um longo instante, observando o jogo de luz e sombra nas feições delicadas. Devagar, tomou consciência do enrijecimento de seu corpo e das batidas rápidas de seu coração.

Ao mesmo tempo, viu os mamilos femininos delineados sob o cobertor fino e percebeu que não estava sozinho, em sua excitação. Só estava sozinho na compreensão de quais podiam ser as conseqüências daquilo.

— Vou buscar mais lenha lá fora — disse, ficando em pé abruptamente.

Sozinha, Catherine deu um jeito de se levantar e caminhar até o fogo. As pernas estavam trêmulas, e a princípio achou que não conseguiria se manter em pé. Depois de alguns minutos, no entanto, começou a se sentir mais firme.

Seus cabelos ainda estavam úmidos. Ou Evan, ou o mar haviam retirado os grampos que prendiam as longas madeixas. De qualquer maneira, seus cabelos desciam por suas costas numa massa molhada.

Com algum esforço, ela se pôs a separar os fios, aproximando-os do fogo para que pudessem secar mais depressa. Enquanto fazia isso, notou um esfolado em seu braço e percebeu que continuava muito dolorida.

Olhando para a porta, imaginou quando Evan voltaria. Fazia alguns minutos que ele havia saído, mas levava tempo juntar uma pilha de madeira. Erguendo-se depressa, ela deixou

cair o cobertor e examinou o próprio corpo.

Chocou-se quando viu o quanto estava machucada. Batidas feias manchavam seus quadris e coxas. Além disso, tinha os calcanhares esfolados e arranhados. Vagamente, ela se lembrou de ter sentido dor, ao se arrastar pela praia.

Não estava nem um pouco bonita, decidiu com um sorriso triste. Mesmo assim, ainda estava melhor do que tinha o direito de querer, naquelas circunstâncias.

Catherine já se inclinava para pegar o cobertor e se cobrir, quando a porta da cabana se abriu. Delineado contra o céu tempestuoso apareceu Evan, os braços cheios de madeira e os cabelos espessos sacudidos pelo vento. Havia em seus olhos uma expressão que ela entendeu de imediato, embora nunca a tivesse visto antes.

— O que está fazendo? — ele perguntou, num tom de voz baixo e áspero.

Mais que depressa ela agarrou o cobertor, cobrindo a frente do corpo.

— Eu queria saber por que estou tão dolorida.

Uma desculpa fraca, apesar de verdadeira. Não tinha nenhum outro motivo. Pelo menos, nenhum que fosse capaz de admitir.

— Você está dolorida porque quase morreu!

Evan entrou, batendo a porta atrás de si. Não voltou a olhar para ela, enquanto soltava a madeira no chão e jogava algumas achas no fogo.

— Como achou que podia se sentir?

— Não sei — Catherine sussurrou.

De repente, ela se sentiu muito infeliz. Evan devia achar que era uma tola, irresponsável e sem o menor pudor. Envergonhada, tentou prender o cobertor em volta do corpo, mas seus dedos ainda estavam rígidos.

Depois de alguns momentos, ele franziu a testa, impaciente com sua falta de jeito.

— Você não consegue fazer nada sozinha?

Antes que pudesse replicar, ele se levantou, afastou suas mãos e arrumou o cobertor em volta de seu corpo, prendendo uma das pontas entre seus seios.

Ela se manteve absolutamente imóvel, paralisada pelo toque masculino. Tinha absoluta consciência da pequena distância que os separava, pouco mais de alguns centímetros. O calor do corpo dele parecia envolver o seu, afastando a imagem fria da morte e reafirmando a vida em toda sua radiante alegria.

Fixo à frente, seu olhar estava no mesmo nível do pescoço de Evan e do queixo firme. Enquanto observava fascinada, um músculo começou a se contrair junto à boca.

— Evan...

Ele baixou os olhos para os dela, muito abertos e reveladores em sua total inocência. Angustiado, apertou as pálpebras, lutando contra o instinto que queria tanto negar. Quando as abriu de novo, ela ainda o fitava.

— Cat, não!

— Não o quê?

— Você sabe... Você tem que saber o que está fazendo comigo!

Catherine sabia, embora fosse uma experiência totalmente nova. Uma experiência que lhe dava uma sensação incrível, de um poder até aquele momento desconhecido: seu poder como mulher.

Com um leve sorriso, ela murmurou:

— Acho que sei, mas não tenho certeza. Seria bom você me dizer.

O olhar dele assumiu um brilho frio e duro.

— Não tenho tempo para ficar fazendo as vontades de uma garotinha rica e mimada, que não tem juízo suficiente para manter os dedos longe do fogo.

Catherine afastou-se com um gesto brusco, ofendida. De novo, sentiu-se humilhada, mas desta vez uma voz em seu íntimo lhe disse que não havia motivos para isso. Juntando toda sua coragem, encarou-o.

— Do que é que você tem medo, Evan? De ser obrigado a admitir que alguma coisa não está certa nos seus planos tão perfeitos? De descobrir que é humano, tão humano a ponto de desejar uma mulher da qual não gosta?

Foi a vez de Evan sorrir, embora tentasse disfarçar.

— Por que acha que não gosto de você?

Ela não sabia o que esperava que ele dissesse, mas não era aquilo.

— É que... Você não fez segredos, fez? Ficou mais do que evidente.
— Não, para mim. Na verdade, achei que estava fazendo papel de tolo, no que se referia a você.

— Você o quê?!

— Você me ouviu. Eu a quis desde o primeiro momento em que a vi, Catherine Bennington. Ficar longe de você acabou se tornando a minha maior preocupação. O que torna esta situação bastante irônica. — Ele fez uma pequena pausa, depois comentou: — A verdade é que a Mãe Natureza sempre gostou de fazer piada, de vez em quando.

— Eu nunca imaginei... Evan ergueu as sobrancelhas.

— Nunca?

— Nunca. É verdade! Pensei que você me considerasse tola e mimada, como disse há pouco. Tinha até medo de que percebesse como eu me sentia e se divertisse com isso.

— Olhe para mim, Cat. Eu não estou rindo, estou?

Ao contrário, ela nunca o tinha visto tão sério. As feições masculinas pareciam talhadas em linhas rígidas e tensas. Os olhos cristalinos flamejavam. Por mais inexperiente que fosse, Catherine não podia deixar de ver que ele estava preso as garras de um sentimento forte.

Uma onda de medo espalhou-se por todo seu corpo. Não sabia se conseguiria lidar com a situação que havia criada. Tinha sido educada de acordo com um código rígido de moral, que exigia que uma mulher permanecesse virgem até sua noite de núpcias, jamais entregando seu corpo a um homem que não fosse seu marido. Na verdade, uma mulher nem deveria saber que essa última possibilidade existia.

No entanto, em meio a todos esses preconceitos havia se infiltrado um ensinamento mais terno, mais humano, dado por sua mãe e sutilmente reforçado por seu pai: a certeza de que o amor era o que existia de melhor e mais belo, entre os seres humanos. O resto tinha seu valor, mas não tanto quanto isso.

Ela amava Evan. Essa verdade que havia tomado conta de sua mente devagar explodiu com a força da mais profunda revelação. Ela o amava. Amava não apenas o homem atraente, mas principalmente suas qualidades. O homem cheio de dúvidas, vulnerável, humano. Como ela.

— Evan — disse baixinho, os olhos nos dele —, eu podia ter morrido, hoje. Minha vida podia ter acabado. De certa maneira, acho até que acabou.

Ousada, pousou as mãos no peito masculino, mergulhando os dedos nos pêlos negros e brilhantes.

— Eu nunca tinha percebido como a vida é frágil. Pode acabar num instante. Por isso, Evan, é que não quero desperdiçar mais tempo.

Evan sentiu uma reação imediata aos carinhos que recebia. Num esforço sobre-humano de autocontrole, conseguiu resistir à tentação de prendê-la com força nos braços.

— Você está reagindo de uma forma exagerada, Cat. Não é possível que queira fazer uma coisa da qual vai se arrepender pelo resto de sua vida.

— Como sabe que vou me arrepender?

— Você só pode se arrepender.

— Por quê? Você é um amante tão ruim assim?

O choque dele foi tão grande, que ela não agüentou e riu.

— Ficou ofendido? Não vá me dizer que você é um desses homens que acham que as mulheres não devem pensar nessas coisas.

— Não, eu não sou, mas...

— Ouvi dizer que os irlandeses são muito reprimidos em certas áreas.

O brilho aumentou nos olhos cristalinos. Se ela fosse mais experiente, teria se sentido lisonjeada.

— Não diga! Quem foi que lhe contou isso?

— Não me lembro.

Catherine nem sabia o que falava. A boca de Evan era fascinante. Os lábios, firmes, de uma forma perfeita, estavam ligeiramente abertos. As mãos dele deslizavam por seus braços nus, fazendo a pele se arrepiar. Chegando a seu pescoço, levantaram os cabelos, tocando a nuca, antes de se enredarem nos fios longos e sedosos.

Sem aviso, ele lhe puxou a cabeça para trás. Um gesto delicado, mas que a pegou de surpresa. Ofegante, entreabriu os lábios, que foram imediatamente cobertos pelos dele.

Evan não fez concessões a sua inocência. Depois, quando já tivesse conseguido se satisfazer um pouco, pensaria nisso. Agora, não.

Saboreando o gosto dos lábios delicados, introduziu a língua entre eles.

Catherine deixou escapar uma exclamação chocada, que logo se transformou em um gemido de prazer. Nunca havia pensado que pudesse se sentir daquela maneira.

Instintivamente, ergueu os braços, envolvendo os ombros largos e musculosos de Evan. Através do tecido áspero do cobertor, sentiu o peito forte pressionar seus seios. A sensação abrasiva despertou em seu íntimo um desejo intenso.

De repente, o esforço necessário para manter a cabeça erguida tornou-se grande demais. Cedendo, Catherine deixou que ela caísse para trás, expondo as linhas esbeltas do pescoço.

Evan retribuiu com um gemido, totalmente dominado pela excitação. Não esperava que ela correspondesse com tanto abandono. Era uma delícia, apesar de tornar quase impossível manter o autocontrole.

Ignorar a inocência de Catherine enquanto a beijava era aceitável, na opinião dele. Continuar ignorando, depois disso, nem um pouco.

Ele não tinha escrúpulos nem dúvidas sobre o que ia acontecer entre ambos. Mais tarde, podia ser que se arrependesse, mas naquele momento as dúvidas eram impossíveis. Seu ato de amor nada tinha de errado, e essa verdade não podia ser negada.

Uma verdade que reforçou sua decisão de tornar a experiência perfeita para Catherine. Conseguiria isso, mesmo que tivesse de lutar o tempo todo contra a vontade quase irresistível de deitar o corpo feminino no chão e abrir seu caminho em direção ao prazer final, sem levar mais nada em consideração.

Catherine não ajudava em nada. Instintivamente, ela arqueava o corpo de encontro ao seu, movendo-se num ritmo enlouquecedor.

Numa espécie de transe criado pela paixão, Evan fitou-a. Ela ainda era Catherine, linda, etérea, a mulher que sempre havia julgado estar acima da realidade triste e feia da existência humana.

Ela, porém, também era uma mulher tomando conhecimento da enorme capacidade de se entregar à paixão. Talvez até com um pouco de medo disso, mas ainda assim corajosa o suficiente para encarar de frente a experiência.

Com um movimento rápido, Evan se inclinou e levantou Catherine nos braços. Ela gemeu baixinho quando ele atravessou o cômodo e a colocou sobre uma pilha de cobertores.

Num último momento de hesitação, percorreu-lhe o corpo com os olhos. Então mergulhou nos braços que ela lhe estendia.

Capítulo XV

Catherine virou-se, afastando os cabelos do rosto. Apoiando-se num dos cotovelos, fitou pensativa o homem adormecido a seu lado.

Ele parecia mais jovem e mais descontraído do que quando estava acordado, mais de acordo com sua idade. O que lhe dava uma idéia do modo como deveria ser, se tivesse levado uma vida diferente.

Cheia de ternura, estendeu a mão e traçou o contorno dos lábios bem delineados, de leve para não acordá-lo.

Os lábios que a haviam atormentado de forma tão deliciosa durante as últimas horas estavam frios. Suspirando, puxou a mão, mas continuou a observá-lo.

Entendia agora porque a maioria das pessoas envolvia o sexo em tanto mistério. Era uma força primitiva, extraordinária em seus efeitos. Fingir que não era assim seria diminuir a importância da própria vida.

Não era de admirar que a sociedade cercasse o assunto de tantos tabus e regras. Nem que a punição fosse tão severa para os que desrespeitavam essas regras.

Ela e Evan — ela, principalmente — tinham violado uma das mais fortes leis de seu mundo.

Se seu comportamento se tornasse conhecido, todos lhe dariam as costas. Mas não sua família. Eles sempre a amariam, não importava o que fizesse.

Saber disso lhe dava um grande conforto. Faria o possível para ser fiel a si mesma, sem magoar sua família.

Quanto às outras pessoas, não dava a menor importância ao que pensassem e falassem. A opinião deles não contava diante da experiência grandiosa que havia partilhado com Evan.

Catherine corou, lembrando-se da noite anterior. Nem em seus sonhos mais ousados tinha pensado que fosse capaz de se comportar do jeito que havia se comportado. Evan a tinha levado a um grau de excitação que até as carícias mais atrevidas haviam lhe parecido certas e desejáveis.

Uma onda de calor se espalhou por seu corpo, e ela se mexeu, inquieta, sob o cobertor que ele havia jogado sobre ambos. Seus seios estavam inchados, com os mamilos tão rígidos como nos momentos em que ele os tinha tomado na boca.

O ligeiro desconforto entre as pernas não trazia arrependimento. A dor havia sido breve e já estava esquecida. O prazer, porém, permanecia vivo.

Estendeu a mão de novo, desta vez para tocar a cicatriz fina e branca, que descia pela testa masculina até perto de um dos olhos.

Evan se mexeu, abrindo as pálpebras de cílios espessos e escuros.

— Catherine...

Ela achou seu nome irresistível dito naquela voz macia e sonolenta. Quase sem ter consciência do que fazia, inclinou-se para ele.

— Aconteceu alguma coisa? — Evan murmurou, mais alerta. Alguma coisa? Claro que tinha acontecido! Só que não era disso que ele falava.

Sorrindo, ela meneou a cabeça.

Evan, no entanto, não ficou tranquilo. Com a volta da consciência, vieram as lembranças. Corou. O corpo queimando de paixão, estendeu os braços para ela.

Catherine cedeu sem protestos, encostando ao dele o corpo macio e quente. Fazendo com que apoiasse a cabeça em seu ombro, ele se pôs a lhe acariciar as costas, cheio de delicadeza.

— Você está bem? Ela assentiu.

— Estou ótima! E você?

Ele sorriu, aliviado com a felicidade dela. Um traço de orgulho e satisfação surgiu em seu olhar.

— Sem arrependimentos?

Catherine meneou a cabeça, desta vez com mais firmeza.

— Nenhum. E você?

— Só o de não termos feito isso antes. — Evan riu, apertando-a contra si. — Você quase me deixou louco, mulher. Louco varrido! Qualquer coisa é melhor do que o tormento que eu vivi.

Ele estava sendo absolutamente sincero. Sem dúvida, não tinha arrependimentos, mas isso não queria dizer que também não tivesse preocupações. Precisava pensar em alguma coisa para prolongar seu relacionamento com Catherine. O fato de terem passado a noite juntos havia aumentado sua determinação de jamais deixar que ela se fosse.

Mas isso teria que esperar. Por enquanto, bastava estarem juntos.

A tempestade continuava a rugir, lá fora. Muitas horas se passariam, antes que pudessem pensar em partir. Um sorriso indo-lente iluminou suas feições.

— Você está muito dolorida?

Catherine corou até a raiz dos cabelos. Ainda não havia se acostumado com aquela franqueza, aquela intimidade.

— Não — respondeu baixinho.

Evan puxou o cobertor devagarinho, revelando aos poucos o corpo de Catherine. Tinha as feições rígidas e os olhos atentos enquanto examinava cada centímetro descoberto.

Sob o olhar dele, Catherine sentiu os mamilos endurecerem e instintivamente olhou para baixo. Seus seios, altos e firmes, tinham as pontas delicadamente rosadas, com os mamilos um pouco mais escuros. Mais abaixo, seu corpo estreitava suavemente até a cintura, para depois alargar aos poucos na região dos quadris.

Ela gemeu baixinho quando Evan a cobriu com próprio corpo, gentilmente forçando suas

pernas a se abrirem. Acariciando seus lábios com a boca, ele se ajeitou entre suas coxas. Algumas horas atrás, ela havia descoberto que adorava aquilo. Em vez de fazer com que se sentisse presa numa armadilha, o peso dele só aumentava sua excitação.

Saboreando a forma dos músculos poderosos, ela correu as mãos pelas costas masculinas. Evan era tão forte e tão delicado ao mesmo tempo... Um amante maravilhoso!

— Eu te amo — Catherine sussurrou, um segundo antes de receber um beijo longo e ardente.

Logo em seguida, viu Evan levantar a cabeça, e esperou que repetisse suas palavras. Em vez disso, ele começou a acariciar sua pele com movimentos lentos, dos seios às coxas. Depois, inclinou-se para morder seus mamilos, ajeitando seu corpo sob o dele. Em segundos, ela estava pronta para a união completa.

Evan penetrou-a lenta e cuidadosamente, ciente do quanto aquilo ainda era novo para Catherine. Enquanto se movia, observava o rosto dela, atento ao menor sinal de desconforto. Mas não viu nada além de alegria, de puro prazer.

— É lindo — Cat murmurou de encontro ao pescoço masculino. — Tão lindo!

Evan não podia falar. O esforço estava além de sua capacidade. Mas concordava totalmente com ela. Em toda sua vida, nunca havia passado por uma experiência tão grandiosa e capaz de lhe dar ao mesmo tempo uma sensação tão grande de humildade. Estar com Catherine, em Catherine, dava-lhe a impressão de ter renascido.

O brilho intenso dos olhos cristalinos poderia ter assustado Catherine, se ela não conhecesse o desejo que o motivava. Evan se agarrava aos últimos esforços de autocontrole para ir devagar. Mas ela não queria ir devagar.

Arqueando os quadris, Catherine fez com que ele se aprofundasse mais nos recessos de seu corpo, quente e latejante.

— Doçura... Minha doçura... — ele murmurou, pressionando os quadris contra os dela.

A partir desse momento, a magia da paixão envolveu-os fazendo-os mover-se como se fossem um só. E quando a união se completou, *eram* um só.

Devagar, eles foram deslizando de volta à realidade. Mas a lembrança do que haviam partilhado ficou na parte mais secreta de suas almas, onde jamais poderia ser esquecida ou ignorada.

— Preciso falar com o seu pai — Evan declarou, várias horas depois.

Ambos estavam diante do fogo. A tempestade continuava, mas havia começado a perder a força. Logo, o sonho chegaria ao fim e o mundo real exigiria sua volta.

Catherine passou a mão pelo peito nu de Evan, sentindo os músculos enrijecerem sob o seu toque. O tempo que haviam passado juntos tinha sido perfeito. Por isso era tão difícil aceitar o fim.

Mas a realidade estava cada vez mais próxima. Lutando contra o medo, ela apertou os olhos com força. Gostaria de falar em Jimmy, mas não teve coragem nem de pronunciar o nome do irmão. Com dificuldade, disse:

— Nós não sabemos... como ficaram as coisas.

Evan puxou-a para mais perto de si. Queria muito lhe oferecer algumas palavras de conforto, mas não havia nenhuma. Também não tinha sentido fingir que não existia a possibilidade de enfrentarem uma tragédia, quando deixassem a cabana. Se essa fosse a realidade, Catherine teria de usar toda sua força para enfrentar a própria dor e ajudar a mãe. Não sobraria muito tempo para pensar no que havia acontecido entre ambos.

Naturalmente, isso não queria dizer que ele não moveria céus e terra para ajudá-la, por mais que isso pudesse lhe custar. Também não podia ignorar a possibilidade de uma tragédia acabar motivando um afastamento.

No fundo de sua alma, Evan entendia muito bem a ligação entre um acontecimento ruim e a culpa pessoal. Era bem possível que Catherine se sentisse responsável pelo destino do pai e do irmão.

Apertou os braços em torno dela. Olhando para o teto, ele começou a acariciar, distraído, os cabelos loiros e sedosos.

Existia a possibilidade de Jimmy e Drake terem sobrevivido. Drake possuía uma fibra impressionante. Embora Jimmy não a manifestasse com tanta intensidade, o rapaz a possuía também.

De repente, Evan foi tomado pela certeza de que os dois não haviam sucumbido durante a tempestade. O que significava que teria de prestar contas tanto ao pai quanto ao filho. Principalmente ao pai.

Sorriu um sorriso leve e divertido. No fundo, ele sempre havia achado que um dia acabaria tendo problemas com os homens do Novo Mundo. Em sua opinião, eles agiam com os imigrantes da mesma maneira que os ingleses agiam na Irlanda.

Naturalmente os homens que agiam assim eram sempre os que tinham dinheiro e poder, além da vontade férrea de não perder nenhum dos dois. Ele havia escapado deles uma vez, emigrando para o Novo Mundo. Mas não estava disposto a fugir de novo.

A época de fugir havia acabado. Agora era hora de ficar e defender seu lugar, lutando por suas crenças e seus ideais.

Evan não disse mais nada a Catherine, pois sabia o quanto ela temia pelo destino do irmão. O melhor era não tocar no nome de Jimmy enquanto não tivessem notícias concretas.

Ele a segurou com infinita ternura, vendo-a dormir, inquieta. Aos poucos, o fogo foi diminuindo e acabou, mas o ar na cabana continuou quente. Ao amanhecer, ele também adormeceu, com a cabeça de Catherine apoiada em seu ombro e as pernas entrelaçadas às dela.

Acordou algumas horas depois com um som estranho, agudo, vindo de fora. Abriu os olhos e olhou em volta por um instante, tentando identificar o que ouvia. Seu olhar recaiu na veneziana fechada, por onde entrava um pouco de sol.

Cuidadosamente, afastou Catherine de si e cobriu-a com os cobertores. Uma vez em pé, vestiu-se rapidamente e saiu da cabana.

A manhã estava tão clara, que foi obrigado a proteger os olhos do brilho intenso. O céu parecia ter sido lavado, de tão limpo e azulado.

Mais abaixo, ao pé da colina, as ondas continuavam a quebrar. Onde ele estava, praticamente não existiam mais sinais da tempestade. Só a grama achatada e cheia de sal lembrava a fúria da natureza.

Ele logo percebeu que não estava sozinho. Da estrada estreita que passava ao lado da cabana, um garoto o observava, montado numa bicicleta. Havia sido o chiado das rodas envelhecidas que acordara.

— Bom dia — o garoto gritou. — O senhor está bem? Evan assentiu, caminhando em direção a ele.

— Você tem alguma notícia? Sabe se a tempestade foi muito ruim?

O garoto deu de ombros. Tinha uns treze anos, cabelos cor de areia e nariz de batata.

— Foi horrível. Ouvi dizer que algumas pessoas morreram. — Olhou para a praia. — Lá, na água.

— Sabe quem?

O menino meneou a cabeça.

— Existe uma aldeia a um quilômetro daqui. Foi de lá que eu vim. O senhor pode conseguir notícias lá.

Quando Evan hesitou, ele prosseguiu:

— Pode ir na minha bicicleta, se quiser. Eu vou andando do seu lado.

Evan sorriu. Seria possível que estivesse com uma aparência tão envelhecida para o menino achar que não conseguiria andar um quilômetro?

— Há uma moça comigo. Ela estava no mar, ontem à noite. Agora, está bem, mas pode ser que precise de uma carruagem.

— Eu vou buscar uma.

— Quando você chegar lá, conte a alguém de responsabilidade o que aconteceu. Pode ser o chefe do correio, se vocês têm um. Peça a ele para telegrafar à família dela, em Newport, avisando que ela está bem.

Quando Evan revelou o nome de Catherine, o garoto arregalou os olhos.

— Ela pertence à família Bennington? — quis saber, impressionado.

Evan abafou um suspiro. Não precisava de ninguém lhe dizendo o quanto era importante a família de Catherine mas, ao que parecia, era exatamente isso que ia acontecer.

— Não se esqueça de procurar o chefe do correio, hein? Quando o garoto se foi, pedalando furiosamente estrada acima, ele voltou para a cabana. Catherine ainda dormia. Devagar, ajoelhou-se ao lado dela, estudando as feições delicadas como se Quisesse

memorizá-las para lembrar-se quando não estivessem Juntos.

Pouco depois, percebendo o que fazia, interrompeu-se abruptamente. Não queria admitir a possibilidade de uma separação.

Catherine se mexeu, resmungando baixinho, e abriu os olhos sonolentos. No momento em que viu Evan, um sorriso se desenhava em seus lábios.

— Evan...

A doçura do tom de voz e a alegria nos olhos claros atingiram Evan no fundo de sua alma. Só apelando para toda sua força de vontade, conseguiu se controlar e não fazer amor com ela outra vez. E assim mesmo porque sabia que não tinham muito tempo, antes de o garoto voltar.

— A tempestade acabou — disse baixinho.

Catherine o fitou por um instante, depois ergueu-se de um salto. Num segundo estava diante da janela, abrindo a veneziana.

— Acabou mesmo!

Evan observou-o, divertido. Ela havia levado o cobertor, mas ele só cobria a frente do corpo delicioso, dando-lhe uma visão completa das pernas esbeltas, das nádegas arredondadas e das costas longas e bem feitas.

— Encontrei um garoto de uma vila aqui perto. Ele foi buscar uma carruagem para você.

Ela olhou por cima do ombro, sem dizer nada, e ele acrescentou:

— É melhor você se vestir.

Tomando consciência, afinal, do estado em que se encontrava, Catherine corou. Na noite anterior, Evan tinha espalhado suas roupas perto do fogo. Elas estavam duras e amarrotadas, porém secas. No entanto, só começou a se vestir quando ele, com uma exclamação abafada, deu-lhe as costas.

— O garoto disse alguma coisa? — perguntou, abotoando o corpete de cambraia.

Evan hesitou. Não queria falar das mortes que o garoto havia mencionado. Ela ia pensar o pior, com toda certeza.

— Nós não conversamos quase nada. Assim que ele entendeu a situação, foi buscar ajuda.

— Graças a Deus! Mamãe e papai devem estar doentes de preocupação. E Jimmy...

Mordendo o lábio, Catherine começou a abotoar o vestido.

Evan estava com tanta vontade de lhe dizer que Drake também havia saído atrás dela e do irmão, quanto de admitir que a tempestade tinha feito vítimas fatais. Por isso permaneceu em silêncio, enquanto ela terminava de se vestir.

Depois, os dois arrumaram a cabana. Catherine dobrou e guardou os cobertores no baú onde Evan os tinha encontrado, enquanto ele apagava o fogo e trazia mais lenha para substituir a que haviam usado.

Trabalhando lado a lado, eles trocavam olhares cheios de significados. Sabiam que provavelmente nunca mais voltariam à cabana. Nem se esqueceriam do que havia acontecido ali...

Estavam em pé do lado de fora, ao sol, ainda em silêncio, quando uma carruagem surgiu na estrada. O homem na boléia parou assim que os viu. Ele se apresentou como o médico local, confirmou que ambos estavam bem e segurou a porta aberta, enquanto Evan ajudava Catherine a entrar na carruagem.

— Já avisamos a sua família, senhorita — ele comunicou, respeitosamente. — O chefe do correio passou um telegrama, antes mesmo de eu vir para cá.

— Obrigada.

Catherine sentou-se no banco forrado de couro. De repente, sentia-se exausta. Evan fitou-a preocupado. Ela estava pálida e com sombras azuladas em volta dos olhos.

Censurou-se por ter abusado tanto da resistência dela, na noite anterior. Sem ligar para o que o médico pudesse pensar, passou o braço pelos ombros delicados. Reagindo instintivamente, Catherine se aconchegou a ele e continuou assim, durante toda a viagem de volta à vila.

Eles foram recebidos pelos olhares curiosos de todas as pessoas que já sabiam quem era Catherine. O médico ofereceu-lhes a hospitalidade de sua casa, onde ela pôde descansar enquanto Evan providenciava um meio de voltarem a Newport,

A tempestade os tinha carregado quase oitenta quilômetros em direção ao sul. As

estradas de ferro estavam bloqueadas por árvores caídas. De carruagem ou automóvel, se houvesse algum disponível, a viagem levaria o resto do dia.

Eles estavam discutindo o que fazer, quando o garoto da bicicleta entrou pelo jardim da casa do médico.

— Telegrama, senhor — ele anunciou, chegando até a porta. Estendeu o envelope amarelo, mas antes que Evan pudesse abri-lo, foi dizendo: — É do sr. Drake Bennington e veio de Newport. Diz: “Todos bem, aqui. O *Elizabeth* saindo para pegar vocês, velocidade máxima. Profunda gratidão por sua segurança.” O senhor quer responder?

Evan meneou a cabeça. Enfiando a mão no bolso, recuperou um quarto de dólar que havia escapado milagrosamente de ser varrido pela água do mar, e jogou-o para o garoto. O menino pegou a moeda no ar e se foi, sorridente.

Com o telegrama na mão, Evan entrou. Catherine estava na sala. A pouca cor que ainda havia em suas faces sumiu.

— Está tudo bem — Evan disse depressa, cruzando a sala. — Todos estão bem. Seu pai já mandou o *Elizabeth* para nos pegar.

Catherine abraçou-o, extravasando seu alívio. Ele a tomou nos braços com gentileza, imaginando que argumento poderia usar para convencer Drake Bennington a lhe dar a filha.

Segunda Parte

Capítulo XVI

Nova York, primavera de 1905.

Catherine pisou na sarjeta com cuidado, olhando de um lado para o outro antes de se arriscar a atravessar a rua. Ao meio-dia, a área em volta da Wall Street sempre estava engarrafada, devido à enorme quantidade de carruagens e automóveis competindo por um espaço nas ruas secundárias, estreitas e cheias de curvas. Cavalos refugavam diante das máquinas barulhentas, motoristas erguiam os punhos uns para os outros, e pedestres corriam perigo de vida.

Ela havia deixado o hotel algumas horas atrás e passado o tempo todo no interior de edifícios, mas seu conjunto de linho cor de marfim já exibia várias manchas de poeira.

Meneando a cabeça, ela correu os olhos pela parte da frente de suas roupas. Nova York não era mais suja que Boston, só maior e mais barulhenta. Apesar disso, gostava dessa cidade.

No íntimo, admitia que esse sentimento podia ter alguma relação com o fato daquela ser sua primeira viagem sozinha. Tinha chegado no início da semana e passado os dias cuidando de vários negócios. Mover-se pela cidade, independente, era muito agradável.

À noite, jantava sozinha no restaurante do hotel, onde era alvo dos olhares especulativos dos outros hóspedes, principalmente os do sexo masculino. No entanto, ninguém lhe dirigia a palavra, provavelmente devido à fria reserva que cultivava. Tinha desenvolvido a tal ponto a capacidade de olhar através de um homem, sem vê-lo, que às vezes chegava a surpreender-se.

Conseguindo, afinal, atravessar a rua em segurança, Catherine deixou escapar um suspiro de alívio e soltou a barra da saia. Uma precaução que não havia sido realmente necessária. Ainda que por apenas três ou quatro centímetros, os novos modelos não chegavam a tocar o chão. Mas era difícil mudar de hábitos, o que muito a divertia, principalmente considerando o quanto sua vida tinha mudado.

Mari esperava por ela no restaurante. Apesar da idade, sentava-se ereta e serena à mesa, junto de uma janela. O sol entrava pelas cortinas de renda, iluminando-lhe as feições, ainda belas apesar das marcas deixadas pela passagem do tempo.

Um garçom atento aguardava ordens, a alguns passos de distância. O *maître* acompanhou Catherine até lá, curvando-se numa reverência respeitosa antes de se afastar.

— Que bom ver a senhora! — Catherine exclamou, inclinando-se para beijar o rosto macio da velha senhora. — Fez boa viagem?

— Ótima. Esses trens novos são uma maravilha. Mas sente-se, minha querida. Não está com fome?

— Quase morrendo — Catherine admitiu, tomando seu lugar. — Passei a manhã falando com o cavalheiro da bolsa, como a senhora sugeriu. Ele ficou espantado com algumas de minhas perguntas, mas respondeu a todas.

— Exatamente o que eu esperava. Recebendo você, ele fez um favor a mim, e eu deixei claro que queria que ele esclarecesse todas as suas dúvidas.

Sorrindo, as duas trocaram um olhar de compreensão. Desde o início, Mari nunca tinha escondido de Catherine os problemas que teria de enfrentar no mundo dos negócios, única e exclusivamente por ser mulher.

Mesmo tendo a fortuna Mackenzie na retaguarda, o caminho não seria fácil. Ou os homens a tratariam como uma deferência exagerada e divertida, que não podia ser levada a sério, ou a ignorariam por completo. Pelo menos, todos eles tentariam uma dessas alternativas, quando não as duas.

— Os papéis Blakiston parecem estar em ordem — Catherine anunciou, tirando as luvas. — Se tudo continuar assim, a senhora poderá assinar o contrato na semana que vem.

— Ótimo. Você fez um bom trabalho.

Catherine corou. Os elogios de Mari não eram precisamente raros, mas nem por isso podiam ser menos valorizados. Em quase cinco anos como assistente da tia, ela havia cometido tantos erros, que preferia nem pensar nisso.

Mari sempre tinha se limitado a dizer que o sucesso envolvia riscos, e onde havia riscos havia a possibilidade de uma falha ocasional. Era esse o preço dos negócios.

— Há alguma coisa que você gostaria de fazer esta noite? — Mari perguntou. — Ainda dá tempo de comprar ingressos para o teatro, se você quiser ir.

Foi uma tentação. Havia várias peças em cartaz na Broadway que Catherine gostaria de ver. Mas não queria que Mari se cansasse demais. Apesar de estar com mais de setenta anos, ela mantinha um estilo de vida que deixaria exaustas mulheres com a metade dessa idade.

Catherine sabia que havia horas em que Mari chegava a se sentir doente de tão cansada, mas seu orgulho indomável não permitia que admitisse esse problema.

— Para ser franca — Catherine acabou dizendo —, eu estava pensando em dormir mais cedo, esta noite. Temos uma longa viagem a nossa frente.

— Nem tanto. Cada vez que visito Calvert Oaks, acho a viagem mais curta. Deve ser porque estou sempre tão ansiosa para chegar.

— Eu também mal posso esperar. Faz mais de um ano que estive lá!

— Sarah e Philip adoram ver você. Foi uma alegria para eles acompanhar o seu crescimento.

Catherine sorriu.

— Eles devem me amar, mesmo, para passarem todos estes anos sem dizer uma palavra sobre o caminho que escolhi.

Mari examinou-a cuidadosamente antes de perguntar:

— Você acha que eles desaprovam?

— Se meus pais desaprovam, imagine o que eles devem achar.

— Seus pais não desaprovam, eles só não entendem — Mari corrigiu.

— Não existe muita diferença entre uma coisa e outra...

Catherine silenciou, pensando que logo veria seus pais pela primeira vez, depois de várias semanas de afastamento. Desde que tinha saído da casa deles e ido morar com Mari, os encontros eram sempre difíceis.

Aquele verão em Newport, cinco anos atrás, havia mudado a vida de todos eles, de uma maneira ou de outra. Sua vida, com certeza, tinha virado de cabeça para baixo, e até agora ainda lutava para consertá-la.

— A Virgínia é encantadora, nesta época do ano — Mari comentou. — Perfeita para um casamento.

Catherine assentiu. Sua prima Helena deveria se casar dentro de uma semana. Era essa a razão de sua viagem. Quase toda a família Calvert estaria lá. Como neta, ela não podia deixar de comparecer.

Nem queria. Gostava muito da prima, apesar de não terem se visto muito, nos últimos anos, e estava feliz por ela.

No entanto, o casamento da prima fazia com que refletisse sobre sua vida solitária. Estava com vinte e quatro anos, e solteira. Uma situação bastante rara entre moças que vinham de famílias abastadas como a sua.

No mínimo, ela deveria ter um pretendente à disposição, talvez até estar noiva. Em vez disso, quase não tinha vida social, fora da família e dos negócios.

Não havia um homem que despertasse seu interesse, ainda que remotamente. Ela passava os dias indiferente a todos.

Mari ergueu o cardápio.

— Você está pálida, minha querida. De fome? O que acha de fazermos nossos pedidos?

As duas permaneceram em silêncio durante alguns minutos, até o garçom chegar. Transmitindo seus pedidos, esperaram que ele se afastasse novamente. Só então Mari recostou-se na cadeira e encarou a sobrinha.

— Não sei se você sabe, mas sempre quis ter filhos. Quando descobri que não podia, fiquei arrasada. No entanto, à medida que fui envelhecendo, aprendi que todas as coisas têm um propósito na vida.

Sorrindo, ela estendeu o braço por cima da mesa e tocou a mão de Catherine.

— Se eu tivesse uma filha, queria que fosse como você, Catherine. Inteligente, corajosa e linda. Você tem tudo para ser feliz, meu bem, mas de vez em quando eu sinto em você uma tristeza que me impressiona.

Catherine engoliu em seco. Não estava preparada para a franqueza de Mari, nem para ouvir falar de sentimentos tão profundos.

— Eu não estou triste. De verdade! Que motivo eu poderia ter, para estar triste?

— Não sei. Cinco anos podem ser um longo tempo. E também podem não ser nada isso depende da pessoa e dos sentimentos envolvidos.

Catherine abaixou a cabeça. Não podia enfrentar o olhar de Mari e pensar em Evan ao mesmo tempo. Seria muito revelador.

— No meu caso, cinco anos são uma eternidade. Tenho uma vida completamente nova, agora. — Ergueu os olhos, forçando um sorriso. — Quando completei dezoito anos, ninguém diria que eu ainda ia ser uma mulher de negócios razoável. Se bem me lembro, naquela época eu era uma sonhadora.

— Você tinha um grande entusiasmo pela vida — Mari corrigiu. — Mas esse entusiasmo acabou desaparecendo em algum lugar ao longo do caminho.

— Eu amadureci. Não vejo nada de errado nisso.

Mari não protestou, mas nem por isso ficou satisfeita com a resposta da sobrinha. Não era boba, no entanto, de insistir no assunto. Uma mulher não chegava ao ponto em que ela estava na vida sem ser dotada de muita paciência e sabedoria.

As duas compartilharam um jantar agradável, depois voltaram ao hotel andando, de braços dados. Com a chegada de Mari, a porta de ligação do quarto de Catherine tinha sido destrancada, dando a elas uma confortável suíte. A criada de Mari já havia aberto as malas e esperava para ajudar a patroa a se deitar.

— Eu me sinto culpada por ficarmos no hotel — Mari comentou, com um leve sorriso. — Você tem trabalhado tanto, que bem merece algumas horas de divertimento.

— Eu vou ter, assim que chegarmos a Calvert Oaks. Por enquanto, só quero um bom banho e uma cama macia.

Porém, quando voltou a seu quarto, fechando a porta de ligação, Catherine descobriu que a idéia de descansar não era tão boa assim.

Os acontecimentos do dia, principalmente as horas que havia passado na Bolsa de Valores, observando os procedimentos, tinham sido muito excitantes. Se fosse para a cama naquele horário, não faria nada além de se virar de um lado para o outro.

Ainda havia luz, lá fora. A escuridão total só cairia dentro de uma ou duas horas. Mesmo assim, seria amainada pela luz dos lampiões a gás. Não havia nada que a impedisse de dar uma caminhada.

Catherine deixou o hotel depois de escrever um bilhete para Mari. Não queria que a tia se assustasse, se por algum motivo acordasse e fosse a sua procura. O saguão estava cheio de pessoas entrando e saindo para jantares tardios, idas ao teatro ou encontros amorosos.

Apesar de seus esforços, ela não havia conseguido se tornar indiferente a esse lado da vida. Sempre que notava os olhares ternos trocados por alguns casais, seu coração doía.

A noite estava agradável, bem mais fresca que o dia. Seus passos a levaram em direção ao sul, ao longo da Broadway, a parte da cidade que parecia nunca parar. Boston, pelo menos, adormecia por algumas horas todas as noites.

Catherine havia parado para admirar a vitrine de uma loja. Quando, com o canto dos olhos, notou um homem alto, descendo de uma carruagem. A luz do lampião mais próximo iluminou os cabelos dele, negros como ébano, e ela se sentiu paralisar. Mas logo seu autocontrole habitual voltou a dominar.

Quantas vezes, nos últimos cinco anos, tinha imaginado que via Evan? Durante um bom tempo, todo homem alto de cabelos negros chamava sua atenção. E era sempre tomada pela mesma sensação de choque e esperança, que desaparecia rapidamente, cedendo lugar à decepção e ao desprezo por si mesma.

Acabou adotando o hábito de não prestar atenção a nada nem a ninguém que não servissem a seus propósitos. Era um modo estranho de levar a vida, mas pelo menos permitia que mantivesse uma ilusão de estabilidade.

A não ser em ocasiões como aquela, em que o vislumbre de um estranho fazia com que se esquecesse de suas decisões.

Catherine meneou a cabeça, irritada. Nesse momento, o estranho se voltou e ela se viu frente a frente com Evan.

Desta vez, não havia engano. Ele estava exatamente como aparecia em seus sonhos, só que maior, mais forte, com feições e maneiras mais duras. Era um homem que havia amadurecido por completo e agora estava no auge da masculinidade.

Por um instante, seu coração parou. Seus lábios se entreabriram, porém não teve fôlego para pronunciar o nome dele. Também não era preciso. Ele a havia visto, quase ao mesmo tempo, e estava tão chocado quanto ela.

Evan não punha os pés em Boston há quase cinco anos. Desde a noite em que havia se arrastado para fora de lá, surrado e ensangüentado, amargurado pela derrota, mas também decidido a superar tudo aquilo.

No entanto, era realista o bastante para saber que não conseguiria superar a derrota na cidade onde Drake Bennington possuía tanto poder. Quando colhesse suas vitórias, seria em outro lugar.

Muitas vezes, ele havia se imaginado caminhando pelas ruas de Beacon Hill e no Jardim Público. Pensava em se reencontrar com Catherine e imaginava como ela estaria, como se desculparia pelo papel que exercera no que acontecera a ele e no que diriam, um ao outro.

Mas nunca havia lhe passado pela cabeça que acabaria por reencontrá-la em Nova York, sozinha, à noite e numa esquina bastante movimentada. No entanto, ali estava ela, com a mesma aparência confiante, linda, fria e composta de sempre. De sempre, não. Ele se lembrava de uma noite em que ela havia sido tudo, menos fria e composta. Uma noite em que ele tinha conhecido até o fundo da alma de Catherine Bennington. Evan inclinou a cabeça ligeiramente.

— Catherine...

Afinal, ela conseguiu falar.

— Evan... Que surpresa.

Os lábios masculinos se entreabriram num sorriso sem humor.

— Imagino que seja, mesmo.

— O que você... O que o trouxe a Nova York?

— Negócios.

Ele avaliou a figura feminina da cabeça aos pés, notando a elegância do vestido, o modo orgulhoso com que ela mantinha a cabeça erguida sob o chapéu de abas largas e, principalmente, a falta de um acompanhante masculino.

— Você está sozinha?

Catherine não gostou do tom de Evan; lembrava o menosprezo que costumava sentir antes no modo como ele a tratava. Ofendida, nem procurou resistir à vontade de provocá-lo.

— Estou. Há alguma coisa de errado nisso?

— Não é comum.

Incapaz de se controlar, ela riu. Se havia uma frase que descrevia bem sua situação, era

aquela.

— É verdade, não é. Normalmente as mulheres não saem andando por aí sozinhas. Mas como não existe nenhuma lei que me impeça e eu queria respirar um pouco de ar fresco, saí sozinha.

Evan fitou-a por um longo tempo. Depois, disse:

— Você sempre foi assim. Sempre fez o que quis, sem pensar nas consequências.

Catherine enrijeceu o corpo, chocada. Logo em seguida, foi dominada por uma raiva tão intensa que se esqueceu de todos os sentimentos ternos, cultivados durante cinco anos.

— Seu atrevido! — exclamou, apertando os punhos ao longo do corpo. — Como tem coragem de dizer uma coisa dessas, quando foi você que...

Calou-se, incapaz de falar no que havia acontecido, e deu-lhe as costas.

Evan estendeu a mão com uma rapidez impressionante. Até aquele momento, não era sua intenção encostar nela. Na verdade, havia jurado a si mesmo que não faria isso, assim que a tinha visto. Mas o temor de que ela fosse embora sobrepujou sua decisão.

— O que foi que eu fiz?

Catherine ignorou a pergunta, procurando se libertar. O aperto dele era firme, porem não lhe causava dor. Só impedia que se soltasse. Depois de alguns segundos, ela percebeu que seus esforços eram inúteis.

— Sabe muito bem o que fez. Não há o menor motivo para entrarmos nesse assunto agora.

Evan apertou os olhos, espantado. Ela acreditava no que dizia, apesar de suas palavras não fazerem o menor sentido.

— O que foi que eu fiz? — repetiu,

Catherine fitou-o a garganta tão apertada que nem podia falar. Só o brilho úmido de seus olhos expressava sua raiva e o desprezo.

— Diga! — ele exigiu, sem saber o que pensar. — O que foi que eu fiz?

— Você... Você me traiu! Você me usou, depois me abandonou. Não é de admirar que eu só tenha ódio por você!

A última frase era mentira. Ela o odiava tanto quanto odiava a si mesma. Mas não queria que ele soubesse. Só queria que fosse embora, que a deixasse sozinha naquela esquina, em meio a uma escuridão cada vez maior.

De algum modo, conseguiria voltar para o hotel. De algum modo, conseguiria sobreviver, Mas primeiro ele precisava ir embora. Como tinha feito antes.

— Traí? — Evan exclamou, como se fosse a primeira vez que ouvia essa palavra. — Eu traí você?! Acredita mesmo nisso?

— Se você não me traiu, então o que foi que fez? Num momento estava lá, agindo como se tivéssemos um futuro juntos. No outro, havia desaparecido para nunca mais ser visto. — O rosto de Catherine encheu-se de desprezo. — Mas isso já era de se esperar, não era? Seduzida e abandonada. Um frase feita que expressa a realidade com perfeição.

Seus olhos queimavam. Para que Evan não visse as lágrimas neles, ela virou a cabeça para o outro lado. O silêncio se alongou entre ambos. Se esperasse mais um pouco, se conseguisse manter o autocontrole por mais algum tempo, ele acabaria por soltar seu braço e poderia ir embora.

No entanto, os segundos foram passando e a resolução de Evan só se tornou mais forte. Alguma coisa estava terrivelmente errada. Ainda não sabia o que era, mas precisava descobrir.

— Não podemos conversar aqui — disse, baixinho. — Venha comigo. Existe um hotel aqui perto. Podemos tomar um café e...

— Não. — Catherine virou-se e encarou-o. Não lhe passou pela cabeça rejeitar a proposta, só alguns detalhes. — Eu estou hospedada no hotel, com Mari.

Por um instante, ele ficou sem saber o que fazer. Estava ficando cada vez mais tarde. O movimento havia diminuído bastante na rua e não poderiam continuar ali, sem chamar a atenção dos transeuntes. Além disso, ele a queria para si.

— Um amigo me emprestou a casa dele — murmurou, afinal. — Lá, ninguém vai nos perturbar.

Catherine sabia que deveria se recusar a ir. O que Evan propunha não era só impróprio, mas uma tremenda tolice, tendo em vista a capacidade que ele possuía de feri-la. Não que se sentisse ameaçada fisicamente. Era por seu coração que temia.

Mesmo assim, nem chegou a pensar em não ir, e seu silêncio indicou seu consentimento. Logo depois, desciam a rua juntos, na escuridão.

Capítulo XVII

A casa em que Evan estava hospedado ficava a três quarteirões da Broadway, em direção ao East River. Construída de tijolos vermelhos, com três andares e degraus de pedra na frente, era bastante parecida com as outras casas daquela ruazinha calma, ladeada por belíssimas árvores. A sensação de paz e segurança que sempre dominava bairros familiares daquele tipo tranqüilizou Catherine.

Era pouco provável que ali ocorressem encontros clandestinos. Além disso, ficaria alguns minutos com Evan, para esclarecer o desentendimento que parecia existir entre eles, e iria embora. Quando isso acontecesse, talvez até voltassem a ser amigos.

No entanto, ao entrar na casa, Catherine não pensava em nada disso. Preocupava-se apenas em esconder, da melhor maneira possível, o nervosismo e a excitação que sentia.

O hall de entrada estava cheio de vasos de samambaias. Havia um cabideiro diante de uma das paredes e uma mesa com tampo de mármore, junto a outra. Várias aquarelas com cenas campestres inglesas decoravam o lugar.

— Meu amigo tem uma empregada, que não está no momento — Evan explicou, trancando a porta. — Espero que você não se importe de fazermos tudo, sozinhos.

Catherine meneou a cabeça. Seguindo a indicação dele, atravessou um pequeno corredor e subiu uma escada que conduzia a uma cozinha bastante alegre, com vista para um jardim interno.

— Sente-se — Evan convidou, riscando um fósforo para acender o lampião a gás, que ficava sobre uma mesa grande, de madeira, no centro do cômodo. — Meu amigo está sempre falando em colocar eletricidade na casa, mas por enquanto só ficou na intenção.

— Quem é ele?

— Um sujeito que conheci no Texas. Ele, é daqui, tem esta casa, mas não quer voltar para cá.

— Então foi para lá que você foi — Catherine murmurou quase para si mesma. Durante todos aqueles anos, nunca havia incluído, em suas hipóteses, um lugar tão estranho quanto o Texas. — Por quê?

Evan lhe lançou um olhar com um traço de humor.

— Vontade de continuar vivo. Quer que eu faça um pouco de café? Distraída, Catherine meneou a cabeça.

— Não entendo. Do que você tinha medo?

Evan sentou-se na frente dela. Recostado na cadeira, com as pernas esticadas diante de si, parecia totalmente relaxado. Por dentro, no entanto, estava mais tenso do que nunca. Mal podia acreditar que ela estivesse ali, com ele, quanto mais que não soubesse nada do que havia ocorrido. Ou que, pelo menos, não soubesse da influência que o pai dela tinha exercido nos acontecimentos de cinco anos atrás.

Isso era demais para aceitar, sem provas. Havia passado anos e anos alimentando raiva contra ela, apesar de seu amor se recusar a morrer.

O mesmo desprezo que Catherine já havia notado antes, reapareceu quando ele disse:

— Seu pai é bem capaz de intimidar, quando quer.

— Não é possível! Além do fato de meu pai ser o mais justo dos homens, não acredito que seja capaz de sentir medo dele.

A simples idéia era ridícula, na opinião dela. Apesar de suas diferenças com o pai, não conseguia se lembrar de um único momento em que Drake tivesse dado a Evan motivos para acreditar que pretendia prejudicá-lo.

— Não era tanto o seu pai. O problema eram os gorilas, que ele mandou atrás de mim.

Catherine arregalou os olhos, espantada, e Evan sorriu.

— Não tenho nada contra uma luta limpa, mas quatro contra um é demais. Tive sorte de escapar com vida.

— Meu pai jamais faria uma coisa dessas!

Evan deu de ombros. Não esperava que ela acreditasse, mas aquela indignação aumentava sua raiva.

Seria possível que ela nunca tivesse tido um momento de lealdade para com ele? Um instante de amor?

— Então, como é que você explica o que aconteceu? — quis saber. — Nós voltamos para Boston, alguns dias depois da tempestade. Eu tinha decidido esperar, para falar com o seu pai. Não sei se você se lembra, mas discutimos bastante essa decisão.

Catherine concordou. Eles haviam falado nisso nos poucos momentos a sós que tinham dado um jeito de conseguir, depois de voltarem para Newport.

Na época, concordaram que era melhor esperar até o trauma de Jimmy e ela quase terem morrido passar. Nenhum deles, no entanto, desejava esperar muito. Evan pretendia falar com Drake, antes da semana terminar.

— Eu me encontrei com o seu pai no escritório dele, na sexta-feira à tarde — Evan contou, incapaz de esconder a amargura ao se lembrar do ocorrido. — Naturalmente não disse nada do que havia acontecido entre nós. Mas eu acho que ele já desconfiava. De qualquer maneira, eu só disse que tinha me afeiçoado muito a você, que acreditava que você correspondia aos meus sentimentos e que gostaria de ter a permissão dele para nos casarmos.

Catherine engoliu em seco. Não sabia que a conversa entre Evan e seu pai havia chegado a esse ponto. Drake sempre tinha se recusado a tocar no assunto.

— O que foi que meu pai respondeu?

— No começo, ficou zangado. Até me acusou de tirar vantagem da sua inexperiência e ser um caça-dotes.

— Ah, não! Não foi assim.

— Eu não me ofendi — Evan confessou, para surpresa de Catherine. — A aparência devia ser essa mesma. Mas continuei insistindo que realmente amava você, que se ele me desse uma chance, eu faria o possível e o impossível para você ser feliz.

— E ele?

Evan hesitou. Essa era a parte que nunca tinha entendido, pois o Drake Bennington que conhecia não era a favor de farsas. No entanto, a farsa havia acontecido.

— Para ser franco, ele me deu a impressão de se acalmar, até de começar a analisar o que eu tinha dito. Repetiu várias vezes que só queria que você tivesse um bom casamento, com o homem certo. E eu acreditei!

Um riso áspero e breve escapou de seus lábios.

— O que foi que mudou? — Catherine perguntou, baixinho. — Por que foi que desistiu?

— Desisti quando estava caído de cara para baixo, numa sarjeta de North End, vendo o meu sangue ser levado pela chuva e achando que ia morrer. Os gorilas também acharam que eu ia morrer, senão jamais teriam me deixado lá.

Evan inclinou-se para a frente, agarrando o pulso de Catherine.

— Seu pai, o pai que você tanto ama e admira, queria que eu morresse. Eu sei disso, ele sabe disso, e agora você também sabe. A dúvida que resta, minha querida Catherine, é sobre o que vamos fazer a respeito.

— Isso é loucura — ela sussurrou, apertando os lábios. — Qualquer um podia ter atacado você. Acontece o tempo todo, principalmente em North End. Você não tem motivos para achar que meu pai foi o responsável.

— Ah, mas eu acho. Enquanto os gorilas se revezavam me usando como saco de pancadas, falavam do cavalheiro fino e rico que havia custeado aquele divertimento. Todos eles gostariam de saber o que eu tinha feito para merecer um tratamento tão duro. Não que eles se importassem. Para eles, só interessava o dinheiro que iam receber.

Catherine foi tomada por uma vertigem. Era horrível aceitar a possibilidade de estar ouvindo a verdade. A simples idéia lhe dava mal estar, mas não conseguia achar outra explicação.

Observando as emoções refletidas no rosto expressivo, Evan sentiu uma ponta de arrependimento. Mas não por ter dito alguma palavra que não fosse verdadeira. Havia contado exatamente o que tinha vivido.

Mesmo, assim, lamentava dar a ela aquela decepção, em relação ao pai que tanto amava. Ao mesmo tempo, não podia deixar de se sentir contente. Drake Bennington tinha

roubado seu amor. Era justo que retribuísse da mesma forma, roubando um pouco do amor que a filha lhe dedicava.

— Olhe — disse, diminuindo a pressão sobre os pulsos dela —, seu pai fez o que achou mais certo. Ele sempre resolveu os problemas com firmeza e sem alarde. Eu sei, porque fiz muitos serviços para ele.

Mais uma vez soltou um riso áspero, fazendo Catherine estremecer.

— Não é possível! Você não pode ter andado por aí surrando pessoas, a mando do meu pai!

— Não, é claro que não. O meu serviço era descobrir as pessoas que estavam contra ele. Seu pai tomava conta do resto sozinho. Eu achava que ele só usava o medo que essas pessoas tinham dele para conseguir o que queria. Mas no meu caso isso não teria adiantado. Ele deve ter percebido e resolvido agir de forma mais direta.

Catherine abaixou a cabeça. A mesa brilhava diante de seus olhos. Uma lágrima escorreu por seu rosto pálido, logo seguida por outra.

— Quando você não voltou, pensei que tivesse mudado de idéia a nosso respeito.

Ele franziu a testa.

— Você sabia muito bem que não era isso.

— Eu não sabia de nada! Do que é que você está falando?

— Do bilhete que eu lhe mandei, pedindo para você ir até onde eu estava, e da resposta que recebi.

— Bilhete?! Nunca recebi um bilhete seu!

Evan fitou-a, procurando atentamente um sinal de que ela mentia. Só encontrou espanto, aparentemente verdadeiro. Num tom vagaroso, explicou:

— Pedi a Carmody para lhe mandar um bilhete, em meu nome. Não contei nada sobre a surra, porque não queria que ficasse preocupada, mas disse que estava indisposto e pedi que fosse me ver. Você respondeu que achava melhor nós não nos vermos mais.

— Não recebi bilhete nenhum! Se eu tivesse recebido, nunca teria respondido desse jeito!

Na verdade, nem uma manada de cavalos selvagens teria impedido que fosse para o lado dele. Mas não ia dizer isso. Principalmente quando já estava com a sensação de ter se exposto demais.

Evan, por sua vez, sentiu uma ponta de esperança. Se ela dizia a verdade, então alguém havia interceptado o bilhete e mandado uma resposta falsa. Por um instante, pensou que Carmody pudesse estar por trás de tudo, mas logo descartou essa possibilidade.

O velho guerreiro podia ter suas idéias de como as coisas deviam ser, mas nunca havia negado aos outros o direito de cometer os próprios erros. Carmody jamais seria tão desleal a ponto de interferir secretamente na vida de seus amigos. Assim sendo, só restava a possibilidade de ter sido alguém da família dela.

— Eu achei — murmurou, pronunciando as palavras devagar — que seu pai tinha convencido você a não me ver mais.

— Nós conversamos a seu respeito, mas só depois que você sumiu. Eu não sabia por que e afinal tomei coragem e abordei o assunto com meu pai.

— O que foi que ele disse?

Catherine engoliu em seco, obrigando as palavras a saírem de seus lábios.

— Que você também tinha desaparecido do escritório e que ele não fazia idéia de onde podia estar. Estava surpreso, realmente surpreso. Pelo menos, foi o que achei. Agora, já nem sei mais...

Sua mágoa era tão grande, que libertou os pulsos com um gesto brusco e enterrou o rosto nas mãos. Seu corpo era sacudido por soluços, enquanto chorava. A decepção monstruosa abalava os alicerces de sua vida.

— Meu pai é um bom homem — afirmou, por entre soluços.

— Como pode ter feito uma coisa dessas?

Evan hesitou. Era sua oportunidade de afastar Catherine de Drake para sempre. Bastava dizer algumas frases bem escolhidas para cortar, definitivamente, os laços que os uniam.

Mas não conseguiu dizer nada. Até aquele momento, sua raiva tinha sido dirigida contra ela e o pai. Nunca havia pensado nos dois separadamente, vendo sempre Catherine como uma extensão de Drake.

Agora, percebia a tolice e a injustiça de sua atitude. Drake tinha lhe feito mal e merecia sua raiva, mas Catherine, não.

— Seu pai a ama e estava tentando protegê-la — disse, baixinho. — Ele achava que eu não era o homem certo para você. No fundo, eu também acreditava nisso.

Ela ergueu os olhos, sem entender.

— Como assim?

— Você me ouviu. Se eu tivesse acreditado no nosso relacionamento, teria dado um jeito de falar com você, apesar do que havia acontecido. Mas isso seria forçar uma escolha da sua parte. De um lado, estava o mundo onde você havia crescido e ao qual eu sabia que pertencia. Do outro, estavam eu e... para dizer o mínimo, um futuro extremamente incerto.

— Você devia ter ficado — Catherine rebateu, incapaz de esconder a amargura causada pela falta de confiança dele. — Pelo menos, podia ter ficado em Boston. Com o tempo, talvez começasse a ver as coisas de um modo diferente e me desse outra chance.

— Era impossível. Eu não podia ficar em Boston, sabendo que seu pai estava contra mim. Por mais que eu quisesse lutar com ele, não tinha condições. — Evan fez uma pequena pausa, depois acrescentou: — Naquela época, pelo menos.

— Por quê? Agora você tem?

Catherine não sabia ao certo se queria ouvir a resposta, mas não pôde deixar de fazer a pergunta.

Ele não respondeu de imediato. Levantando-se, caminhou alguns passos até a janela. Durante vários segundos, examinou a noite, lá fora. Quando se virou, tinha uma expressão diferente. De imediato, ela percebeu que estava diante da fachada que ele costumava apresentar ao mundo: um rosto firme e resoluto.

— Fiquei rico no Texas. E em outros lugares. Rico o bastante Para enfrentar qualquer homem que se atreva a cruzar o meu caminho, inclusive o seu pai. Desta vez, quando nos encontrarmos, vai ser em pé de igualdade.

Catherine apavorou-se. Ao que parecia, os dois homens que mais amava no mundo iam partir para uma confrontação que só poderia resultar em mágoa e dor. E o pior era que não tinha a menor idéia do que fazer para impedir essa confrontação.

— Pretende desafiar meu pai?

— Acho que podemos dizer isso.

— Como?

— De uma maneira bem simples. — Sorrindo, Evan tornou a se aproximar da mesa. — Reencontrei a filha dele e desta vez não vou permitir que ela me deixe.

Catherine levou um instante para absorver o significado dessa declaração. Quando conseguiu, apertou os olhos, dizendo com clareza:

— Está sendo muito presunçoso. Ele jogou a cabeça para trás, rindo.

— E você continua uma dama da cabeça aos pés, capaz de expressar o maior desdém com um mínimo de palavras. — Parou de rir, fitando-a com seriedade. — Eu nunca me julguei um cavalheiro, por isso não vou cometer o erro de tentar fazer frente a você, nesse campo. Mas nenhum de nós pode negar o sentimento poderoso que nos une. Isso acaba com todas as barreiras, Catherine. E é o que vai nos unir, quer você queira, quer não.

— Não — ela rebateu com firmeza.

As mãos masculinas estavam novamente em seus ombros, mas com uma ternura que minou sua resolução em três tempos. Gentilmente, ele fez com que se levantasse e a puxou para si.

Ao sentir os braços de Evan se fecharem em volta de seu corpo, Catherine se recuperou o suficiente para apoiar as mãos no peito dele, tentando se afastar. Foi um erro. No momento em que o tocou, seu autocontrole desapareceu por completo. A mágoa e a confusão que a haviam atormentado por tanto tempo desapareceram ante as exigências gritantes de seu corpo e de seu coração.

Deus a ajudasse, pois desejava o homem que tinha junto de si. Muito mais que na noite passada na cabana, quando não conhecia o prazer. Muito mais que em todos os sonhos que a tinham perseguido, naqueles cinco anos de tristeza. Muito mais do que jamais havia chegado a imaginar.

O sangue ardia em suas veias, afastando qualquer outro pensamento, até mesmo os relacionados com o instinto básico da auto-preservação. Suas mãos tremiam quando se

ergueram para envolver o rosto masculino. Mas não por medo.

Evan sentia o mesmo. Ele havia se esquecido da própria raiva, do homem que tinha lhe feito tanto mal e do mundo inteiro, menos da mulher em seus braços. Antigamente, ela personificava seus sonhos. Agora, era a realidade. E ele acabava de descobrir que a realidade era muito melhor que os sonhos.

Sem uma palavra, Evan inclinou-se e levantou Catherine nos braços. Ela se achegou a ele com naturalidade, como se fossem amantes de longa data que nunca haviam se separado.

Com passos largos e decididos, ele saiu da cozinha e subiu a escada que levava ao andar principal da casa. Lá parou e fitou os olhos femininos.

— Tem certeza?

Catherine ficou sem saber se Evan havia mesmo pronunciado essas palavras ou se tinham se comunicado mentalmente. De qualquer maneira, não fazia a menor diferença. Sem hesitação, assentiu.

No andar de cima reinava o silêncio e a escuridão. Nenhuma lâmpada estava acesa, mas entrava luz suficiente pelas frestas das cortinas para iluminar o caminho. Pelo corredor acarpetado, Evan levou Catherine para um quarto nos fundos da casa. Abrindo a porta, revelou uma cama grande de dossel, coberta por uma colcha de veludo vermelho, combinando com o brocado que revestia as paredes.

— Meu amigo tem um gosto fora do comum — explicou, sorrindo de leve.

Na verdade, a decoração do quarto lembrava muito a de um bordel de alta classe. Era uma sorte Catherine não saber nada a esse respeito.

O que estava prestes a acontecer entre ambos não tinha a menor relação com os encontros realizados nesse tipo de estabelecimento. Ele queria Catherine como nunca quisera outra mulher e pretendia expressar seus sentimentos da forma mais sincera possível.

O desejo que fervia em seu sangue exigia que fosse rápido, mas estava decidido a saborear cada momento. Quando ela ergueu as mãos para tirar o chapéu, segurou-lhe os pulsos, forçando-a gentilmente a deixar os braços caírem ao longo do corpo.

— Eu faço isso.

Catherine permaneceu em pé, dócil mas atenta, enquanto Evan tirava os alfinetes que prendiam o chapéu e depois colocava tudo sobre a mesinha de cabeceira, junto à cama. Em seguida, com todo cuidado, ele abriu a presilha que mantinha seu coque no lugar.

Os cabelos cor de mel caíram pelos ombros, e ele correu os dedos por entre os fios sedosos, liberando o perfume característico deles.

Um músculo começou a se contrair em seu queixo. Catherine observou o movimento, enquanto Evan tirava as mãos de seus cabelos para lhe desabotoar o casaco. Havia quatro botões, e eles cederam com alguma dificuldade. Quando o último passou pela respectiva casa, ela já estava ansiosa para ver o fim daquilo.

Mas Evan não permitiu. Pegou o casaco e colocou-o com cuidado sobre uma cadeira, virando-se para examiná-la.

Catherine tinha as faces coradas e os olhos brilhantes. Ele não conteve a admiração diante da postura ereta dos ombros e a firmeza com que ela retribuiu seu olhar.

Sob o casaco, ela usava uma blusa de colarinho alto, cor de marfim, tão delicada que dava a impressão de ser capaz de se romper, ao menor toque. Uma ilusão, pois além de ser resistente, acabou se mostrando bem mais difícil de remover que o casaco.

Quando, afinal, Evan conseguiu desabotoar o último dos pequeninos botões em forma de pérola, tinha a respiração alterada e o coração batendo dolorosamente no peito.

A saia, pelo menos, foi mais fácil. Era presa apenas por um punhado de botões grandes junto à cintura, na parte de trás. Logo, estava amontoada no chão. Catherine afastou-se dela com um passo para o lado e um sorriso extremamente feminino nos lábios. Por baixo da saia, Catherine usava um corpete e um saiote enfeitados de rendas. Um espartilho envolvia sua cintura, mas ela nem sabia por que se dava ao trabalho de colocar uma coisa daquelas. Algumas mulheres já haviam abandonado definitivamente os espartilhos, alegando que causavam dano à saúde. Com toda certeza, ainda ia acabar fazendo o mesmo.

Evan deixou claro que, no caso dela, um espartilho não fazia a menor diferença. Xingando baixinho, abriu os ganchos da parte de trás e jogou o incômodo objeto sobre uma cadeira. O gesto arrancou dos dois um suspiro de alívio.

— Sente-se — ele pediu, enrouquecido. Ela obedeceu sem pensar, apoiando-se na

beirada da cama. Com a respiração presa na garganta, viu-o ajoelhar-se e tirar seus sapatos. Depois, foi a vez das meias de seda. Logo em seguidas, as mãos subiram pelas pernas, passando pelos joelhos e...

— Por favor, Evan — ela sussurrou. Ele a fitou com um sorriso aberto e luminoso.

— Eu vou lhe dar prazer, Cat. Um prazer que você nunca imaginou. Mas você precisa ser paciente e me deixar ter paciência, também.

Instintivamente, ela entendeu a necessidade que Evan tinha de controlar o ritmo da relação sexual. Por enquanto, podia ceder a iniciativa a ele. Mais tarde, seria a sua vez.

Evan fez com que Catherine se levantasse de novo e, devagarinho, com muita concentração, afastou as alças do corpete dos ombros delicados. O início dos seios bem feitos, surgindo sob a renda fina atraiu seu olhar. Incapaz de resistir, passou a mão por eles, provocando um espasmo de prazer. Os mamilos rosados enrijeceram, e ele inclinou a cabeça para tomar um deles na boca.

Com um gemido de prazer, Catherine se agarrou à cabeça de cabelos escuros.

— Evan — sussurrou, com dificuldade —, está me enlouquecendo!

— Muito justo. Você vem me enlouquecendo há anos. Sempre estive nos meus sonhos, nas minhas lembranças e nos meus pensamentos.

Catherine queria dizer que o mesmo acontecera com ela, mas não conseguiu falar. Assim, tentou expressar seus sentimentos com o corpo, achegando-se a ele até a pressão do desejo de ambos se tornar intolerável e Evan praticamente jogá-la sobre a cama.

Mesmo assim, não teve medo. Enquanto ele arrancava as roupas apressado, seguiu seus gestos fascinada, sem a menor vergonha.

Na cabana, havia sido tímida, carregara o peso de sua inexperiência. De lá para cá, havia pensado pouco nos homens, jamais chegando a desejar algum. Mas nem por isso tinha perdido a capacidade de desejar. Ao contrário, seu desejo por Evan continuava tão forte quanto antes.

Por entre as pálpebras semicerradas, viu o elegante casaco masculino, de lã escura e macia, cair ao chão, logo seguido pela camisa de linho, tão branca que fazia um tremendo contraste com a pele bronzeada.

Antes, Evan já era grande e musculoso, mas durante aqueles cinco anos tinha se desenvolvido ainda mais. Ela sentiu vontade de saber que tipo de vida ele havia levado, mas não teve coragem de perguntar.

Os olhos cristalinos encontraram e prenderam os seus, enquanto ele tirava o cinto e arrancava a calça. Nesse ponto, ela tomou consciência da extensão da excitação masculina e passou a língua pelos lábios, engolindo em seco.

Em consideração ao medo que surpreendeu nos olhos dela, Evan não tirou a última peça de roupa. Apoiando um dos joelhos na cama, inclinou-se para a frente e correu as mãos pelo corpo delicioso, indo dos seios até o vale entre as pernas. Ela estremeceu, e ele sorriu.

— Ainda ardente, Cat?

— Ainda — Catherine admitiu, embaraçada.

O sorriso de Evan aprofundou-se quando ele enfiou as mãos por baixo do corpete de rendas, envolvendo e acariciando os seios de Catherine. Observando com atenção, viu os olhos dela se tornarem mais ardentes e langorosos.

— Adorável — murmurou, tocando-a novamente com a boca, sugando primeiro um seio, depois o outro, até arrancar dela um gemido febril.

Rapidamente, ele fez descer a anágua rendada, descobrindo uma calça longa, de musselina. Agarrando as duas, puxou tudo de uma vez.

Catherine abafou um grito de surpresa. Estava completamente nua, a não ser pelo corpete em volta da cintura. Logo, Evan agarrou o corpete, e ela esperou que ele o puxasse também.

Nesse instante, seus olhares se encontraram. Num gesto deliberado, ele segurou o frágil tecido e rasgou-o.

Capítulo XVIII

Evan acordou quando a luz acinzentada da madrugada afastava a cortina escura da noite. Catherine estava em pé, junto à cama. Tinha colocado a anágua e estendia as mãos para a saia.

— Aonde você vai? — ele quis saber.

Ela se virou, vendo-o apoiado nos cotovelos, observando seus movimentos. As lembranças do que haviam partilhado voltou, e uma onda de calor inundou seu rosto. Mas logo recuperou o autocontrole desenvolvido com tanto sacrifício ao longo dos anos e sorriu.

— Para o hotel. Mari possui uma mentalidade muito aberta, mas prefiro não saber até que ponto posso ir, sem lhe causar um choque.

Evan franziu a testa, preocupado. Catherine estava com uma aparência totalmente serena. Era como se não tivesse sido afetada pelos acontecimentos da noite anterior. Acontecimentos tão fortes para ele que o tinham deixado com a sensação de ter nascido de novo.

— Realmente, é melhor não abusar — murmurou. — Quando é que você volta?

Catherine hesitou, dominada por sentimentos contraditórios. Em silêncio, vestiu e abotoou a blusa. Só então, disse:

— Evan, preciso de algum tempo para pensar no que aconteceu para me acostumar com a idéia de você ter voltado para a minha vida.

Sem ligar para o fato de estar nu, ele se levantou da cama e foi para junto dela.

Catherine fitou-o, a boca completamente seca. Evan possuía uma força vital impressionante, temperada com uma inteligência e um carisma que exerciam sobre ela uma atração terrível.

Sua decisão fraquejou. Não existia nada que desejasse mais do que correr para os braços dele e encontrar lá o esquecimento criado pelo prazer cego, capaz de manter o mundo inteiro longe de seu ninho de amor.

O que a impediu de ceder foi a certeza de que perderia tudo que havia conquistado durante aqueles cinco anos se corresse para ele. Sua independência e autoconfiança acabariam. Estaria de volta ao ponto de partida, de novo uma garota incapaz de se proteger, vulnerável à mágoa mais profunda.

— Por quê? — Evan perguntou, encarando-a com as mãos nos quadris e os pés firmemente plantados no chão. Sua postura mostrava claramente que a impediria de sair dali, se pudesse.

Catherine resolveu não lhe dar essa oportunidade. Rapidamente, vestiu o casaco.

— Já se esqueceu do que acha que meu pai lhe fez? A noite passada varreu tudo de sua mente?

Evan olhou-a, atônito, chocado com o fato de ela poder ligar as duas coisas. Por acaso imaginava que a noite anterior tinha sido uma espécie de vingança da parte dele?

Quando lhe perguntou, no entanto, ela sorriu da simples idéia.

— De jeito nenhum. Se esse fosse seu jeito de se vingar, haveria uma fila de mulheres aí na porta, esperando para lhe fazer algum mal.

Essa franqueza chocou-o ainda mais. Incapaz de se controlar, ela riu.

— Eu mudei, Evan. Essa é a primeira coisa que você tem de aceitar. Há cinco anos, eu ainda era muito criança. Não pensava em nada, a não ser na minha própria felicidade, e achava que só tinha que pedir para conseguir tudo que queria. Agora sei que isso não é verdade. A vida é um jogo bem mais complicado.

— Sem dúvida, mas nós dois somos inteligentes. Podemos pensar numa saída.

— Você não respondeu a minha pergunta: ainda culpa meu pai? Seria fácil negar e ter Catherine de novo em seus braços. Mas não podia fazer isso. Há muito tempo, a raiva e o ressentimento viviam em seu íntimo.

— As pessoas podem mudar — disse, afinal —, mas o passado não muda. O que aconteceu, aconteceu.

— Então você entende por que preciso de algum tempo para pensar em tudo?

Quando ele não respondeu, ela mostrou sua determinação erguendo a cabeça e encarando-o com firmeza. Mas não foi capaz de esconder a angústia em sua voz, no momento

em que disse:

— Acha que é fácil, para mim, estar envolvida com um homem que acusa meu pai de um crime hediondo? Nosso relacionamento seria difícil em qualquer situação, mas assim os problemas são muito maiores. Preciso ter certeza, antes de tomar uma decisão.

— Você acha mesmo que pode ser tão metódica em suas emoções? Que pode escolher entre amar e não amar com essa despreocupação, sem mais nem menos?

— Não. Mas eu posso tomar a decisão de ignorar esse amor. Não é uma coisa fácil de fazer, mas é possível.

Evan não concordava. Para ele, o fato de um amor existir exigia sempre que fosse expresso, de uma forma ou de outra. Há cinco anos, ele havia extravasado seu amor por Catherine na construção de um império financeiro. Um império que nada mais era senão um monumento a sua recusa em desistir dela.

Durante algumas horas, ela havia estado novamente em suas mãos. Agora, por livre e espontânea vontade, começava a fugir por entre seus dedos. Gostaria de impedi-la mas sabia que, se tentasse, ela fugiria mais depressa.

Por isso, não reagiu quando ela tocou seu rosto com gentileza, antes de sair do quarto.

Lá fora, banhada pela luz do amanhecer, Catherine deteve-se por um momento, ofegante e trêmula. Tinha sido um esforço enorme afastar-se de Evan. Estava exausta. Tão exausta que foi obrigada a se apoiar na cerca de ferro trabalhado que rodeava o pequeno jardim da casa.

De olhos fechados, sentiu o ar úmido da manhã acariciar sua pele. A vários quarteirões dali, no rio, um barco apitou. O som, longo e fantasmagórico, aumentou o seu tremor.

O que devia fazer? Depois daquela noite, seu amor por Evan era mais forte do que nunca. Ele estava tão dentro de sua alma quanto tinha estado de seu corpo.

Mas também amava seu pai. O que tinha sido uma adoração infantil havia se transformado num sentimento mais maduro e profundo, mesclado por um respeito e uma ternura que não chegavam a ser afetados por suas atuais diferenças.

Sim, existiam problemas entre eles, resultantes da vida que ela havia escolhido. Mas isso não queria dizer que seu pai não a amasse tanto quanto o amava.

Com Evan, porém, a história era outra. Ele odiava Drake. Não havia chegado a confessar abertamente, mas não tinha a menor dúvida a esse respeito. E quem poderia culpá-lo? Se ele estava certo, seu pai era responsável por um crime terrível.

No entanto, em seu íntimo revoltava-se contra essa idéia. O pai era inocente, apesar das evidências em contrário.

Meneando a cabeça, Catherine endireitou o corpo e começou a andar. Uma carroça de leite passou a seu lado, os arreios dos cavalos tilintando em meio ao silêncio do amanhecer. Quando se aproximava da Broadway, viu um bando de garotos jornalheiros reunidos numa esquina onde os pacotes de jornais eram distribuídos. Eles a fitaram, mostrando o quanto os espantava ver uma mulher andando por ali, àquela hora.

Ela recebeu um olhar semelhante do porteiro sonolento, quando passou por ele ao chegar ao hotel. Fazendo o mínimo de barulho possível, entrou no quarto, trancou a porta atrás de si e deixou escapar um suspiro de alívio.

Não que pudesse se dar ao luxo de relaxar. Tinha muita coisa em que pensar, e o pior era a necessidade de manter tudo em segredo. Não estava com vergonha do que havia feito, mas era amadurecida o bastante para não querer que o assunto se espalhasse.

Durante alguns segundos, ela escutou junto à porta de ligação. Mari ainda dormia.

No banheiro, abriu as torneiras ao máximo enquanto tirava as roupas. Durante meia hora, ficou na banheira, deixando a água quente e perfumada com jasmim, acalmar seu corpo dolorido pela noite de amor. Um preço pequeno a pagar por tanto prazer, mas também um lembrete de que sua situação estava longe de ser simples.

Catherine correu os olhos pelo cômodo agradável: uma banheira de pés em garra, uma pia com armário de madeira e um vaso sanitário, discretamente localizado atrás de um biombo. Acima da pia, ficava um espelho, no qual podia se ver com perfeição. Por algum tempo, fitou a mulher na banheira, examinando-a como se fosse uma estranha.

O que era, de certo modo. Na noite anterior, seu comportamento fugira de todas as normas segundo as quais fora educada. Só se explicava sob a ótica do amor.

Cinco anos atrás, tinha a desculpa de quase ter morrido para explicar sua atitude, na cabana. Para a noite anterior, não existia desculpa. Também não sentia necessidade de uma.

Havia seguido Evan com tanta naturalidade quanto se fizesse aquilo todos os dias de sua vida. E sem arrependimentos.

Pelo menos, não se arrependia da noite anterior. Em relação ao passado e, principalmente, ao futuro, seus sentimentos eram diferentes. No entanto, como Evan tinha dito, o passado não podia ser mudado e por isso não havia sentido em remoer os acontecimentos daquela época. Já em relação ao futuro...

Apoiando a cabeça na borda da banheira, Catherine fitou o teto.

Por mais que procurasse em sua mente e em seu coração, não conseguia encontrar um rumo para seguir. Estava presa entre o amor que sentia por Evan e o amor que sentia não só pelo pai, como por toda sua família. Todos eles ficariam magoados se escolhesse Evan. Já os havia deixado preocupados e confusos, no passado. Não queria feri-los ainda mais.

Ao mesmo tempo, não podia encarar a possibilidade de dar as costas a Evan. Ele fazia parte dela; estavam unidos de uma maneira que não conseguia entender, mas impossível de ignorar.

Suspirando angustiada, deixou o banho. Procurando não pensar, envolveu-se numa toalha e voltou para o quarto. Mari estava a sua espera, sentada numa poltrona ao lado da cama.

Reparando nos lençóis absolutamente lisos, Catherine corou.

— Espero não estar sendo indiscreta, mas dei uma olhadinha para ver se você já havia acordado e notei que... — Mari fez um gesto na direção da cama. — Fiquei preocupada, mas quando ouvi o barulho da água correndo, deduzi que não tinha motivos para isso.

Ainda assim, ela havia ficado, esperando Catherine aparecer. Uma atitude que explicou logo em seguida, com naturalidade:

— Pensei em sair e fingir que não tinha visto nada, mas achei que seria muita hipocrisia. De qualquer maneira, se você preferir, eu saio e finjo que não vi nada.

Catherine meneou a cabeça.

— Seria tolice, não acha? É evidente que não passei a noite aqui.

Mari fitou-a por um longo instante. Afinal, disse:

— Você é uma mulher, Catherine. Não creio que tenha feito uma bobagem. Ainda assim, admito que estou preocupada. Não quero ver você sofrer.

— Espero que isso não aconteça.

Indo ao armário, Catherine tirou as roupas que pretendia usar, naquele dia: uma saia e uma blusa bastante confortáveis, próprias para viajar.

Mari se levantou.

— Vou deixar você sozinha, para acabar de se arrumar. Assim que estiver pronta, vá até o meu quarto.

Meia hora depois, as duas estavam sentadas na sala de refeições do hotel, tomando o café da manhã. Catherine se assustou com o próprio apetite. Normalmente, contentava-se com uma xícara de café e uma torrada, mas essa manhã, quando chegou a hora de fazer o pedido, viu que tão pouco não ia satisfazê-la.

Algumas novelas, que tinha lido às escondidas, insinuavam que as pessoas precisavam de alimentos mais nutritivos, depois de fazerem amor. Ela se sentiu personagem de uma dessas novelas, ao atacar um prato de ovos fritos, salsichas e molho de tomate.

— É uma longa viagem — Mari comentou com um sorriso quando Catherine ergueu os olhos para ela, sem graça. — É natural que você não queira passar fome.

— Esse perigo eu não corro. — Ela apoiou o garfo no prato, tomando outro gole de café. Sem alarde, consciente do impacto que suas palavras iam causar, disse: — Evan O'Connell voltou.

Mari arregalou os olhos, mas fora isso recebeu muito bem a notícia.

— Como vai ele? Continua o mesmo? Incapaz de se conter, Catherine riu.

— Se por esse “mesmo” a senhora quer dizer enlouquecedor, atraente e impossível de resistir, então sim, ele continua o mesmo.

— E fora isso?

Ela refletiu por alguns segundos.

— Creio que ele se tornou o homem que estava destinado a ser, só que talvez um pouco mais cedo que o esperado.

— Como assim?

— É um homem seguro de si, duro, que alcançou o sucesso. Parece que fez fortuna, e justamente no Texas.

— No Texas, hein? Um bom lugar para isso, com todo aquele petróleo que encontraram lá nos últimos tempos.

Catherine fez um gesto de descaso. Não estava interessada na riqueza de Evan, só no fato de ele ter voltado.

— Evan acha que papai mandou alguém acabar com a vida dele.

— O quê?!

Mari estava boquiaberta. Seu espanto era tão grande que Catherine se sentiu aliviada. Não era a única a considerar absurda essa idéia.

Logo depois, no entanto, o choque de Mari diminuiu e ela comentou, apertando os olhos:

— Às vezes é difícil saber até que ponto um homem é capaz de chegar.

— A senhora não acredita que...?!

Ela ergueu uma das mãos, impedindo Catherine de continuar.

— Não estou dizendo que seu pai fez isso, Catherine. Nem que não fez. Mas Drake, assim como Evan, é capaz de atitudes violentas. Os dois são homens que lutam para proteger o que é deles.

— Evan falou que papai contratou os brutamontes que bateram nele e o largaram caído na sarjeta, para morrer.

Mari endireitou o corpo como se tivesse sido agredida.

— Isso não é próprio de Drake. Ele mesmo puniria Evan, se achasse que era necessário.

— Mesmo assim, é nisso que Evan acredita. Como não consegui fazer com que ele mudasse de idéia, vou ter de aceitar a situação ou me afastar dele.

Mari permaneceu em silêncio durante um longo instante, os olhos cheios de pena e compreensão. Mas quando falou, foi para dar uma opinião eminentemente prática.

— Você pode muito bem tomar a decisão de nunca mais ver Evan. Pode até cumprir essa decisão. Mas a perda seria tremenda para ambos. É isso que você quer?

— Claro que não!

Catherine usou um tom mais alto do que pretendia, e com uma nota de desespero tão grande que levou o garçom a se virar e olhar para a sua mesa. Envergonhada, ela baixou os olhos, fitando a comida que não seria mais capaz de tocar.

— Claro que não — repetiu, mais baixo. Olhando para Mari, forçou um sorriso. — Eu quero tudo. A carreira que venho desenvolvendo com a sua ajuda, o amor e o respeito da minha família, um marido maravilhoso e filhos. Tudo! O único problema é que tenho medo de que tudo não seja possível.

Com movimentos graciosos e firmes, Mari tornou a encher sua xícara de chá.

— Não vou tentar destruir o seu medo, Catherine. Ele é real, e no fim pode ser algo difícil de vencer. Mas não é próprio da sua natureza desistir, antes mesmo de começar. Com essa viagem a Calvert Oaks, você vai ficar algum tempo sem ver Evan. Aproveite para pensar no que quer. Mas não se esqueça de que a vida não pára nunca. Nada está definitivamente resolvido ou decidido neste mundo. Devemos viver um dia atrás do outro, de ano em ano, tirando o melhor proveito do que temos. Isso não é ruim. Ao contrário, pode ser muito bom, apesar do medo que nos causa, a princípio.

— Dá medo mesmo — Catherine concordou.

Só de falar com Mari, estava começando a se sentir melhor. Mas não queria subestimar os problemas à frente. Tinha uma decisão muito difícil a tomar. Uma decisão que mudaria todo o curso de sua vida.

Ainda bem que ia tomar essa decisão em Calvert Oaks. Era lá que as mulheres de sua família sempre haviam lançado os alicerces de suas vidas, cada geração desenvolvendo o que as gerações passadas tinham construído e avançando em direção ao futuro. Agora era a sua vez de fazer o mesmo.

Capítulo XIX

Calvert Oaks resplandecia ao sol daquele final de primavera. Tinha chovido na noite anterior, limpando o céu de tal maneira que as paredes da casa principal pareciam possuir uma luz própria.

A construção de três andares havia sido feita de acordo com o estilo tradicional grego, muito em moda no Sul durante o século anterior. Colunas brancas e graciosas formavam a fachada do pórtico, protegido por um telhado inclinado. Duas chaminés de tijolos vermelhos subiam de cada lado do enorme telhado principal. As venezianas, pintadas de azul, estavam abertas para permitir a entrada da brisa suave que soprava do rio James.

Catherine colocou a cabeça para fora da janela do carro, saboreando a visão do lugar de seu nascimento. Embora na época seus pais já fossem donos da casa na praça Louisburg, sua mãe havia passado a gravidez em Calvert Oaks. Tinha sido um período difícil de seu casamento e o apoio da família ajudara-a a conseguir estabilizar o relacionamento com o marido.

Os gêmeos nasceram lá, trazidos ao mundo pela avó, que havia sido treinada como parceira por uma velha escrava, há muito falecida.

— Nada mudou — Mari disse com grande prazer. — Ah, eu sei que muitas coisas foram modernizadas, que a eletricidade chegou e Philip anda fascinado pelos carros a motor. Mas, no fundo, tudo continua igual.

Catherine foi obrigada a concordar. Calvert Oaks era imutável. A casa e tudo que ela representava tinha resistido aos horrores da Guerra Civil e às tremendas mudanças que vieram depois, quando quase todo o Sul havia desmoronado.

Agora, Calvert Oaks sofria um ataque de outro tipo, resultante da corrida em direção à modernização naquele novo século. Catherine não tinha dúvidas de que a velha fazenda, seguindo o exemplo das grandes árvores de que havia recebido o nome, mais uma vez se curvaria ao vento do destino, sem se quebrar.

Antes mesmo do carro parar, ela avistou o homem idoso, esperando na varanda. Apesar de estar com setenta e poucos anos, Philip Calvert mantinha a postura ereta da juventude. Como sempre, usava as roupas que preferia e eram as mais práticas para um fazendeiro ativo: calça e camisa aberta no colarinho.

Pela lama que manchava suas botas via-se que Philip ainda participava dos trabalhos da fazenda. Aquele dia, ele havia passado a manhã inspecionando os novos canais de irrigação, mas tinha feito questão de voltar em tempo para receber a neta e Mari.

Sorrindo abertamente, ele desceu os degraus da varanda. Seus cabelos prateados, antes de um loiro acinzentado, brilhavam acima dos olhos azuis, que não haviam perdido nada de sua antiga argúcia. O rosto continuava magro, mas com a pele curtida por anos e anos de exposição ao sol.

Uma das mangas de sua camisa pendia vazia, ao lado do corpo, o punho cuidadosamente preso por um alfinete apropriado para esse fim. Ele havia perdido o braço durante a guerra, em Antietam, muito tempo antes do nascimento de Catherine. Ela e Mari estavam tão acostumadas a essa visão, que nem notavam mais.

— Minha querida — Philip saudou, tomando a mão de Mari e levando-a aos lábios, num gesto que para ele era perfeitamente natural. — É tão bom ver você aqui de novo.

— Obrigada, Philip.

O sorriso de Mari foi absolutamente sincero. Simpatizava com ele desde a juventude, quando tinha feito sua primeira visita a Calvert Oaks, na companhia de Sarah. Ao longo dos anos, essa simpatia havia se transformado num amor forte e fraternal.

— Vovô, o senhor está ótimo! — Catherine exclamou feliz. — Ah, como é bom ver o senhor de novo!

Piscando para afastar as lágrimas, ela o abraçou com força. O corpo masculino ainda era forte e rijo, conseqüência da vida rigorosa que ele levava. O braço que envolveu seu corpo era uma lembrança viva das muitas vezes em que tinha corrido para ele, durante a infância, esperando que a erguesse nos ombros e a carregasse pela fazenda, mostrando uma série de coisas interessantes para uma criança.

Agora, já não era mais criança, mas ainda encontrava muito conforto na presença dele.

— Você continua linda, Catherine — Philip comentou, recuando um passo para admirá-la. Seus olhos tinham um brilho inegável de ternura.

Ele a fitava através do filtro da memória, vendo-a não apenas como era no momento,

mas também como tinha sido durante a infância e a adolescência. Ao mesmo tempo, via nela a própria filha, Elizabeth, e a esposa, Sarah.

Nesse instante, a porta da frente se abriu e Sarah surgiu na varanda. — Catherine! Mari! Afinal vocês chegaram! Descendo os degraus apressada, ela envolveu as duas num abraço apertado.

Com quase setenta anos, Sarah tinha feito justiça à previsão do marido de que envelheceria com graça e beleza. Sua extraordinária constituição física e a pele perfeita tinham muito a ver com isso, mas não tudo. Sua inteligência e alegria de viver eram responsáveis por sua admirável aparência.

Onde quer que estivesse, o que quer que estivesse fazendo, Sarah Calvert era sempre alvo dos olhares de admiração. Mas ninguém a admirava mais que o marido, cujo amor por ela só tinha crescido ao longo dos anos.

No momento, Sarah usava um vestido cinza simples porém elegante, que combinava com a cor acinzentada de seus olhos. Uma gola de renda emoldurava o pescoço. Seus cabelos, que como os do marido há muito tempo tinham adquirido um lindo tom prateado, estavam presos na nuca num coque delicado.

Ela exibia pérolas nas orelhas e um bracelete de ouro no pulso. O bracelete brilhou ao sol quando levantou a mão para tocar o rosto de Catherine.

Por um instante, os olhos das duas, tão parecidos na cor e na forma, se encontraram. Sarah franziu a testa, preocupada. Alguma coisa estava acontecendo com sua neta. Uma suspeita que foi prontamente confirmada, quando Catherine desviou o olhar, pouco à vontade.

Mas Sarah não disse nada. Com o correr dos anos, havia adquirido uma sabedoria própria da maturidade. Sabia muito bem quando devia esperar por momentos apropriados para conseguir uma informação.

— Mas entrem! Não vamos ficar nesse sol forte — ela convidou, virando-se para a porta.

Catherine respirou fundo ao pisar no chão de mármore do saguão de entrada. Há pouco teve a nítida impressão de que a avó conseguira vislumbrar sua alma. Sempre havia desconfiado que Sarah possuía esse dom, mas era a primeira vez que se sentia mal diante dela. Provavelmente porque agora tinha algo a esconder.

Aromas familiares de cera para móveis, flores e pão fresco envolveram seus sentidos, ajudando-a a recuperar a calma. Segundos depois, sua preocupação evaporou ao dar com o irmão descendo a escada principal da casa.

— Como vai Nova York? — Jimmy perguntou, abraçando a irmã com força. — Você já conquistou o mercado de ações?

— Ainda não, mas estou começando a entender melhor a coisa.

— Pois então, está melhor do que eu. A última vez que papai me mandou dar uma olhada naquilo, voltei para casa com a cabeça rodando. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Às vezes, acho que não fui feito para o mundo dos negócios. O problema é que não consigo encontrar nada mais interessante.

— Não desanime, você ainda vai encontrar — Catherine rebateu, cheia de certeza.

Jimmy havia se formado em Harvard, no ano anterior, e agora trabalhava como assistente do pai. O homem que havia preenchido esse posto, depois da aposentadoria de Jacob Stein, tinha sido transferido para outro setor. No lugar dele, Jimmy estava na melhor situação possível para tomar conhecimento do extenso império comercial que iria dirigir um dia.

Mas um ano não era tempo suficiente para dar a um rapaz de criação privilegiada a determinação necessária para encarar um destino daqueles. Seriam necessários muito mais tempo e paciência. Drake sabia disso e não pressionava o filho para assumir mais do que podia. Para Jimmy, no entanto, os dias eram, muitas vezes, longos e frustrantes.

— Mamãe e papai estão aqui — o rapaz anunciou, tomando o braço da irmã. — Como nenhum de nós sabia a que horas você e Mari iam chegar, eles saíram para um passeio a cavalo. Uma boa coisa, pois eu estava mesmo querendo falar com você, sem os dois por perto.

— Sobre o quê?

Catherine e Jimmy tinham deixado a casa e agora caminhavam pelo jardim, que se estendia por uma longa distância.

O tempo úmido e quente dos últimos dias havia ajudado as roseiras de quase um século a florescerem. Seu perfume espalhava-se pelo ar, enquanto os gêmeos seguiam por uma trilha de cascalho que serpenteava pelo jardim.

— Papai e mamãe estão muito preocupados com você, maninha. A culpa é do casamento de nossa prima. Eles começaram a pensar no seu futuro e não gostaram do caminho que você escolheu.

— Entendo a preocupação deles, mas não posso fazer nada a respeito.

— Não pode ou não quer?

— Pense do jeito que quiser! — Mal acabou de falar, Catherine já estava arrependida. — Desculpe, Jimmy, eu não tinha o direito de ser tão grosseira. O problema é que não sei o que dizer. Afinal de contas, não estou fazendo nada tão terrível assim.

— Eu sei que não está. Pelo menos, do meu ponto de vista. Jimmy sentou-se num banco de pedra, junto a uma pequena fonte, e Catherine o imitou.

— Acha que eles acreditam mesmo que há alguma coisa errada com a minha vida, Jimmy?

— Eles acham que você é muito sozinha. É verdade que tem a companhia de Mari, mas isso não é a mesma coisa que criar a própria família.

— E você? — Catherine sorriu de leve. — Ainda não ouvi nenhum sino de casamento tocando por sua causa,

— Nem vai ouvir, tão cedo!

A indignação dele foi tão grande, que ela teve que rir.

— Ah, Jimmy! Agora só falta você me dizer que essa história de casamento é diferente para as mulheres.

— Não me atreveria. Tenho medo de levar um murro na cabeça, como você costumava fazer quando éramos pequenos.

— Não se faça de vítima. Você retribuía com mais força!

— Pode ser. Mas o importante é que, apesar de todas as nossas brigas, nós sempre fomos unidos.

Catherine assentiu.

— Um por todos, e todos por um.

— Eu ainda sou assim. Você é minha irmã, eu a amo e não há nada que eu não faça por você. Mas também amo nossos pais e detesto ver os dois preocupados.

Um sentimento que Catherine partilhava. Quando eles voltaram para o interior da casa, ela foi para seu quarto tomar um banho e se trocar. Quando desceu, seus pais acabavam de chegar.

Elizabeth e Drake tinham os braços apoiados na cintura um do outro. Ela o fitava com uma expressão sonhadora, que Catherine reconheceu de imediato.

Com surpresa, ela compreendeu que Calvert Oaks ainda possuía muitos lugares isolados, onde um casal podia se refugiar. Que seus pais haviam estado num desses lugares era evidente. Mas não estava chocada, apenas admirada com a união dos dois. Gostaria muito de saber se um dia também teria um relacionamento assim com o homem de sua escolha.

Nesse momento, Elizabeth viu a filha e sorriu. Catherine teve a impressão de vislumbrar uma sombra de preocupação nos olhos dela.

— Você está muito elegante, meu bem — elogiou Elizabeth, quando as duas se abraçaram. — Essa cor lhe fica muito bem.

— Obrigada, mamãe.

Sendo obrigada a se vestir de maneira sóbria a maior parte do tempo, devido aos ambientes de negócios que freqüentava, Catherine havia adorado ter uma desculpa para usar algo mais feminino.

Seu vestido de seda rosa era enfeitado com veludo negro nas mangas e na cintura. Um camafeu, preso a uma fita também de veludo negro, rodeava seu pescoço. Os cabelos claros estavam presos no alto da cabeça, mas de uma forma pouco rígida, permitindo que pequenos cachos adornassem a testa e a nuca.

— Como está Mari? — Drake quis saber, depois de cumprimentar a filha.

— Bem. Ela subiu, dizendo que ia descansar um pouco, mas eu acho que é só desculpa. O que ela quer é ler os papéis que trouxe.

Drake sorriu.

— E você? Também vai trabalhar enquanto estiver aqui?

— Só um pouquinho.

Catherine não gostava de tocar nesse assunto com o pai, porque sabia que ele não se

sentia à vontade. Mas também não gostava de fingir que seu trabalho não existia.

— O programa de modernização está indo muito bem — disse, tentando parecer natural.
— As Indústrias Mackenzie vão se expandir e ficar mais lucrativas do que nunca.

— Gideon Mackenzie também já sabe disso — Drake murmurou. Seu olhar encontrou-se rapidamente com o da esposa, que assentiu num gesto discretíssimo.

— O meu tio-avô?

Foi uma surpresa para Catherine ouvir o pai citar Gideon Mackenzie. Era raro alguém pronunciar o nome dele em sua família. Ela mal tinha consciência da existência desse parente.

Mesmo assim, não havia se esquecido dele por completo. Logo no início de sua carreira como mulher de negócios, Mari tinha lhe explicado a razão da longa batalha que sustentava com o enteado.

— Gideon acha que foi vítima de uma trapaça, porque Josiah deixou a maior parte de sua fortuna para mim — Mari havia dito. — Depois de tantos anos, já era para ele ter superado essa história. Afinal, é um homem rico, de muito sucesso. Mas parece que não é capaz de se esquecer de nada, muito menos de uma ofensa que nunca existiu na realidade. Ao contrário, ele cultivou o ressentimento contra mim.

Afastando essa lembrança da mente, Catherine voltou a prestar atenção no pai.

— Eu me encontrei com Gideon por acaso, há pouco tempo — Drake dizia. — Ele falou qualquer coisa sobre essa modernização. Pelo que entendi, ele não perde nada do que se passa nas Indústrias Mackenzie.

— Não? Mas por que ele faz isso? — perguntou Catherine. Seus pais trocaram outro olhar. Desta vez, foi Elizabeth que se manifestou.

— Querida, nós não pretendíamos falar nisso por enquanto. Queríamos esperar uma oportunidade melhor. Mas desde que o assunto veio à baila, acho bom você ficar sabendo que estamos muito preocupados com Gideon. Ele sempre foi um sujeito ruim. Eu me lembro dele me assustando, quando eu era criança, e sei que a sua avó o odeia, apesar de serem irmãos. Gideon está com mais de setenta anos, mas ainda é capaz de fazer mal. Nós só queremos que você tenha cuidado.

— Mari não parece ter dificuldade em lidar com ele — Catherine comentou. — Afinal, é isso que vem fazendo há anos.

— Sem dúvida — admitiu Drake. — Mas Gideon sempre acreditou que, no fim, ia acabar tirando o controle das indústrias das mãos dela. Ele sabe que Mari não tem filhos e acha que vai tomar conta de tudo, quando ela morrer.

— Mas Gideon é quase tão velho quanto Mari, papai! Como ele pode ter certeza de que vai viver mais do que ela?

— Gideon não é normal, minha filha — explicou Elizabeth.

— Apesar de Mari nunca ter dito que está treinando você para seguir os passos dela, todos sabem que é isso que ela quer. Daí estarmos tão preocupados com a reação de Gideon. Ele não vai aceitar.

Os olhos de Catherine brilharam. Tanto seu pai quanto sua mãe tinham gênio forte, e ela era filha deles!

— Gideon que tente me impedir de seguir os passos de Mari!

— Então, você quer ser a herdeira de Mari?

— Não sei. Eu amo Mari demais para pensar numa época em que ela não vai estar conosco. Gosto muito do mundo financeiro, mas, até agora, tudo que fiz foi sob a proteção de Mari. Pode ser que eu não tenha talento para ocupar o lugar dela.

— Você ainda pode se interessar por outras coisas. Catherine riu, meio sem jeito.

— Por acaso isso é — uma insinuação?

— Claro que não, minha filha. Não estou tão preocupada quanto o seu pai por você ter escolhido o mundo dos negócios. Principalmente porque eu também tive interesses semelhantes, numa certa época da minha vida. Só acho que pode ser uma existência muito árida, a menos que tenha uma família que a ame e a quem você ame também.

— Sua mãe tem razão — afirmou Drake. — Nós queremos o melhor para você. Nem mais, nem menos. Não é possível que veja alguma coisa de errado nisso.

— Claro que não — Catherine murmurou.

Ainda estava surpresa com a revelação da mãe. Nunca havia lhe passado pela cabeça que Elizabeth pudesse ter tido vontade de ser outra coisa, além de mãe de família.

Distraída, comentou:

— Não consigo entender por que vocês estão tão preocupados com Gideon. Não há nada que ele possa fazer contra mim.

Seus pais não concordavam, mas preferiram não insistir no assunto.

Depois que Drake e Elizabeth tomaram banho e trocaram de roupas, a família se reuniu na varanda para saborear uma bebida refrescante, antes de irem a Quail Run.

Aquela noite, os pais da noiva dariam um jantar dançante em homenagem à filha. Quando eles passaram pelos portões da fazenda, a casa principal, bem menor mas tão elegante quanto Calvert Oaks, estava totalmente iluminada.

O tio de Catherine, William, e sua esposa Sunbird, adiantaram-se para recebê-los nos degraus da varanda. Ele era um homem de meia idade, alto, de constituição sólida, muito parecido com Philip, a não ser pelos cabelos mais escuros. Sunbird, que possuía sangue Cherokee, era uma mulher incrivelmente linda, alta e esbelta, apesar de ter dado à luz cinco filhos.

A festa já ia animada quando eles entraram. Catherine e Jimmy foram convidados a se juntar aos mais jovens, convite que aceitaram prontamente.

Helena, a filha de Sunbird e William, estava no centro de um grupo de amigos, mas correu para os primos, assim que os viu.

— Meu Deus! — exclamou, examinando Catherine da cabeça aos pés. — Você está mais linda do que nunca. Olívia ainda se morde de inveja por causa disso? Ela já desistiu de Jimmy?

— Sim e não — Jimmy respondeu com uma gargalhada, esperando sua vez de abraçar a prima.

Helena era um pouco mais alta que a mãe, com os mesmos cabelos negros que faziam um lindo contraste com sua pele clara. Tinha os olhos ligeiramente puxados e movia-se com uma graça felina que nunca deixava de atrair os olhares masculinos, principalmente o de seu noivo.

— Venham conhecer o meu noivo, Daniel. Ele é de Charleston, mas frequentou Harvard. Por isso já sei que você vai gostar dele, Jimmy.

Jimmy sorriu da idéia de Helena. Podia citar vários sujeitos que haviam se formado em Harvard e que não tinham a menor noção do que fosse honra e dignidade. Daniel Lancashire, no entanto, mostrou que não pertencia a esse grupo.

Ele era um rapaz atraente e agradável, com um caráter forte que lhe seria muito útil na vida. Helena o fitava com olhos cheios de adoração, e ele não escondia que retribuía o sentimento.

Mais tarde, quando a ceia terminou e as danças estavam prestes a começar, Catherine refugiou-se por um momento na varanda. Lá, olhando o céu estrelado, pensou no homem que tinha deixado para trás, em Nova York.

Evan já devia ter recebido o bilhete que havia lhe mandado, explicando que ia para a Virgínia mas que voltaria logo. Até lá, esperava já ter tomado uma decisão sobre o futuro de ambos.

Ouvindo o sussurro suave da brisa noturna, ela não pôde deixar de imaginar se tão poucos dias bastariam para decidir algo tão importante. No momento, não tinha condições nem de pensar com serenidade. A confusão provocada pelo encontro com Evan ainda não havia diminuído. Ao contrário, rever o pai só tinha feito com que achasse ainda mais absurdas as acusações de Evan.

Como Mari, também achava que Drake era um homem capaz de grandes violências. Mas não acreditava que ele pudesse contratar outras pessoas para realizar um trabalho sujo.

Evan, no entanto, acreditava nisso e provavelmente não existia nada que pudesse dizer para convencê-lo do contrário.

Catherine sorriu sem alegria, pensando que havia pelo menos um aspecto positivo em toda aquela confusão: seus pais queriam muito que ela se casasse. O fato de não pensarem em Evan O'Connell como possível genro não afastava a possibilidade de chegarem a aceitá-lo, se achassem que ele a faria feliz.

Mas estava precipitando suas conclusões. Ainda nem sabia se Queria se casar com Evan. Ou com outro homem qualquer. Gostava de ser independente, de participar de negociações, de lidar com os representantes do sexo oposto em termos de igualdade e às vezes até superá-los. Isso lhe dava uma autoconfiança que nunca havia sentido antes. Não

gostaria de ter de desistir de tudo. Virando-se, ela viu, pela abertura das enormes janelas francesas, Helena e Daniel dançando, encantados um com o outro. Nesse momento, uma idéia lhe ocorreu.

Talvez não tivesse de desistir de tudo. Evan não podia esperar que ficasse em casa, sentada, fazendo tricô. Ele, mais do que todos, entenderia sua necessidade de participar do mundo dos negócios, porque sentia a mesma compulsão. De certa maneira, os dois eram rebeldes. Ele, contra a estrutura social ainda rígida do mundo em que viviam; ela, contra os preconceitos impostos a seu sexo. Os dois haviam quebrado regras e sem dúvida continuariam a fazer a mesma coisa, juntos ou separados.

Outro sentimento agitou-se em seu íntimo, uma emoção que se esforçara para ignorar durante os últimos cinco anos. Mesmo no meio de sua família, rodeada por pessoas que a amavam, sentia-se terrivelmente só.

Essa solidão havia surgido devagar, avançando aos poucos, até se tornar um peso em sua vida. Por mais que tentasse fingir o contrário, a solidão a incomodava. Até Evan reaparecer em seu caminho... Com ele, a sensação agonizante de vazio, de falta de objetivo havia desaparecido. Ele lhe dava a maravilhosa certeza de que a vida, apesar de todos seus caprichos, valia a pena ser vivida.

Um suspiro escapou de seus lábios. Estava cansada, desgastada pela confusão em sua mente e não queria pensar mais nessa noite. Queria voltar para o salão, participar da festa e se esquecer de todas as preocupações. Para sua surpresa, conseguiu.

Só bem mais tarde, quando já estava deitada em sua cama, na fazenda dos avós, descobriu a razão: tinha sido capaz de deixar de lado as preocupações porque já havia tomado sua decisão. E tinha sido no exato momento em que havia chegado àquela esquina escura, em Nova York, e avistado Evan do outro lado da rua. |

Capítulo XX

Evan afastou a cortina e olhou pela janela. Chovia quando havia saído de Nova York, e continuava a chover agora. Um tempo que combinava com seu estado de espírito.

Atrás dele, Carmody suspirou, sentido. Lembrando-se da presença do amigo, Evan virou-se. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos de seu impecável terno escuro, empurrando as abas do casaco para trás e exibindo um colete que acentuava, às mil maravilhas, a beleza de seu peito largo. Seu olhar era impenetrável, mesmo enquanto olhava para o velho amigo.

— Me considera um tolo, não é?

— Eu não disse nada disso — Carmody replicou. — Só disse que leva uma vida ótima e não entendo por que quer estragar tudo.

Evan sorriu sem a menor alegria.

— Mas por que acha que se eu casar com Catherine vou estragar tudo?

Levantando-se da poltrona macia, Carmody caminhou até o armário onde guardava seu estoque de uísque. Tinha engordado bastante, durante os últimos anos, e estava com os cabelos completamente brancos. Seus ombros haviam caído, e ele agora arrastava os pés como se a notícia do possível casamento de Evan fosse demais para suportar.

Apesar de tudo, Evan sabia que a inteligência dele continuava tão aguçada quanto antes. Carmody podia estar com a aparência de um velho reumático, mas continuava esperto como nunca.

— Eu não acharia nada disso, se o nome dela fosse Catherine Malone ou coisa parecida. Mas Catherine Bennington vem de um mundo completamente diferente do nosso, garoto.

— Eu sei.

Sentando-se na cadeira diante da poltrona que Carmody tinha voltado a ocupar, Evan aceitou o copo que o amigo lhe oferecia. O líquido brilhava à luz suave do lampião a gás. Carmody ainda fazia pouco da eletricidade, embora tivesse comprado mais um telefone.

Evan tomou um gole de sua bebida, suficiente apenas para sentir o gosto. Nunca tinha apreciado beber demais, e ultimamente achava melhor manter a mente bem clara.

Só Deus sabia o quanto Catherine tornava essa tarefa difícil. Desde seu encontro em

Nova York, quando ela havia lhe dito, com toda calma, que gostaria de vê-lo de novo, ele passava, alternada-mente, por períodos de felicidade e medo. Felicidade, por terem se reencontrado, e medo por não saber que direção o relacionamento tomaria.

Havia levado muito pouco tempo para resolver que não queria ter apenas um caso com Catherine, porque isso daria a ela muita liberdade. O casamento seria um laço bem mais forte.

Naturalmente, só admitia essa verdade para si mesmo. Catherine não fazia a menor idéia da pouca confiança que depositava nela. Ele ainda nem sabia se acreditava ou não no bilhete que havia recebido, explicando a viagem à Virgínia. Além disso, ainda existia a desconfiança instintiva que sentia por todos que, como ela, davam-lhe a sensação de estar fora de si, perdido no tempo.

Sem dúvida, não ia permitir que ela descobrisse o efeito que causava nele, nem o quanto isso tornava suas ações cautelosas.

Para sua surpresa, Catherine havia aceitado prontamente seu pedido de casamento. Na certa por causa da educação convencional que tinha recebido, pois era bastante rebelde por natureza.

De qualquer maneira, ele havia resolvido levar avante o casamento, e o mais depressa possível. Não queria dar a ela a chance de mudar de idéia.

O que não impedia Carmody de tentar fazer com Evan mudar de idéia.

— Se acha que vai ser aceito pela nata da sociedade de Boston, está completamente enganado, garoto. Drake Bennington pode até acabar concordado com esse casamento, mas eu lhe garanto que ele não vai mover uma palha a seu favor.

— Pois para mim está ótimo. Ele é o último homem de quem eu quero ajuda.

— Nem precisa — Carmody comentou com um sorriso. — Pelo que ouvi, você está muito bem de vida.

— E pretendo ficar melhor ainda. Catherine não vai sentir falta de nada.

— Ela também trabalha, não é?

— Ela ajuda Mari, de vez em quando. Mas não é nada sério. Carmody fitou-o com ar cético, porém nada comentou. Daí em diante, a conversa passou para os acontecimentos políticos. Uma hora depois, foram interrompidos por gritos infantis.

— São os meus netos — disse Carmody, sem esconder a alegria.

Nesse instante, a porta se abriu e dois garotinhos e uma menina entraram correndo. O mais velho tinha cerca de quatro anos e o mais novo mal sabia andar.

Maude entrou logo atrás.

— Oi, papai. Como vai, Evan? Ele caiu na gargalhada.

— Minha nossa, Maude! Que recepção! Até parece que eu só fiquei longe uma semana!

— Desculpe. Eu ando meio distraída, ultimamente. Brendan, solte o cabelo da sua irmã!

O garotinho de quatro anos obedeceu. Mas o olhar que lançou para a irmã prometia muito mais que um simples puxão de cabelo, depois.

Suspirando, Maude sentou-se no sofá e colocou o mais novo no colo.

— Pelo menos este aqui eu consigo manter fora da bagunça. Uma pena que não vá durar muito.

— Sua família é adorável — Evan elogiou com sinceridade. As crianças eram bonitas e estavam bem vestidas. A própria

Maude estava com ótima aparência. Já não era tão esbelta quanto antes e seus olhos haviam perdido um pouco do brilho, mas fora isso continuava a mesma.

— Obrigada — ela agradeceu. — O casamento e a maternidade combinam comigo.

— O marido dela, Michael Shaugnessy, é do bairro vizinho — disse Carmody. — Um bom rapaz, apesar de não ser um irlandês de verdade.

— Não vamos começar de novo, papai! Ter um avô escocês não acaba com todo o sangue irlandês de um homem, acaba?

— Eu disse que ele é um bom rapaz, não disse? E o principal é que me deixa vencer no xadrez — acrescentou com um sorriso para Evan.

— Mas o que você veio fazer em Boston? — Maude quis saber. Em poucas palavras, Evan explicou que ia se casar e com quem.

Quando ouviu o nome da noiva, Maude ergueu uma das sobrancelhas.

— Então acabou seguindo o meu conselho.

— Que conselho? — perguntou Carmody.

Maude riu.

— Eu disse a ele para se casar com uma moça bonita e rica.

Mas não pensei em Catherine Bennington. Minha imaginação nunca foi tão longe.

— Pois a de Evan foi — Carmody resmungou. — Eu já disse mil vezes que isso ainda vai acabar mal, mas ele não me ouve.

— Nem deve. Não conheço Catherine Bennington, mas aposto que ela é uma mulher igual a qualquer outra. Se eles se amam, devem mesmo se casar e ser felizes juntos.

— Exatamente o que eu penso — disse Evan, achando que já estava na hora de entrar na conversa.

As crianças tinham parado de brincar e ouviam os adultos com curiosidade, os olhinhos indo de um para o outro. Os três olharam para Evan, quando ele continuou:

— Afinal de contas, no fundo as pessoas são todas iguais, não são?

Carmody apertou os lábios.

— Se os Bennington são iguais ao resto do mundo, não sei por que você está tão ansioso para se tornar um deles.

— Quero Catherine, não a família dela.

— Principalmente o pai, não é? Você não gosta muito dele, gosta?

— Não. Mas ele também não gosta de mim — Evan admitiu. — E vai gostar menos ainda, quando souber que Catherine e eu vamos nos casar.

— Ele ainda não sabe?! — Maude exclamou. — Pelo jeito que você falou, achei que já estava tudo acertado com a família dela.

— Está acertado entre Catherine e eu, e é isso que conta. Naturalmente, vou fazer a gentileza de comunicar o fato a Drake Bennington, mas só isso.

Carmody assobiou baixinho.

— Garoto, acho bom você pensar melhor no que vai dizer, antes de se encontrar com o Bennington. Desse jeito, a coisa pode ficar bem feia.

— Já tentei ser cortês com Bennington e não deu certo. Ele confunde cortesia com fraqueza.

— A reputação dele não é essa.

— Nos negócios. O nosso caso é pessoal.

— Eu sei, garoto. De qualquer maneira, eu lhe desejo boa sorte.

— Eu também — Maude acrescentou. — Tomara que você se saia bem e tudo dê certo.

Ela não conseguiu esconder por completo o tom de dúvida, mas Evan fingiu não notar.

Evan foi a pé de North End a Beacon Hill. Precisava do exercício e, além disso, a caminhada lhe dava a oportunidade de pensar. A chuva havia parado e o ar estava relativamente claro, apesar dos gases ocasionais liberados pelos carros.

Ele caminhava a passos largos, indiferente aos olhares que atraía. Estava muito bem vestido, para ser tomado por um dos moradores do local. Ao mesmo tempo, havia nele uma dureza que o diferenciava dos habituais freqüentadores do centro comercial. Embora se parecesse com eles superficialmente, possuía uma aura de força física que eles não tinham.

Nenhuma mulher deixava de notar essa aura. Os olhares femininos seguiam com admiração o homem alto, de ombros largos, cabelos negros e feições atraentes. Muitas até se esqueciam de que não era educado olhar fixamente para alguém.

No caminho, só uma vez Evan hesitou. Foi quando saía de North End e passou por uma esquina que conhecia muito bem. A última vez que havia pisado ali estava escuro e chovia. Agora, estava claro e o sol brilhava, mas não fazia a menor diferença para ele.

Ele parou por um momento, examinando o lugar onde tinha sido atacado pelos brutamontes. O tempo transcorrido, desde o ataque, parecia nem ter existido, tão forte era a lembrança.

Naquela noite, ele estava cansado mas feliz por ter conversado com Drake, e ansioso para rever Catherine. Se não estivesse pensando nela, provavelmente teria percebido algo estranho. Contudo, não tinha notado nada, até um sujeito cortar o seu caminho e exigir que lhe dissesse o seu nome.

— Seu nome é O'Connell?

Tolamente, ele havia assentido. Sorrindo, o sujeito tinha fechado a mão direita e dado um murro na palma da outra mão. O barulho fizera com que olhasse para baixo, em tempo de ver

que o desconhecido usava um soco inglês. Como usava o homem que havia avançado pelas suas costas e os outros dois, que aparentemente surgiram do nada.

Graças a sua força, ao seu tamanho e ao fato de ter participado de muitas brigas de rua, havia conseguido se defender por algum tempo. Mas o resultado final já estava definido. Os quatro tiveram de se esforçar muito, mas no fim ele estava no chão, apanhando até perder os sentidos.

Sua última lembrança daquela noite era de ter olhado para um dos homens, visto uma faca brilhar na mão dele e pensado que ia morrer.

Naturalmente, ele havia se enganado. O ângulo de sua queda, a pouca luz local ou qualquer outra coisa, que nesse momento não tinha a menor importância, levaram seu atacante a calcular mal e esfaquear um ponto não vital de seu corpo. Em vez de penetrar em seu coração, a arma tinha se alojado entre duas costelas, sem avançar demais.

O médico que havia removido a faca, horas depois, tinha lhe dito que era um rapaz de sorte, que poucos homens podiam perder tanto sangue e ainda se arrastar à procura de ajuda.

Mas nada, nem todos os argumentos do médico e das enfermeiras, fizeram com que desistisse da idéia de deixar a enfermaria, antes do amanhecer. Pelo comentário de um dos assaltantes, sabia que Drake Bennington desejava sua morte e não pretendia lhe dar essa satisfação.

Uma raiva intensa havia dominado seus dias, enquanto se recuperava na casa de Carmody. Depois de falhar em sua tentativa de falar com Catherine, tinha resolvido sair de Boston o mais rápido possível. Não havia sido difícil convencer William Chisom a comprar o depósito junto ao rio, em vez de alugá-lo, principalmente porque o pagamento poderia ser feito em parcelas.

Isso feito, tinha começado a pensar num lugar para ir. As opções eram bastante limitadas. Logo havia chegado à conclusão de que sua melhor chance estava na carga encomendada por Chisom, na Europa. Ele mesmo iria para o Texas realizar a venda. Em seu último dia na casa de Carmody, menos de uma semana depois do ataque, tinha escrito outro bilhete para Catherine, contando o que pretendia fazer. Não porque achasse que ela poderia mudar de opinião, mas porque não gostava da idéia de simplesmente desaparecer no ar.

O esforço havia sido inútil. Seus sentimentos ficaram ainda mais confusos. Ele não a culpava pela surra, mas o fato de Catherine não querer vê-lo levou-o a desistir de lutar por ela.

Mas essa disposição tinha mudado. Logo depois de chegar ao Texas, havia descoberto que a queria tanto quanto antes, talvez até mais. Quase tinha voltado, então, para contar a ela a traição de Drake e pedir que escolhesse entre ele e a família.

Aos poucos, porém, havia recuperado a razão e percebido a tolice desse gesto. O que tinha a oferecer para que Catherine desistisse de tudo, só para tê-lo?

Naquela época, a resposta era nada, principalmente pelos padrões a que ela estava acostumada.

Agora, no entanto, a situação era diferente. Tornara-se um homem rico e ganhava mais dinheiro a cada dia que passava. Dentro de alguns anos, sua fortuna seria tão grande quanto a de Drake Bennington. Poderia, então, dar a Catherine todo conforto e a proteção que o pai costumava lhe dar. Poderia até fazer um esforço e ser gentil com a família dela.

Uma coisa, porém, era certa: jamais se esqueceria do que havia acontecido e pretendia ter muito cuidado para que o fato não se repetisse. Nunca mais Drake Bennington o pegaria desprevenido.

Evan teve sua primeira indicação de que nem tudo ia bem na casa da praça Louisburg quando o mordomo abriu a porta. O velho serviçal tinha as feições rígidas e uma leve expressão de censura no olhar. Ou ele não costumava adotar a impassividade própria de sua função, fosse qual fosse a circunstância, ou havia decidido abrir uma exceção, no caso do recém-chegado.

— Faça o favor de esperar aqui... senhor. Vou avisar o sr. e a sra. Bennington de sua chegada.

O mordomo largou Evan em pé no saguão de entrada, sem lhe oferecer o conforto da sala de espera para onde os visitantes eram geralmente conduzidos.

Evan limitou-se a sorrir da falta de cortesia. Era capaz de apostar que a visita ainda traria piores surpresas, antes da tarde chegar ao fim.

Catherine apareceu logo depois. Aproximou-se com um sorriso e ficou na ponta dos pés

para lhe dar um beijo.

— Estou tão contente por você ter vindo! — exclamou, baixinho.

— Eu também.

Evan saboreou o gosto dos lábios femininos em sua boca. Ela usava um vestido simples, de seda creme, que fazia um barulhinho delicioso quando se movia de encontro a ele.

Quando se separaram, momentos depois, Catherine inclinou a cabeça na direção da porta, no fim do saguão.

— Eles não estão muito bem-humorados — avisou.

— Quer dizer que não sou bem-vindo?

— Isso, mesmo. Ah, Evan, como eu gostaria que as coisas fossem diferentes!

— Não se preocupe, vai dar tudo certo. Você precisa encarar a situação do ponto de vista de seus pais. A minha volta deve representar um choque e tanto para eles.

— Eu devia ter esperado você chegar, antes de contar tudo. Fui muito desajeitada.

— Duvido. Você nunca foi desajeitada. Além disso, pense no que eles teriam pensado, se eu aparecesse aqui hoje, sem nenhuma explicação prévia.

— Eles iam achar bem estranho — Catherine admitiu. — Desse jeito, eles já estão bastante ansiosos com a sua visita.

— É natural — Evan replicou, segurando a mão dela com ternura. — Mas no fim tudo vai dar certo, Catherine. Nós vamos conseguir.

Ela fez um esforço e lhe dirigiu um fraco sorriso antes de entrarem na sala de visitas, juntos.

Drake estava em pé, ao lado do sofá onde Elizabeth se sentava. Os dois conversavam, mas se calaram ao ver Catherine e Evan.

— O'Connell — Drake disse, inclinando a cabeça.

Evan sorriu friamente, encarando o homem que já havia planejado sua morte.

— Sr. Bennington.

Ambos se fitaram por um longo momento, antes de Drake convidar, com um gesto impaciente:

— Sente-se.

Cheia de ansiedade, Elizabeth viu os dois se acomodarem no sofá em frente ao seu. Catherine estava tão tensa quanto a mãe, mas todos faziam o possível para agir com naturalidade.

Drake até conseguiu assumir uma expressão ligeiramente divertida, ao dizer:

— Pelo que entendi, vocês dois renovaram seu conhecimento.

— Nós vamos nos casar — Evan retrucou, sem rodeios. Vendo a expressão de Elizabeth, ele quase se arrependeu de ter sido tão direto. Mas não tinha nada a ganhar, fazendo hora, uma vez que os Bennington já estavam a par do assunto. Além disso, quanto mais cedo a conversa terminasse, melhor. Drake fitou-o com firmeza.

— Pelo que entendi, era isso que você pretendia, cinco anos atrás. Mas não foi o que aconteceu. Assim, por que devo acreditar que vai ser diferente agora?

A resposta de Evan foi dada no mesmo tom calmo.

— Porque tenho mais experiência agora do que cinco anos atrás.

Catherine tinha estremecido ao ouvir seu pai mencionar aquele verão. A última coisa que desejava era que Evan revelasse sua suspeita.

Se isso acontecesse, Drake se mostraria ofendido e negaria tudo, o que só serviria para prolongar o conflito, ou daria alguma indicação de culpa, o que ela não conseguiria suportar. Era melhor deixar o assunto de lado e não procurar mais explicações para o que havia acontecido.

— Não vamos falar do passado — pediu, depressa. — O que ficou para trás não tem mais importância. O que conta agora é o presente. E o futuro.

Seu pai lançou-lhe um olhar terno, mas que não escondia uma ponta de censura.

— Uma atitude filosófica, meu anjo, mas pouco realista. Houve uma época em que eu andei muito impressionado com a inteligência e o talento de Evan. Reconheço que não tanto a ponto de pensar nele como um possível genro, mas havia entre nós uma boa dose de respeito. Agora, creio que posso dizer sem medo de errar, que isso não existe mais.

— E tem alguma importância? — Evan perguntou, de forma quase indolente, como se o assunto lhe dissesse respeito. — Na minha opinião, o que conta são os sentimentos que

Catherine e eu temos um pelo outro.

— Só se vocês pretendem viver isolados do mundo — Elizabeth interferiu. Olhando de Evan para a filha, acrescentou: — É isso que vocês querem?

— Claro que não — retrucou Catherine. — O que Evan quer dizer é que gostaríamos muito de ter a sua bênção, mas que nossos planos não dependem disso.

— Entendo...

Drake examinou a filha com atenção, como se tentasse adivinhar como havia chegado àquele ponto. Catherine estava prestes a tomar uma decisão que poderia separá-la para sempre de toda a família.

Seu coração se apertou. Ele considerava a honra e o orgulho essenciais na vida, mas não às custas do amor. Para ver Catherine feliz, seria capaz de tolerar muita coisa.

Evan estava pensando mais ou menos a mesma coisa. Vendo o rosto pálido e os olhos tristes, ainda que desafiadores, da mulher amada, ele se esqueceu por um instante de seus motivos para odiar Drake. Num tom mais cordial, disse:

— Eu entendo que não deve ser fácil entregar sua filha a um homem em quem não confiam. É uma situação muito difícil para todos nós.

Drake lançou-lhe um olhar rápido e penetrante. Não esperava que Evan fizesse concessões, muito menos que mostrasse tanta compreensão da situação em que ele e Elizabeth se achavam.

Sentia uma certa confusão em Evan. Era como se existissem duas forças contraditórias, trabalhando no íntimo do rapaz: uma, que o fazia querer proteger Catherine, e outra, que o mandava arrancá-la do seio da família.

— Você tem razão — Drake concordou, afinal. — A situação é difícil, principalmente porque a notícia desse casamento foi uma surpresa muito grande, tanto para Elizabeth, quanto para mim. Temos medo que vocês estejam sendo precipitados.

Catherine abriu a boca para protestar, mas antes que pudesse falar, seu pai acrescentou:

— Acho que não é demais pedir a vocês para esperarem um pouco. Tentem se conhecer melhor. Não creio que tenham algo a perder com isso.

Evan não pôde deixar de admirar o modo como Drake conduzia a situação. Em vez de proibir o casamento, o que só levaria Catherine mais depressa para os seus braços, ele exibia uma paciência infinita.

Naturalmente, com isso a desconfiança de Evan aumentou. Se ele e Catherine concordassem em esperar, os Bennington teriam tempo para arranjar inúmeros motivos e provocar sua separação.

O amor e a lealdade de Catherine pela família eram muito fortes para ela não ceder às artimanhas dos pais. Eles poderiam usar viagens, outros homens e até oportunidades no mundo dos negócios para fazer com que ela mudasse de idéia.

— Meus interesses financeiros exigem que eu passe a maior parte do meu tempo em Nova York — explicou, decidido a não correr risco algum. — Se Catherine continuar em Boston, vai ser difícil nós nos vermos com uma certa frequência.

— Existem os trens — lembrou Drake com uma ponta de ironia. — Para não falar nos telefones. Vocês não vão perder o contato.

— Claro que não. — Catherine entrelaçou as mãos no colo, cheia de compostura, como se o que ia sugerir fosse perfeitamente comum e aceitável. — Além disso, — o trabalho que estou fazendo para Mari vai exigir que eu vá a Nova York muitas vezes. Pode ser até que eu tenha de mudar para lá, dentro de alguns meses.

Drake e Elizabeth trocaram um olhar, enquanto Evan fazia o possível para não rir. Em vez de embarcar num duelo verbal, como ele e o pai dela tinham feito, Catherine manipulava a situação para conseguir o que queria, sem a menor dificuldade.

Nenhum pai, por mais dúvidas que tivesse sobre o caráter do noivo da filha, haveria de querer os dois vivendo em outra cidade, longe da supervisão da família. Isto levaria, com certeza, a irregularidades que precisavam ser evitadas.

Enquanto esperava a resposta de Drake, Evan resolveu tomar mais cuidado com Catherine, futuramente. Ela era muito boa em manipular pessoas.

No fim, não foi Drake, mas Elizabeth que cedeu.

— Está bem — ela disse. — Já vi que não vamos fazer vocês mudarem de idéia. Quando querem se casar?

Catherine soltou um longo suspiro de alívio. Sua tensão desapareceu como por encanto. Em seu coração, preferia acreditar que os pais haviam aceitado seus argumentos e agora partilhavam seu entusiasmo pelo grande evento.

Se ainda restavam algumas dúvidas, foram afastadas com firmeza.

— Assim que for possível, mamãe. Não temos motivo para esperar.

— Você vai precisar de um vestido de noiva, damas de honra e flores. Temos que reservar a igreja, planejar a recepção e mandar os convites. Tudo isso leva tempo.

— Mas eu não quero esse tipo de casamento! Prefiro uma cerimônia simples.

— E você, Evan? — Drake perguntou com estudada suavidade. — Vai se contentar com um casamento simples ou prefere uma cerimônia capaz de deixar Boston boquiaberta?

— Para mim, não faz a menor diferença, sr. Bennington. Eu só quero que nosso casamento aconteça logo. — Um leve sorriso surgiu nos lábios do rapaz. — Quanto a deixar Boston boquiaberta, acho que vamos conseguir esse feito de qualquer maneira.

Drake sufocou um suspiro. Desde o início sabia que não tinha muita chance de conseguir que Catherine e Evan mudassem os planos para o casamento, mas mesmo assim havia tentado.

Momentos atrás, estava quase convencido de que Evan pretendia usar Catherine como um degrau para atingir a respeitabilidade. Assim sendo, esperava que ele quisesse ter toda a elite de Boston na igreja para testemunhar o casamento. Agora já não sabia se o rapaz estava sendo sincero ou era esperto demais para cair na armadilha que havia lhe preparado. De qualquer maneira, parecia que não ia haver desacordo entre os noivos.

— Um casamento simples, então — Elizabeth concluiu. Uma expressão terna dominou seu rosto. — Não creio que alguém vá se surpreender. Casamentos simples são praticamente uma tradição na nossa família.

— Como assim? — Evan perguntou.

Estava curioso para saber mais sobre a família a que ia pertencer, mas não queria deixar seus sentimentos muito evidentes. Era melhor manter uma certa distância.

Elizabeth olhou para o marido e sorriu.

— Drake e eu planejamos uma grande cerimônia em Calvert Oaks, mas houve um problema, alguns dias antes da data marcada, e acabamos fazendo um casamento bem simples. Na época fiquei desapontada, mas agora, olhando para trás, fico contente por ter sido assim. Um casamento é uma cerimônia íntima, particular, que só deve ser partilhada com as pessoas mais chegadas ao casal.

Drake assentiu, fitando a esposa com olhos cheios de ternura.

Observando os dois, Evan não pôde deixar de se sentir abalado pela extensão do amor que dedicavam um ao outro. Também era difícil aceitar que o homem a sua frente, aparentemente tão íntegro e amoroso, fosse a mesma pessoa que havia ordenado sua morte.

Em todo caso, isso não tinha a menor importância. Catherine era sua, pelo menos por enquanto.

Capítulo XXI

Catherine parou na porta principal do banco e respirou fundo, aliviada. Estava acabada a demorada reunião de negócios que havia tomado toda sua manhã e quase a tarde inteira.

Numa avaliação final, os resultados não tinham sido tão ruins assim. Havia levado mais ou menos uma hora para convencer os três banqueiros de que deviam tomar suas palavras a sério. Depois disso, tinham feito algum progresso. Mari provavelmente ia gostar, quando recebesse seu relatório.

Decidindo que o dia — ou melhor, o que restava dele — estava muito bonito para passar mais um minuto que fosse trancada num ambiente fechado, ela decidiu caminhar até a praça Louisburg. Talvez o ar fresco de primavera ajudasse a clarear sua cabeça.

Podia considerar uma sorte e tanto a reunião ter dado certo, em vista de sua dificuldade em prestar atenção no que diziam os três banqueiros. Mas uma certa distração era perdoável numa moça que estava a quatro dias do casamento.

Quatro dias!

Catherine sorriu, caminhando com passos mais cheios de viva-cidade. Quando ela e Evan haviam decidido marcar a data do casamento para dez dias depois do encontro com seus pais, estavam certos de que teriam de enfrentar os protestos de Drake e Elizabeth. Achavam que eles diriam que até um casamento informal não poderia ser organizado em tão pouco tempo.

Para seu grande alívio, no entanto, os dois não tinham colocado o menor obstáculo aos seus desejos. De imediato, Elizabeth havia dado início aos arranjos necessários. Catherine ainda não sabia como isso tinha sido possível, mas sua mãe havia organizado uma cerimônia bastante elegante em tempo recorde.

O que a deixava sem nada para fazer, a não ser experimentar o vestido de casamento e aproveitar a companhia de Evan, quando não estava trabalhando.

Catherine franziu a testa de leve, lembrando-se da discussão que havia tido com o noivo, na noite anterior. Evan não tinha negócios importantes a tratar e queria passar aquela manhã escolhendo as alianças. Ela havia explicado que não podia, por causa da reunião no banco.

— Não dá para você adiar? — ele tinha perguntado.

— Não. Esta reunião foi marcada há várias semanas. Além disso, se eu pedisse um adiamento só porque vou me casar, esses homens iam me considerar uma irresponsável.

— “Só porque você vai se casar”? Na minha opinião, um casamento é muito mais do que isso!

Notando a indignação do noivo, Catherine havia pousado a mão no braço dele e murmurado:

— Por favor, Evan, não se zangue. É claro que nosso casamento é importante. Mas é tão difícil para uma mulher ser levada a sério no mundo dos negócios! Não posso me arriscar a fazer nada capaz de pesar contra mim.

Ela quase tinha perguntado a ele o que faria, se suas posições fossem invertidas. Se ele tivesse uma reunião importante com pessoas dispostas a financiar um de seus negócios, seria capaz de cancelar essa reunião para ir escolher alianças de casamento? No fim, havia decidido não dizer nada. Ele já estava aborrecido. Não seria bom deixá-lo irritado também.

O incidente fora superado, mas a mágoa não. Seria possível que Evan não entendesse o quanto o trabalho era importante para ela? Nunca haviam tocado no assunto abertamente, mas ele, mais do que ninguém, deveria entender a enorme satisfação de vencer um desafio considerado por todos grande demais.

Se um imigrante vindo da região mais selvagem da Irlanda podia se tornar um excelente homem de negócios, uma mulher saída da elite de Boston também podia.

Apesar de muitos considerarem suas atitudes uma aberração, ela gostava de seu trabalho, estava ficando cada vez melhor no que fazia e não pretendia desistir da carreira por ninguém. Quanto a Evan, tinha certeza de que ele jamais lhe pediria para fazer um sacrifício tão grande. Quatro dias! Em quatro dias seria a sra. Evan O'Connell! Ela repassou mentalmente o nome, saboreando cada sílaba. Evan ainda não tinha lhe dito onde passariam a lua-de-mel. Seria uma surpresa. Mas quando voltassem, iam se mudar para Nova York. Ele havia falado em comprarem uma casa-lá, mas estava esperando que ela visse o lugar, para concretizar o negócio.

Desde que não ficasse longe do distrito financeiro da cidade, para Catherine não haveria problema. Ela só queria que tivessem bastante privacidade. Já fazia quase um mês que tinham feito amor, e isso era tempo demais. A noite, ficava acordada imaginando as mãos e os lábios masculinos em seu corpo, até a sensação se tornar intolerável.

Às vezes pensava que havia alguma coisa errada com seu organismo para sentir tanta paixão. Mas depois se lembrava das outras mulheres de sua família, que tinham vivido grandes amores, e decidia que só estava seguindo uma velha tradição.

Catherine parou por alguns momentos na esquina, esperando vários carros e carruagens passarem. Cada vez mais diminuía o número de carruagens nas ruas e aumentava o de automóveis. Apesar do mau cheiro dos gases liberados pelos motores, ela achava que a mudança não era para pior. Afinal, os cavalos também deixavam para trás um tipo característico de poluição nem um pouco agradável ao nariz.

Quando o tráfego diminuiu o suficiente, ela cruzou a rua e avançou pelo outro quarteirão. Só se deteve quando notou uma figura familiar deixando um edifício, poucos metros adiante.

Não via Charles van Rhys há quatro anos, desde que ele tinha ido para a Europa. Mas ele havia mudado muito pouco e foi fácil reconhecê-lo.

— Mas que feliz coincidência — Charles disse cerimoniosamente, depois de se cumprimentarem. — Eu estava pensando em lhe fazer uma visita na semana que vem. — Debaixo do bigode fino que havia cultivado na Europa, ele sorriu, murmurando: — Senti sua falta. Quatro anos é muito tempo.

Catherine conteve um suspiro. Seu último encontro havia acontecido depois de Charles passar um ano cercando-a por todos os lados. Tinha sido muito difícil. Ele havia chegado ao ponto de lhe propor casamento. E ficara furioso com a recusa, perdendo o pouco controle que costumava ter sobre suas emoções. Se não estivessem em um lugar público, atendendo a um evento social, ele provavelmente a teria agredido.

— Você não está com pressa, está? — Charles perguntou, segurando seu braço. — Podemos conversar um pouco e tomar uma xícara de chá. Meu clube é logo ali.

Com um gesto delicado porém firme, Catherine livrou-se da mão dele. Não pretendia ir a lugar algum com Charles van Rhys. E quanto antes ele entendesse isso, melhor.

— Obrigada, Charles, mas estão me esperando em casa. Vou me casar no sábado e ainda tenho que experimentar meu vestido de noiva.

— Você vai se casar?! — Lentamente o rosto dele perdeu a expressão de surpresa, tornando-se sombrio. — Ninguém me disse nada a esse respeito.

— Foi uma decisão meio súbita.

— É? E com quem você vai se casar com tanta pressa? Catherine hesitou. Não queria lhe contar nada, mas a boa educação mandava que respondesse.

— O nome dele é Evan O'Connell. Costumava viver aqui e Boston, mas passou os últimos anos no Texas.

O rosto de Charles tinha perdido toda expressão. Só um músculo, saltando junto à pálpebra direita, traía seu choque.

— O'Connell? O irlandês? Surpresa, ela perguntou:

— Você o conhece?

— Eu... Não, eu não o conheço. Nunca chegamos a nos encontrar. Afinal, ele não passava de um empregado de seu pai. Não havia motivo para entrarmos em contato. Mas ouvi falar dele.

O tom de Charles insinuava que os comentários eram desabonadores. Tensa, Catherine replicou:

— Desconfio que muita gente não gosta do sucesso de Evan, mas ele só merece elogios, na minha opinião. Superou muitas dificuldades para chegar ao ponto em que está hoje.

— E que ponto é esse?

— Você não sabe? Pensei que soubesse, quando disse que tinha ouvido falar dele. Evan tomou parte na descoberta do petróleo, no Texas. Atualmente, tem muitos poços por lá, mas está começando a atuar em outros campos, também.

Evan tinha lhe dito isso por acaso, mencionando que preferia não guardar todos seus ovos numa única cesta. Na época, ela havia pensado que gostaria de saber onde ele investia seu dinheiro e, mais cedo ou mais tarde, pretendia lhe perguntar. Podia ser que soubesse alguma coisa capaz de ajudá-lo, ou vice-versa.

— Texas — Charles repetiu, com evidente mau humor. — Eu deveria ter desconfiado. Homens da pior espécie estão fazendo fortuna por lá. O seu sr. O'Connell deve ter se dado muito bem naquele ambiente.

Catherine empalideceu, os olhos faiscando diante da ofensa.

— Você está passando dos limites, Charles! Nem todos os homens têm a sorte de nascer num berço de ouro. Duvido que você conseguisse se sair tão bem, se tivesse nascido na situação de Evan.

Charles fez um gesto de pouco caso, como se achasse aquela possibilidade um completo absurdo.

— Em que seu pai anda pensando para deixar você se casar com esse sujeito?

— Na minha felicidade. — Incapaz de se conter, Catherine acrescentou: — Ele respeita Evan e está satisfeito com o nosso casamento.

A afirmação arrancou um riso sem humor dos lábios do rapaz.

— Duvido muito. Acontece que seu pai continua incapaz de controlar a filha que tem. No

entanto, se você tivesse tido o bom senso de aceitar o meu pedido...

Nesse ponto, a raiva Catherine começou a escapar de seu controle.

— Ainda bem que isso nem me passou pela cabeça! Você e Evan não têm nada em comum!

— Não, mesmo?

Charles estendeu a mão num gesto abrupto e agarrou o pulso de Catherine, que já ia se afastando. Ela perdeu o equilíbrio e teria caído, se ele não a tivesse puxado com força de encontro ao próprio corpo.

Indiferente às pessoas que passavam e olhavam com curiosidade em sua direção, ele disse:

— O seu irlandês se julga muito forte e decidido, mas não faz a menor idéia do que é ser dono dessas qualidades. Seria uma boa coisa ele não tentar pegar mais do que é capaz de segurar.

— Como assim? O que quer dizer com isso?

Charles estava machucando seu pulso, mas Catherine não pretendia demonstrar fraqueza. No entanto, uma onda de medo dominou-a quando notou a luz febril nos olhos masculinos. Tarde demais, lembrou-se do temperamento dele e percebeu que suas respostas tinham sido excessivas.

Charles sorriu. Um sorriso desagradável que fez Catherine se arrepiar.

— Quero dizer que é muito fácil esmagar um sujeito de baixo nível como Evan O'Connell. Há muita gente que gostaria de fazer isso.

— Você pode pensar o que quiser, mas vai ser muito tolo se tentar. Evan é um páreo duro, principalmente para gente como você.

Abruptamente, Charles soltou-lhe o pulso. Catherine caiu de encontro à parede e lá ficou, olhando para ele. O rosto do rapaz estava completamente impassível. Até a luz demoníaca havia sumido dos olhos claros. Ele parecia tão calmo, que ela quase achou que tinha imaginado coisas.

— Talvez você tenha razão — ele acabou dizendo, num tom indiferente. — De qualquer modo, você fez a sua escolha e vai ter que agüentar as conseqüências.

— Muito obrigada por seus votos de felicidade — ela rebateu com sarcasmo.

Por um instante, Charles assumiu uma expressão quase de prazer.

— Você sempre teve coragem, Cat. Uma qualidade que pode trazer problemas numa esposa, mas que teria sido excelente, num filho. — Num tom lamentoso, ele ainda acrescentou: — Pena que isso tudo vá ser desperdiçado.

Depois, inclinou a cabeça e, seguindo a mais rigorosa educação, levantou o chapéu.

Logo, Catherine o viu desaparecer entre a multidão. Apreensiva, tentou convencer-se de que não tinha motivos para tomar as palavras dele como um aviso.

Charles não passava de um tolo arrogante e egoísta que queria ofendê-la porque ia se casar com um homem que ele considerava inferior. Se ficasse aborrecida, daria a ele uma grande satisfação.

O que ela não tinha a menor intenção de fazer!

Endireitando o corpo, Catherine levantou o queixo e decidiu esquecer o incidente o mais rápido possível.

Quando chegou à casa da praça Louisburg, já havia conseguido. Entrou com toda calma para encontrar o ambiente num verdadeiro caos.

Um sujeitinho magro, de nariz aquilino, estava em pé no meio do saguão de entrada, agitando os braços no ar e aterrorizando as duas mocinhas que pareciam ser suas assistentes.

Ele se queixava ferozmente em francês, uma língua que Catherine entendia muito mal. Mesmo assim, ela conseguiu descobrir que aquele era *monsieur* François, o último costureiro francês a tomar Boston de assalto. Além disso, descobriu que ele estava furioso com seu atraso.

Elizabeth tentava acalmar o homenzinho e ao mesmo tempo dizia aos criados onde colocar vários pacotes, que aparentemente tinham chegado durante as últimas horas. Quando avistou a filha, não conteve um suspiro de alívio.

— Ainda bem que está aqui, Catherine. Fiquei com medo que tivesse esquecido.

Antes que Catherine pudesse falar alguma coisa, *monsieur* François recomeçou a vociferar.

— *Mademoiselle*, eu não sou um... Como vocês dizem? Um milagreiro! Há muito pouco tempo para criar um vestido à altura da ocasião. Todos os segundos são preciosos. Todos!

— Desculpe — Catherine murmurou, tirando o chapéu para disfarçar a vontade de rir. — Eu... hã... tive um encontro inesperado. Mas agora estou aqui e podemos começar.

A desculpa não acalmou inteiramente *monsieur* François, mas ele concordou em subir para o andar de cima com Catherine e Elizabeth. Suas infelizes assistentes foram atrás, os braços cheios de peças de tecidos e vários acessórios.

O quarto de Catherine era grande e arejado. Ela o ocupava desde que havia completado doze anos e, com o irmão, abandonado a ala infantil, no andar superior. Sua cama era de madeira maciça, com dossel e uma colcha de damasco rosa, macio e brilhante. Um tapete persa, em tons de rosa e marfim, cobria o chão de tábuas largas. Janelas altas davam para o jardim interno, atrás da casa. Um espelho de corpo inteiro ocupava um dos cantos.

— Fique em pé aqui, *mademoiselle* — o francês mandou, indicando um ponto na frente do espelho. Imperiosamente, ele estalou os dedos, chamando uma de suas assistentes. — Depressa, Janine, a primeira peça de seda. *Non, non, pas comme ça*. Segure mais alto. Precisamos ver o tecido junto à pele.

A ponta da peça bateu no braço de Catherine. Ela fez uma careta de dor, mas ficou de boca fechada. *Monsieur* François podia ser um homenzinho horrível, mas diziam que era inigualável em sua profissão. Ela queria tanto que Evan a achasse linda no dia do casamento, que não se importava de sofrer um pouquinho para conseguir esse efeito.

Peças e mais peças de sedas, cetins e tafetás foram descartadas pelo pernóstico francesinho.

— *Non, non*, esse não combina! Tente outro. *Ah, non, c'est plus mauvais. Mademoiselle* não tem cuidado dessa pele. Está amarelada, com um aspecto doentio — ele diagnosticou num tom teatral.

Catherine arregalou os olhos. Nunca tinha sido excessivamente vaidosa, mas conhecia a própria aparência e sabia que o francês estava errado. Longe de ser amarelada, sua pele tinha um tom marfim e era naturalmente corada nas faces e nos lábios.

— Mas não se preocupe — François continuou. — O tempo é curto e vou precisar de toda minha habilidade, mas já enfrentei desafios piores. *Mademoiselle* tem muita sorte por poder contar comigo.

— É claro — Catherine murmurou. E ansiosa para acabar logo com aquilo, pediu: — Não podemos dar uma olhada nos desenhos, antes de escolher o tecido?

O costureiro franziu a testa. Obviamente não gostava que lhe dissessem o que fazer, por mais discreta que fosse a insinuação. No entanto, depois de um momento, cedeu.

— Se é isso que *mademoiselle* quer. Mas vou avisando que os desenhos não vão servir. Eles são para mulheres menores, mais delicadas, parecidas com bonecas. — Usando as mãos, ele traçou no ar o tipo de mulher a que se referia. — *Vous comprenez!*

— Acho que sim.

Catherine lançou um olhar para a mãe, que observava a cena, apreensiva.

— Minha filha não é grande, *monsieur* François. Ela é esbelta e tem a altura considerada média para uma mulher.

— *Non, non*, ela é muito alta. E a postura, os ombros, o modo de andar são muito... Como vocês dizem? Agressivos. — Virando-se para Catherine, ele acrescentou: — *Mademoiselle* precisa ser mais feminina, *n'est-ce pas!*

Catherine meneou a cabeça. Não estava mais ligando para os comentários do francês. Na verdade, um sorriso pairava em seus lábios. Já sabia como se livrar do cansativo sujeitinho e ainda por cima resolver o problema de seu vestido de noiva.

— Desculpe eu estar lhe dando tanto trabalho, *Monsieur* François. Talvez fosse melhor nós resolvermos o assunto de outra maneira.

Ele a fitou, sem entender.

— Outra maneira? Como assim? Decidida, Catherine foi até a porta do quarto.

— Eu entendo a sua dificuldade e já percebi que estamos exigindo demais do senhor. Afinal, o senhor mesmo admitiu que não faz milagres. Obrigada por vir até aqui, mas não precisa mais se preocupar comigo.

Quando compreendeu que estava sendo dispensado, o francês corou até a raiz dos cabelos.

— Pois muito bem! Se é isso que *mademoiselle* quer, eu lhe desejo sorte. Ninguém pode fazer por *mademoiselle* o que eu posso, mas eu vou embora.

Ele estalou os dedos na direção das assistentes. Depressa, as duas começaram a juntar o material que haviam trazido. Ofendido, o francês virou-se para Elizabeth, que fazia o possível para não rir.

— *Au revoir, madame*. Não precisa me acompanhar até a porta. Não fico onde não sou apreciado.

— Ah, Catherine! — Elizabeth exclamou, caindo na cama da filha assim que o costureiro e suas assistentes saíram. — Eu lhe devo mil desculpas por ter trazido esse homem horroroso até aqui. Que sujeitinho esnobe! E sem a menor capacidade de enxergar a sua beleza! — Ela fez uma pausa, depois acrescentou, séria: — E agora, o que vamos fazer? Você precisa de um vestido.

Catherine sorriu.

— Já tenho um, mamãe. Pelo menos, foi isso que sempre me disseram.

Elizabeth levou um instante para entender.

— Está falando do vestido que usei, quando me casei? O vestido da sua avó?

Catherine assentiu, feliz. — Esse mesmo.

— Não sei, não... Acho que ele não vai servir, minha filha.

— Por quê?

— Porque foi feito muito tempo atrás. Em 1859, para ser exata. A moda era muito diferente. Há vinte e cinco anos, quando eu me casei, já foi difícil usar o vestido da sua avó. — Elizabeth sorriu, lembrando. — Ele precisa de anquinhas. Levei dias para me acostumar com elas. E se você reclama dos espartilhos de hoje em dia, é porque nem imagina o que as mulheres daquele tempo passavam. O espartilho da sua avó me apertou tanto que eu mal podia respirar.

Catherine ouviu tudo com atenção, mas só fez uma pergunta:

— Nós temos anquinhas?

— Você não está pensando em...?

— Claro que estou. Sou completamente a favor das velhas tradições da família. Se isso significa que não vou conseguir respirar no dia do meu casamento, não tem importância. De qualquer maneira — ela acrescentou, com um sorriso —, duvido que eu consiga ficar muito à vontade, com ou sem espartilho.

Elizabeth examinou a filha por alguns momentos, pensativa. Depois, admitiu:

— É capaz de o dia ser um pouco tenso, mesmo. Sentando-se na cama, Catherine passou o braço pelos ombros da mãe. Sabia que a amava, mas nunca tinha pensado que fosse tanto.

Elizabeth podia ter lhe dito mil coisas sobre sua falta de consideração em querer se casar tão depressa, para não falar na escolha do marido. Podia ter feito censuras intermináveis, colocando toda sorte de problemas e obstáculos em seu caminho. Em vez disso, havia se dedicado inteiramente aos arranjos necessários para que a filha tivesse um lindo casamento, digno de ser lembrado pelo resto da vida.

— Eu adoraria usar o vestido da vovó, por mais desconfortável que seja — disse, baixinho. — Quando eu caminhar pela igreja em direção a Evan, quero pensar na senhora, na vovó e em tudo que vocês conseguiram na vida. Se eu conseguir me sair tão bem, vou me considerar muito feliz.

Havia lágrimas nos olhos de Elizabeth, quando tocou, de leve, o rosto da filha.

— Desejo tanto que você seja feliz! Evan me parece um bom rapaz, por isso tenho evitado dizer qualquer coisa. Mas agora vou lhe dar um conselho: não se esqueça nunca do amor que vocês têm um pelo outro. Os primeiros tempos de um casamento são sempre difíceis, existem muitos desentendimentos, mas se vocês se agarrarem a esse amor, no fim tudo dará certo.

— Pode ficar descansada, não vou me esquecer disso. Catherine piscou, lutando para não chorar.

De repente, ela se lembrou das insinuações de Charles sobre os problemas enfrentados por seus pais, logo que se casaram. Com um sorriso trêmulo, comentou:

— Se a senhora e papai conseguiram, imagino que eu e Evan também conseguiremos.

Elizabeth não escondeu a surpresa.

— Você sabe sobre isso?

— Saber realmente, eu não sei, mas tenho a impressão de que vocês enfrentaram algumas dificuldades.

Um riso suave escapou dos lábios de Elizabeth.

— É verdade. Eu jamais admitiria, naquela época, mas seu pai e eu éramos dois estranhos, quando nos casamos. Eu pensava que ele era um príncipe num cavalo branco, e ele achava que eu era uma mocinha dócil e obediente.

Foi a vez de Catherine rir.

— Papai estava completamente errado, não é mesmo?

— Como eu estava. — Séria de repente Elizabeth segurou as mãos da filha. — Eu sei que você acha que conhece Evan muito bem, e que ele também a conhece, mas isso não é verdade. Vocês mal começaram a se conhecer. Vão ter muitas surpresas, ao longo do caminho. Algumas agradáveis, outras nem tanto. Se esperam que o outro seja perfeito, vão se decepcionar, antes mesmo de começarem. Mas eu tenho certeza — acrescentou, depressa —, que vocês dois são muito inteligentes para caírem nesse erro.

Catherine assentiu. Não pretendia contradizer a mãe, apesar de achar que a preocupação dela não tinha fundamento. Naturalmente, Evan não era um príncipe encantado num cavalo branco. Claro que o considerava forte, terno, brilhante, digno de confiança e dotado de muitas outras qualidades. E isso não era fantasia, era a realidade. Tinha tido muita sorte em encontrar um homem assim e estar prestes a se casar com ele.

Realmente, as diferenças entre os lugares de onde as pessoas vinham não tinham a menor importância. Como havia dito a seu pai, o passado não contava. Só o futuro importava. E não via a hora de começar o seu.

Capítulo XXII

Ao som da *Marcha Nupcial*, de Mendelssohn, Catherine desceu a nave da igreja pelo braço do pai, o vestido de sua avó farfalhando a cada passo.

Elizabeth havia lhe contado a história de como três costureiras tinham trabalhado sem parar, durante quinze dias, para aprontar o vestido. Ninguém se lembrava mais de quantos metros de seda e cetim foram usados, mas haviam sido muitos. Além disso, um número enorme de pérolas de água doce enfeitava o corpete, as mangas e os babados da saia.

Mesmo tendo sido criada com muito luxo, Catherine nunca tinha usado um vestido como aquele. Estava se deliciando com cada passo que dava, apesar do cuidado necessário com as anquinhas. Depois de vários dias de prática intensiva, havia adquirido alguma confiança e achava que não teria problemas ao usá-las.

Mesmo assim, não podia dizer que estava à vontade. Entre a exigência de controlar as anquinhas e o espartilho apertado, necessário para que entrasse no vestido de cintura finíssima, não sabia como conseguiria prestar atenção à cerimônia de casamento.

Afinal, no fim da nave da igreja, avistou Evan e quase se arrependeu de estar ali. A fisionomia dele era extremamente séria, sem qualquer traço da alegria própria de um homem diante da noiva. Na verdade, ele mais parecia estar planejando um ataque ou uma vingança. Talvez até os dois.

Confusa pelas ondas de raiva que sentia vindo do noivo, Catherine estremeceu quando o pai colocou sua mão na dele e recuou um passo. Nesse instante, os dois homens trocaram um olhar. Drake franziu a testa.

O ministro episcopal só havia concordado em realizar aquele casamento, depois de muita conversa. Quando ele deu início ao ritual, Catherine lançou um rápido olhar para o homem prestes a se tornar seu marido. Achou-o incrivelmente bonito numa casaca escura, formal, combinando com uma calça cinza e uma camisa branca de seda.

Os cabelos tinham sido penteados para trás, deixando a testa livre. O rosto havia sido barbeado com perfeição e recendia a leve cheiro de loção após-barba. Abaixo das sobrancelhas escuras, os olhos azuis e cristalinos brilhavam.

Sentindo o olhar de Catherine, Evan se virou. Sua expressão perdeu um pouco da

rigidez, mas foi o bastante para ela se descontraír.

Quando chegou a hora da troca de juramentos, a voz feminina soou baixa e precisa. A masculina, grave e firme. Não houve sinal de hesitação de nenhuma parte. Evan colocou no dedo de Catherine a aliança de safiras e brilhantes que haviam escolhido juntos. Catherine, por sua vez, colocou no dedo de Evan uma aliança simples, de ouro.

O ministro sorriu.

Um sorriso meio nervoso, Catherine pensou. Depois, Evan inclinou-se em sua direção e ela perdeu a consciência de tudo, menos do homem que a beijava gentilmente.

Por um momento, seus corpos se encostaram, pressagiando a paixão que iam experimentar dentro de poucas horas.

Percorrendo a nave da igreja em direção à saída, já de braço dado com o marido, Catherine avistou os pais. Elizabeth enxugava os olhos com um lençinho de rendas. Drake tinha a fisionomia fechada. Depressa, ela desviou o olhar e deu um jeito de sorrir para o irmão.

Do lado de fora, sob o sol brilhante de primavera, os noivos receberam os parabéns do pequeno número de convidados.

Carmody estava lá em suas roupas formais. Ele havia hesitado em ir, mas Evan insistira.

— Você é o melhor amigo que tenho em Boston — havia dito. — Quero que me amaldiçoem se me casar, sem você estar lá.

Maude também estava presente. Catherine achou-a linda em seu vestido de seda azul-claro. Havia deixado as crianças com o marido para acompanhar o pai. Apesar de sua timidez na presença de pessoas tão importantes como os Bennington, estava gostando de ter comparecido.

— Foi uma linda cerimônia — disse a Catherine. E acrescentou, com toda franqueza: — Eu nunca tinha entrado numa igreja protestante. A nossa religião não considera correto. Mas eu não vejo por quê. Não é tão diferente assim.

— Fico contente por você ter gostado — Catherine retribuiu a delicadeza, sorrindo.

Tinha visto Maude pela primeira vez naquele dia, mas já gostou dela imediatamente. A moça era inteligente e despretensiosa e dedicava uma afeição sincera a Evan. Só isso bastava para despertar a simpatia de Catherine.

— Parabéns, maninha! — Depois de abraçar a irmã, Jimmy trocou um aperto de mão com Evan. — Agora, façam-me um favor e tenham um par de filhos bem depressa. Não quero que papai e mamãe me pressionem para arranjar netos, Catherine corou e Evan riu.

— Até que não é má idéia — comentou.

Nada, em seu tom, traía seus pensamentos naquele instante. Mas a idéia de seus filhos serem netos de Drake Bennington não lhe agradava em nada.

Seu rosto adquiriu uma expressão sombria quando olhou na direção do sogro. Drake conversava com o ministro, aparentemente calmo e tranquilo. Tão tranquilo que Evan não conteve a admiração.

Depois de muito pensar, ele tinha resolvido não dizer nada a Catherine sobre os acontecimentos de duas noites atrás. Ainda havia a chance de estar enganado.

Afinal, não estava muito sóbrio ao voltar para o hotel, depois da festa de despedida de solteiro, organizada por Carmody em sua homenagem. Também não estava bêbado. Se estivesse, os homens que o tinham atacado naquele beco poderiam ter tido mais sorte.

Em resumo, quase vivera uma repetição do incidente de cinco anos atrás. Não fosse sua desconfiança, tudo poderia ter acontecido de novo, e com conseqüências mais graves. Mas depois de dar a Drake a notícia de seu casamento com Catherine, tinha redobrado seus cuidados. Não ia a lugar nenhum desarmado e nem por um segundo se esquecia do perigo que podia espreitá-lo, em cada esquina.

Mesmo assim, havia sido um choque descobrir que estava certo em ser tão cauteloso. Agora, em pé diante da igreja, sob o sol brilhante de um dia magnífico, pensamentos sombrios revolviam-se em sua mente.

Evan se consolava com a idéia de estar casado com Catherine. Por piores que fossem os sentimentos de Drake, ele na certa teria o bom senso de desistir, agora.

Na pequena recepção, logo em seguida, Drake deu toda a impressão de estar aceitando os acontecimentos. Ergueu um brinde à filha e ao genro e chegou ao ponto de dar as boas-vindas ao novo integrante da família..

Evan estava absolutamente convencido de que tudo não passava de fingimento do sogro,

mas não deu o menor sinal disso. Ao contrário, fez questão de parecer feliz e à vontade.

Conseguiu enganar a todos, menos Catherine. Apesar de repetir a si mesma que só podia estar enganada, ela percebeu que havia um problema muito sério.

Na casa da praça Louisburg, a sala de jantar esperava os convidados cheia de flores e com uma suntuosa refeição. Entre pedaços de lagosta e goles de champanhe, Catherine lançava olhares disfarçados e cautelosos na direção do marido.

Os noivos estavam sentados frente a frente. Uma vez, seus olhares se encontraram e Evan sorriu, provocante. Pensando na noite que iam partilhar, Catherine sentiu uma onda de calor percorrer seu corpo.

Dizendo a Charles que seu casamento seria um acontecimento reservado apenas à família, ela não tinha sido sincera. Cerca de trinta pessoas haviam sido convidadas. Eram amigos da noiva ou do noivo e formavam um grupo alegre, que bebeu, comeu e dançou até o anoitecer.

Quando o sol começava a desaparecer, tingindo de vermelho o horizonte, Catherine escapou para o andar superior. Tilly, a criada de sua mãe, estava a sua espera e ajudou-a a tirar o maravilhoso vestido de noiva. Um suspiro de alívio escapou de seus lábios.

— Este vestido é lindo e eu adorei me casar com ele. Mas como é boa a liberdade!

Sorrindo, Tilly ajeitou o vestido sobre uma poltrona.

— Você acha — Catherine perguntou baixinho —, que ele agüenta ser usado mais uma vez?

— Depende, senhorita.

— De quê?

— De quanto tempo vai levar para ter e criar uma filha. — A criada tocou com delicadeza os babados enfeitados de renda. — Eles usavam um material muito bom, na época da sua avó. Sua mãe e eu encontramos alguns pedaços amarelados, quando tiramos o vestido do baú, mas demos um jeito com um pouquinho de sabão e suco de limão. Ainda dá para ele agüentar uns cinquenta anos, pelo menos.

— Acho que não vou levar tanto tempo — replicou Catherine, rindo.

Não estava com pressa de ter filhos, mas era realista o bastante para saber que se ela e Evan não tomassem sérias providências, acabariam sendo pais muito em breve.

Sua mãe havia lhe ensinado como fazer para impedir que isso não acontecesse, mas ainda não tinha tido coragem de tocar no assunto com Evan. Logo, no entanto, teria que falar com ele a respeito.

— Eu queria tanto que meus avós estivessem aqui — Catherine murmurou, pegando o vestido que Tilly lhe oferecia. — Seria tão bom se eles tivessem me visto casar com o vestido da vovó...

— Aposto que eles também iam adorar estar aqui, senhorita. Mas seus avós não podem sair da fazenda, nesta época do ano. Além disso, na idade deles não é bom fazer viagens longas.

— Não deixe os dois ouvirem você dizer uma coisa dessas, Tilly. Eles ainda se consideram tão jovens quanto antigamente.

Tilly meneou a cabeça.

— De jeito nenhum, senhorita. Seus avós têm muito juízo. De qualquer maneira, eles cuidam muito bem um do outro e ainda vão ficar por aqui um bom tempo.

— Nós vamos visitar os dois logo — Catherine contou, enquanto Tilly fechava seu vestido nas costas. — Evan entende como me sinto a esse respeito. Ele me prometeu que vamos a Calvert Oaks, assim que arranjarmos um lugar para morar.

— Seu marido é um bom rapaz, mas esse casamento foi uma surpresa para mim — admitiu Tilly. — Nunca pensei que um rapaz da minha terra pudesse fazer parte desta família.

— Os tempos mudam, Tilly. Este é um mundo totalmente novo. Estão acontecendo coisas que nunca aconteceram antes.

— Ainda assim, é preciso ter cuidado. Os velhos preconceitos costumam a morrer. A senhorita nunca ligou para essas coisas, mas a sociedade liga e muito.

— Você acha que essa gente não vai mais me receber?

— Não é isso, é só que... — A criada hesitou, depois acabou dizendo: — Não duvide nunca de seu coração, senhorita Catherine. Ele vai ser sempre o seu melhor guia nesta vida.

— Minha mãe me disse a mesma coisa. E Mari também.

— Então não se esqueça do que elas disseram.

Tilly terminou de fechar os botões e fez Catherine sentar diante do espelho da penteadeira. Tirando os grampos dos cabelos dourados, passou a escova por eles e prendeu-os novamente num coque baixo, no estilo francês. Em seguida, examinou com ar crítico a figura refletida no espelho.

— A senhorita está um pouco pálida, mas isso vai mudar logo.

De imediato, Catherine corou.

— Pronto, pode ir — disse Tilly, rindo. E abraçando Catherine com força, desejou: — Seja feliz, senhorita Catherine. É isso que todos nós queremos.

“Mas não é só isso que eu quero para mim”, Catherine pensou enquanto descia a escada para se juntar aos convidados. Suas ambições iam muito além da simples felicidade.

Ela queria deixar sua marca no maravilhoso mundo novo que havia citado para Tilly. Queria testar os limites a que uma mulher podia chegar, na esperança de que, um dia, sua filha encontrasse um mundo ainda melhor do que o seu.

Com essa imagem na cabeça, Catherine sorriu.

De pé, junto ao primeiro degrau da escada onde esperava com os convidados, Evan seguia com os olhos os menores movimentos da esposa. Sempre soubera que Catherine era linda, mas naquele momento ela exibia um encanto que nunca tinha percebido, antes. Por um segundo, teve a sensação de estar vendo a própria alma feminina.

Mas o momento passou. Entre risos e gritos de encorajamento dos convidados, Catherine parou no meio da escada e jogou seu buquê. Enquanto uma mocinha corria atrás dele, ela acabou de descer e foi para os braços do marido.

Evan abraçou-a com gentileza. Os dois ficaram por um instante alheios ao tumulto em volta, até o mundo reclamar sua participação novamente.

Catherine via tudo em lances rápidos, como se fossem imagens superpostas. Sua mãe e seu pai abraçados. Jimmy erguendo uma garrafa de champanhe e rindo. Mari sorrindo ternamente.

Punhados de arroz espalharam-se pelo ar quando o casal deixou a casa. Um brilhante carro Pierce-Arrow, bege e negro, esperava junto à calçada. Evan havia comprado o automóvel no dia anterior, pensando em fazer uma surpresa a Catherine.

— Minha nossa! — ela exclamou quando o chofer abriu a porta para eles. — Este carro é seu?

— É nosso. Saunders é o nosso chofer e vai com ele para Nova York. Quando voltarmos, eles vão estar lá, a nossa espera.

Catherine virou-se para acenar pela janela traseira. Tinha os olhos embaçados pelas lágrimas, enquanto o carro se afastava. Logo, sentiu os braços do marido a envolvê-la.

Evan respeitava os sentimentos de Catherine, mas não pôde deixar de sentir um certo ressentimento pelo poder que a família ainda exercia sobre ela. Em outras circunstâncias, nunca teria sido tão egoísta a ponto de querer que ela só ligasse para ele. Mas devido a sua desconfiança, sentia-se inseguro.

Alguns momentos depois, Catherine endireitou o corpo e sorriu, os lábios ligeiramente trêmulos.

— Acabou, graças a Deus!

— Foi muito agradável. Sua mãe fez um trabalho maravilhoso.

— Fez, mas ainda assim, estou contente por ter acabado. — Ela ergueu os olhos para ele. — Faz... um longo tempo.

A ligeira hesitação e o sangue que tingiu o rosto delicado deixaram claro no que ela estava pensando. Um sorriso deliciado surgiu nos lábios de Evan.

— Muito tempo para nós dois, doçura. Mas terminou. — Ele olhou pela janela, calculando a que distância ainda estavam de seu destino. — Ou quase, pelo menos.

Logo depois, o carro estacionou diante de um hotel em frente ao Jardim Público. O chofer desceu e abriu a porta para Catherine e Evan saírem. Carregadores correram para pegar a bagagem, enquanto o gerente do hotel se adiantava para receber os hóspedes ilustres.

— Sra. e sr. O'Connell — ele cumprimentou com um sorriso. — É um prazer ter os senhores aqui conosco. Permitem que eu tenha a honra de lhes dar os parabéns?

Catherine deu a resposta apropriada, embora estivesse com uma vontade enorme de rir. As maneiras respeitadas e corteses do gerente tinham sido uma surpresa, pois esperava que

seu casamento fosse encarado com uma boa dose de censura pela alta sociedade de Boston.

Depois de passar os últimos dias repetindo que não se importava com a atitude das pessoas, ficou espantada com o alívio que sentiu. Ao mesmo tempo, não pôde deixar de perceber a origem de tudo aquilo: Boston podia dar muita importância à linhagem de uma pessoa, mas o dinheiro falava mais alto.

— Não quero ser vulgar — ela murmurou para o marido, quando subiam no elevador —, mas o Texas fez muito bem a você.

Evan sorriu.

— Aquele sujeito lá embaixo concorda plenamente. Alguns anos atrás, ele teria me jogado na rua, sem hesitar.

Catherine ficou admirada com o modo de Evan falar. Era como se ele tivesse esquecido, por completo, as dificuldades de sua vida de pobre. Não havia na voz dele o menor sinal de amargura, a não ser quando falava no sogro.

Mas não era hora de pensar nisso, ela resolveu erguendo os olhos para ele.

— Quanto tempo vamos ficar aqui?

— Até amanhã.

Saindo do elevador, os dois seguiram o recepcionista até a porta de sua suíte. Lá, Evan deu uma gorjeta ao rapaz e dispensou-o. Quando ele foi embora, levantou Catherine nos braços, abriu a porta com o pé e entrou. Segurando a esposa com infinita ternura, perguntou baixinho:

— Eu já lhe disse, sra. O'Connell, que estava linda de noiva?

— Não. Mas pode dizer agora. Ou melhor ainda — ela acrescentou, atrevida —, pode me mostrar.

Evan riu baixinho. Achava deliciosa a sensualidade de Catherine. Saboreando cada segundo, inclinou a cabeça e beijou-a.

Catherine sentiu a paixão despertar em seu corpo. Ofegante, entreabriu os lábios para aprofundar o beijo.

Aninhada nos braços do marido, teve a sensação de estar totalmente protegida. Procurando mostrar o quanto o queria, enlaçou-o pelo pescoço.

Evan interrompeu o beijo para levar Catherine para o quarto da suíte. A cama enorme, coberta com uma colcha de cetim, já estava preparada.

Ela fitou o marido e foi tomada por uma onda de impaciência.

— Evan — disse, ofegante —, eu não sou mais virgem.

— Querida, ninguém melhor do que eu sabe disso.

Ela mordeu o lábio, sem saber ao certo como expressar o que tinha em mente.

— Eu... queria que você entendesse que...

As palavras falharam. Embaraçada, ela olhou para o outro lado. Sorrindo ternamente, Evan colocou-a no chão e puxou-a para si.

— Você quer que eu entenda que não preciso tomar tanto cuidado quanto antes?

— Mais ou menos isso — Catherine admitiu, encostando a boca no peito masculino.

— Pois eu acho exatamente o contrário. — Delicadamente, ele correu as mãos pela cintura e os quadris femininos. — A primeira vez, na cabana, não foi tudo que eu queria. Até em Nova York poderia ter sido melhor.

Quando Catherine ergueu os olhos, surpresa, ele acrescentou:

— Deixe eu lhe mostrar, Catherine.

Ela não estava em condições de negar. Principalmente porque seu coração batia loucamente e seu corpo parecia estar em chamas. Deixando-se ficar imóvel, permitiu que ele fosse tirando suas roupas, peça por peça.

Quando seu casaco, a saia e a blusa já estavam no chão, Evan puxou-a para si. Com lábios firmes, porém gentis, percorreu a curva sensível de seu pescoço, da orelha até o início do colo. Em seguida, acariciou os seios através da seda fina do corpete.

Incapaz de se conter, ela manifestou seu prazer com suspiros e gemidos. Nesse ponto, Evan fez com se sentasse na beirada da cama. Removendo seus sapatos e meias, passou os dedos vagarosamente pelos tornozelos e os arcos delicados dos pés.

— Levante os braços — ele pediu, rouco, erguendo-se afinal. Catherine obedeceu e seu corpete foi retirado, expondo os seios com os mamilos rígidos de excitação.

Nua da cintura para cima, coberta apenas pelos saíotes e a calça de baixo, ela seguiu os

movimentos do marido, dominada por uma mistura de excitação e temor. À medida que ele tirava as próprias roupas, seu olhar mantinha-se preso ao corpo atraente e viril.

O medo que a imagem da excitação masculina havia lhe causado um dia, parecia agora nunca ter existido. Fascinada, ela reconheceu a compatibilidade perfeita de seus corpos, feitos para se unirem na mais bela celebração ao amor e à vida. Sem pensar, ajoelhou-se na cama e estendeu os braços.

— Venha, Evan — pediu baixinho.

Soltando uma exclamação abafada, Evan envolveu a cintura de Catherine e encostou o rosto na pele macia e cheirosa de seu colo. Com a língua, começou a acariciar os bicos dos seios com movimentos longos e vagarosos.

Atordoado pelas reações dela, incapaz de se conter, ele acabou fazendo com que ela se deitasse de costas.

— Quero você, Catherine — murmurou, as mãos enterradas nos cabelos sedosos, os olhos nos dela. — Quero você nos meus braços, descontrolada, louca de desejo. Quero que sinta exatamente o que eu sinto quando estou com você.

Catherine já estava a meio caminho desse ponto, mas quando tentou lhe dizer, Evan meneou a cabeça, rindo.

— Ah, não, meu amor! Ainda não. Mas você vai chegar lá. Lá e muito além. Eu juro!

Segurando o elástico dos saíotes e da calça de baixo, ele puxou tudo até o início das coxas. Em seguida, sorrindo de sua exclamação abafada, desceu pela cama e deslizou a mão por seu ventre, logo abaixo do umbigo, de um lado de seus quadris ao outro.

De imediato Catherine gritou, o corpo totalmente rígido.

— Como você responde! — Evan exclamou, satisfeito. Devagar, acabou de tirar as roupas femininas jogando-as no chão. Então debruçou-se sobre ela, separando gentilmente as coxas.

Catherine não conteve outro grito, quando os dedos de Evan roçaram a parte mais sensível de seu corpo. Tentou se levantar, mas ele não permitiu. Imobilizando seus quadris com firmeza, levou sua excitação a um nível tão alto que ela achou que não seria capaz de suportar.

Depois, quando a explosão de prazer já havia acontecido, flutuou lentamente de volta à realidade. Tinha a pele brilhante de suor e o corpo lânguido. Maravilhada, ergueu os olhos para o homem que havia lhe proporcionado a mais linda experiência de sua vida.

Evan tinha o rosto corado e um brilho estranho no olhar. De imediato, ela entendeu. Erguendo os quadris, estendeu os braços para ele. Num gesto quase protetor, apertou o corpo masculino com força enquanto ele estremecia, no auge do prazer.

Amor por aquele homem e pela vida que estavam começando, juntos, inundou sua alma. Catherine agradeceu a Deus pela bênção que havia dado à humanidade, permitindo que a união entre um homem e uma mulher fosse tão cheia de alegria.

Só muito mais tarde, deitada nos braços de Evan, naquele estado delicioso entre o sono e a consciência, Catherine descobriu algo que diminuiu seu contentamento. Sua mão acariciava o peito masculino num gesto distraído, quando ouviu um gemido.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — perguntou num murmúrio.

Evan meneou a cabeça, aspirando o perfume dela. Catherine era quente e macia como seda. Mais uma vez, foi dominado por uma vontade intensa de protegê-la. Por causa disso, mentiu.

— Não aconteceu nada. Está tudo bem. Catherine aninhou-se de novo junto a ele, porém não fechou os olhos. As lâmpadas do quarto estavam apagadas, mas pelas janelas entrava luz suficiente para poder enxergar um pouco.

Antes, enquanto faziam amor, não tinha sido capaz de ver nada de anormal no corpo masculino. Agora, no entanto, seus olhos horrorizados focalizaram manchas escuras e feias ao longo das costelas de Evan.

— O quê...?

Estendeu a mão, tocando uma das manchas. Evan praguejou baixinho. Não queria que Catherine descobrisse que estava ferido, mas agora que ela havia descoberto, não podia deixar de lhe contar o que tinha acontecido. Podia, no entanto, diminuir a gravidade de incidente.

— Você devia ver os outros — murmurou, sorrindo.

Catherine apertou os lábios, furiosa.

— Havia mais do que um?

— Sempre há, em situações desse tipo.

Ele se arrependeu das palavras mal escolhidas, assim que terminou de falar. Catherine, sem dúvida, iria se lembrar do incidente de cinco anos atrás.

— Isso não aconteceu por acaso, aconteceu? — ela perguntou, sentando-se na cama e olhando para ele. — Foi outro ataque planejado.

— Essas coisas acontecem. Ninguém passa pela vida sem fazer alguns inimigos.

Ela o encarou por vários segundos, antes de dizer:

— Você acha que meu pai é o culpado de novo.

— Eu não disse isso.

Evan sentou-se, também, e pegou a cigareira de prata, que estava sobre a mesinha de cabeceira. Virando-se para Catherine, perguntou:

— Você se importa?

Quando ela meneou a cabeça, negando, acendeu um cigarro e tirou várias baforadas. Só então, admitiu:

— É possível que Drake esteja envolvido. Se bem que não faz sentido.

— Não faz, mas você não tem certeza. Realmente, ele não tinha.

— Eu sei que seu pai não estava entusiasmado com o nosso casamento, mas ele podia ter tentado se livrar de mim de outra maneira.

— O mesmo pode ser dito do outro ataque — Catherine lembrou. — Papai podia ter usado outros métodos, naquela época.

— Podia, mas ele está acostumado a tomar decisões rápidas e firmes. Talvez tenha achado melhor simplesmente me tirar do caminho.

O argumento não convenceu Catherine. Ela não acreditava que o pai fosse culpado, mas também não sabia o que pensar. Alguma coisa não se encaixava naquilo tudo. .

Verdade que Evan conhecia um lado da personalidade de seu pai que ela nunca tinha visto. Ainda assim, não conseguia imaginar Drake agindo de um modo tão traiçoeiro e brutal.

— Desta vez, os homens que atacaram você disseram alguma coisa?

Evan forçou um sorriso.

— A única coisa que eles manifestaram foi uma vontade muito grande de ficar longe da minha Luger.

Catherine fitou-o, boquiaberta. Conhecia pouca coisa a respeito de armas, mas sabia que uma Luger intimidava qualquer um.

— Você ainda está com ela?

Um brilho divertido surgiu nos olhos dele.

— Agora, não.

Na verdade, ele havia tirado a arma do coldre escondido debaixo de sua casaca, algumas horas atrás, quando Catherine tinha ido ao banheiro. Agora, a Luger estava ao seu lado, na gaveta da mesinha de cabeceira. Não tinha a menor intenção de ficar longe dela, enquanto não soubesse exatamente quem queria lhe causar mal e por quê.

Carmody já andava fazendo perguntas discretas, tentando identificar seus assaltantes. Seu velho amigo com certeza teria alguma coisa para lhe dizer, quando voltasse da lua-de-mel. Talvez até antes.

— Evan — Catherine perguntou baixinho —, em que está pensando? Não querendo revelar seus pensamentos, ele apelou para um subterfúgio.

— Por que você quer saber?

— Porque de repente você ficou com um ar feroz... Tão feroz que havia lhe inspirado medo.

De imediato, a expressão masculina se suavizou.

— Desculpe, doçura. Tire essa história de sua cabeça. Seja quem for o responsável, no fim vou acabar descobrindo.

Catherine não acreditou, nem por um instante, que ele estava tão despreocupado quanto fingia. Mas achou bom deixar o assunto de lado, pelo menos por algum tempo.

No momento, tinha coisas bem mais agradáveis em que se concentrar, pensou, deixando cair o lençol e voltando para os braços do marido.

Capítulo XXIII

Catherine enterrou os pés na areia quente e fitou a linha do horizonte, acima da água azul-esverdeada. A tarde chegava ao fim. Ela e Evan tinham passado várias horas na praia deserta junto ao chalé de sua lua-de-mel.

Depois do almoço, haviam saído para uma longa caminhada, falando de nada em particular, e chegado a um bosque de pinheiros onde pararam para fazer amor. Depois de cochilar um pouco, tinham voltado pela praia, indo se sentar à sombra de uma colina para ver o sol se pôr.

Um dia perfeito, na opinião dela. O penúltimo dos seis que haviam decidido passar ali.

— Seria tão bom se pudéssemos ficar mais tempo — disse Catherine.

Evan concordava plenamente.

— Podemos voltar outra vez.

Ela não disse nada. Ambos sabiam que não seria a mesma coisa. Gostassem ou não, as pressões da vida iam cobrar seu preço. Eles seriam sugados novamente pela dura realidade e aquele interlúdio maravilhoso, que havia marcado o início de seu casamento, acabaria se tornando apenas uma lembrança querida.

Mesmo assim, Catherine estava contente por terem partilhado aqueles dias.

— Eu nunca teria pensado neste lugar — comentou. Ainda se lembrava de sua surpresa ao descobrir para onde iam, no dia seguinte ao do casamento. — Mas foi perfeito!

Evan concordou.

Os dois olharam para o sobrado de tábuas brancas que ele havia alugado. Comparado às mansões de Newport, era bem simples. Mas ambos haviam chegado a amar o sobradinho nos poucos dias passados ali. Sozinhos, sem contato com ninguém a não ser com o garoto que trazia alimentos tinham tido oportunidade de se conhecer melhor.

— Quer andar até o “ponto”, amanhã? — Evan perguntou momentos depois, ajudando Catherine a se levantar.

Ela assentiu, sacudindo a saia cheia de areia.

— Quero, sim.

Trocaram mais um sorriso. O sobrado ficava a menos de dois quilômetros do lugar onde Evan encontrara Catherine durante a tempestade, cinco anos atrás. A cabana onde haviam se abrigado ainda estava em pé. Eles tinham ido até lá no dia seguinte ao de sua chegada e posto em dia as lembranças.

De mãos dadas, Catherine e Evan subiram a colina e percorreram a extensão de areia até o sobrado. Catherine não se deu ao trabalho de recolocar as meias e os sapatos. Sentia-se deliciosamente livre e sem preocupações. Seus cabelos caíam pelos ombros, a parte de cima de sua blusa estava desabotoada e várias sardas decoravam seu nariz, mostrando sua falta de cuidado com o sol. Ela riu, quando Evan colheu uma margarida num dos canteiros e usou as pétalas para fazer cócegas em seu queixo. Tentou revidar, mas ele desviou rápido. Rindo, os dois subiram correndo os degraus da varanda e entraram na casa.

Evan alcançou-a perto da cozinha, girou seu corpo e lhe deu um beijo ardente. Catherine se abandonou nos braços dele, dócil e receptiva. Já começava a mergulhar na névoa deliciosa do prazer, quando ele a soltou abruptamente.

— Então, o que temos para jantar? — Evan perguntou, sorrindo. Catherine piscou.

— Jantar?! O sorriso dele se alargou.

— Um homem precisa conservar suas forças.

— Você quer mesmo que eu cozinhe de novo? Tem certeza?

— Não pode sair tão ruim quanto da última vez — ele garantiu. — Além disso, estou cansado de cozinhar. Faz cinco dias que só comemos feijão e ovos fritos. Qualquer coisa é melhor do que isso. Catherine foi obrigada a concordar, embora duvidasse de sua capacidade de melhorar o limitado cardápio.

— Eu gosto de ovos — tentou escapar. — E feijão é bom para você.

Evan inclinou-se, roçando a orelha dela com os lábios.

— Bife — murmurou num tom sedutor. — Com batatas cozidas, ervilhas e torta de maçã.

O estômago de Catherine roncou.

— Hum, que delícia! Nós vamos sair para jantar? Ele riu, dando-lhe um tapinha no traseiro.

— Você vai cozinhar. Eu vou dar apoio moral.

Segurando os ombros dela com firmeza, empurrou-a na direção da cozinha.

— Vou precisar de mais do que apoio moral.

— Bobagem! Você cozinha melhor do que pensa. Só tem que relaxar e seguir seus instintos.

Na verdade, Evan não estava tão confiante quanto parecia. Mas depois da decepção do primeiro jantar que ela havia preparado — frango queimado e pedaços de massa semicruda, que deveriam ser biscoitos —, achava que precisava restaurar a autoconfiança da esposa.

Na sua opinião, havia pelo menos uma chance de Catherine conhecer alguma coisa da arte de cozinhar. Afinal, ela e Jimmy tinham sido assíduos freqüentadores das cozinhas de sua família, e adorados pelos vários cozinheiros contratados ao longo dos anos. Ela não podia ter ficado tanto tempo em contato com eles sem aprender uma ou duas receitas. Mas quando Evan revelou sua teoria, Catherine discordou.

— Se aprendi alguma coisa, já esqueci há muito tempo. O frango foi uma prova disso.

Na hora, ela havia chorado ao ver o resultado horrível de seus esforços. Só tinha valido a pena por causa do modo maravilhoso que Evan havia escolhido para secar suas lágrimas.

— Esqueça o frango. Desta vez vai ser diferente.

— Se é no meu talento em que está confiando, duvido.

Ele foi até a mesa, onde o garoto das entregas tinha deixado uma cesta com alimentos não perecíveis. Dela tirou um livro que brandiu no ar, triunfante.

— Também temos um livro para nos ajudar! O *Guia Caseiro da Sra. Peterson para a Esposa e Mãe do Século Vinte*. Ela conta tudo.

Catherine continuou cética, mas concordou em colocar um longo avental branco, enquanto Evan folheava o livro.

— Bifes. Modo de preparar. Pronto! Aqui diz que você...

— Espere! Não podemos começar com os bifes. Eles não levam muito tempo. Nós temos que fazer a torta de maçã, antes.

Evan ergueu os olhos para ela, a testa franzida.

— Nós?

Catherine sorriu, encorajadora.

— Isso mesmo! Por que só eu vou me divertir? Além disso, a idéia foi sua.

— Está bem — ele cedeu. — Eu supervisiono.

Com um gesto meio brusco, ela tirou o livro das mãos dele e folheou até achar a receita da torta. — Muito bem. Nós precisamos de...

Enumerou os ingredientes, que Evan foi reunindo em cima da mesa. Depois, ele descascou e cortou em fatias as brilhantes maçãs vermelhas, enquanto ela preparava a massa para forrar a forma.

Foi uma surpresa para Catherine descobrir o quanto sabia. Conseguiu até se lembrar de passar farinha nas mãos, para a massa não grudar.

Quando, afinal, colocou na forma a mistura de maçãs, passas e canela, sentia-se extremamente capaz. O fato da cobertura apresentar alguns buracos não diminuiu seu entusiasmo. Afinal de contas, talvez fosse mesmo capaz de cozinhar.

Enquanto a torta e as batatas assavam, Evan acendeu o fogo na lareira da sala de jantar. Apesar da primavera ainda não ter acabado, as noites já estavam bem frias. Catherine se sentou, observando tranqüilamente as chamas, até o aroma vindo da cozinha avisar que a torta estava pronta.

Ansiosa, tirou a fôrma do forno e não conteve um suspiro de alívio. Aparentemente, tinha dado certo. Enquanto Evan ainda estava na sala de jantar, deu uma rápida olhada no livro de receitas e recolocou-o na prateleira. Os bifes já estavam na frigideira de ferro, quando ele entrou na cozinha.

— Tudo pronto?

Ela assumiu um ar de cozinheira experiente.

— Claro. Cozinhar não é tão difícil, assim.

Sorrindo, ele se sentou numa banquetela para lhe— fazer companhia, enquanto os bifes

fritavam.

— Até que é gostoso preparar a comida — comentou, minutos depois. — É próprio de um lar.

Catherine virou-se para ele, assentindo.

— Entendo o que você quer dizer. Às vezes, meus pais, Jimmy e eu íamos para um lugar qualquer. Só nós, sem criados. — Um sorriso iluminou seu rosto. — Sempre foram dias especiais para nós.

Evan franziu a testa. Sabia que estava errado não querendo ouvir nada sobre a família dela, mas não conseguia se controlar. Não gostava nem um pouco do que tinham deixado para trás, em Boston. Por mais que se esforçasse para acreditar que os problemas haviam acabado, as dúvidas persistiam. Na sua opinião, nem a mudança para Nova York iria eliminá-los.

Catherine tinha se virado para olhar os bifes e não viu a expressão dele. Quando o fitou novamente, Evan exibia a fisionomia de um homem feliz. Foi invadida por um onda de satisfação.

Era uma coisa tão simples preparar o jantar de seu marido, mas Catherine saboreou o momento como um grande feito.

No fundo, Catherine ainda tinha medo de ser tomada por uma mocinha bonita mas estragada por mimos, incapaz de fazer alguma coisa que prestasse.

Esse seu medo havia sido a causa de sua falta de vontade de casar, durante a adolescência. Depois, com o desaparecimento de Evan, esse medo a tinha levado a trabalhar para Mari. Não se arrependia do caminho escolhido, mas era bom saber que podia ser bem sucedida em atividades femininas por tradição.

Sua satisfação aumentou quando viu Evan atacar a refeição com apetite. Seu entusiasmo não foi tão grande, mas admitiu que a comida não estava de todo má. Os bifes podiam ter saído um pouco antes da frigideira, mas nada como a experiência para ensinar. Da próxima vez, saberia o que fazer.

Bem alimentados e totalmente descontraídos, os dois acabaram com uma garrafa de vinho tinto, planejando sua vida juntos.

— Você vai gostar da casa em Nova York — Evan garantiu. — É bem feita, tem três andares, todos os confortos modernos e fica num ótimo local.

— É? Onde?

No momento, Catherine não estava muito interessada naquilo, mas gostava de ouvi-lo falar com sua voz grave e baixa, ainda com um sotaque irlandês.

— Perto da Quinta Avenida. O lugar está muito concorrido. Tive sorte de conseguir essa casa.

Ela franziu a testa.

— Pensei que você só fosse fechar o negócio, depois que eu desse minha aprovação.

— E vou. Por enquanto, só dei um sinal para garantir a reserva. É assim que esses negócios são feitos.

Catherine sabia muito bem como os negócios imobiliários eram realizados. Tinha feito vários para Mari, mas preferiu não dizer nada. Não queria estragar o clima de entendimento entre eles. Por isso, comentou apenas:

— Tenho certeza que a casa é linda, mas você não acha que um lugar mais perto do centro financeiro seria melhor?

— É verdade que meus escritórios ficam na Wall Street, mas não me importo de ir e vir. Saunders pode me levar de manhã e me pegar à tarde. Nesse meio tempo, você pode ficar com ele para fazer compras e coisas assim.

Catherine tomou outro gole de vinho. Depois, com todo cuidado, colocou o copo sobre a mesa.

— Já que Saunders vai levar você para o centro da cidade, pode me levar também. Lembra-se daquilo que eu disse sobre ter de me mudar para Nova York? Não era invenção. Mari quer que eu abra um escritório para ela, lá, e assuma mais responsabilidades. — Um sorriso entusiasmado surgiu em seus lábios. — Você não imagina como estou animada com isso!

Evan não gostou da idéia mas, como ela, não queria estragar a noite. Assim, disse:

— Isso é uma coisa que podemos resolver depois.

— Não vai ser difícil. Se eu arranjar um escritório perto do seu, podemos ir e voltar juntos.

A solução perfeita!

Ele forçou um sorriso tentando, ao mesmo tempo, analisar a possibilidade de ter sua mulher trabalhando fora, principalmente num lugar como a Wall Street. Achou a idéia absurda, mas não queria estragar os sonhos dela. Melhor deixá-la tentar e descobrir por si mesma a impossibilidade da situação,

— Depois nós resolvemos — repetiu. — Por enquanto, o que acha de adiarmos a sobremesa por algum tempo?

Catherine assentiu. A torta podia esperar, mas a paixão entre eles, não. Encontrariam a satisfação juntos, no macio tapete persa diante da lareira.

Seu modo de fazer amor era às vezes terno, às vezes feroz. Catherine já estava mais segura de si e se alegrava com sua capacidade de proporcionar enorme prazer a Evan. Sua timidez diminuía à medida que explorava o corpo dele de maneira tão completa quanto ele fazia.

Quando, afinal, os dois se aquietaram nos braços um do outro, já nem se lembravam da conversa de instantes atrás. Os pontos de discórdia não tinham a menor importância, comparados ao seu amor.

No dia seguinte, eles caminharam até o “ponto” e fizeram amor na minúscula cabana.

— Seja quem for o dono deste lugar, sempre vou pensar nele como nosso — Catherine afirmou.

— É verdade, querida.

Ele estava dividido entre a tristeza de terminar seu idílio e a vontade de voltar a Nova York. Os maiores desafios financeiros estavam lá, e ele não via a hora de testar sua força. Confiava na própria vitória.

Afastando os cabelos do rosto corado de Catherine, Evan sorriu. Ela era tão linda, tão elegante e feminina que gostaria de lhe dar tudo. Por sorte tinha condições para isso.

Não haveria em Nova York mulher que possuísse mais jóias, provocaria inveja nos gloriosos Quinhentos, a elite da sociedade. Viveria envolta em sedas e peles. Seria o símbolo vivo de seu sucesso.

— Em que está pensando? — Catherine quis saber.

Fitando os olhos brilhantes, cor de safira, ela traçou com o dedo a linha das sobrancelhas escuras. De vez em quando, era capaz de adivinhar o que se passava na mente de Evan. Mas,, na maioria das vezes, os pensamentos dele eram um mistério.

Na certa porque ainda eram recém-casados. O entendimento total viria com o tempo, como tinha acontecido com seus pais e com seus avós.

— Estou pensando em você — Evan respondeu. — No quanto é bonita e na sorte que eu tenho.

Ela entreabriu os lábios úmidos dos beijos num sorriso.

— Isso eu não posso negar.

— Às vezes — ele continuou, com súbita franqueza —, nem acredito que isto seja verdade. Chego a acordar no meio da noite, achando que estou de volta à Irlanda ou em North End. De vez em quando também sonho com o Texas e penso que estou lá. Aí, sinto você em meus braços e sei onde estou.

— E onde é que você está? — ela sussurrou, a boca junto à dele.

— Em casa. Finalmente, em casa!

Catherine abraçou-o com força, a garganta apertada. Queria lhe dar tudo que a vida, dura e precária, havia lhe negado.

— Você está em casa, Evan. Eu vou ser sempre o seu lar.

— E eu vou ser o seu, Catherine. Nosso destino é ficar juntos. — Com um toque de humor, ele acrescentou: — Se não fosse, não teríamos chegado ao ponto que chegamos.

Ela riu. Um riso que traiu certa apreensão. Afinal, além dos problemas que haviam enfrentado no passado, tinham outros a enfrentar no futuro. Na véspera de sua volta à realidade, estava plenamente consciente da desconfiança do marido em relação a seu pai. Pior, no entanto, era sua quase certeza de que Evan sofreria outro ataque.

— Evan, promete que não vai se descuidar da sua segurança, quando voltarmos para Nova York? Pelo menos até esse mistério ser resolvido.

— Mistério? Que mistério?

— Sobre quem atacou você. Sei que acha que foi o meu pai, mas eu não consigo acreditar...

Catherine parou de falar. Não queria que Evan se zangasse, pensando que era mais leal ao pai do que a ele. Mas o rapaz disse apenas, encostando a boca a sua:

— Pode ficar descansada, querida. Vou tomar muito cuidado. Esqueça essa história.

Um pedido absurdo. Ela não podia se esquecer e ficou sentida com a sugestão. Queria discutir o problema, ouvir a opinião dele e dar a sua. Daquela maneira, Evan fazia com que ficasse de fora. Naturalmente, pensando em evitar que sofresse, mas mesmo assim a magoava.

Os dois ainda passaram algum tempo na cabana, fazendo amor e cochilando. No fim da tarde, voltaram para o sobrado.

Catherine fez o jantar novamente, com mais sucesso que na noite anterior. Depois, quando comiam na frente da lareira, brincou:

— Acho bom eu esperar um pouco, antes de contratar um cozinheiro. Talvez fosse melhor nem termos criados. Assim, podemos passar todas as noites sozinhos, sem ninguém para nos atra...

Calou-se abruptamente, embaraçada com a direção de seus pensamentos.

Evan riu. Depois de todos aqueles dias de paixão sem limites, ela ainda corava como se fosse uma virgem. Não que ele achasse ruim. Na verdade, considerava aquela mistura de sensualidade e pudor ideal.

— A idéia é ótima, amor, mas você ia se cansar logo. Prepare uma refeição de vez em quando, se quiser, mas guarde sua energia para coisas mais importantes.

Ela assentiu.

— Tem razão. Eu vou andar muito ocupada.

— Principalmente depois que as crianças começarem a chegar. Catherine fitou-o, cautelosa.

— Isso não tem pressa, tem?

— Claro que não. Vai ser bom termos um ano só para nós.

— Um ano?! Mas... Isso não é muito tempo. Franzindo a testa, Evan estendeu a mão e pegou a dela.

— Não quero forçá-la a ter filhos, Catherine. Nem me passou pela cabeça uma coisa dessas. Uma das minhas irmãs morreu dando à luz. Daí em diante eu sempre tive receio a esse respeito.

Catherine abriu a boca para replicar, mas ele não permitiu, continuando:

— Eu sei que você vai receber os melhores cuidados médicos possíveis, mas mesmo assim vou ficar aliviado quando tudo acabar. Você ainda é muito jovem e podemos adiar esses planos por algum tempo. Só não devemos esquecer que quanto mais os anos passam, mais difícil fica para a mulher.

— Eu ainda tenho tempo — ela argumentou. — Não precisamos sair correndo.

Ele nem concordou nem discordou.

— Vamos deixar para falar sobre isso daqui a alguns meses. Até lá, pode ser que você já esteja gostando da idéia de ter um filho. Seria um modo de ocupar o seu tempo, pelo menos.

Catherine ergueu as sobrancelhas.

— Daqui até lá, eu pretendo estar muito ocupada. Largando a mão dela, Evan tirou do bolso a cigarreira de prata.

— Sei que seu trabalho é importante para você, Catherine, mas não deve esperar muito disso — preveniu, acendendo um cigarro.

— Por que não?

Em meio a uma nuvem de fumaça, ele a fitou.

— Você é uma mulher inteligente. Não é possível que não entenda as dificuldades.

— Está se referindo aos preconceitos? Eu entendo tão bem quanto você. Afinal, o que você enfrentou não foi tão diferente assim.

— Realmente, eu não fui recebido de braços abertos pelo mundo financeiro. Por sorte hoje em dia existem muitas oportunidades para um homem se fazer, sem a ajuda de ninguém. O que não pode ser dito em relação à mulher.

— Admito que pode ser mais difícil, o que não me impede de tentar.

— Certo, mas por que você quer fazer isso? Se tem medo que eu não possa lhe dar o

tipo de vida a que está acostumada, não precisa se preocupar. Eu lhe garanto que posso.

— Não é por isso que eu quero trabalhar! — Catherine exclamou, surpresa por ele ainda não ter entendido.

Tinha certeza de que Evan conseguiria lhe proporcionar um alto padrão de vida. O que não diminuía seu desejo de realizar-se profissionalmente.

— Não estou pensando nisso, Evan — garantiu. — Falando francamente, nunca tive essa preocupação.

Ele sorriu.

— Na certa porque você nunca se preocupou com dinheiro. Nunca precisou sair por aí, trabalhando pelo pão de cada dia. Nunca precisou lutar, ver as suas ilusões desaparecerem, os seus sonhos ruírem e continuar se esforçando. Não faz idéia do ponto a que as pessoas são capazes de chegar, para conseguir o que querem. — Ele fez uma ligeira pausa, depois acrescentou: — E eu prefiro que continue assim. Catherine ficou tensa.

— Não sou mais uma criança para ser protegida. Sei muito bem que o mundo está cheio de dificuldades, mas confio em mim. Eu vou conseguir!

Evan olhou-a, cético.

— Esses cinco anos não foram uma brincadeira, Evan. Estive em contato com esse mundo que você julga que desconheço. Levei alguns choques, mas não me saí tão mal assim. Pergunte a Mari, se não acredita no que eu digo.

Ele permaneceu em silêncio por alguns momentos, fitando-a. Depois, disse:

— Já lhe ocorreu que todas essas pessoas com quem você entrou em contato, sabiam que era filha de Drake Bennington e estavam dispostas a lhe dispensar um tratamento mais gentil do que se fosse uma pobre coitada?

— Já, sim. E tenho certeza de que foi isso que aconteceu, pelo menos no começo. Para não falar na reputação de Mari, que é bastante respeitada. A maior parte das pessoas tem medo dela.

— Em Boston. Em Nova York ela não é tão temida.

— Exatamente por esse motivo resolvemos abrir um escritório lá!

Evan abafou um suspiro. Estava ficando cansado daquela discussão sem sentido. Já se dera conta da impossibilidade de convencer Catherine. Ela era tão teimosa, que só errando poderia mudar de opinião. Gostaria muito de lhe poupar decepções, porém..

Refletindo, chegou à conclusão de que não seria ruim para Catherine aprender que o mundo nem sempre lhe daria o que desejava. Os pais não a tinham estragado por completo, mas haviam chegado perto. Não censurava os dois porque pretendia fazer exatamente a mesma coisa. Antes, porém, ela teria de aprender a se contentar com o ambiente adequado a uma mulher.

— Você tem uma linda boca — murmurou, apagando o cigarro. Devagar, passou as costas da mão pelo braço feminino e não escondeu a satisfação ao ver como ela se arrepiava.

Apesar do súbito calor em seu corpo, Catherine hesitou. Um assunto importante estava sendo posto de lado e ela achava que devia tentar, mais uma vez, fazer com que ele entendesse seu ponto de vista. Mas isso era extremamente difícil, com as carícias diminuindo tanto sua capacidade de raciocínio.

Evan ficou em pé, levando Catherine junto.

Encostada ao marido, ela foi tomada por uma onda de paixão.

— É este o seu lugar, Catherine — sussurrou. — Comigo, longe do resto do mundo.

A pequena distância até o tapete diante da lareira foi percorrida em segundos. Nenhum dos dois teve paciência de remover as roupas. Evan levantou a saia de Catherine e puxou-lhe as roupas de baixo, enquanto ela lutava com os botões da calça dele. Ambos se moviam com urgência, indiferentes a tudo, menos à necessidade que tinham um do outro.

Muito tempo depois, a paixão satisfeita, os dois continuaram abraçados. Com a cabeça de Evan apoiada em seu peito, Catherine olhava para o fogo. Um sorriso suave curvava seus lábios inchados, enquanto pensava no quanto era tola em se preocupar com o futuro.

Evan podia não entender sua necessidade de trabalhar, mas não tentaria impedir que seguisse seu caminho. Disso, pelo menos, tinha certeza.

Acariciando ternamente os cabelos escuros, ela reconheceu que era muito feliz. Às vezes, até achava que havia nascido sob o signo da estrela da sorte.

Só uma coisa perturbava sua felicidade: o medo de que tantas bênçãos tivessem que ser

pagas, no fim. Jimmy chamaria de tola sua preocupação, diria que procurava problemas onde não havia nenhum. Mas a apreensão insistia em atormentá-la.

Quando, afinal, adormeceu, seus sonhos foram inquietos, perturbados por imagens fragmentadas de seus pais, de Mari e de um homem que nunca tinha visto, mas que parecia conhecer.

Capítulo XXIV

— Estou muito contente — disse Mari, com um sorriso. — Você fez grandes progressos. Muito mais do que eu esperava.

Catherine riu, meio sem jeito.

As duas estavam sentadas no escritório de Catherine, no terceiro andar de um edifício moderno, de frente para a Wall Street. O escritório fazia parte de um espaçoso conjunto, alugado dois meses atrás. Na sala ao lado, trabalhavam seis empregados jovens e ambiciosos.

Catherine havia pensando muito, antes de contratar os quatro rapazes e as duas moças. Na sua opinião, todos tinham as qualidades necessárias para descobrir boas oportunidades de investimento e concretizar as negociações.

As moças, como ela, vinham de família ricas e poderosas. Sempre haviam sido fascinadas pelo mundo de seus pais e irmãos. Um mundo a que não tinham acesso por serem mulheres. Catherine estava lhes dando a chance de provar a injustiça desse preconceito.. Até aquele ponto, não havia se decepcionado.

— Andei pensando — ela comentou, enchendo de novo as xícaras de café — e cheguei à conclusão de que alguma coisa vai acontecer, no mercado financeiro. Ele pode continuar como está por mais algum tempo, mas no fim os excessos vão aparecer.

— Quanto tempo você acha que podemos esperar? — Mari quis saber.

Catherine refletiu por um instante.

— Creio que ainda dá para esperar um ano, um ano e pouco. Depois disso, é melhor mudarmos para aplicações mais conservadoras, capazes de superar qualquer problema no mercado financeiro.

— Por mim, está bem. — Mari fitou a sobrinha com satisfação. — Não quero que se sinta ofendida, mas estou surpresa com a sua percepção. Há algum tempo eu venho achando que o mercado vai sofrer uma reviravolta, mas não esperava que você também chegasse a essa conclusão, com tão pouca experiência no mundo financeiro.

Catherine corou, decidindo se deixava ou não Mari pensar que havia chegado àquela conclusão sozinha. No fim, sua honestidade venceu.

— Na verdade, essa idéia é de Evan. Ele é implacável em sua análise do mercado. Há semanas vem dizendo que essa euforia não pode durar muito, que mais cedo ou mais tarde as coisas têm de voltar ao estado natural.

— Evan é um rapaz esperto. O problema é que essa reviravolta não vai ser o fim dos excessos. Enquanto o governo fechar os olhos, eles vão continuar acontecendo.

— É isso que Evan fala.

Mari sorriu gentilmente, fazendo Catherine se arrepender de ter dito aquilo. Estava parecendo um papagaio, citando o marido de minuto em minuto e agindo como se ele fosse a autoridade máxima que guiava seus passos.

Não era bem assim. Em seus dois meses de casamento, ambos vinham trilhando caminhos separados. Tão separados que ela começava a se preocupar.

Viam-se só de manhã, quando iam para o trabalho juntos, e à noite, quando voltavam: Estavam sempre tão ocupados que acabavam lendo papéis de negócios, durante a ida e a volta, em vez de conversar. Quatro ou cinco vezes por semana, compareciam a reuniões sociais, voltando para casa de madrugada.

Ainda faziam amor quase todas as noites, mas, além disso, pareciam não ter contato. Ela estava achando a situação cada vez mais difícil, e não tinha a menor idéia do que fazer a respeito.

— Está na minha hora de ir — disse, olhando para o relógio preso no seu casaco.

Costumava se vestir de forma elegante e discreta para ir ao escritório. Procurava dar a impressão certa, usando cores não berrantes e modelos clássicos, mas nada conseguia diminuir sua beleza radiante.

Ocasionalmente, um dos rapazes do escritório não se continha e a fitava com admiração. Na maioria das vezes, eram os outros freqüentadores da Wall Street que a olhavam assim. Catherine ignorava todos eles. Não só porque não tinha inclinação para outro tipo de comportamento, mas também porque achava que se desse sinal de aceitar um desses olhares, perderia um terreno conquistado a duras penas. Era vital que eles a vissem apenas como colega de trabalho e respeitassem sua competência.

No entanto, vivia num estado de tremenda tensão. Era duro saber que não podia baixar a guarda e relaxar. Ia para casa exausta, todas as noites. Várias vezes quase tinha sugerido a Evan para esquecerem uma reunião social e ficarem em casa. Só havia se calado porque não sabia o que aconteceria, se tivessem tempo para realmente conversar. Uma dúvida que muito a entristecia e que era incapaz de afastar.

— Não quer mesmo ficar conosco, esta noite? — Catherine perguntou a Mari, começando a juntar os papéis que estavam sobre a escrivaninha.

Mari meneou a cabeça.

— Obrigada, querida, mas pretendo tomar o primeiro trem para Boston, amanhã. É melhor eu voltar para o hotel, jantar e dormir cedo.

— Devia ficar conosco, em vez de ir para um hotel — Catherine comentou quando deixavam o escritório. — Temos lugar de sobra. Aquela casa é enorme!

— Não, obrigada, querida. Eu teria de ser muito insensível para impor minha presença a dois recém-casados.

Catherine abriu a boca para protestar, mas Mari a impediu, acrescentando:

— Posso estar velha, mas ainda me lembro muito bem de como são os primeiros meses de casada. — Ela riu baixinho, ao ver a sobrinha corar. — Dê um abraço em Evan por mim, e diga a ele que eu volto logo.

Mesmo depois que Mari se foi, Catherine continuou parada na calçada, seguindo o táxi com os olhos. O calor do verão tinha afugentado muita gente da cidade, e a multidão nas ruas era menor que de costume. Ainda assim, ela foi vítima de encontros suficientes para interromper seus pensamentos. Olhando em volta, localizou Saunders, esperando na esquina, e foi para lá.

Pegaram Evan tio quarteirão seguinte. Ele abriu a porta traseira do carro e entrou, sem esperar pela ajuda do chofer. Examinou Catherine com um rápido olhar, depois sorriu.

— Boa noite, querida.

Beijou-a de leve na boca e acomodou-se melhor no assento forrado de couro.

Daquela vez, Catherine não abriu a pasta para checar seus documentos. Virando-se para a janela, passou vários minutos olhando os edifícios passarem, sem nada ver na realidade. Seus pensamentos estavam em Mari.

Ela parecia bem, mas também dava a impressão de estar muito cansada.

— Gideon recomeçou — Catherine falou, baixinho.

— O quê? O que foi que você disse, querida?

— Hã? Ah, eu estava só pensando alto.

Evan colocou de lado os papéis que lia e deu-lhe toda atenção.

— Sobre Gideon? Relutante, Catherine assentiu.

— Ele anda ameaçando levar Mari de novo à justiça, por qualquer motivo sem importância. Ela sabe que vai ganhar, mas a amolação é muito cansativa.

Evan esfregou a nuca. Tinha tido um dia caótico e estava de mau humor. Saber que Gideon Mackenzie ia causar mais aborrecimentos só piorava seu estado de espírito.

— O que é que você sabe a respeito dele? — perguntou.

— Não muito. Só que é meu tio-avô, filho mais velho de Josiah Mackenzie. Ele esperava herdar tudo, mas meu bisavô deixou a maior parte da fortuna para Mari. É por isso que ele a odeia. — Catherine calou-se por um instante, depois murmurou: — Gideon é quase tão velho quanto Mari, mas parece que ainda tem a fantasia de ficar com tudo que é dela.

— É difícil que ele fique. Mari vai escolher como herdeiro uma pessoa em que confia, quando a hora chegar.

Mais uma vez, Catherine hesitou. Depois, baixinho, sem olhar para o marido, disse:

— Ela já escolheu. Foi por isso que veio a Nova York, falar comigo.
Ele já esperava a decisão de Mari. Só não imaginava que viesse tão cedo.
— Sei... E como é que você se sente?
— Ainda não consegui aceitar a realidade. Para isso, eu teria de imaginar Mari morta. É impossível para mim.

Evan colocou a mão sobre a dela e apertou de leve.

— Todos morrem, mais cedo ou mais tarde.

— Eu sei, mas Mari sempre foi tão cheia de entusiasmo e energia. — Sorriu. — Ela garante que por dentro sempre foi mole, mas poucas pessoas acreditam nisso.

— Realmente — ele concordou, pensando nos comentários que tinha ouvido a respeito de Mari Mackenzie, quase todos feitos por homens enraivecidos com as atitudes dela. — Há anos Mari carrega uma responsabilidade enorme nos ombros, mas sempre se saiu bem.

— Só espero poder dizer o mesmo, quando chegar a minha vez. Evan apertou com maior força a mão de Catherine. Agora aceitava com mais resignação a vida profissional de sua esposa do que dois meses atrás. Era até obrigado a reconhecer que sentia um certo orgulho do sucesso dela.

Através de sua rede de negócios, cada vez maior, ele mantinha Catherine sob uma vigilância discreta. Várias vezes havia chegado a pensar que ela ia cair, para logo em seguida descobrir que estava enganado. Mas não devia ter sido fácil recuperar o equilíbrio, principalmente sem pedir a ajuda de ninguém.

Os papéis em seu colo foram esquecidos, enquanto ele observava o jogo de luzes e sombras sobre as feições delicadas. Nem o cansaço conseguia diminuir a beleza de Catherine. Ela havia penteado os cabelos num coque baixo, mas alguns cachos tinham escapado e dançavam em volta de seu rosto. Enrolando um deles nos dedos, perguntou:

— Cat... O que acha de ficarmos em casa, esta noite?

— Em casa?! Nós temos um convite para sair...

Eles deveriam comparecer a um jantar dado por companheiros de negócios de Evan. Não era um acontecimento que exigia sua presença, mas achava que ele gostaria de ir.

— Você quer mesmo ir a esse jantar? — ele indagou, levando a mão dela aos lábios.

Catherine foi assolada por uma onda de prazer.

— Não — admitiu baixinho. — Não quero.

— Ótimo! Vamos enviar nosso pedido de desculpas, então.

— Não sei se existe alguma desculpa aceitável.

— O que acha de dizermos a verdade?

— Que... que verdade?

— Que eu prefiro ficar em casa e fazer amor com a minha esposa. Eles ficariam muito chocados?

— Acho que sim.

Embaraçada, Catherine olhou para o banco da frente. Saunders tinha os olhos fixos na rua. Se fazia idéia do que se passava no banco de trás, não deu o menor sinal.

Um riso baixo escapou dos lábios de Evan. Soltando a mão de Catherine, ele se afastou um pouco. Mas seus olhos continuaram nos dela quando disse:

— Acho que já chocamos a maioria das pessoas, sendo do jeito que somos. É melhor não exagerar.

— Concordo. Se bem que isso não tem importância. Eu nunca liguei para o que os outros pensam.

Ele ficou sem saber se acreditava ou não nas palavras dela, mas a tentação de faltar ao jantar era grande demais para resistir. Mesmo assim, ainda insistiu:

— Não quero que você perca nada por ter se casado comigo, Cat. Sei que está acostumada a ser recebida por toda a sociedade e vou fazer o possível para que continue assim.

— Você está mais preocupado com isso do que eu. Quem não quiser receber a sra. Evan O'Connell não merece a minha companhia.

Ele riu, satisfeito com a resposta, apesar de automaticamente não lhe dar importância. Estavam casados há apenas dois meses. Catherine não tinha tido tempo de descobrir o que significava o isolamento social. E a enorme fortuna que vinha acumulando garantiria que jamais descobrisse.

— Temos que começar a dar algumas festas — comentou, quando o carro parava diante da elegante residência.

A espaçosa casa de pedras tinha sido construída dez anos atrás pelo chefe de uma família dona de estaleiros. Nenhuma extravagância havia sido poupada na criação daquela obra-prima. Degraus de mármore conduziam à porta da frente, de folha dupla, onde o mordomo, atento a sua chegada, já estava à espera.

— Boa noite, madame — cumprimentou. — Senhor. Espero que tenham tido um bom dia.

— Muito bom — Catherine respondeu, entregando a ele suas luvas e a sombrinha. — Tivemos visitas?

— Sem dúvida, madame.

Ele apresentou a Catherine a bandeja de prata, que ficava sobre a mesa do saguão de entrada. Nela, havia um cartão. Catherine examinou-o por um momento, franzindo a testa.

— O que foi? — Evan indagou.

— Nada. Charles van Rhys passou por aqui.

— A troco de quê?

— Não faço a menor idéia. — Ela se voltou para o mordomo. — Ele disse o que queria?

— Infelizmente, não, madame. Mas me deu a impressão de querer falar com a senhora, não com o sr. O'Connell. Eu expliquei que a senhora estava trabalhando.

— Ele deixou recado?

— Só que voltaria em outra hora.

— O que será que trouxe Van Rhys a Nova York? — Evan perguntou, quando subiam juntos a escada curva que levava ao andar superior.

— Negócios, com certeza. O que mais poderia ser?

— Realmente, o que mais?

— Evan, por acaso está sugerindo que tenho alguma coisa a ver com a vinda de Charles?

— É possível, não é?

— Não creio.

Em silêncio, os dois percorreram o corredor até a suíte que partilhavam. Lá, Evan fechou a porta e disse:

— Em Boston, todos sabem que ele estava interessado em você.

Catherine ficou tensa, mas explicou num tom calmo:

— Pois eu lhe garanto que esse sentimento não foi correspondido. Nunca tive o menor interesse por Charles.

— É ótimo ouvir isso.

Sorrindo, Evan soltou o nó da gravata. Depois, tirou o casaco e dependurou-o nas costas de uma poltrona.

Enquanto isso, Catherine foi até as janelas enormes com vista para o jardim interno da casa. Começava a fechar as cortinas de uma delas, quando Evan se aproximou para ajudar. O quarto mergulhou numa penumbra suave, e os dois se fitaram. Momentos depois, estavam abraçados.

— As criadas vão ficar chocadas quando vierem preparar a cama e descobrirem que já fizemos isso.

— Nosso comportamento escandaloso dá mais vida ao trabalho delas — ele rebateu, beijando-lhe o pescoço.

— Se nós perdermos o jantar de novo, a cozinheira pede a conta.

— Não pede, não. A sra. Mulroy gosta de nós.

— Gosta, mesmo.

Catherine tivera o bom senso de contratar uma cozinheira irlandesa, em vez de seguir a moda e empregar um tirano francês. Com poucos dias de serviço, a sra. Mulroy havia trazido três sobrinhas e dois sobrinhos, que foram todos contratados por ela. Assim, o problema de arrumar uma equipe de criados tinha sido rapidamente resolvido.

Até aquele momento, Catherine estava contente com a solução desse problema doméstico.

Bem mais tarde, ela e Evan desceram atrás de alguma coisa para comer. Tinham feito amor durante horas, porém não estavam com sono. Estavam, sim, com muita fome.

Evan abriu a geladeira e examinou as opções de comida.

— Vamos ver... Temos frango assado, batatas cozidas e salada de repolho, cenoura e passas. Que delícia!

Ele dirigiu-se à mesa carregando várias travessas.

— Encontrei um prato de biscoitos amanteigados — disse satisfeito a Catherine. — E veja só! Alguém deixou uma garrafa de champanhe naquele balde de gelo, ali em cima.

— Parece que adivinharam nosso programa de hoje!

Com o prazer cheio de culpa de duas crianças fazendo arte, eles levaram tudo para cima e organizaram um piquenique sobre a cama. Evan devorava uma coxa de frango, que Catherine segurava, enquanto ela tomava champanhe da taça nas mãos dele. Nos intervalos, trocavam beijos.

— Você está com um gosto delicioso — ele comentou, num certo momento.

Ela se reclinou nos travesseiros, puxando-o junto.

— São os biscoitos.

Ele experimentou de novo, para ter certeza.

— Não, é você.

Ambos sorriram, encantados, indiferentes a tudo que os esperava, além do santuário de seu amor.

Capítulo XXV

Chovia quando Catherine se levantou, no dia seguinte. Evan tinha saído na frente, com Saunders. Ela havia ficado por causa do encontro marcado com um vendedor de antigüidades. A casa ainda não estava totalmente mobiliada, e ela queria ter logo tudo pronto.

A loja do antiquário ficava a alguns quarteirões da avenida Madison. Catherine decidiu andar até lá, apesar do tempo ruim. Calçava as botas apropriadas no saguão de entrada, quando a campainha tocou.

— Eu atendo — disse.

Não via razão para ficar esperando o mordomo e deixar seu visitante do lado de fora, numa manhã tão chuvosa. Mas se arrependeu de imediato, quando abriu a porta e deu com Charles van Rhys.

Ele também ficou surpreso ao vê-la no lugar do mordomo. No entanto, logo se recuperou.

— Bom dia, Cat — cumprimentou, entrando e tirando o chapéu. — Espero não ter vindo numa hora inconveniente.

— Para ser franca, eu estava de saída.

Ela hesitou. A cortesia fazia parte de sua natureza, mas nem por isso gostou do fato de Charles estar ali. No fim, na esperança de impedir que ele prolongasse sua visita, acabou dizendo:

— Tenho hora marcada para ver uns móveis.

Sua esperança deu em nada, quando Charles rebateu:

— Se não for pedir demais, eu gostaria muito de lhe fazer companhia.

Virando-se para o mordomo, que acabava de chegar, ele tirou das mãos dele o casaco de Catherine e segurou-o no ar.

— Não sei se você sabe, Cat, mas estou muito arrependido do meu comportamento, no nosso último encontro. Fui muito grosseiro. Só vou ficar em paz, se você me perdoar.

Embaraçada pela situação, Catherine procurou tranquilizar o rapaz. Afinal, ele parecia estar sendo sincero.

— Por favor, não pense mais nisso. Eu sei que meu casamento foi uma surpresa para muita gente.

— Isso é verdade — Charles concordou, quando deixavam a casa e desciam os degraus.

Num gesto que Catherine não podia rejeitar, pois era o que qualquer homem bem educado faria naquelas circunstâncias, Charles tomou o braço dela.

A chuva havia diminuído um pouco, apesar do céu continuar escuro. As pessoas andavam apressadas, as cabeças abaixadas para se proteger do vento frio e cortante.

— O outono parece que vai chegar cedo, este ano — comentou Charles. — Em Boston,

todos estão voltando antes das férias. Aqui, também?

Caminhando ao longo da avenida Madison, passaram pelas muitas lojas elegantes que começavam a surgir por ali, com o objetivo de atender a clientela rica das vizinhanças.

— Também — Catherine respondeu, satisfeita por ele se ater a assunto neutro. — Os Vanderbilt já voltaram. Os outros também devem ter voltado.

— São os tempos. Ninguém sabe o que o sr. Roosevelt pretende fazer. Só sabemos que não vai ser bom.

Catherine nada disse. Apoiava o presidente, Teddy Roosevelt. Sob a fanfarronice exterior do homem, detectava uma inteligência aguda e a determinação de devolver ao país preceitos mais firmes de moral. Se as mulheres pudessem votar, ele teria sido sua escolha.

Mas Catherine também entendia por que tantas pessoas estavam aborrecidas com um presidente decidido a acabar com privilégios de classe. Afinal, eram esses privilégios que mantinham o mundo financeiro do país nas mãos de uma elite, impedindo que outros tivessem acesso a ele. Poucos homens não pertencentes a essa elite, entre os quais Evan, tinham conseguido romper barreiras e penetrar nesse mundo. E assim mesmo só à custa de muito sacrifício, trabalho duro e uma feroz determinação.

Na opinião de Catherine, já era hora de terem um sistema mais justo. Naturalmente, não exporia suas opiniões a Charles, correndo o risco de entrar em outra discussão com ele.

Nesse momento, ela se lembrou das palavras de Evan, sugerindo que Charles há muito tempo a desejava. Se isso era verdade, com certeza a atração não existia por afinidade entre eles

— O que você veio fazer em Nova York? — perguntou de repente.

Estavam parados numa esquina, esperando a passagem de vários automóveis e uma única carruagem.

— Negócios. Alguns deles estavam exigindo minha atenção. O telefone e o telégrafo são ótimos, mas muitas vezes o contato pessoal dá melhores resultados.

— Sem dúvida. Não há substituto para o contato pessoal.

Charles fitou-a.

— Pelo que entendi, você está trabalhando. O que Evan pensa a respeito?

— Acha ótimo. Catherine ficou em silêncio por um instante. Logo em seguida, porém, com uma certa sensação de culpa por ter exagerado a opinião do marido, acrescentou:

— É claro que isso exige um ajustamento entre nós dois.

— Imagino... — Foi a vez de Charles permanecer em silêncio por alguns segundos, antes de prosseguir: — Ouvi dizer que Evan está se saindo muito bem, na Wall Street.

— Realmente. Ele tem jeito para a coisa e trabalha duro.

— Claro. Vocês se vêem muito?

A pergunta foi feita da maneira mais inocente possível. Catherine, no entanto, teria relutado em fazer confidências à própria mãe sobre as dificuldades em seu casamento. Evidente que não diria nada a Charles.

— Bastante. O casamento é maravilhoso, Charles. Você deveria tentar.

— É o que meus pais vivem me dizendo. Estão loucos de vontade de terem netos. Eu é que ando hesitando.

— Porque ainda não encontrou a mulher certa. Quando encontrar, vai mudar de idéia.

Ele lhe lançou um rápido olhar, mas nada comentou. Em vez disso, apontou para a loja logo à frente.

— É esse o antiquário?

Catherine assentiu. Já ia entrar, quando Charles a puxou para o lado e perguntou, olhando firme em seus olhos:

— Você ama mesmo o seu marido, não é?

Surpresa, ela respondeu:

— Amo. De todo coração!

Por um instante, uma expressão estranha surgiu nas feições aristocráticas do rapaz. Catherine achou que era de dor, mas foi tão rápido que não teve certeza.

Apertando os lábios, Charles soltou-lhe a mão.

— Evan é um homem de muita sorte. Diga isso a ele, por mim.

Ambos sabiam que Catherine não ia dizer nada. De qualquer forma, achou prudente deixar claro que não tinha segredos com o marido.

— Vou contar que nos vimos. Talvez você possa jantar conosco, da próxima vez que vier a Nova York.

— Claro, Cuide-se, Catherine.

Eles se separaram momentos depois. Charles tomou um táxi e Catherine entrou na loja.

O antiquário recebeu-a e imediatamente começou a expor suas peças. Ela lhe deu toda atenção, mas mesmo enquanto manifestava sua aprovação diante de uma cômoda Sheraton e uma escrivaninha Luís XV, pensava em seu encontro com Charles.

No fundo, achava difícil de acreditar que ele havia aparecido só para pedir desculpas por suas grosserias.

O Charles que conhecia era muito arrogante para cortesias desse tipo. Ele nunca aceitava ser contrariado. Tinha péssimo gênio e não fazia o menor esforço para se controlar.

Ela ainda se lembrava do incidente no Carmody's. Uma vez, Jimmy tinha lhe dito que Charles era o culpado da briga. O relacionamento entre os dois rapazes, que já era difícil antes daquele incidente, havia piorado muito, depois.

Catherine confiava no julgamento do irmão. Como ela, ele nunca havia gostado de Charles.

Horas mais tarde, quando entrou em seu escritório, Catherine já havia tirado Charles da mente. Apesar do barulho dos telefones, das máquinas de escrever e das idas e vindas de empregados e visitantes, conseguiu se concentrar no trabalho. Às cinco horas estava satisfeita com o que tinha realizado e ansiosa para ver Evan.

Quando ele lhe telefonou para dizer que estava atrasado e não poderiam ir juntos para casa, ela foi dominada pela decepção.

— Tem certeza? Não dá para deixar alguma coisa para amanhã?

— Não dá, querida. Mas vou para casa, assim que ficar livre.

— Está bem. — Catherine silenciou por um instante, depois disse baixinho: — Vou estar a sua espera.

Alguns segundos se passaram, antes que Evan murmurasse, do outro lado:

— Eu te amo, Catherine.

Espantada com aquela declaração ao telefone, ela riu. Em seguida, com toda meiguice, respondeu:

— Também te amo, Evan.

— Vai mesmo esperar por mim?

— Já vi que vai chegar tarde!

— Não sei, mas se eu chegar...

— Vou estar de pé. Não só isso, como ainda vou tentar convencer a sra. Mulroy a preparar outro frango.

Ele riu e seu riso gostoso descontraiu Catherine. Quando desligaram, ela fitou o telefone, sorrindo. Só quando sua secretária enfiou a cabeça pela porta, avisando que Saunders havia chegado, “conseguiu afastar os pensamentos do marido.

Evan recolocou o fone no gancho com grande relutância. Reclinando-se na cadeira, fixou os olhos na parede oposta. Logo, no entanto, lembrou-se do assunto que tinha a tratar. Sem esconder a aversão que sentia, apertou o botão do intercomunicador e falou:

— Pode dizer ao sr. van Rhys para entrar.

Evan ficou em pé quando Charles entrou. Os dois trocaram um aperto de mão, examinando-se com cautela.

— O'Connell. Esperei por este encontro com ansiedade. Indicando a cadeira diante de sua escrivaninha, Evan voltou a sentar-se.

— Em que posso ajudar, sr. Van Rhys?

A formalidade foi proposital. Queria deixar claro que conhecia a distância entre eles e não pretendia fingir gentilezas pelo bem das aparências.

— Pode começar permitindo que lhe dê os parabéns pelo seu casamento. Catherine é uma mulher maravilhosa.

— Sem dúvida.

— Não sei se sabe, mas houve uma época em que pensei em me casar com ela.

Surpreso com a franqueza do outro, Evan assentiu.

— Ouvi qualquer coisa a respeito.

Reclinando-se na cadeira, examinou seu visitante com mais cuidado.

Charles havia se sentado e alisava as calças. Tinha os cabelos despenteados pelo vento forte que soprava fora e podia ser ouvido através das janelas do escritório. A não ser por esse detalhe, exibia uma aparência imaculada, desde os punhos engomados até o nó perfeito, em estilo Windsor, da gravata de seda. Tinha a expressão calma e absolutamente confiante.

— Deve ter ouvido, mesmo — o rapaz confirmou, com um sorriso que convidava Evan a ver o humor da situação. — Mas Catherine é muito independente. Fez a própria escolha e a nós só resta aceitar a decisão dela.

— Sem dúvida.

Disfarçadamente, Evan lançou um olhar para o relógio sobre a escrivaninha. Gostaria de saber quanto tempo Charles ainda levaria para expor o motivo daquela visita inesperada.

— Eu mencionei minha afeição por Catherine, porque quero que entenda que só desejo felicidades a vocês dois. Eu ficaria muito triste, se algo desagradável acontecesse a ela.

Evan apertou os olhos, irritado.

— Nunca apreciei insinuações, sr. Van Rhys. Prefiro conversas claras. Se tem alguma coisa a dizer sobre Catherine, é melhor dizer logo.

— Estou vendo que gosta de falar claro, mesmo — Charles observou com um sorriso condescendente de um aristocrata diante de um plebeu. Deixou o silêncio se arrastar por mais alguns momentos, depois disse: — Conhece Gideon Mackenzie?

Evan meneou a cabeça.

— Só de nome. Nunca fomos apresentados.

— Não pensei que tivessem sido. Quero saber se já ouviu falar nele?

— Bastante. A reputação dele deixa muito a desejar.

— Concordo que Gideon tem um passado não muito limpo. Ainda assim, é considerado um homem de negócios astuto por muita gente. Eu mesmo fiz algumas transações com ele, nos últimos anos.

— É mesmo? E posso saber por que está me contando tudo isso?

Charles franziu a testa. Começava a se zangar.

— Estou lhe contado, O'Connell, para que veja que Gideon Mackenzie e eu não somos estranhos um ao outro. Eu conheço esse homem, sei o que ele quer e como pensa. Acima de tudo, conheço a obsessão responsável por todas as atitudes dele, durante muitas décadas.

— Está se referindo aos problemas de Gideon com a madrastra, Mari Mackenzie?

— Isso, mesmo.

— Não é novidade. Boston inteira sabe disso. Mas o que tem Catherine a ver com esse assunto?

— Ela é a herdeira de Mari Mackenzie.

Evan permaneceu em silêncio por alguns segundos. Depois, perguntou:

— Posso saber como descobriu isso?

Em vez de responder diretamente, Charles rebateu:

— Você nega?

— Ao contrário, posso confirmar tudo. Mas a própria Catherine só ficou sabendo recentemente. Como foi que descobriu?

— Antes de sair de Boston, Mari Mackenzie fez outro testamento, nomeando Catherine sua maior beneficiária — explicou Charles, de má vontade. — Já faz algum tempo que Gideon Mackenzie mantém um informante nos escritórios do advogado de Mari. Ele soube do novo testamento, antes da tinta secar no papel. Posso garantir que ficou furioso.

Evan deu de ombros. Pouco lhe importava a reação de um homem velho e desequilibrado, a não ser no que pudesse afetar Catherine.

— Ele pode contestar o testamento no tribunal, se viver o suficiente.

— Esse é o problema. Gideon está longe de ser jovem. Sabe que pode sobreviver a Mari, mas não por muitos anos. Tem medo de não conseguir o que quer, mesmo depois de lutar tanto. É essa idéia que não consegue suportar.

— É mesmo? E o que ele pretende fazer?

— Não sei. Se soubesse, eu lhe diria. Por enquanto, acho que você deve mostrar que está disposto e tem condições de proteger a sua esposa. Se Gideon entender que você vai retribuir com dureza e rapidez qualquer gesto que represente uma ameaça à Catherine, talvez desista de tentar algo.

— Sei... E o que sugere que eu faça?

— Enfrente o homem diretamente! É a única linguagem que Gideon entende e respeita. Fale com ele cara a cara, mostre que sabe que ele pretende criar problemas e deixe claro que, ao primeiro sinal disso, vai fazer com que ele se arrependa de ter nascido.

Charles fez uma pausa, depois continuou, com ares confidenciais:

— Gideon tem um medo profundo de homens como você, O'Connell. Homens que fazem as próprias regras e usam qualquer método para conseguir o que desejam.

Evan ergueu as sobrancelhas, num gesto zombeteiro.

— É assim que imagina que eu sou?

— Não é?

— Depende, sr. Van Rhys. Nos negócios, sou bem mais escrupuloso que o senhor. Tenho de ser. Senão, ao primeiro sinal de alguma impropriedade, os homens do seu tipo fariam o possível e o impossível para me derrubar. Nos assuntos particulares, no entanto, a história é outra.

— Foi o que pensei — declarou Charles, satisfeito. — Você vai fazer o que é preciso, O'Connell. Tenho certeza.

— Vou fazer o que é preciso para manter Catherine fora de perigo — Evan esclareceu, levantando-se para acompanhar o visitante até a porta.

Sua antipatia por Charles van Rhys não era mais pessoal. Depois daquele encontro, parecia ter entrado em contato com alguma coisa suja.

Disse a si mesmo que aquela sensação era conseqüência da mistura de seus ciúmes com a insegurança que ainda escondia, em seu íntimo. Charles van Rhys era rico, culto e aceito integralmente pela melhor sociedade do país. Tinha o berço que, em outros tempos, ele havia sonhado em ter nascido.

Naturalmente, com o passar dos anos, havia aprendido que nascer rico nem sempre representava vantagem. Na maioria dos casos, impedia que uma pessoa conhecesse a satisfação de conseguir seus objetivos por esforço próprio. O que ele possuía, havia conseguido sozinho.

Evan ia fechando a pasta, quando parou, de repente.

Seria aquele sentimento que levava Catherine a lutar tanto para obter sucesso num mundo onde todos esperavam que fracassasse?

Até aquele momento, não havia comparado sua própria determinação com a dela. Mas Catherine tinha tentado fazer com que visse a semelhança.

Ele, no entanto, sempre se recusava a aceitar essa semelhança. No fundo, queria que ela se contentasse com a vida que lhe proporcionava, em vez de lutar para conseguir vencer sozinha. Na sua opinião, essa atitude indicava pouco caso em relação ao que recebia dele.

Nesse instante, pela primeira vez, Evan reavaliou seu julgamento. Chegou à conclusão de que não havia nada de pessoal contra ele na atitude de Catherine. Ela agia para obter sua auto-realização.

Pensando nisso, deixou o escritório e tomou um táxi para casa. Catherine encontrava-se no quarto. Havia tirado a roupa de trabalho e usava um penhoar fino, de seda. Quando ele entrou, estava sentada diante da penteadeira, escovando os cabelos.

— Evan! — exclamou, sorridente. — Não pensei que fosse chegar tão cedo.

— A conversa foi mais breve do que eu esperava.

Inclinando-se, beijou-lhe a nuca. Seus olhares se encontraram no espelho.

— Você está linda.

— Obrigada, mas eu estou me achando um pouco abatida.

— De jeito nenhum! — Evan se sentou na beirada da cama. — De qualquer maneira, nós dois temos trabalhado demais. O que acha de tirarmos uma folga?

— Uma maravilha. Só tem um problema: minha agenda está com a próxima semana lotada. E não dá mais para cancelar.

— Não tem importância, porque eu também não posso cancelar nada. Estava pensando em passarmos o fim de semana em Boston. Se nos apressarmos, podemos pegar o trem desta noite e ficar lá até domingo.

— Eu gostaria muito.

Catherine estava surpresa por ele ter sugerido Boston. Afinal, em Boston estavam seus pais e Evan ainda não havia superado a desconfiança que sentia pelo sogro.

Cautelosa, acrescentou:

— Se formos para Boston, quero ver meus pais.

— Claro — Evan aceitou, de imediato. — Não há motivo para você não os ver.

Ignorando o olhar espantado de Catherine, ele apertou o botão ao lado da cama, chamando a criada de quarto.

— Sheila pode fazer nossas malas, enquanto você se veste. Vou telefonar para a estação e reservar uma cabine.

Sem esperar resposta, beijou Catherine mais uma vez e saiu. Na biblioteca, onde ficava o telefone, levou um instante para tirar o fone do gancho. Seu plano, elaborado durante a volta para casa, era bom. Poderia enfrentar Gideon Mackenzie com a certeza de que Catherine estaria a salvo, sob os cuidados do único homem capaz de cuidar dela como se fosse ele mesmo.

Rindo, Evan aceitou a ironia da situação e fez a chamada.

Capítulo XXVI

— Tenho certeza que seus pais vão entender — disse Evan. — Peça desculpas a eles por mim e explique que vou chegar um pouco mais tarde.

Catherine estava morrendo de raiva com autoritário do marido. A viagem começava mal. Ainda nem haviam saído da estação e já discutiam.

— Não entendo por que você não pode vir comigo. Pelo menos por alguns minutos, para cumprimentar meus pais e se acomodar. Não é possível que esse negócio não possa esperar meia hora!

Era duro descobrir que Evan tinha feito com que acreditasse que a viagem seria de lazer, enganando-a.

— Prefiro resolver logo esse problema — ele declarou, levando-a em direção a um táxi, estacionado na esquina. — Depois, fico livre para relaxar e aproveitar o resto da visita.

O comportamento dele não fazia sentido. Por isso, além de aborrecida, Catherine começou a ficar preocupada.

— Evan — murmurou, quando o motorista do táxi se adiantava para pegar sua bagagem —, você me diria, se alguma coisa estivesse errada, não é?

Ele hesitou por instante.

— Está tudo bem, Cat. Eu vou logo para a casa de seus pais. Enquanto isso, você pode pôr em dia as novidades com a família. Afinal, não vê Drake e Elizabeth há dois meses.

— É por isso que resolveu ir para lá depois? Para me deixar algumas horas sozinha com meus pais? — Sem lhe dar tempo para responder, ela continuou: — Se for, é uma linda atitude, mas desnecessária. Você faz parte da família agora.

— Fico contente em saber.

Evan ajudou Catherine a entrar no carro, fazendo o possível para esconder a impaciência. Fechando a porta, introduziu a cabeça pela janelinha e disse:

— Pergunte a seus pais se querem sair para jantar conosco, esta noite. Vocês três podem ir escolhendo o lugar.

— Está bem. Mas Evan, eu ainda acho...

Antes que ela pudesse terminar, ele deu sinal ao motorista para partir. O carro arrancou e, enquanto se afastava, ele acenou, sorrindo e fingindo despreocupação.

Assim que o táxi sumiu de vista, parou outro e entrou depressa, dando um endereço ao motorista.

O homem manifestou espanto.

— Tem certeza de que é para lá mesmo que quer ir, senhor? Não sei se sabe, mas é um dos piores lugares da cidade.

Evan sorriu. O endereço era na região do cais, não muito longe do local onde havia adquirido sua primeira propriedade, cinco anos atrás.

— Eu sei. É para lá mesmo que preciso ir.

Dando de ombros, o motorista enveredou pelas ruas movimentadas. Evan olhava pela

janela sem ver, os pensamentos fixos no homem que ia enfrentar.

Não havia sido difícil descobrir onde encontrar Gideon Mackenzie, no entanto, o endereço tinha sido uma surpresa.

Durante os últimos dez anos, Mackenzie havia se isolado quase completamente do mundo. Não era mais sócio de clubes nem comparecia a reuniões sociais. Durante suas freqüentes brigas judiciais com Mari, não aparecia mais nos tribunais, mandando advogados em seu lugar. Tinha se tornado uma espécie de homem misterioso, ainda conhecido por estar ativo no mundo dos negócios, mas nunca visto a não ser por um punhado de sócios, entre os quais Charles van Rhys.

Gideon dirigia seus vastos negócios de um casarão quase em ruínas, junto ao cais. Uma construção com mais de um século, que nunca estivera em piores condições.

Depois de pagar e dispensar o táxi, Evan ficou por alguns momentos examinando a fachada.

Várias pessoas que passavam por ali notaram o homem alto e bem vestido. Era inevitável que se destacasse entre a população pobre e muitas vezes criminosa que habitava a região.

Quando percebeu que estava sendo objeto de curiosidade, Evan se adiantou e bateu à porta. Não obteve resposta. Tentou novamente. O som das batidas reverberou pelo espaço interno, mas não ouviu ninguém se aproximando. Experimentou a maçaneta. Para sua surpresa, a porta se abriu.

Diante dele, viu um enorme espaço aberto ocupando toda a largura e a profundidade da construção. Estava vazio, a não ser por alguns caixotes empoeirados, uma mesa e uma cadeira colocada junto a uma janela coberta de sujeira.

Com todo cuidado, Evan entrou. Ouvia o som de ratos correndo para um dos lados, mas fora isso só havia silêncio. Seus passos ressoaram como tiros no ar enquanto atravessava o local. O ambiente tinha o cheiro rançoso da água do cais. Com uma expressão de desgosto, ele parou e olhou em volta de si.

Uma escada em mau estado levava ao andar de cima. Não tinha grade de proteção, mas os degraus ainda pareciam usáveis. Testou todos, antes de colocar seu peso sobre eles. Chegou ao topo sem incidentes.

Várias portas se abriam para um corredor estreito. Foi olhando todos os cômodos, sem nada encontrar. Ao chegar ao último, já estava achando que sua vinda tinha sido em vão.

Ou a informação que havia recebido era incorreta, ou Gideon Mackenzie estava em outro lugar, naquele momento. Teria de tentar de novo. Antes, porém, queria verificar o último quarto.

Empurrando a última porta, Evan estacou, surpreso. Havia alguma coisa no chão. Na penumbra, parecia ser uma mulher, caída e inconsciente.

Rapidamente, foi até ela, ajoelhou-se e já ia virar seu corpo quando ouviu um barulho atrás de si. Voltou-se com um movimento brusco, mas só teve tempo de vislumbrar a silhueta de um homem num terno escuro, antes da porta bater.

Levantando-se de um salto, conseguiu chegar à porta no momento em que uma barra de ferro era colocada, transformando o quarto numa prisão.

— Mas que diabo...? — murmurou.

Passos se afastaram, descendo o corredor. Quando nada mais se ouvia, Evan voltou para junto da mulher. No momento em que segurou o ombro dela, percebeu que tinha sido enganado. Praguejando, virou o manequim de costureira. O chapéu enfeitado com plumas, preso à cabeça, soltou-se e rolou pelo chão.

Ele não perdeu tempo pensando no truque usado para conseguir sua prisão. Levantando-se com a agilidade, percorreu o cômodo, à procura de uma saída.

A única janela era bem alta. No entanto, graças a sua força e altura, pôde agarrar o peitoril e subir. A janela estava fechada com tábuas, mas conseguiu quebrar um dos vidros. O que de nada adiantou, já que a abertura era muito pequena para passar por ela.

Pulando para o chão, ele tornou a examinar o local. A única possibilidade de fuga era a porta, e para lá se dirigiu. Tardiamente percebeu que ela era nova, de madeira sólida e grossa, com dobradiças do lado de fora, onde não podiam ser alcançadas.

Quem havia planejado sua captura tinha feito um trabalho e tanto. Ao que parecia, sua única escolha era esperar até alguém lhe revelar o motivo daquilo tudo.

— Seu pai precisou sair, meu bem — Elizabeth disse, recebendo a filha no saguão de entrada. — Um negócio urgente. Mas ele garantiu que volta logo.

Recuando um passo, examinou Catherine e sorriu satisfeita com o que via. Apesar da ruga entre as sobrancelhas, sua filha estava linda. Irradiava o contentamento próprio da mulher bem amada e que está à vontade em sua nova vida.

— Evan também tinha negócios a tratar — contou Catherine. — Ele vem mais tarde.

Tomando o braço da filha, Elizabeth caminhou para a sala de estar.

— Então, somos só nós duas, por enquanto. O que é ótimo. Poderemos conversar sem interferências. Como vai a decoração da sua casa?

— Bem.

Catherine não conseguia parar de remoer os mesmos pensamentos. Só podia ser coincidência o fato de seu pai e Evan estarem ambos ausentes. Com certeza não tinha motivos para pensar de outra maneira.

No entanto, a dúvida persistia.

— Mamãe — disse, quando já estavam sentadas no sofá da sala de estar —, papai lhe disse para onde ia?

Elizabeth meneou a cabeça.

— Ele só disse que não ia demorar. Por quê?

— Eu estava pensando... Pode ser imaginação, mas achei Evan preocupado com alguma coisa. Ele sugeriu essa viagem num impulso. Francamente, fiquei surpresa com essa vontade de vir a Boston.

— Por quê? As lembranças que ele tem daqui são muito ruins?

— Bastante.

Catherine hesitou, sem saber o que dizer à mãe. No fim, decidiu que já era hora de contar tudo.

— A senhora sabia que Evan saiu daqui às pressas, cinco anos atrás?

— Saber, eu não sabia, mas desconfiava. Sempre achei que a partida dele tinha algo a ver com você. Catherine não escondeu o espanto.

— A senhora percebeu?!

Elizabeth riu.

— Não sou cega, meu bem. Você exibia uma verdadeira aura de felicidade quando voltou, depois daquela tempestade. Para mim, não foi difícil adivinhar o que havia acontecido.

— A senhora achou horrível, não foi?

— Ao contrário. Fiquei preocupada, é claro, mas sabia que Evan era um rapaz bom e sensato, apaixonado por você. — Tomando a mão da filha entre as suas, Elizabeth acrescentou: — Pensei que ele fosse pedir a sua mão em casamento.

— Ele pediu. Já estava tudo resolvido entre nós, antes de voltarmos para Newport. Ele esperou uma semana para falar com papai, porque queria dar a todos tempo para se recuperarem, depois do susto que passamos.

— Foi muita consideração da parte dele. O que deu errado? Rapidamente, Catherine contou o que sabia, da entrevista de Evan com Drake.

— Tudo parecia estar bem. Papai não ficou feliz, mas prometeu pensar no assunto. Evan deixou o escritório dele, cheio de esperança.

— E...?

— Aquela noite, ele foi atacado na rua. Quase morreu. Enquanto os homens batiam nele, falavam do homem rico, que ele tinha ofendido. O homem que havia contratado todo o bando para aquele “serviço”.

— Meu Deus!

Elizabeth estava mesmo chocada. Sempre tinha achado que alguma coisa não estava certa, entre Evan e Drake, mas nunca havia pensado que o genro pudesse acreditar num horror daqueles.

— Você não acha que seu pai é capaz de uma coisa dessas, acha?

— Eu nunca consegui aceitar essa idéia — Catherine admitiu. — Mas existe outro fato: na véspera de nos casarmos, Evan foi atacado de novo. Dessa vez, estava preparado e afugentou os homens. Mas é evidente que alguém queria impedir nosso casamento.

— Não foi o seu pai. Posso lhe garantir, com absoluta certeza, que ele nunca agiria dessa maneira. Drake aceitou o seu noivado com Evan, é verdade que com alguma reserva,

mas também com muita honestidade. Seu pai não é homem de dizer uma coisa e fazer outra.

— Sei disso. E também sei que quanto mais Evan pensa no assunto, menos acredita que papai seja o culpado. No entanto, isso não explica quem estava por trás dos ataques.

— Resumindo, esses ataques aconteceram e você ficou surpresa quando Evan mostrou vontade de voltar a Boston.

Catherine assentiu.

— Ele veio com algum propósito. Disso eu tenho certeza. Só gostaria de saber qual.

As duas silenciaram, refletindo sobre a situação. Afinal, Elizabeth disse:

— É possível que Evan esteja preocupado com você, pela mesma razão que seu pai e eu estamos.

— A senhora está se referindo a Gideon?

— Isso, mesmo. Você esteve com Mari ultimamente? Catherine assentiu e Elizabeth continuou:

— Ela veio nos comunicar que ia nomear você sua herdeira principal. Todos nós concordamos que Gideon vai criar problemas, mas não há nada a ser feito, a não ser tomar cuidado.

Elizabeth refletiu por alguns instantes, depois revelou:

— Pelo menos, Mari e eu concordamos. Agora que penso nisso, vejo que seu pai não emitiu a menor opinião. Uma atitude pouco característica dele.

— Pode ser que ele tenha ficado quieto por não ter analisado a situação como queria.

— Pode ser... — Elizabeth sorriu. — Apesar do seu casamento, seu pai ainda acha que precisa protegê-la. É até possível que esteja pensando em ter uma conversa com Gideon a esse respeito.

Nesse ponto, mãe e filha trocaram um olhar.

— Evan pode ter decidido a mesma coisa — disse Catherine.

— Você acha que eles chegariam ao ponto de juntar forças?

— Duvido. Evan pode estar disposto a acreditar que papai não é o responsável pelos ataques que sofreu, mas daí a se aliar a ele... Não. Os dois estão agindo separadamente.

— Discordo. Pelo menos, em parte. De qualquer maneira, vamos descobrir logo.

Catherine levantou-se, com ar decidido. Depois de alisar a saia, pegou as luvas.

— A senhora pode achar melhor ficar aqui, esperando, mas eu não. É o meu problema que eles estão tentando resolver. Pelo menos, devo estar presente quando um deles, ou os dois, forem ver Gideon. Elizabeth fitou a filha, cheia de dúvida.

— Tem certeza? Não quer esperar um pouco?

— Não.

Resignada, Elizabeth suspirou e também se levantou. Conhecia aquele tom de Catherine. Era o mesmo que costumava usar em situações semelhantes.

— Neste caso, eu vou com você. Catherine sorriu.

— Só há um problema: eu não sei para onde vamos.

— Eu sei. Seu pai não é o único que tem ficado atento a Gideon, todos esses anos. Eu sei exatamente onde ele está.

Evan estava trancado há mais de uma hora. Já tinha percorrido o cômodo de um lado a outro tantas vezes que conhecia as medidas de cor. Também havia subido várias vezes na janela, torcendo para notar algum sinal de vida no beco, lá embaixo.

Mas não tinha visto nada e aos poucos havia perdido a esperança de poder gritar por socorro.

Pensava nisso quando ouviu o som indistinto de uma porta se abrindo, no andar inferior. Logo em seguida, escutou uma série de batidas surdas e correu para a porta do quarto. No espaço de alguns segundos, teve a impressão de distinguir o barulho de uma luta e um grito estrangulado. Depois, tudo ficou em silêncio.

Estava encostado na parede, com os braços cruzados sobre o peito, quando ouviu passos se aproximando, ao longo do corredor. Sem se mover, esperou que a barra de ferro fosse removida e abrissem a porta. Vendo seu captor, sorriu sem alegria.

— Passei o tempo todo tentando adivinhar quem estava por trás disso. Existe uma certa satisfação em descobrir que acertei.

— Pode existir satisfação, mas não vai lhe fazer o menor bem — Charles replicou. Fez

um gesto com o revólver que segurava. — Venha.

Quando caminhavam pelo corredor, Evan disse:

— Acredito que tenha sido Gideon que ouvi chegar, agora há pouco.

— Você vai ver. Charles não falou mais nada, enquanto desciam a escada. No primeiro piso, apontou com o revólver em direção ao fundo do cômodo.

Um homem velho e desarrumado estava sentado à escrivaninha maltratada. Tinha cabelos ralos, brancos, que chegavam aos ombros, um rosto profundamente enrugado e os olhos arregalados, fixos no nada.

— Estrangulado? — Evan perguntou, num tom absolutamente calmo.

Charles assentiu.

— Com uma corda de piano. Um método bastante eficiente.

— Vou acreditar na sua palavra.

De onde estava, Evan podia ver o vergão vermelho no pescoço de Gideon. Enquanto observava, o corpo inclinou-se e escorregou para o chão.

— Sente-se atrás da escrivaninha — Charles ordenou.

— De jeito nenhum.

O rosto de Charles tornou-se ainda mais sombrio.

— Faça o que eu mando ou vai morrer aí mesmo!

— Se me matar aqui, vai ser difícil fazer alguém acreditar que me surpreendeu estrangulando Gideon Mackenzie e atirou em defesa própria. Porque é este o seu plano, não é?

Charles ficou surpreso, mas logo se recuperou.

— Um plano perfeito! Você vai morrer, e eu vou virar herói. Além disso, com Gideon fora do caminho, Catherine estará a salvo. Ele queria mesmo que ela morresse. Só falava nisso. Foi o que me levou a pensar neste plano.

— Mas você decidiu se livrar de mim, também.

— Catherine deveria ter sido minha. Eu sempre soube que alguma coisa tinha acontecido entre vocês. Eu estava lá, esperando para falar com ela, quando o seu bilhete chegou. Abri o envelope e li. — A fisionomia de Charles cobriu-se de ódio. — Um sujeito baixo como você não deveria nem ter permissão para se aproximar de uma moça como Catherine, quanto mais fazer o que fez. Quando descobri o que houve, percebi que tinha todo o direito de desejar a sua morte. Primeiro, você tomou um negócio que eu queria, depois, tomou Catherine. Tentei impedir seu casamento, mas você teve sorte. — Ele riu. — Como sempre, até agora.

— Você nunca soube perder, não é, Charles? — uma voz grave e firme se fez ouvir da porta do edifício.

Drake estava lá, a silhueta desenhada pelos raios do sol poente. No mesmo tom, continuou:

— A propriedade no cais foi sua primeira tentativa no mundo dos negócios, não foi? Quando outra associação conseguiu passar a sua frente e realizar o negócio, você fez o possível para descobrir o responsável. E quando descobriu, não conseguiu aceitar a idéia de um imigrante irlandês, jovem e ambicioso, ter conseguido algo que você queria.

— Ele não tinha o direito! — Charles gritou.

Girando nos calcanhares, apontou o revólver para o peito de Drake. A bala saiu no momento exato em que Evan se atirou sobre ele. Os dois foram ao chão com um barulho surdo.

— Quase — murmurou Drake, caminhando para o lugar onde seu genro subjugava o bandido.

Charles estava longe de ser fraco, e a fúria aumentava sua força, mas contra Evan nada pôde.

— Finalmente descobri uma utilidade para esta coisa — disse Evan.

Tirando a gravata, amarrou as mãos de seu inimigo nas costas. Depois, levantou-o com um safanão e sorriu para Drake.

— Posso lhe perguntar o que está fazendo aqui?

— Quando falamos ao telefone, você mostrou tanto interesse em localizar Gideon, que resolvi fazer uma visitinha a ele. — Drake lançou um rápido olhar ao corpo caído no chão. — Gideon sempre foi um bandido traçoeiro. Não achei justo que enfrentasse um sujeito desses sozinho.

— Pois eu lhe garanto que seria perfeitamente capaz de controlar a situação.

— Sem dúvida. Mas não havia motivos para isso. Afinal, agora você faz parte da família.

As mesmas palavras de Catherine. Só que desta vez, Evan acreditou. Rindo, estendeu a mão para o sogro.

— Não é sempre que gosto de admitir meus erros, mas minha desconfiança em relação ao senhor era completamente infundada. Espero que me desculpe.

— Eu também tinha algumas dúvidas a seu respeito — confessou Drake, apertando a mão do genro. — Vamos esquecer isso tudo.

Os dois sorriam um para o outro, satisfeitos com o trabalho realizado, quando Charles se moveu. Com um gesto espantoso pela rapidez, livrou-se de Evan e correu para a porta.

Pegos de surpresa, Evan e Drake levaram um instante para sair atrás dele. Quando chegaram à porta, Charles já virava a esquina mais próxima. A gravata de seda não tinha servido para nada. Estava caída na calçada, onde havia sido abandonada.

Os dois homens iniciaram perseguição ao inimigo. Chegaram ao outro quarteirão em tempo de ver um carro parar bruscamente, junto à sarjeta. Uma moça saltou. Charles procurou se desviar, mas ela estendeu o pé e passou-lhe uma rasteira.

— Belo trabalho, querida — elogiou Drake.

— O que você veio fazer aqui? — quis saber Evan.

— Ajudar vocês — respondeu Catherine.

Ela olhou para Charles, estendido no chão, lutando para se levantar. Foi ajudado por Drake e Evan, que seguravam os braços dele com força.

— O que foi que ele fez? — Catherine indagou.

— Muita coisa — murmurou Evan, olhando para a esposa. Catherine tinha o rosto corado. Estava linda, apesar do ar feroz. Sorrindo, ele acrescentou:

— Depois eu lhe conto tudo.

Epílogo

— Eu quase sinto pena dele — Catherine declarou, baixinho. Virando-se na cama, ela se apoiou num dos cotovelos e olhou para o marido.

— Não desperdice seus sentimentos. — Erguendo os olhos, Evan observou um anel de fumaça subir em direção ao teto. — Ele vai acabar em um sanatório discreto e elegante, em vez de ir para a prisão, como merece.

— O juiz tomou todas as providências para que ele nunca mais seja posto em liberdade. Não acha suficiente?

Evan deu de ombros. Estava totalmente relaxado, repleto da satisfação proporcionada por seu ato de amor. Mesmo assim, sua mente continuava inquieta.

O julgamento de Charles van Rhys tinha acabado naquele dia. Ele e Catherine haviam testemunhado, assim como Drake e Elizabeth. O júri fora rápido em seu veredicto, e o juiz não tinha precisado refletir muito, antes de sentenciar Charles à prisão perpétua. Ele havia, no entanto, acatado o parecer dos médicos contratados pela família de Charles, que atestaram insanidade e recomendavam o confinamento a um sanatório.

— Se ele fosse pobre estaria numa prisão comum — continuou Evan. — Os privilégios permanecem, não importa a situação.

— E você se ressentia disso, não é? Por mais dinheiro que ganhe, não consegue aceitar que algumas pessoas recebam tudo de graça, desde o berço.

— É verdade. Acho que nunca vou me esquecer das injustiças que vi, na Irlanda. Ou mesmo aqui, em Boston.

Catherine passou a mão pelo peito do marido, enterrando os dedos nos pêlos escuros.

— E por que deveria esquecer? Se as pessoas esquecessem, não haveria mudanças. Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Você quer que existam mudanças? Reclinando-se nos travesseiros, ela fitou o teto.

— Na noite em que nos conhecemos, eu estava excitadíssima com a chegada do novo século e todas as possibilidades de mudança que ele trazia. Agora, estou mais velha e mais

sabida. Sei que não existem respostas simples e que nada acontece automaticamente. Temos de trabalhar para que as mudanças ocorram.

Catherine encarou o marido, os olhos claros escurecidos pela emoção.

— Meus avós chegaram à idade adulta em meio a injustiças e violências tremendas, que quase destruíram este país. Meus pais viram a Era Industrial explodir e mudar por completo nosso modo de vida. Mas todos eles lutaram muito e com afinco para tornar o mundo de seus filhos melhor. Agora, é a nossa vez.

— Nós não temos filhos. O sorriso dela alargou-se.

— Isso pode ser remediado.

Por um segundo, uma expressão de medo dominou o rosto de Evan. Entendendo a causa, Catherine foi tomada por uma onda de simpatia e carinho por ele.

— Confie no que eu digo, Evan — pediu, baixinho. — Vai dar tudo certo.

— Vai mesmo?

Estendendo a mão, ele tocou o rosto da esposa, maravilhando-se com a suavidade da pele feminina, em contraste com a aspereza de seus dedos. Pensativo, disse:

— Os meios de onde viemos são tão diferentes que me admiro de ainda conseguirmos ter a mesma opinião sobre alguma coisa. Estou sempre tentando colocar você num pedestal, e você está sempre lutando para me impedir. Será que vai ser sempre assim entre nós?

— Provavelmente. Eu costumava pensar que queria um casamento plácido e feliz, como o que imaginava que meus pais tinham. Achava que amar alguém significava acabar com todos os conflitos e desentendimentos. Mas sabe o que descobri? Que não é nada disso!

Catherine tirou o cigarro da mão dele e depositou-o no cinzeiro de cristal, ao lado da cama. Beijando os lábios masculinos de leve, murmurou:

— Você vai continuar com suas idéias sobre o que é certo, e eu vou continuar com as minhas. Vamos discordar muitas vezes, com certeza até brigar. Mas também vamos aprender a ser tolerantes e chegar a um meio termo.

— Sem dúvida, querida. Mas eu vou lhe contar um segredo: o que um irlandês mais gosta é uma boa discussão. — Com delicadeza, Evan segurou os ombros femininos. — Você não é a única pessoa que está ficando mais sabida. Antes, eu desejava uma esposa que fosse o símbolo do meu sucesso. Agora, prefiro que ela seja um ser humano, com todos os defeitos e qualidades que essa condição impõe.

— Nesse caso, Evan O'Connell, você não tem razões para se preocupar. — Com ar provocante, ela encostou o corpo no dele. — Sua felicidade está garantida.

— Nossa felicidade — ele corrigiu, a paixão brilhando em seus olhos.

As sombras envolveram o quarto, enquanto as figuras na cama se abraçavam. Aos poucos, a noite foi passando, ignorada pelo casal unido por um amor forte e sincero, que sobrepujava todas as barreiras e fazia com que fossem, juntos, bem mais do que poderiam ser, distantes um do outro.

FIM